

15 milhões de livros vendidos

KRISTIN HANNAH

As coisas que fazemos por amor



“Kristin Hannah captura a felicidade e o sofrimento de uma família e prova mais uma vez por que é a estrela dos romances.” *Booklist*





***As coisas que fazemos
por amor***



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande

paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

KRISTIN
HANNAH

*As coisas que fazemos
por amor*



Título original: *The Things We Do for Love*

Copyright © 2004 por Kristin Hannah
Copyright da tradução © 2017 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Cláudio Carina

preparo de originais: Sheila Til

revisão: Renata Dib e Suelen Lopes

projeto gráfico e diagramação: Valéria Teixeira

capa: Rafael Nobre

imagem de capa: © Povareshka/ iStock/ Getty Images

foto da autora: © Charles Bush

adaptação para e-book: Marcelo Moraes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ



H219c

Hannah, Kristin

As coisas que fazemos por amor [recurso eletrônico]/ Kristin Hannah; tradução de Cláudio Carina. São Paulo: Arqueiro, 2017.
recurso digital

Tradução de: The things we do for love

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-770-8 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Carina, Cláudio. II. Título.

17-43831

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-1512
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Mais uma vez, para Benjamin e Tucker.
Para bons amigos: Holly e Gerald, Mark e Monica,
Tom e Lori, Megan e Kany, Steve e Jill.
E, por fim, um agradecimento especial a
Linda Marrow, por seu empenho além do dever.

“As coisas não mudam; nós é que mudamos.”

– HENRY DAVID THOREAU

UM



As ruas de West End estavam lotadas naquele inesperado dia de sol. Por toda a cidade, mães se postavam na frente da porta de casa, protegendo os olhos com as mãos para observar os filhos brincarem. Todo mundo sabia que em breve – provavelmente no dia seguinte – uma névoa branca se espalharia pelo céu azul, encobrendo o sol tênue, e então voltaria a chover.

Afinal, era maio no Noroeste do Pacífico. As chuvas chegarem nesse mês era tão certo quanto os fantasmas tomarem as ruas no dia das bruxas ou o salmão deixar o mar para voltar à sua casa no rio.

– Está mesmo quente – comentou Conlan no banco do motorista do lustroso BMW preto conversível.

Era a primeira coisa que falava em uma hora. Tentava puxar conversa, só isso. Angie deveria entrar no jogo, talvez mencionar os lindos espinheiros em flor. Mas, assim que o pensamento lhe ocorreu, já se sentiu exaurida. Em poucos meses, aquelas folhinhas verdes iriam escurecer e murchar, suas cores desbotariam nas noites frias e, sem que ninguém sequer notasse, elas cairiam no chão.

Quando se encara as coisas dessa maneira, qual é o sentido de prestar atenção a um momento tão fugaz?

Ela observou a cidade natal pela janela. Fazia meses que não ia ali. Apesar de West End ficar a menos de 200 quilômetros de Seattle, nos últimos tempos tinha a impressão de que aquela distância parecia aumentar. Por mais que amasse a família, achava difícil sair de casa. Havia bebês por toda parte.

Os dois seguiram de carro até a parte antiga da cidade, onde havia casas

vitorianas uma ao lado da outra, todas com pequenos jardins. Bordos enormes e frondosos sombreavam a rua, lançando uma intrincada estampa de luz no asfalto. Nos anos 1970, aquele bairro tinha sido o coração de West End. Naquela época se via a garotada por toda parte, pedalando de uma casa a outra. Havia brincadeiras de pique-pegas em todos os quintais e, aos domingos, festas de rua depois da missa.

Só que essa parte do estado tinha mudado no correr dos anos e os bairros antigos se tornaram silenciosos e malconservados. A pesca de salmão se reduziu e a indústria madeireira sofreu grandes reveses. Pessoas que antes viviam da terra e do mar foram esquecidas e novos moradores chegaram para construir casas em aglomerados dentro de seções da cidade que ganhavam os nomes das árvores que morreram para lhes dar lugar.

Mas ali, naquele pequeno pedaço da Maple Drive, o tempo parara. A última casa do quarteirão continuava idêntica ao que era quarenta anos antes. A pintura branca era perfeita e imaculada; os gramados cintilavam de tão bem-cuidados. Nenhuma erva daninha crescia naquela grama: o pai de Angie cuidara dela por quatro décadas; era motivo de orgulho e alegria. Toda segunda-feira, depois de um fim de semana de trabalho árduo no restaurante da família, ele dedicava doze horas à manutenção da casa e do jardim. Desde a morte dele, a mãe de Angie tentava seguir aquela rotina. Tornara-se seu refúgio, uma forma de se manter ligada ao homem que amara por mais de cinquenta anos, e, quando ela se cansava do trabalho pesado, sempre havia alguém disposto a ajudar. Essa ajuda, ela sempre lembrava, era uma das vantagens de ter três filhas. Afirmava ser sua compensação por ter suportado os anos de adolescência delas.

Conlan encostou no meio-fio e estacionou. Enquanto a capota do conversível voltava automaticamente para o lugar, virou-se para Angie.

– Tem certeza de que quer mesmo fazer isso?

– Eu estou aqui, não estou?

Virou-se para ele, afinal. Parecia exausto. O cansaço estava estampado em seus olhos azuis, mas ela sabia que Conlan se calaria, não mencionaria nada que pudesse lembrá-la do bebê que haviam perdido fazia poucos meses.

Ficaram sentados em silêncio, com o ruído do ar-condicionado ao fundo.

O Conlan de antigamente teria se aproximado para beijá-la, teria dito que a amava, e aquelas poucas palavras meigas a teriam salvado. Porém, o tempo em

que esse tipo de apoio existia ficara no passado. O amor que um dia sentiram parecia distante, muito distante, tão esmaecido e perdido quanto sua infância.

– Ainda podemos ir embora. Dizer que o carro quebrou – sugeriu Conlan, tentando ser o homem que costumava ser, que conseguia fazer a mulher sorrir.

Angie não olhou para ele.

– Está brincando? Todo mundo acha esse carro supercaro. Além do mais, mamãe já sabe que estamos aqui. Ela pode até estar falando com os mortos, mas ainda ouve bem demais.

– Sua mãe está na cozinha preparando dez mil *cannoli* para vinte pessoas. E suas irmãs não pararam de falar desde que entraram pela porta. Nós podemos escapar no meio da confusão.

Conlan sorriu. Por um momento tudo pareceu normal entre os dois, como se não houvesse fantasmas no carro. Angie desejou que a sensação durasse.

– Livvy preparou três pratos diferentes – murmurou ela. – Mira deve ter tricotado uma toalha de mesa nova e aventais combinando para todo mundo.

– Na semana passada você teve duas reuniões de negócios e uma filmagem de comercial. Dificilmente teria dado tempo para cozinhar.

Pobre Conlan... Catorze anos de casamento e ainda não entendia a dinâmica da família DeSaria. Cozinhar era mais que um trabalho ou passatempo: era uma espécie de valor monetário – e Angie sempre fora falida. O pai, que ela idolatrava, adorava o fato de ela não saber cozinhar. Considerava um sinal de sucesso. O imigrante que chegara ao país com 4 dólares no bolso e crescera alimentando outras famílias de estrangeiros se orgulhava da filha mais nova ganhar a vida usando a cabeça em vez das mãos.

– Vamos entrar – disse Angie, tentando afastar o pensamento do pai.

Saiu do carro e foi até o porta-malas, que se abriu em silêncio para revelar uma estreita caixa de papelão. Dentro havia um requintado bolo de chocolate de uma confeitaria famosa e uma torta de limão pronta para ir ao forno. Pegou o pacote já imaginando os comentários que ouviria sobre sua falta de habilidade culinária. Por ser a caçula – “a princesa” –, ela pudera colorir, falar ao telefone e assistir à TV enquanto as irmãs trabalhavam na cozinha. Nenhuma das duas permitiria que Angie esquecesse que Papa a mimara tanto. Agora adultas, as irmãs cuidavam do restaurante da família. Aquilo, sim, era um trabalho *de verdade*, diziam, ao contrário da carreira publicitária de Angie.

– Vamos lá – falou Conlan, tomando-a pelo braço.

Seguiram pelo caminho pavimentado, passando pela fonte da Virgem Maria, e subiram a escada. Um Cristo de braços abertos ficava perto da porta, saudando quem chegasse. Alguém tinha pendurado um guarda-chuva no pulso da estátua.

Conlan bateu à porta por educação e entrou.

A casa vibrava de barulhos: gente falando alto, crianças subindo e descendo a escada, baldes de gelo sendo abastecidos, risadas. Todos os móveis do vestíbulo estavam cobertos por uma camada de casacos, sapatos e caixas de comida vazias.

A sala da família estava repleta de crianças brincando – Candy Land para as mais novas, oito maluco para as maiores. Seu sobrinho mais velho, Jason, e a sobrinha Sarah jogavam videogame. Quando Angie entrou, as crianças deram gritinhos e correram até ela, todas falando ao mesmo tempo, disputando sua atenção. Era a tia que sempre se sentava com eles no chão para brincar do que quer que fosse. Nunca desligava a música que estivessem ouvindo nem dizia que um filme não servia para eles. Se alguém perguntasse, todos os sobrinhos diriam que tia Angie era superlegal.

Ouviu Conlan às suas costas conversando com Vince, marido de Mira, depois o som de uma bebida sendo servida. Conseguiu abrir caminho pela aglomeração de crianças e seguiu pelo corredor em direção à cozinha.

Parou à porta. Viu Mama diante da grande bancada no meio da cozinha, preparando uma massa. Metade do rosto estava coberta de farinha e o cabelo parecia empoado. Os óculos – remanescentes dos anos 1970 – tinham lentes do tamanho de um pires e aumentavam seus olhos castanhos. Pequenas gotas de suor se acumulavam na testa e escorriam pelas bochechas enfarinhadas, pousando no peito na forma de pequenas bolhas de massa. Nos cinco meses desde a morte do pai, ela perdera muito peso e parara de pintar o cabelo, que agora estava branco como a neve.

Mira se encontrava em frente ao fogão, jogando nhoques numa panela de água quente. Vista por trás, parecia uma garota. Mesmo depois de ter dado à luz quatro filhos, continuava magra, quase como um passarinho, e, como costumava usar as roupas da filha adolescente, parecia dez anos mais nova que seus 41 anos. Os longos cabelos pretos estavam presos numa trança que quase chegava à cintura. Vestia uma calça preta boca de sino de cintura baixa e um suéter

vermelho de tricô. Ela estava conversando – o que não era nenhuma surpresa, pois a irmã nunca parava de falar. Papa costumava brincar dizendo que a filha mais velha soava como um liquidificador em alta velocidade.

Livvy estava em pé mais à esquerda, com um vestido de seda preto, fatiando muçarela fresca. A única coisa maior que seus saltos era o volume dos cabelos desfiados. Muito tempo antes, Livvy deixara West End certa de poder virar modelo. Ficara em Los Angeles até a pergunta “Agora você poderia tirar a roupa, por favor?” começar a surgir em todas as pré-seleções de trabalhos. Fazia cinco anos – pouco depois de completar 34 – que voltara para casa amargurada pela derrota, abalada pelo esforço e arrastando consigo os dois filhos pequenos cujo pai ninguém conhecera. Trabalhava no restaurante da família, mas não gostava. Via-se como uma garota de cidade grande presa numa cidade pequena. Recentemente, tinha se casado de novo, numa rápida cerimônia na semana anterior na Capela do Amor de Las Vegas. Todos esperavam que Salvatore Traina – sua terceira grande escolha – enfim a fizesse feliz.

Angie sorriu. Passara tantos momentos naquela cozinha, com aquelas três mulheres... Não importava quantos anos vivesse ou que direções a vida tomasse, aquele sempre seria o seu lar: a cozinha de Mama, onde se sentia segura, acolhida e amada. Embora ela e as irmãs tivessem optado por vidas diferentes e tendessem a se intrometer muito nas escolhas das outras, eram como fios de uma mesma corda. Juntas, eram fortes. Angie precisava voltar a ser parte disso; andava se lamentando sozinha havia tempo demais.

Entrou na cozinha e pôs a caixa em cima da mesa.

– Oi, garotas.

Livvy e Mira a envolveram num abraço apertado que cheirava a temperos italianos e perfume barato. Angie sentiu a umidade das lágrimas no pescoço, mas ninguém disse nada a não ser:

– Que bom que você chegou.

– Obrigada.

Deu um último abraço nas irmãs e partiu para a mãe, que abriu os braços. Angie se aconchegou naquele calor. Como sempre, ela tinha cheiro de tomilho, perfume Tabu e spray de cabelo Aqua Net. Os aromas da juventude de Angie.

Mama a abraçou tão forte que Angie teve que respirar fundo. Deu uma risada e tentou se afastar, mas a mãe a segurou firme.

Angie enrijeceu. Na última vez que a abraçara desse jeito, a mãe tinha sussurrado: “Você pode tentar de novo. Deus vai lhe dar outro filho.”

Angie se desvencilhou.

– Não – falou, tentando sorrir.

Foi o suficiente – só aquele breve pedido. Mama pegou o ralador de queijo.

– O jantar está pronto. Mira, leve as crianças para a mesa.

A sala de jantar acomodava confortavelmente catorze pessoas, quinze naquela noite. A antiga mesa de mogno, trazida do Velho Mundo, ficava no meio do cômodo grande e sem janelas, recoberto de papel de parede em tons de rosa e vinho. Um crucifixo de madeira trabalhada pendurado na parede ao lado de um quadro de Jesus completava a decoração. Adultos e crianças se reuniram ao redor da mesa. A música de Dean Martin vinha do cômodo ao lado.

– Vamos rezar – disse Mama depois que todos se sentaram.

Como não se fez silêncio de imediato, ela deu um tapinha no cocuruto do tio Francis, que então baixou a cabeça e fechou os olhos. Todos fizeram o mesmo e começaram a rezar. As vozes soavam como uma só:

– Abençoei-nos, Senhor, e abençoei as vossas dádivas que estamos prestes a receber através de Cristo, nosso Senhor. Amém.

Assim que a oração terminou, Mama se levantou, erguendo a taça de vinho.

– Vamos fazer um brinde a Sal e Olivia. – Sua voz vacilava e os lábios tremiam. – Não sei o que dizer.

Sentou-se abruptamente.

Mira tocou no ombro da mãe e se levantou.

– Vamos dar as boas-vindas a Sal em nossa família. Que vocês encontrem o mesmo amor que Mama e Papa sentiam um pelo outro. Que tenham despensas cheias e quartos quentes e... Fez uma pausa, então acrescentou, baixando o tom de voz: –... muitos filhos saudáveis.

No lugar de palmas, risadas e tinir de copos, pairou o silêncio.

Angie respirou fundo e olhou para as irmãs.

– Não estou grávida – foi logo dizendo Livvy. – Mas... estamos tentando.

Angie conseguiu abrir um sorriso, fraco e hesitante, que não enganou ninguém. Todos olhavam para ela imaginando como lidaria com outro bebê na família. Todos tentavam não magoá-la.

Ela ergueu a taça.

– A Sal e a Livvy – falou depressa, torcendo para que as lágrimas parecessem de alegria. – Que vocês tenham muitos filhos saudáveis.

A conversa foi retomada. A mesa se transformou num frenesi de risadas e sons de garfos e facas contra a porcelana. Apesar de a família se reunir em todas as datas festivas e em duas noites de segunda-feira todo mês, sem dúvida havia sempre algo a dizer.

Angie olhou ao redor da mesa. Mira conversava animada com a mãe sobre o evento de arrecadação de fundos para a escola, que precisaria de um bufê. Vince e tio Francis falavam do jogo de futebol americano da semana anterior. Sal e Livvy se beijavam de vez em quando. As crianças mais novas cuspiam ervilhas umas nas outras e as mais velhas discutiam se o Xbox era melhor que o PlayStation. Conlan perguntava à tia Giulia sobre a cirurgia de quadril que ela faria em breve.

Angie não conseguia se concentrar em nenhuma das conversas. Não tinha como trocar amenidades. Quando as irmãs queriam um bebê, ele chegava. Livvy seria capaz de engravidar enquanto assistisse à TV, entre um talk show e um telejornal. *Ops, esqueci a pílula.* Era assim que acontecia com as irmãs.

Depois do jantar, enquanto Angie lavava os pratos, ninguém falou com ela, mas os que passaram perto da pia apertaram seu ombro ou lhe deram um beijo. Todos sabiam que não havia mais o que dizer. Tantas esperanças nutridas, tantas orações ao longo dos anos, que tinham até perdido o brilho. Já fazia quase uma década que Mama mantinha uma vela acesa para Santa Cecília; mesmo assim, Angie e Conlan tinham chegado aquela noite sozinhos, ainda sem filho.

No fim, Angie não conseguiu aguentar. Jogou o pano de prato na mesa e subiu para seu antigo quarto. O cômodo era bonito, ainda com o mesmo papel de parede de rosas e cestos brancos e as camas cobertas com colchas cor-de-rosa. Ela sentou na beirada de uma das camas.

Por ironia, uma vez se ajoelhou diante daquele mesmo lugar rezando para não estar grávida. Tinha 17 anos e namorava Tommy Matucci. Seu primeiro amor.

A porta se abriu e Conlan entrou. O marido irlandês, grandão e de cabelos pretos, parecia deslocado naquele quartinho de menina.

– Está tudo bem – garantiu Angie.

– Sei.

Percebeu a amargura da voz dele e ficou magoada. Mas não havia nada que ela pudesse fazer. Conlan não conseguiria animá-la. Deus sabia que isso já fora comprovado muitas vezes.

– Você precisa de ajuda – falou Conlan com uma voz cansada.

O marido tinha motivos. Não era a primeira vez que dizia isso.

– Eu estou bem.

Conlan ficou olhando para ela por um longo tempo. Os olhos azuis que um dia a fitaram com adoração agora demonstravam um sentimento de derrota quase insuportável. Com um suspiro, ele saiu do quarto e fechou a porta.

Instantes depois a porta tornou a ser aberta. Mama parou na soleira, as mãos no quadril estreito. As ombreiras largas do vestido dominical quase tocavam os batentes.

– Você sempre corria para o quarto quando estava triste. Ou zangada.

Angie chegou um pouco para o lado a fim de abrir espaço.

– E você sempre vinha correndo atrás de mim.

– Seu pai pedia para eu vir. Você nunca soube disso, não é?

Mama sentou ao lado de Angie e o velho colchão afundou com o peso das duas.

– Ele não aguentava ver você chorar. A pobre Livvy podia estourar os pulmões e ele nem notava. Mas você... você era a princesa dele. Bastava uma lágrima para partir o coração do seu pai. – Deu um suspiro cheio de decepção e empatia. – Você tem 38 anos, Angela. Está na hora de crescer. Seu pai... que Deus o tenha... concordaria comigo.

– Eu nem sei o que isso quer dizer.

Mama passou um braço em volta dela, puxando-a para mais perto.

– Deus já deu uma resposta às suas preces, Angela. Não é a resposta que desejava, por isso você não escutou. Chegou a hora de ouvir.



Angie acordou assustada. Seu rosto estava úmido por causa das lágrimas.

Sonhara mais uma vez com o bebê. Era o sonho em que ela e Conlan ficavam em margens opostas. Entre eles, no mar azul cintilante, flutuava uma trouxinha rosa. Pouco a pouco, ela se afastava, até sumir. No momento em que

desaparecia, os dois ficavam sozinhos, ela e Conlan, distantes um do outro.

Era um sonho que tinha fazia anos, desde os tempos em que ela e o marido andavam de um consultório médico a outro, tentando diversos procedimentos. Supostamente, ela era uma mulher de sorte: em oito anos, conseguira conceber três vezes. Duas gestações acabaram em abortos espontâneos e, na terceira vez, a criança – Sophia – chegara a viver alguns poucos dias. E isso fora o fim. Nem ela nem Conlan tiveram coragem de tentar de novo.

Angie se afastou do marido, pegou o roupão de chenile cor-de-rosa do chão e saiu do quarto.

O corredor escuro esperava por ela. À sua direita, a parede era forrada por dezenas de fotos de família, todas em molduras de mogno. Retratos de cinco gerações dos DeSarias e dos Malones.

Olhou para o final do longo corredor às escuras, para a última porta. A maçaneta brilhava sob a luz da lua vinda da janela mais próxima.

Fazia quanto tempo que não ousava entrar naquele cômodo?

Deus já deu uma resposta... Chegou a hora de ouvir.

Andou devagar, passando pela escada e pelo quarto de hóspedes vazio até chegar à última porta.

Respirou fundo. Suas mãos tremiam quando girou a maçaneta e entrou. O ar era pesado, lembrava algo velho e bolorento.

Acendeu a luz e fechou a porta.

O quarto era perfeito.

Fechou os olhos, como se a escuridão pudesse ajudar. A doce melodia de *A Bela e a Fera* passou por sua cabeça, transportando-a para a primeira vez que fechara a porta daquele quarto, tantos anos antes. Tinha sido quando se decidiram pela adoção.

Estamos com um bebê, Sra. Malone. A mãe é uma adolescente e escolheu você e Conlan. Venha até o meu escritório para conhecê-la.

Angie tinha precisado de cada uma das quatro horas que faltavam até o encontro para escolher uma roupa e se maquiar. Quando ela e Conlan afinal se encontraram com Sarah Dekker no escritório da advogada, os três sentiram uma ligação imediata. “Nós vamos amar o seu filho”, prometera Angie à garota. “Pode confiar em nós.”

Durante seis maravilhosos meses, Angie e Conlan desistiram de tentar

engravidar. O sexo se tornou divertido como antes; sem nenhum esforço, os dois voltaram a se apaixonar. A vida ficou boa. Havia esperança na casa. Eles comemoraram com as famílias. Levaram Sarah para casa e a acolheram de coração. Acompanharam todas as consultas no obstetra. Duas semanas antes do nascimento, Sarah voltou para casa com tinta e alguns moldes, e Angie e ela decoraram aquele quarto juntas. No teto e na parede, um céu azul de nuvens brancas e fofas. Cerquinhas brancas entrelaçadas de flores coloridas, salpicadas de abelhas, fadas e borboletas.

O primeiro sinal do desastre aconteceu no dia em que Sarah foi para o hospital. Angie e Conlan estavam trabalhando. Quando chegaram, a casa estava vazia e silenciosa, sem mensagens na secretária eletrônica nem recados na mesa da cozinha. Menos de uma hora depois o telefone tocou.

Os dois correram de mãos dadas para atender e choraram de felicidade ao saber do nascimento do bebê. Demorou algum tempo para as outras palavras serem registradas. Angie ainda se lembrava de partes da conversa.

Sinto muito...

... mudou de ideia...

... voltou com o namorado...

... vai ficar com o bebê.

Os dois fecharam a porta do quarto e a mantiveram trancada. Uma vez por semana a faxineira se aventurava a entrar, mas Angie e Conlan nunca mais passaram por aquela porta. O quarto continuou vazio por mais de um ano, o santuário de um sonho desfeito. Desistiram de tudo – dos médicos, dos tratamentos, das injeções, dos procedimentos. Então, por um milagre, Angie concebeu mais uma vez. Quando estava grávida de cinco meses, os dois ousaram entrar naquele quarto de novo e preenchê-lo com seus sonhos. Deveriam ter sido mais precavidos.

Angie foi até o armário e pegou uma grande caixa de papelão. Devagar, começou a guardar tudo nela, tentando não despertar uma lembrança a cada peça que tocasse.

– Ei.

Angie nem ouvira a porta se abrir, mas lá estava ele no quarto com ela.

Sabia quanto aquilo parecia loucura para ele: encontrar a esposa sentada no meio do quarto com uma caixa enorme de papelão ao lado. Dentro dela estava

seu modesto tesouro: o abajur de ursinho, o porta-retratos de Aladdin, a coleção de livros infantis do Dr. Seuss novinha em folha. O único móvel que restava era o berço. As roupas de cama estavam ao lado dele, no chão, uma pequena e bem organizada pilha de flanela rosa.

Angie se virou para olhar Conlan. As lágrimas lhe turvavam a visão, mas até aquele momento ela nem notara. Quis dizer ao marido que sentia muito; tinha dado tudo errado entre eles. Pegou um montinho de lençóis cor-de-rosa e acariciou o tecido.

– Isso me deixou louca – foi só o que conseguiu dizer.

Conlan se sentou ao lado dela.

Angie esperou que falasse, mas ele só ficou ali, encarando-a. Ela entendia: o marido aprendera a ser cauteloso. Era como um animal que se adaptara ao perigo – imóvel, silencioso. Os medicamentos para fertilidade e os sonhos desfeitos haviam tornado as emoções de Angie muito instáveis.

– Eu me esqueci de nós – disse ela.

– Já nem existe *nós*, Angie.

A forma delicada como ele falou aquilo partiu seu coração. Por fim um dos dois tivera coragem de dizer.

– Eu sei.

– Eu também queria um filho.

Angie engoliu em seco, tentando manter as lágrimas sob controle. Nos últimos anos, tinha esquecido que Conlan sonhava com a paternidade tanto quanto ela desejava ser mãe. Em algum lugar no meio do caminho, tudo acabara se concentrando nela. Angie focara tanto na própria tristeza que subestimara a de Conlan. Sabia que essa era uma das verdades que a atormentariam para sempre. Sempre se dedicara a ter sucesso na vida – a família a chamava de obsessiva – e ser mãe era uma das metas a atingir. Deveria ter se lembrado que esse era um esporte jogado em equipe.

– Desculpe – disse ela.

Conlan a abraçou e a beijou. Era o tipo de beijo que não trocavam fazia anos. Ficaram assim por um longo tempo, enlaçados.

Angie queria que o amor dele tivesse sido suficiente. Deveria ter sido. Mas a necessidade dela de ter um filho fora como uma correnteza, uma força avassaladora que os afogara. Talvez um ano antes ela tivesse conseguido nadar

até a superfície. Mas agora não.

– Eu amei você...

– Eu sei.

– Nós deveríamos ter sido mais cuidadosos.

Mais tarde naquela noite, sozinha na cama que os dois compraram juntos, Angie tentou se lembrar de como tudo acontecera, das coisas que disseram um para o outro naquele instante final da história de amor dos dois, mas não conseguiu recordar nada. Só o que surgia em sua mente eram o cheiro de talco de bebê e o som da voz de Conlan ao se despedir.

DOIS



*E*ra incrível o tempo que se levava para desfazer uma vida. Assim que Angie e Conlan resolveram terminar o casamento, vieram os detalhes, como dividir tudo pela metade, principalmente as coisas indivisíveis, como casas, automóveis e corações. Os dois passaram meses cuidando dos pormenores do divórcio, e no final de setembro estava tudo concluído.

A casa dela – não, agora era a casa dos Pendersons – ficou vazia. Em vez de quartos, uma sala de estar com móveis caros e uma cozinha revestida de granito, ela agora tinha uma considerável quantia de dinheiro no banco, um depósito referente aos seus 50% da mobília e, ainda, um carro cheio de malas.

Angie sentou na beira da lareira de tijolos e observou o brilho dourado do assoalho de madeira.

Quando se mudara para ali com Conlan, o chão tinha carpete azul.

“Assoalho de madeira”, disseram um para o outro, sorrindo da facilidade com que concordavam e do poder de seus sonhos. “Carpete e crianças não combinam.”

Tanto tempo atrás...

Dez anos nessa casa. Parecia uma vida.

A campanha tocou.

Angie ficou tensa. Mas não poderia ser Con. Ele tinha a chave. Além disso, não deveria aparecer por ali naquele dia. Era o dia de Angie embalar suas coisas. Depois de catorze anos de casamento, agora eles combinavam dias diferentes para estarem na casa que fora deles.

Levantou-se, atravessou a sala e abriu a porta.

Eram Mama, Mira e Livvy, amontoadas embaixo do telhado da entrada tentando se proteger da chuva. Também tentavam sorrir, mas nenhuma delas com muito sucesso.

– Um dia como esse exige a presença da família – disse a mãe, enquanto todas entravam como uma matilha.

O cesto de piquenique no braço de Mira exalava cheiro de alho.

– Focaccia – explicou a irmã, respondendo ao olhar interrogativo de Angie. – Você *sabe* que comida alivia qualquer problema.

Angie sorriu sem querer. Quantas vezes na vida voltara da escola arrasada por alguma mancada que cometera e ouvira a mãe dizer: “Coma alguma coisa. Você vai se sentir melhor.”

Livvy se pôs ao lado da irmã caçula. Com um suéter preto e calça jeans justa, parecia uma atriz exuberante.

– Já passei por dois divórcios. Comida não ajuda em *nada*. Eu disse para ela pôr tequila no cesto, mas você conhece a nossa mãe. – Então chegou mais perto da irmã e sussurrou: – Tenho antidepressivo na bolsa, se você precisar.

– Vamos, vamos – disse Mama, assumindo o comando e encaminhando sua ninhada para a sala vazia.

Foi quando Angie realmente sentiu o peso do fracasso. Ali estava a família dela, procurando um lugar para sentar numa casa vazia, que ainda era um lar na noite anterior.

Angie se acomodou no chão duro e frio. O silêncio pairou, todas à espera de que ela falasse. Seguiriam a orientação que ela desse. Era o que a família fazia. O problema era que Angie não tinha aonde ir nem nada a dizer. Em qualquer outra ocasião, as irmãs dariam risada disso. Agora a situação não era nada engraçada.

Mira sentou ao lado de Angie e se aproximou. As tachinhas do jeans desbotado raspavam no piso. Mama se acomodou diante da lareira de tijolos. Livvy ficou ao lado da mãe.

Angie olhou ao redor e viu expressões tristes e solidárias.

– Se Sophia ainda estivesse viva... – começou, querendo se explicar.

– Não entre nessa – sentenciou Livvy. – Não ajuda em nada.

Angie sentiu os olhos arderem. Quase cedeu à dor ali mesmo e se deixou abater de vez, mas logo se recompôs. Chorar não adiantaria nada. Que inferno!

Passara a maior parte do último ano em prantos, e aonde aquilo a levaria?

– Você tem razão – concordou.

Mira abraçou a irmã. Era o que Angie precisava. Quando se afastou, sentia-se ao mesmo tempo mais abalada e mais forte, e as outras três a encaravam.

– Posso ser franca? – perguntou Livvy, abrindo o cesto e tirando uma garrafa de vinho tinto.

– De jeito nenhum – respondeu Angie.

Livvy a ignorou:

– Você e Conlan já viviam aos trancos e barrancos fazia muito tempo. Acredite em mim, eu sei quando um relacionamento vai mal. Era mesmo hora de desistir – opinou e começou a servir taças de vinho. – Agora você deve ir para algum outro lugar. Tirar um tempo para si mesma.

– Fugir não vai adiantar – disse Mira.

– Papo furado – retrucou Livvy, oferecendo uma taça a Angie.

– Você tem dinheiro. Viaje, vá para uma praia linda, use biquínis minúsculos.

Angie sorriu. A pontada que sentia no peito se abrandou um pouco.

– Então eu devo comprar um biquíni microscópico e exibir minha bunda antes que caia ainda mais?

Livvy deu risada.

– Querida, não seria tão ruim assim.

Durante a hora seguinte, elas permaneceram na sala vazia, tomando vinho tinto, comendo, falando amenidades. Do clima. Da vida em West End. Da recente cirurgia da tia Giulia.

Angie tentava acompanhar a conversa, mas não parava de pensar em como fora parar ali: sozinha e sem filhos aos 38 anos. Os primeiros anos do casamento foram tão bons...

– Porque os negócios vão mal – disse Livvy, se servindo de mais vinho. – Que outra coisa poderíamos fazer?

Angie retornou à conversa, surpresa ao perceber que se distraíra por vários minutos. Levantou a cabeça.

– Do que vocês estão falando?

– Mama quer vender o restaurante – disse Mira.

Angie enrijeceu.

– O quê?

O restaurante era o eixo da família, o centro de tudo.

– Nós não íamos falar sobre isso hoje – rebateu a mãe, lançando um olhar zangado a Mira.

Angie olhou para as três, uma de cada vez.

– Que diabo está acontecendo?

– Olhe o linguajar, Angela! – advertiu Mama, mas sua voz parecia cansada. – O movimento no restaurante vai mal. Não vejo como mantê-lo.

– Mas... papai adorava o restaurante – argumentou Angie.

Lágrimas escorreram dos olhos escuros da mãe.

– Nem precisa me dizer.

Angie olhou para Livvy.

– O que há de errado com o movimento?

Livvy deu de ombros.

– A economia vai mal.

– O DeSaria's funciona sem problemas faz trinta anos. Não pode estar...

– Não acredito que *você* quer nos dizer como administrar um restaurante – disparou Livvy, acendendo um cigarro. – O que uma redatora poderia saber a respeito?

– Diretora de criação. E é administrar um restaurante, não fazer uma cirurgia no cérebro. Basta oferecer uma boa comida a um bom preço. Como isso pode...

– Parem com isso, vocês duas – ordenou Mira. – Mama não precisa ouvir essas coisas.

Angie olhou para a mãe, mas não soube o que dizer. De repente, a família que havia poucos instantes era o alicerce da sua vida parecia ruir.

Todas se mantiveram em silêncio. Angie ficou pensando no restaurante... no pai, que sempre fora capaz de fazê-la sorrir, mesmo quando seu coração estava prestes a se despedaçar... e no mundo seguro em que ela e as irmãs cresceram.

O restaurante era a âncora da família. Sem ele, elas se afastariam umas das outras. E seguir a própria maré era solitário. Angie sabia disso.

– Angie poderia ajudar – sugeriu Mama.

Livvy estalou a língua com ceticismo.

– Ela não sabe nada do negócio. A princesa do papai nunca...

– Quieta, Livvy – ralhou a mãe, olhando para a caçula.

Angie entendeu tudo naquele olhar. Mama estava lhe oferecendo um lugar

onde se esconder das lembranças dolorosas. Para a mãe, voltar para casa era a resposta de todas as perguntas.

– Livvy tem razão – disse Angie devagar. – Não sei nada sobre o negócio.

– Você ajudou aquele restaurante em Olympia. O sucesso da sua campanha chegou aos jornais – recordou Mira, observando a reação da irmã. – Papa fez a gente ler todos os recortes.

– Que Angie mandou para ele pelo correio – acrescentou Livvy, soltando uma baforada de fumaça.

Angie tinha mesmo ajudado aquele restaurante a se reerguer. Mas só precisara de uma boa campanha e um investimento em marketing.

– Talvez você *realmente* possa ajudar – comentou Mira afinal.

– Não sei – falou Angie.

Fazia tanto tempo que deixara West End certa de que o mundo esperava por ela... Como seria voltar para lá?

– Você poderia morar na casa de praia – sugeriu Mama.

A casa de praia.

Angie pensou no pequeno chalé no litoral bravio e varrido pelo vento e dezenas de lembranças preciosas lhe vieram à cabeça, uma atrás da outra.

Sempre se sentira amada e em segurança naquela casa. Protegida.

Talvez lá ela conseguisse voltar a sorrir, naquele lugar em que ria tanto e com tanta facilidade quando era menina.

Olhou ao redor, para a casa ao mesmo tempo vazia demais e cheia de tristeza, numa cidade que continha tantas recordações infelizes. Talvez voltar para casa fosse *mesmo* a resposta, ao menos por um tempo, até ela descobrir de novo qual era o seu lugar.

Não se sentiria sozinha no chalé; não como se sentia em Seattle.

– É – disse afinal, erguendo a cabeça. – Eu poderia ajudar por algum tempo.

Não saberia dizer qual foi a emoção dominante naquele momento – alívio ou decepção. Só tinha certeza do seguinte: não queria ficar sozinha.

Mama sorriu.

– Papa sempre dizia que você voltaria para nós algum dia.

Livvy revirou os olhos.

– Ah, que ótimo. A princesa vai voltar para ajudar as pobres caipiras a administrarem o restaurante.



Uma semana depois, Angie estava a caminho. Preparou-se para partir para West End da mesma forma como começava qualquer projeto: seguindo em frente a toda velocidade. Primeiro, ligou para o chefe na agência de publicidade e pediu uma licença.

Pego de surpresa, o chefe hesitara e chegara a se atrapalhar ao telefone. Não havia percebido nenhum indício de que ela estivesse descontente, nada. “Se quer uma promoção...”

Angie rira e explicara que só estava cansada. “Cansada?”

Precisava dar um tempo. E não fazia ideia de quanto. Quando a conversa chegou ao fim, Angie tinha pedido demissão. Por que não? Precisava encontrar uma nova vida, e não poderia fazer isso se apegando à antiga. Tinha bastante dinheiro no banco e muitas aptidões para o mercado de trabalho. Quando estivesse pronta para voltar à realidade, poderia arranjar outro emprego.

Tentou não pensar em quantas vezes Conlan insistira para que ela fizesse exatamente isso. “Esse trabalho está matando você”, costumava dizer. “Como podemos relaxar se você está sempre acelerada? Os médicos afirmam que...”

Angie aumentou o volume – uma música antiga e suave – e pisou no acelerador.

Os quilômetros passavam depressa, afastando-a de Seattle e levando-a para mais perto da cidade de sua juventude.

Saiu da interestadual e começou a seguir as indicações de região costeira que levavam a West End.

A cidadezinha a recebeu bem, com ruas cintilantes e folhas ainda molhadas de chuva. As fachadas de pedra, havia muito pintadas de azul e verde vivos e rosa-claro para dar o tom de aldeia pesqueira vitoriana, com o passar dos anos tinham desbotado. Enquanto dirigia pela Front Street, lembrou-se dos desfiles de Quatro de Julho. Todos os anos a família se vestia a caráter e carregava uma faixa com os dizeres *Restaurante DeSaria's*. Jogavam doces para a multidão. Angie detestava aquilo, mas agora... agora sorria com tristeza ao recordar a alegria do pai. “Você é parte dessa família, Angela. Continue marchando”, dizia ele.

Abaixou o vidro e sentiu o aroma salino de maresia misturado com o

perfume de pinheiros. Alguém abriu a porta de uma padaria e um leve toque de canela chegou até ela pela brisa.

A rua estava movimentada, mas não tão cheia de gente nesse final de tarde de setembro. Para onde quer que olhasse, pessoas conversavam animadas. Avistou o Sr. Peterson, o farmacêutico local, de pé em frente à drogaria. Ele acenou e Angie retribuiu o gesto. Sabia que em poucos minutos ele entraria na loja de ferragens ao lado para contar ao Sr. Tannen que Angie DeSaria tinha voltado. Em seguida iria sussurrar: “Coitadinha. Divórcio, sabe?”

Chegou a um semáforo – um dos quatro da cidade – e reduziu a velocidade. Ia virar à esquerda, na direção da casa dos pais, mas o mar emitiu seu canto de sereia e Angie acabou cedendo. Além do mais, ela ainda não estava pronta para rever a família.

Virou à direita e seguiu a estrada longa e sinuosa que saía da cidade. À sua esquerda, o oceano Pacífico era um velame cinzento e revoltado que se estendia ao infinito. O vento criava ondas na relva e nas dunas.

Ali ficava um mundo diferente, ainda que a menos de 2 quilômetros da cidade. Havia poucas casas. De vez em quando uma placa indicava um resort ou bangalôs de aluguel com vista para o mar, mas nada disso se via da estrada. Esse pedaço de praia, escondido entre grandes árvores, numa cidade fora da estrada entre Seattle e Portland, ainda não fora “descoberto” pelos jovens profissionais de classe média da cidade grande e a maioria da população local não tinha como comprar uma propriedade na praia. Por isso a área continuava preservada. Primitiva. O mar rugia, alardeando sua presença e lembrando aos passantes que, não fazia muito tempo, as pessoas acreditavam que havia dragões em suas águas. Mas às vezes o oceano estava calmo, enganosamente calmo, e nessas ocasiões turistas eram atraídos por uma falsa sensação de segurança. Entravam nas águas ondulantes com seus caiaques alugados e remavam de um lado para outro. Todos os anos alguns turistas se perdiam; só os caiaques coloridos retornavam.

Por fim Angie chegou a uma velha e enferrujada caixa de correio que dizia *DeSaria*.

Entrou pela via lateral de terra. Árvores gigantescas a rodeavam pelos dois lados, bloqueando a maior parte do céu e todo o sol. O terreno era coberto por agulhas de pinheiros caídas e samambaias enormes. A névoa forrava o chão e se elevava pelo ar, conferindo ao lugar uma aparência inacreditavelmente suave.

Angie tinha se esquecido da neblina que surgia todas as manhãs no outono, como se a terra exalasse um suspiro. Às vezes, ao caminhar bem cedo, era impossível enxergar os próprios pés. Quando eram crianças, ela e as irmãs saíam de manhã em busca daquela névoa e brincavam de chutar a neblina.

Estacionou ao lado do chalé e desligou o motor.

A sensação foi tão meiga e intensa que ela ficou com um nó na garganta. A casa que o pai construíra com as próprias mãos ficava numa minúscula clareira, cercada por árvores que já eram velhas quando os primeiros exploradores passaram por aquele território. O telhado, antes vermelho, agora tinha uma tonalidade de madeira desbotada. O beiral branco já quase não se destacava.

Quando saiu do carro, ouviu a sinfonia dos verões de sua infância – o rugido das ondas quebrando, o assobio do vento passando pelas árvores. Em algum lugar alguém empinava uma pipa. O som do papel contra o vento a remeteu ao passado.

Venha aqui, princesa. Ajude o papai a aparar esses arbustos...

Ei, Livvy, espere aí! Não corra tão depressa...

Mama, a Mira não quer devolver meus marshmallows...

Tinha sido ali que aconteceram todos os momentos de animação, ira, alegria e tristeza que formavam a história da sua família. Angie ficou parada um instante, rodeada por árvores e sob aquela luz do sol esmaecida, e absorveu todas as lembranças que deixara para trás.

O tronco apodrecido de onde brotavam dezenas de plantas tinha sido onde Tommy a beijara pela primeira vez... e tentara passar a mão nela. O local perto do poço da casa fora o melhor esconderijo nas brincadeiras de pique.

Adiante, oculta à sombra de dois cedros gigantescos, ficava a gruta das samambaias. Dois anos antes, no verão, ela e Conlan tinham levado todos os sobrinhos e sobrinhas ali para acampar. Construíram um forte no meio das enormes samambaias e fingiram ser piratas. Contaram histórias de fantasmas à noite, todos reunidos em volta da fogueira, assando marshmallows para comer com biscoitos.

Naquela época, Angie ainda acreditava que um dia estaria ali com os próprios filhos...

Com um suspiro, levou a bagagem para dentro da casa. O térreo era um grande salão: uma cozinha à esquerda, com gabinetes amarelo-claros e bancadas

de lajota branca; uma pequena sala de jantar no canto (de alguma forma, os cinco comiam naquela mesinha); a sala de estar que ocupava o resto do espaço. Uma grande lareira de pedras dominava a parede norte. Ao seu redor, amontoavam-se dois sofás azuis com um estofamento muito fofo, uma surrada mesa de centro de pinho e a desgastada poltrona de couro de Papa. Não havia TV no chalé. Nunca houvera.

“Aqui nós conversamos”, o pai sempre dizia quando as filhas se queixavam.

– Oi, Papa – murmurou Angie.

A única resposta foi o vento batendo nas janelas.

Tap. Tap. Tap.

Era o som de uma cadeira de balanço movendo-se sobre o assoalho de madeira em um cômodo desocupado.

Tentou ser mais rápida que as lembranças, mas elas eram velozes demais. Sentiu que ia perder o controle. A cada respiração, parecia que o tempo avançava, afastando-se dela. Sua juventude a abandonava, tão impossível de ser agarrada como o ar que respirava nas noites sozinha na cama.

Deixou o ar sair com força. Sentiu-se tola por ter acreditado que as coisas seriam diferentes ali. Por que seriam? Lembranças não viviam nas ruas ou nas cidades. Fluíam com o sangue, pulsavam com as batidas do coração. Ela carregava todas consigo, cada perda e tristeza. O peso delas era tamanho que a deixava encurvada, exausta.

Subiu a escada e entrou no antigo quarto dos pais. Não havia lençóis e cobertores na cama – claro, deviam estar guardados numa caixa dentro do armário – e o colchão estava empoeirado, mas Angie não se incomodou. Deitou-se na cama em posição fetal.

Voltar para casa não tinha sido uma boa ideia. Fechou os olhos e tentou dormir, ouvindo as abelhas zumbirem do outro lado da janela.



Na manhã seguinte, Angie acordou com o sol. Olhou para o teto e ficou observando uma gorda aranha negra tecer uma teia.

Seus olhos estavam inchados e incomodavam, como se houvesse areia neles.

Mais uma vez, banhara o colchão com suas lembranças.

Já estava farta daquilo.

Parar era uma decisão que tinha tomado centenas de vezes no último ano. Só que agora estava determinada.

Abriu a mala, encontrou uma muda de roupa e foi para o banheiro. Depois da ducha quente, sentiu-se renovada. Prendeu o cabelo num rabo de cavalo, vestiu uma calça jeans desbotada e um suéter vermelho de gola rulê e pegou a bolsa na mesa da cozinha. Estava pronta para partir para a cidade quando por acaso deu uma olhada pela janela.

Lá fora, Mama estava sentada num tronco caído no limite do terreno. Conversava com alguém, gesticulando daquela forma exagerada que tanto envergonhava Angie na juventude.

Sem dúvida a família toda discutia se Angie poderia ter alguma utilidade no restaurante. Depois da última noite, ela mesma se questionava a respeito. Sabia que, assim que surgisse na varanda, todos falariam ao mesmo tempo, um vozerio ensurdecedor no qual ninguém se entenderia. Passariam uma hora inteira debatendo os prós e contras da volta de Angie.

A opinião dela mal seria levada em consideração.

Parou na porta dos fundos para tomar coragem. Forçou um sorriso, abriu a porta e saiu, procurando pela multidão.

Mas não havia ninguém além da mãe.

Angie atravessou o quintal e sentou no tronco.

– Sabíamos que você acabaria vindo, mais cedo ou mais tarde – falou a mãe.

– “Sabíamos”?

– Eu e o seu pai.

Angie suspirou. Então a mãe continuava falando com Papa. Tristeza era uma coisa que Angie conhecia muito bem. Não poderia culpar a mãe por se recusar a esquecer. Mesmo assim, não conseguia deixar de pensar se aquilo seria motivo de preocupação. Pegou na mão dela. A pele era flácida e macia.

– E o que ele tem a dizer sobre a minha volta para casa?

Mama suspirou com alívio.

– Suas irmãs me pedem para procurar um médico. Você me pergunta o que Papa tem a dizer. Ah, Angela, estou feliz por você estar em casa...

Puxou a filha para um abraço.

Pela primeira vez, a mãe não estava toda agasalhada e elegante; usava só um

suéter de tricô e uma calça jeans. Angie percebeu quanto ela emagrecera e ficou preocupada.

– A senhora emagreceu mais ainda – falou, afastando-se para observá-la.

– É claro, passei 47 anos jantando com meu marido. Sozinha é difícil.

– Então nós duas vamos jantar juntas. Eu também estou sozinha.

– Você vai ficar?

– Como assim?

– Mira acha que você precisa de alguém para cuidar de você e um lugar para se esconder por alguns dias. Não é fácil administrar um restaurante cheio de problemas. Ela acha que você vai embora em um ou dois dias.

Angie sabia que Mira falava pelas outras da família, e não ficou surpresa. A irmã nunca entendera o tipo de sonho que leva uma jovem a buscar uma vida diferente... ou a dor que pode mandá-la de volta para casa. A família sempre achara que Angie era ambiciosa demais e que isso acabaria prejudicando-a.

– E o que a senhora acha?

Mama mordeu o lábio inferior, um gesto tão conhecido como o som do mar.

– Papa diz que esperou vinte anos para que você assumisse o filho dele... o restaurante... e não quer que ninguém a atrapalhe.

Angie sorriu. Aquelas palavras eram a cara do pai! Por um segundo, quase acreditou que ele estava ali com as duas, sob a sombra de suas adoradas árvores.

Angie desejou poder ouvir a voz dele de novo, mas só escutou o som do mar encontrando a areia. Não conseguiu deixar de pensar na noite anterior e em todas as lágrimas que derramara.

– Não sei se já estou forte o bastante para ajudar vocês.

– Ele adorava sentar aqui e ficar olhando o mar – disse a mãe, inclinando-se na direção dela. – “Precisamos consertar essa escada, Maria.” Era a primeira coisa que ele dizia todo verão.

– A senhora ouviu o que eu disse? A noite passada... foi difícil.

– Todo verão nós fazíamos um bocado de reformas. Este lugar nunca passou dois anos com a mesma aparência.

– Eu sei, mas...

– Sempre começando pela mesma coisa: consertando a escada.

– Só a escada, hein? – disse Angie, sorrindo afinal. – As mais longas jornadas começam com um primeiro passo, não é?

- Alguns ditados são a mais pura verdade.
- Mas e se eu não souber por onde começar?
- Você vai saber.

Mama a abraçou. Ficaram sentadas ali por um longo tempo, apoiadas uma na outra, olhando para o mar. Finalmente, Angie falou:

- A propósito, como a senhora sabia que eu estava aqui?
- O Sr. Peterson viu você passar de carro.
- E é assim que começa.

Angie sorriu ao lembrar-se da ligação que havia entre os moradores dessa cidade. Uma vez, em um baile, ela deixara Tommy Matucci pôr a mão na sua bunda. A notícia chegara à mãe dela antes que a dança terminasse. Quando era menina, Angie detestava aquele ambiente de cidade pequena. Agora se sentia bem em saber que as pessoas cuidavam dela.

Angie ouviu o motor de um carro. Olhou para os fundos da casa. Uma minivan verde-folha estacionou no quintal.

Mira saiu do veículo. Usava um macacão jeans desbotado e uma velha camiseta do Metallica. Carregava uma pilha de livros contábeis.

– A melhor hora para começar é agora. Mas é melhor você ler rápido... antes que Livvy dê falta disso.

– Está vendo? – disse Mama, sorrindo para Angie. – A família sempre mostra por onde começar.

TRÊS



Uma chuva fina caía no pátio de tijolos da Fircrest, conferindo um brilho envernizado à paisagem.

De pé sob o mastro da bandeira, Lauren Ribido olhou para o relógio pelo menos pela décima vez nos últimos dez minutos.

Eram 18h15.

A mãe prometera estar ali para a Feira do Estudante por volta das 17h30.

Quase não conseguia acreditar que tinha caído naquela conversa mais uma vez. Já devia saber: o happy hour na taberna Tides só se encerrava às 18h30.

Então por que isso ainda a magoava depois de tantos anos? Era de esperar que o coração endurecesse em algum momento.

Virou as costas para a estrada deserta e se dirigiu ao ginásio. Estava quase na porta quando ouviu uma voz masculina chamar seu nome.

David.

Deu meia-volta, já sorridente. Ele desceu do assento do carona de um Cadillac Escalade preto novo em folha, fechando a porta com o quadril. Estava elegante, de calça azul e suéter de caxemira amarelo. Mesmo com o cabelo louro emplastrado de gel, era o rapaz mais bonito da escola.

– Achei que você já tivesse entrado – falou, correndo na direção dela.

– Minha mãe não apareceu.

– De novo?

Lauren odiou as lágrimas que ardiam em seus olhos.

– Não importa.

David a puxou para um abraço forte. Durante alguns instantes, o mundo

parecia de volta aos eixos.

– E o seu pai? – perguntou Lauren com delicadeza, esperando que ao menos dessa vez o Sr. Haynes aparecesse.

– Nada. Alguém precisa desbravar a floresta tropical.

Lauren percebeu a amargura na voz dele e já ia dizer *Eu te amo*, mas foi interrompida pelo som de saltos altos no concreto.

– Olá, Lauren.

Desvencilhou-se dos braços de David e olhou para a mãe dele, que tentava não franzir o cenho.

– Oi, Sra. Haynes.

– Onde está sua mãe? – perguntou ela, ajeitando uma bolsa marrom de couro chique no ombro e olhando ao redor.

Lauren vislumbrou uma imagem da localização mais provável da mãe: afundada num banco da Tides, fumando um cigarro filado.

– Ela teve que trabalhar até tarde.

– Na noite da Feira do Estudante?

Lauren odiou o jeito como a Sra. Haynes olhou para ela. Era aquele olhar de *coitada da Lauren, que pena dela*. Tinha visto isso a vida toda. Volta e meia surgia um adulto – em geral, uma mulher – querendo cuidar dela. Pelo menos no começo. Cedo ou tarde eles voltavam para as próprias vidas, para suas famílias, deixando Lauren ainda mais sozinha que antes.

– Ela não pôde fazer nada – justificou Lauren.

– É mais do que posso dizer do meu pai – disse David para a mãe.

– Ah, David – retrucou a Sra. Haynes com um suspiro ruidoso –, você sabe que seu pai estaria aqui se pudesse.

– Sei, sei.

Passou um braço pelos ombros de Lauren e puxou-a para mais perto. Ela se deixou levar pelo pátio molhado até o ginásio, concentrando-se em pensamentos positivos a cada passo que dava. Recusava-se a permitir que a ausência da mãe diminuísse sua autoconfiança. Precisava manter o foco em seu objetivo: conseguir uma bolsa de estudos na mesma faculdade que David escolhesse. O segundo objetivo possível era uma faculdade próxima à dele.

Lauren estava determinada a alcançar sua meta e, quando se comprometia, conseguia mover montanhas. Ela estava ali, não estava? Formando-se em uma

das melhores escolas particulares do estado de Washington, com uma bolsa de estudos integral, ainda por cima. Tinha feito sua escolha no quarto ano, quando se mudara de Los Angeles para West End. Na época era uma garota tímida, envergonhada de seus óculos de armação pesada de segunda mão e das roupas usadas que vestia. Uma vez, fazia muito tempo, tinha cometido o erro de pedir ajuda à mãe. “Não dá mais para usar esse sapato, mamãe. A água entra pelos furos quando chove.”

E a resposta da mãe fora: “Se você fosse como eu, já teria se acostumado.” Aquelas cinco palavras iniciais foram o suficiente para mudar o rumo da vida de Lauren.

As mudanças já começaram no dia seguinte: Projeto Cara Nova. Passara a fazer pequenos trabalhos para todos os vizinhos no combalido conjunto de apartamentos em que morava com a mãe. Alimentava os gatos da Sra. Teabody, do 4A; limpava a cozinha da Sra. Mauk; carregava as compras da Sra. Parmeter, do 6C. De moeda em moeda, economizou dinheiro para comprar lentes de contato e roupas novas. “Nossa!”, disse o oftalmologista na consulta. “Você tem os olhos castanhos mais lindos que já vi.” Assim que começou a parecer igual a todo mundo, Lauren partiu para agir corretamente. Começou com sorrisos, passando aos poucos a acenos e, por fim, a cumprimentos. Oferecia-se como voluntária para qualquer coisa, desde que o trabalho não implicasse contato com os pais. Quando passou para o sexto ano, seu esforço árduo começou a dar resultado. Ganhou uma bolsa integral para a Fircrest, uma escola católica com um estrito código de uniformes. Uma vez lá, se esforçou ainda mais. No nono ano, foi eleita representante de classe e manteve o posto em todos os anos subsequentes. No ensino médio, organizou todas as apresentações de dança, tirou fotos para o anuário, administrou o corpo discente como presidente sênior e se saiu bem tanto em ginástica como no vôlei. Apaixonara-se por David no primeiro encontro que tiveram, fazia quatro anos. Desde então, tornaram-se inseparáveis.

Lauren entrou no ginásio lotado. Teve a impressão de que era a única aluna cujos pais estavam ausentes. Era uma sensação com a qual já se acostumara; mesmo assim, fez com que seu sorriso vacilasse. Olhou de novo em direção ao mastro da bandeira. A mãe ainda não chegara.

David apertou a mão dela.

– E aí, Trixie, está pronta?

O apelido a fez sorrir. David sabia quanto ela estava nervosa. Lauren recostou-se nele.

– Vamos lá, Speed Racer.

A Sra. Haynes se aproximou deles.

– Você tem papel e caneta, Lauren?

– Sim, senhora.

Ficou constrangida com quanto aquela pergunta simples significou para ela.

– Eu não tenho caneta – disse David, sorrindo.

A Sra. Haynes deu uma caneta a ele e foi na frente, liderando-os. Lauren e David se misturaram ao fluxo de pessoas. Como sempre, a multidão se abria para eles. Eram um casal de formandos e todos acreditavam que continuariam juntos. Dezenas de amigos acenavam ou diziam oi.

Foram de quiosque em quiosque, pegando folhetos e conversando com representantes. Como sempre, David fazia todo o possível para ajudar Lauren. Contava a todos sobre as notas altas dela e suas realizações. Tinha certeza de que Lauren poderia escolher entre inúmeras bolsas de estudo. No mundo dele as coisas eram fáceis, parecia simples acreditar em finais felizes.

David parou no estande das oito faculdades de elite.

Quando olhou para as fotos daqueles veneráveis *campi*, Lauren ficou preocupada. Rezou para que ele não escolhesse Harvard nem Princeton. Lauren nunca se sentiria bem nelas, mesmo *se fosse aceita*; não ali, naqueles amplos salões onde as garotas ostentavam nomes pomposos e todo mundo tinha pais que acreditavam no valor de uma educação de qualidade. Mesmo assim, deu seu melhor sorriso e pegou os folhetos. Uma garota como ela precisava causar boa impressão sempre. Não existia lugar para erros em sua vida.

Por fim, se dirigiu ao seu Santo Graal.

O estande de Stanford.

Lauren ouviu a voz da Sra. Haynes atrás dela enquanto andava:

–... a ala com o nome do seu avô...

Lauren tropeçou. Só com muita força de vontade conseguiu manter a postura e o sorriso.

Provavelmente David iria para Stanford, onde os pais e o avô tinham estudado. A única faculdade da Costa Oeste que se comparava às oito de elite em

termos de exclusividade. Notas altas não eram o suficiente. Índices de aproveitamento perfeitos tampouco garantiam a admissão.

Lauren não conseguiria uma bolsa de estudos em Stanford de jeito nenhum.

David apertou um pouco mais a mão dela e sorriu. *Acredite*, dizia aquele sorriso.

Ela queria acreditar.

– Este é meu filho, David Ryerson Haynes – foi dizendo a Sra. Haynes.

Da indústria de papel Ryerson-Haynes.

Não acrescentou isso, é claro. Seria deselegante e supérfluo.

– E esta é Lauren Ribido – disse David, apertando a mão de Lauren. – Ela seria uma grande aquisição para o corpo estudantil de Stanford.

O recrutador sorriu para o jovem.

– Então, David, está interessado em seguir os passos da sua família... Que bom. Em Stanford nós nos orgulhamos de...

Lauren ficou ali parada, segurando na mão de David com tanta força que seus dedos começaram a doer. Esperou pacientemente que o recrutador voltasse a atenção para ela.

Mas isso não aconteceu.



O ônibus parou no ponto da esquina. Lauren pegou a mochila no chão e correu para a porta da frente.

– Boa noite – disse Luella, a motorista.

Lauren deu um aceno em resposta e desceu na Main Street. Ali, no eixo turístico do centro de West End, tudo era lindo e cintilante. Anos antes, quando a indústria madeireira e a pesca comercial enfrentavam tempos difíceis, os governantes resolveram incrementar a beleza vitoriana da cidade. Metade dos prédios do centro já estava dentro do padrão; a outra parte vinha sendo remodelada às pressas. Uma campanha publicitária estadual fora iniciada e, durante um ano inteiro, a prefeitura não investiu em mais nada – estradas, escolas nem serviços. Assim nascera West End, “O portal vitoriano no litoral”.

A campanha funcionou. Os turistas chegaram, atraídos pelas pousadas, as competições de castelos de areia, as pipas e a pesca esportiva. A cidade se

transformou num destino, deixou de ser um desvio na estrada entre Seattle e Portland.

Mas a fachada ia só até certo ponto. Como qualquer cidade, West End tinha seus locais abandonados, esquinas invisíveis para os visitantes e não frequentadas pelos locais. *Aquela parte da cidade*, o local onde as pessoas viviam em apartamentos sem adornos nem segurança. A parte onde Lauren morava.

Saiu da Main Street e continuou a caminhada.

O bairro se deteriorava a cada passo; o mundo se tornava mais sombrio, mais desgastado. Ali os prédios não ostentavam arabescos vitorianos, não havia anúncios de pousadas exóticas nem passeios de hidroavião. Era onde moravam os mais velhos, homens que um dia trabalharam em serrarias ou em barcos pesqueiros. Pessoas que não acompanharam as mudanças e foram varridas para os alagadiços escuros e barrentos. Ali, as únicas luzes a brilhar vinham das placas de néon que anunciavam bebidas.

Lauren andava depressa, olhando direto para a frente. Percebia todas as mudanças na paisagem, cada sombra nova, todos os sons e movimentos, mas não sentia medo. Aquela rua era seu território fazia mais de seis anos. Embora a maioria dos vizinhos não tivesse sorte na vida, todos sabiam cuidar bem uns dos outros, e a jovem Lauren Ribido era uma deles.

O lugar onde morava era um prédio estreito, de seis andares, no meio de um terreno invadido por arbustos de sempre-vivas e de frutas silvestres. A fachada estava acinzentada de sujeira e fragmentos de entulho. As luzes que vinham das janelas eram o único sinal de vida do local.

Lauren subiu os degraus que rangiam, entrou pela porta da frente, que não estava trancada, pois a fechadura fora quebrada cinco vezes no último ano e a administradora do prédio, Sra. Mauk, se recusava a realizar um novo conserto. Em seguida, rumou para a escada gasta que levava ao seu apartamento, no quarto andar.

Prendeu a respiração ao passar pela casa da administradora. Já se encontrava quase na escada quando ouviu a porta se abrir.

– Lauren? É você?

Droga.

Virou-se e tentou sorrir.

– Olá, Sra. Mauk.

A Sra. Mauk – *Pode me chamar de Dolores, querida* – apareceu no corredor mal-iluminado. A luz que se esgueirava pela porta deixava a mulher pálida, quase sinistra, mas seu sorriso dentuço reluzia. Como sempre, usava um lenço azul-marinho sobre os cabelos grisalhos e um vestido florido. Parecia sempre meio amarrotada, como se tivesse acabado de sair de uma velha mala. Os ombros eram caídos, fruto de uma vida cheia de decepções – uma postura já comum no bairro.

– Hoje eu fui ao salão de beleza – falou a senhora.

– Aham.

– Sua mãe não foi trabalhar.

– Ela está doente.

A administradora estalou a língua de forma amigável.

– Namorado novo, é?

Lauren não conseguiu responder. A Sra. Mauk emendou:

– Talvez dessa vez seja amor. Enfim, o aluguel está atrasado. Vocês precisam pagar até sexta.

– Tudo bem.

Lauren não conseguiu manter o sorriso.

A Sra. Mauk lançou seu olhar mais sério.

– Você deve estar com frio só com esse casaco – disse, franzindo o cenho. – Diga à sua mãe que...

– Vou dizer. Tchau.

Correu escada acima até chegar ao quarto andar.

A porta do apartamento estava entreaberta. A luz se infiltrava pela fenda, amarelando o linóleo do corredor.

Lauren não ficou preocupada. A mãe raramente se lembrava de fechar a porta e, mesmo quando lembrava, nunca a trancava. Vivia perdendo a chave, essa era a desculpa.

Lauren entrou.

O lugar estava uma bagunça. Uma caixa de pizza aberta cobria uma ponta da bancada, com uma coleção de garrafas de cerveja vazias ao lado. Sacos de batata frita se espalhavam por toda parte. O lugar cheirava a cigarro e suor.

A mãe estava deitada no sofá, os braços e as pernas jogados. Um ronco

abafado saía do emaranhado de mantas que cobriam seu rosto.

A menina respirou fundo, seguiu para a cozinha e limpou tudo, depois foi até o sofá e se ajoelhou.

– Vamos, mamãe. Vou ajudar você a se deitar na cama.

– Quê? Hã?

A mãe se sentou, o olhar sem foco. O cabelo curto e desgrenhado – louro-platinado esse mês – caía pelo rosto pálido. Estendeu a mão trêmula para uma garrafa de cerveja na beira da mesa. Tomou um grande gole e tentou colocá-la no mesmo lugar. Mas errou a pontaria e a garrafa caiu no chão e derramou a bebida.

Pálida como porcelana, com os olhos borrados pela maquiagem escura azulada e a cabeça inclinada para um lado, parecia uma boneca quebrada. Da linda mulher que tinha sido um dia, restava um leve vestígio, como o brilho opaco de um filete dourado num prato de porcelana sujo.

– Ele foi embora.

– Quem, mãe?

– Cal. E ele jurou que me amava.

– É. Eles sempre juram.

Lauren se abaixou para pegar a garrafa, imaginando se havia algum papel-toalha para enxugar a cerveja derramada. Provavelmente não. Os contracheques da mãe vinham diminuindo nos últimos tempos. Supostamente, por conta da recessão econômica. A mãe jurava que tinha cada vez menos clientes no salão. Lauren percebia que isso era apenas metade da história; a outra parte era que o salão de beleza em que trabalhava ficava quase ao lado da taberna Tides.

A mãe pegou o maço de cigarros e acendeu um.

– Você está me olhando daquele jeito de novo. O olhar de *minha mãe é um traste, estou ferrada*.

Lauren sentou na mesa de centro. Por mais que tentasse não sentir, a pontada de decepção estava lá. Parecia esperar sempre demais da mãe. Quando ela iria aprender? Essas decepções contínuas acabavam com ela. Às vezes imaginava aquilo como uma sombra que toldava seu coração.

– Hoje foi o dia da Feira do Estudante.

A mãe deu outra tragada e franziu o cenho enquanto exalava a fumaça.

– Mas não era na terça-feira?

– Hoje é terça, mãe.

– Ah, merda. – Voltou a se deitar no sofá verde-abacate. – Desculpe, querida. Perdi a noção dos dias. – Exalou mais uma vez e se afastou um pouco de lado. – Venha aqui.

Lauren obedeceu rápido, antes que a mãe mudasse de ideia.

– E como foi?

Lauren se aconchegou ao lado da mãe.

– Conheci um sujeito muito simpático da Universidade do Sul da Califórnia. Ele acha que eu devia tentar conseguir recomendações de ex-alunos. – Soltou um suspiro e prosseguiu: – Imagino que uma indicação possa ajudar.

– Só se quem indicar também pagar a conta.

Lauren percebeu o tom ferino na voz da mãe e fez uma careta.

– Vou conseguir essa bolsa de estudos, mãe. Você vai ver.

A mãe deu uma longa tragada no cigarro e virou ligeiramente a cabeça, observando Lauren através da fumaça.

Lauren se preparou. Sabia o que estava por vir. *Hoje não. Por favor.*

– Sabe, eu também achava que ia conseguir uma bolsa de estudos, querida.

– Não, por favor. Vamos falar sobre outra coisa. Eu tirei uma nota incrível no meu trabalho de história.

Lauren tentou se levantar. A mãe a agarrou pelo pulso, mantendo-a no lugar.

– Minhas notas também eram boas – continuou, sem sorrir, os olhos castanhos cada vez mais sombrios. – Era boa em corrida e basquete. Minhas notas nas provas também eram bem respeitáveis. Eu era bonita. Diziam que eu parecia a Heather Locklear.

Lauren suspirou. Afastou-se um pouco para o lado, abrindo espaço entre as duas.

– Eu sei.

– Depois fui a um baile da escola com Thad Marlow.

– Eu sei. Foi um grande erro.

– Alguns beijos, uns tragos de tequila, e lá estava eu com o vestido levantado até a cintura. Na época eu não sabia como estava me ferrando. Quatro meses depois, eu estava no último ano do ensino médio e comprando roupas de gestante. Nada de bolsa de estudos para mim. Nada de faculdade, nenhum emprego decente. Se um dos seus padrastos não tivesse pagado meu curso de esteticista, provavelmente eu estaria morando na rua e comendo sobras de outras

casas. Por isso, mocinha, mantenha suas...

– Pernas fechadas. Eu sei que arruinei a sua vida, mãe. Acredite em mim.

– *Arruinar* é exagero – amenizou a mãe com um suspiro cansado. – Eu nunca disse *arruinar*.

– Às vezes imagino se ele teve outros filhos – disse Lauren.

Sempre levantava essa questão quando o nome do pai era mencionado. Não conseguia deixar de pensar nisso, ainda que soubesse a resposta de cor.

– Como vou saber? Ele fugia de mim como se eu fosse uma praga.

– Eu... só queria ter uma família, só isso.

A mãe exalou a fumaça.

– Família é uma coisa superestimada, acredite. Ah, eles são ótimos até você se ferrar. Depois partem o seu coração. Nunca conte com ninguém, Lauren.

Ela já tinha ouvido tudo aquilo antes.

– Eu só queria...

– Não queira. Você só vai se magoar.

Lauren olhou para a mãe.

– É – concordou com a voz cansada. – Eu sei.

QUATRO



*D*urante os dias seguintes, Angie focou no que fazia melhor: mergulhou de cabeça no projeto. Acordava bem antes do amanhecer e passava o dia estudando. Ligava para amigos e antigos clientes – qualquer um que já tivesse se envolvido no ramo da alimentação – e anotava todas as sugestões, palavra por palavra. Depois lia e relia os livros contábeis até entender cada valor que entrava e cada centavo que saía. Quando terminou esse trabalho, foi até a biblioteca. Passou horas e horas sentada à mesa de fórmica barata com livros e artigos espalhados à frente. Depois disso, permaneceu um bom tempo na leitora de microfilmes para ver o material já arquivado..

Às seis da tarde, a Sra. Martin, a bibliotecária, que já era idosa quando Angie fez o primeiro cartão da biblioteca, apagava as luzes.

Angie entendia a indireta. Levava um monte de livros para o carro e voltava para o chalé, onde continuava lendo até tarde da noite. Adormecia no sofá, o que era infinitamente melhor que dormir sozinha na cama.

Enquanto fazia suas pesquisas, a família ligava dia e noite. Angie atendia com educação, falava por alguns minutos e desligava com delicadeza. Repetia sempre que informaria assim que estivesse pronta para visitar o restaurante.

Em suas ligações, a mãe resmungava: “Ninguém aprende sem fazer, Angela.” E Angie retrucava: “Eu não consigo fazer sem aprender primeiro, mãe. Aviso quando estiver pronta.” Então Mama dizia: “Você sempre foi obsessiva. Não conseguimos entender.”

Era bem verdade, Angie sabia. Sempre fora muito determinada. Quando começava uma coisa, não havia meio-termo nem começo fácil. Era essa

característica que a derrotara. Quando ela decidiu que queria ter um filho, a ruína surgira no horizonte. Era uma coisa que ela não podia ter, e persegui-la arruinara sua vida.

Angie sabia disso, já compreendera, mas continuava a ser o que era. Quando se envolvia em algum empreendimento, só se concentrava no sucesso.

E, para ser honesta – o que ela era, quando estava sozinha no escuro na calada da noite –, era melhor pensar sobre o restaurante do que lidar com as perdas e fracassos que a levaram até ali.

Todas aquelas lembranças e pesares a acompanhavam, é claro. Às vezes, enquanto lia sobre técnicas de administração ou promoções especiais, tinha lampejos do passado: *A esta altura, Sophia já estaria dormindo a noite toda, ou Conlan adorava essa música.*

Era como pisar num caco de vidro. Ela retirava o caco e corria de lá, mas a dor permanecia. Naqueles momentos, redobrava os esforços nos estudos e às vezes se permitia uma taça de vinho.

Na tarde de quarta-feira, exausta e com o sono atrasado, Angie concluiu a pesquisa. Não havia nada mais que pudesse aprender de fontes secundárias. Chegara o momento de pôr em prática o que aprendera.

Colocou os livros de lado, tomou um longo banho quente e se vestiu com cuidado. Calça preta, suéter preto. Nada que chamasse atenção ou destacasse seu estilo de “cidade grande”.

Dirigiu devagar até a cidade e estacionou em frente ao restaurante. Saiu do carro com a prancheta na mão.

A primeira coisa que notou foi o banco.

– Ah – disse em voz baixa, tocando o assento curvo de ferro batido.

O metal pareceu frio sob seus dedos... como no dia em que o banco fora comprado. Fechou os olhos, recordando. As quatro tinham passado a semana toda discordando – sobre a música no funeral, quem a cantaria, como seria a lápide, a cor das rosas que enfeitariam o caixão. Até verem o banco. Estavam na loja de ferragens, procurando velas de citronela para uma celebração da vida do pai, quando o viram.

Mama tinha sido a primeira a parar diante dele e dizer: “Papa sempre quis um banco na frente do restaurante.” Então, saindo de trás dela, Mira emendara: “Para que as pessoas se sentassem para descansar.”

Na manhã seguinte, o banco estava instalado na calçada. Elas nunca falavam em afixar uma placa explicativa nele. Isso era coisa das grandes cidades. Em West End, todo mundo sabia que o banco era uma homenagem a Tony DeSaria. Na primeira semana depois de colocarem o banco, apareceram dezenas de flores ali, deixadas por pessoas que se lembraram dele.

Pensativa, Angie olhou para o restaurante que tinha sido o orgulho e a alegria do pai.

– Vou salvar este lugar para o senhor, Papa – murmurou.

Levou um instante para perceber que esperava uma resposta. Mas não ouviu nada, apenas o som do trânsito e o distante estrondo do mar.

Tirou a tampa da caneta e a posicionou acima do papel, a postos.

A fachada de tijolos precisava de reparos. Havia musgo crescendo abaixo do beiral. Faltava um bocado de telhas. No anúncio de néon verde onde estava escrito *DeSaria's* faltavam o apóstrofo e o *i*.

Começou a escrever.

Teto.

Reparos no exterior.

Calçada suja.

Musgo.

Néon.

Subiu alguns degraus até a porta e parou. Havia um cardápio exposto na parede numa moldura com vidro. Espaguete com almôndegas a 7,95 dólares. Um prato de lasanha, incluindo pão e salada, custava 6,95.

Não admirava que perdessem dinheiro.

Preços.

Cardápio.

Abriu a porta. Um sininho soou. Os aromas pungentes de alho, tomilho, tomate na fervura e pão no forno enchiam o ar.

Angie voltou no tempo. Em vinte anos, nada mudara. O salão com luz indireta, as mesas redondas cobertas de toalhas xadrez em vermelho e branco, imagens da Itália nas paredes. Chegou a esperar que o pai saísse sorrindo de um canto, enxugando as mãos no avental e dizendo: “Bella Angelina, você voltou para casa.”

– Ora, ora. Afinal você está aqui. Estava com medo que tivesse caído da

escada do chalé e não conseguisse mais se levantar.

Angie piscou e enxugou os olhos.

Livvy estava na bancada de recepção, de calça jeans preta justa, blusa preta que deixava os ombros à mostra e tamancos de salto alto. Ondas de tensão emanavam da irmã. Era como se fossem jovens de novo, adolescentes brigando para ver quem ia usar o perfume novo primeiro.

– Eu vim para ajudar – disse Angie.

– Infelizmente, você não sabe cozinhar e não trabalha no restaurante desde que tirou o aparelho dos dentes. Não. Espere. Você *nunca* trabalhou aqui.

– Eu não quero brigar, Livvy.

Olivia deu um suspiro.

– Eu sei. Não quero ser chata. Só estou cansada desta merda. Este lugar está falindo e Mama não para de fazer travessas e mais travessas de lasanha. Mira briga comigo quando peço ajuda, diz que não entende de negócios, só de cozinha. E, no fim, quem oferece ajuda? Você. A princesa do papai. Não sei se devo rir ou chorar.

Tirou um isqueiro do bolso e acendeu um cigarro.

– Você não vai fumar aqui, vai?

Livvy fez uma pausa.

– Parece até o nosso pai falando.

Jogou o cigarro num copo de água.

– Vou fumar meu cigarro lá fora. Quando arranjar um jeito de salvar o mundo, é só me avisar.

Angie ficou olhando a irmã sair, depois foi para a cozinha, onde a mãe depositava camadas de massa de lasanha em grandes tabuleiros de inox. Mira estava ao seu lado, organizando almôndegas numa travessa pouco menor que uma cama de casal. Quando Angie entrou, Mira ergueu os olhos e sorriu.

– Olá.

– Angie!

Mama limpou o rosto, deixando uma trilha vermelha de molho de tomate. Sua testa estava toda suada.

– Está pronta para aprender a cozinhar? – perguntou a mãe.

– Dificilmente eu salvaria um restaurante cozinhando, Mama. Estou fazendo anotações.

O sorriso da mãe diminuiu um pouquinho. Lançou um olhar preocupado a Mira, que deu de ombros.

– Anotações?

– De coisas que acho que poderiam melhorar o negócio.

– E vai começar pela *minha* cozinha? Seu pai... que Deus o tenha... adorava...

– Relaxe, mãe. Só estou verificando umas coisas.

– A Sra. Martin falou que você leu todos os livros sobre restaurantes da biblioteca – disse Mira.

– Preciso me lembrar de nunca alugar um filme pornô nesta cidade – comentou Angie, sorrindo.

Mama bufou.

– Aqui as pessoas cuidam umas das outras, Angela. Isso é bom.

– Eu só estava brincando, mãe.

– Espero que sim.

Mama ergueu os óculos pesados no nariz e olhou para Angie com seus olhos castanhos de coruja.

– Se quer ajudar, aprenda a cozinhar.

– Papa não sabia cozinhar.

Mama piscou, fungou e começou a colocar camadas de ricota com salsinha sobre o macarrão.

Mira e Angie trocaram um olhar.

Aquilo iria ser pior do que Angie imaginara. Teria de seguir com extremo cuidado. Livvy chateada era uma coisa. Mama irritada era outra. Até o inverno do Alasca era mais quente do que levar um gelo da mãe.

Angie consultou suas anotações, sentindo-se observada. Demorou um segundo para tomar coragem e perguntar:

– Então, há quanto tempo nosso cardápio não muda?

Mira abriu um sorriso irônico.

– Desde o verão em que fui para o acampamento de escoteiras.

– Engraçadinha – disparou Mama. – Nós aperfeiçoamos o cardápio. Nossos clientes adoram todos os pratos.

– Não estou negando. Só queria saber quando o cardápio foi mudado pela última vez.

– Em 1975.

Angie grifou a palavra *cardápio* em sua lista. Podia não saber muito sobre como administrar um restaurante, mas sabia bastante sobre sair para jantar. Uma mudança de cardápio fazia as pessoas voltarem em busca das novas opções.

– E vocês oferecem algo especial à noite?

– Tudo aqui é especial. Não estamos em Seattle, Angela. Aqui nós fazemos as coisas do nosso jeito. Era bom para Papa, que Deus o tenha.

Mama ergueu o queixo. A temperatura da cozinha caiu vários graus.

– Agora é melhor voltarmos ao trabalho.

Deu uma leve cotovelada em Mira, que voltou a fazer almôndegas.

Angie entendeu que fora dispensada. Virou-se e voltou ao salão vazio. Viu Livvy de volta à bancada de recepção. A irmã conversava com Rosa, garçonne do restaurante desde os anos 1970. Angie lhes deu um aceno e subiu a escada.

O escritório do pai estava tranquilo. Fez uma pausa diante da porta aberta, deixando-se envolver pelas lembranças. Em sua mente, o pai continuava lá, sentado na grande escrivaninha de carvalho comprada num leilão do Rotary Club, debruçado sobre as contas.

Angelina! Entre. Vou lhe explicar esses impostos.

Mas eu quero ir ao cinema, Papa.

Ah, claro. Então vá logo. Mande Olivia vir aqui.

Soltou um longo suspiro e foi até a escrivaninha. Sentou na cadeira dele e as molas rangeram.

Ao longo das horas seguintes, estudou, aprendeu e fez anotações. Releu todos os antigos livros contábeis e passou para os registros de impostos e as anotações do pai sobre o negócio. Quando fechou o último livro, sabia que a mãe tinha razão. O DeSaria's estava com problemas. A receita tinha caído para quase nada. Esfregou os olhos e voltou ao térreo.

Eram sete da noite, em plena hora do jantar, só havia duas mesas ocupadas: uma com o Dr. Petrocelli e esposa e a outra com a família Schmidt.

– É sempre vazio assim? – perguntou a Livvy, que continuava na bancada de recepção, agora examinando as longas unhas pintadas de vermelho vivo e salpicadas de estrelas cor-de-rosa.

– Na última quarta-feira nós só tivemos três clientes a noite inteira. Talvez você queira anotar isso também. Todos pediram lasanha, caso esteja interessada.

– Até parece que tinham muitas opções.

– Lá vem você...

– Não estou aqui para criticar, Liv. Só estou tentando ajudar.

– Você quer ajudar? Descubra como fazer as pessoas entrarem por essa porta. Ou como pagar o salário de Rosa Contadori.

Olhou para a garçonete já idosa, que se movimentava devagar, levando um prato de cada vez.

– Vai ser preciso fazer algumas mudanças – observou Angie, num esforço para ser o mais delicada possível.

Livvy tamborilou os dentes com uma das longas unhas escarlate.

– Tipo?

– O cardápio. Publicidade. Decoração. Preços. As contas a pagar estão uma bagunça. Assim como as compras. Vocês estão desperdiçando muita comida.

– A gente precisa cozinhar para os clientes, mesmo que eles não apareçam.

– Só estou dizendo que...

– Que nós estamos fazendo tudo errado.

Ela falou mais alto, de forma que a mãe escutasse.

– Como é que é? – perguntou Mama, saindo da cozinha.

– Angie passou metade de um dia aqui, Mama. Foi o suficiente para descobrir que nós não sabemos merda nenhuma.

Mama ficou olhando as duas por um momento, depois se virou e foi até uma janela de canto e começou a conversar com a cortina.

Livvy revirou os olhos.

– Ah, ótimo. Ela está perguntando a opinião de Papa. Se um morto discordar de mim, eu vou embora.

Por fim a mãe voltou. Não parecia feliz.

– Papa me disse que você acha o cardápio ruim.

Angie franziu o cenho. Era mesmo o que ela achava, mas ainda não tinha dito a ninguém.

– Não ruim, mãe, mas uma mudança pode fazer bem.

Mama mordeu o lábio inferior e cruzou os braços.

– Eu sei – disse para o espaço vazio ao seu lado, então se virou para Livvy. – Papa acha que devemos considerar a opinião de Angie. Por enquanto.

– *Claro* que ele acha. É a princesa dele – retrucou Livvy, depois olhou para Angie. – Não preciso desta merda. Tenho um marido que me implora para ficar

em casa e termos um bebê.

A flecha acertou no alvo. Angie chegou a se encolher.

– Então é isso que eu vou fazer – completou Livvy.

A irmã deu um tapinha nas costas de Angie.

– Boa sorte com o restaurante, maninha. É todo seu. Fique você trabalhando à noite e nos fins de semana.

Deu meia-volta e saiu.

Angie estava atônita por tudo ter dado errado tão depressa. Ficou olhando enquanto a irmã se afastava.

– Eu só disse que precisávamos fazer algumas mudanças.

– Mas não no meu cardápio – ressaltou Mama, cruzando os braços. – As pessoas *adoram* a minha lasanha.



Lauren leu a pergunta à sua frente.

Um homem anda 6 quilômetros a 4 quilômetros por hora. A que velocidade ele precisa andar durante as próximas duas horas e meia para ter uma velocidade média de 6 quilômetros por hora durante toda a viagem?

As opções de resposta se embaralhavam diante de seus olhos cansados.

Afastou-se da mesa. Ao longo do último mês, vinha estudando tanto para os exames de acesso à universidade que começara a sentir dores de cabeça. Não adiantaria nada tirar uma ótima nota e pegar no sono durante as aulas.

A avaliação é daqui a duas semanas.

Com um suspiro, Lauren voltou à mesa e pegou o lápis. Já tinha feito aquela prova no ano anterior e conseguira pontuar bem. Dessa vez, queria tirar a nota máxima. Para uma garota como ela, cada ponto era importante.

Quando a campainha do forno tocou, uma hora depois, ela havia feito mais cinco páginas do simulado. Números, termos e equações geométricas zuniam em sua cabeça como as gigantescas espaçonaves de *Star Wars*, chocando-se umas com as outras.

Foi até a cozinha preparar o jantar antes de ir para o trabalho. Podia escolher entre uma tigela de cereais e uma maçã com pasta de amendoim. Ficou com a maçã. Quando acabou de comer, vestiu uma bela calça preta e um suéter cor-de-rosa pesado. O avental da drogaria em que trabalhava encobriria o suéter de qualquer jeito. Pegou sua mochila – caso encontrasse tempo para concluir o trabalho de trigonometria no intervalo do jantar – e saiu do apartamento.

Desceu a escada correndo. Já estava com a mão na maçaneta quando uma voz chamou:

– Lauren?

Droga. Parou, virou-se.

A Sra. Mauk se encontrava à porta do apartamento. Os cantos da boca estavam repuxados para baixo numa expressão de cansaço. As rugas da testa pareciam ter sido pintadas ali.

– Continuo esperando o pagamento do aluguel.

– Eu sei.

Lauren teve de se esforçar para manter a voz calma.

A Sra. Mauk se aproximou.

– Sinto muito, Lauren. Você sabe. É que vocês precisam pagar o aluguel. Senão meu emprego fica na corda bamba.

Lauren se sentiu murchar. Teria que pedir um adiantamento ao chefe. Ela odiava fazer isso.

– Eu sei. Vou falar com a minha mãe.

– Faça isso.

Seguiu em direção à porta e ouviu a Sra. Mauk dizer:

– Você é uma boa garota, Lauren.

Era a mesma coisa que seu gerente dizia toda vez que ela pedia dinheiro. Não havia uma resposta para aquilo, por isso Lauren continuou andando e saiu para uma noite escura e chuvosa.

Teve de pegar dois ônibus para chegar até a rodovia, onde o anúncio em néon da drogaria Rite Aid piscava a noite toda. Entrou correndo na loja, apesar de não estar atrasada. Qualquer minuto extra no pagamento já ajudava.

– Hã... Lauren?

Era Sally Ponocheck, a farmacêutica. Como sempre, de olhos estreitados.

– O Sr. Landers quer falar com você.

– Certo. Obrigada.

Foi até a sala dos funcionários para deixar suas coisas e subiu até o pequeno escritório do gerente, sempre atulhado de mercadorias. Durante o trajeto foi ensaiando como faria o pedido. *Sou funcionária da farmácia há quase um ano. Trabalho todo feriado... o senhor sabe disso. Vou trabalhar no Dia de Ação de Graças e na véspera de Natal. Será que daria para receber o salário desta semana adiantado?*

Esforçou-se para sorrir para ele.

– Queria falar comigo, Sr. Landers?

O gerente ergueu os olhos da papelada sobre a mesa.

– Ah. Lauren. Sim.

Passou uma das mãos pelos cabelos rarefeitos, arrumando os fios que restavam.

– Não existe um jeito fácil de dizer isso. Mas nós precisamos dispensá-la. Você sabe que os negócios têm andado devagar. Dizem que a matriz vai fechar a nossa loja. Os moradores daqui simplesmente não gostam de grandes redes de lojas. Sinto muito.

Demorou um segundo para que ela compreendesse.

– O senhor está me *demitindo*?

– Tecnicamente, é apenas uma dispensa. Se os negócios melhorarem...

Deixou a promessa no ar. Ambos sabiam que os negócios não iam melhorar. O gerente entregou um envelope a Lauren.

– É uma bela carta de referência. Sinto muito perdê-la, Lauren.



A casa parecia silenciosa demais.

Angie estava perto da lareira, olhando para o mar enluarado. Suas pernas estavam quentes, mas, por alguma razão, o calor não se espalhava pelo corpo. Cruzou os braços, ainda com frio.

Eram apenas 20h30; cedo demais para se deitar.

Afastou-se da janela e olhou para a escada, pensativa. Se pudesse voltar alguns anos no tempo e ser de novo aquela mulher que dormia com facilidade...

Era mais fácil pegar no sono enlaçada pelos braços de Conlan. Fazia tanto

tempo que não dormia sozinha que tinha esquecido como os colchões podiam ser grandes, como o corpo do homem amado podia gerar calor.

Não conseguiria dormir, não do jeito que se sentia no momento.

Ela precisava de barulho. Da proximidade de alguém vivo.

Abaixou-se, pegou as chaves na mesa de centro e se dirigiu para a porta.

Quinze minutos depois, estacionava na entrada da casa de Mira. O pequeno sobrado ficava no meio de um terreno minúsculo, com casas bem semelhantes de ambos os lados. O jardim estava repleto de brinquedos, bicicletas e skates.

Angie ficou ali um minuto, segurando o volante. Não podia invadir a casa de Mira às nove da noite. Seria muito indelicado.

Mas se não fizesse isso, para onde iria? De volta ao silêncio de seu chalé solitário, à região sombria de lembranças que preferia deixar para trás?

Abriu a porta do carro e desceu. A noite fria se fechou ao seu redor. Sentiu o cheiro do outono. Uma grande nuvem cinzenta começava a cuspir chuva na calçada.

Correu na direção da casa e bateu à porta. Mira atendeu quase na mesma hora. Ficou parada na entrada, sorrindo com tristeza, usando uma velha camisa de futebol e pantufas de pelúcia. O cabelo comprido estava solto, caindo em desalinho pelos ombros.

– Fiquei imaginando quanto tempo você ia continuar sentada no carro.

– Você percebeu?

– Está brincando? Kim Fisk telefonou assim que você estacionou. Andrea Schmidt ligou cinco segundos depois. Você esqueceu o que é morar num bairro como este.

Angie se sentiu idiota.

– Ah.

– Vamos entrar. Imaginei que você viria.

Abriu caminho por um corredor de piso de linóleo e entrou na sala de estar, onde uma enorme estante modular abrigava uma televisão de tela grande. Duas taças de vinho tinto esperavam na mesa de centro feita de carvalho.

Angie sorriu. Sentou no sofá e pegou uma taça.

– Onde está todo mundo?

– Os pequenos estão dormindo, os grandes estão fazendo dever de casa, e hoje é a noite de boliche do Vince.

Mira se estendeu no sofá, olhando para Angie.

– E então?

– Então o quê?

– Você só estava dirigindo por aí noite afora?

– Algo assim.

– Sem essa, Angie. Livvy desistiu. Mama pendurou as luvas térmicas e o restaurante está falindo.

Angie ergueu os olhos, tentando sorrir.

– E não esqueça que estou aprendendo a morar sozinha.

– Pelo jeito, isso não vai muito bem.

– Não.

Tomou um gole de vinho. Talvez mais que um gole. Não queria falar sobre sua vida. Isso só a magoava.

– Preciso convencer Livvy a voltar.

Mira soltou um suspiro, decepcionada por Angie ter mudado de assunto.

– Devíamos ter contado que já faz meses que ela quer sair.

– É. Teria sido bom saber disso.

– Veja pelo lado bom. É uma a menos para ficar zangada quando você começar a fazer mudanças.

Por algum motivo, a palavra *mudanças* bateu forte em Angie. Botou a taça de vinho na mesa e se levantou, como se o problema fosse o lugar em que estava. Foi até a janela e ficou olhando para fora.

– Angie?

– Não sei o que há de errado comigo nos últimos tempos.

Mira se aproximou da irmã e tocou o ombro dela.

– Você precisa ir mais devagar.

– Como assim?

– Desde criança você corre atrás de tudo o que quer. Não via a hora de sair de West End. O pobre Tommy Matucci passou dois anos perguntando por você depois que foi embora, mas você nunca sequer telefonou para ele. Aí se graduou o mais rápido possível e começou a subir na carreira feito um foguete. – Ela fez uma pausa e acrescentou, suavizando a voz: – E, assim que você e Conlan resolveram formar uma família, você começou a acompanhar sua ovulação e a se guiar por ela.

– O que não me ajudou em nada.

– A questão é que agora você está perdida, mas continua correndo a toda a velocidade. Para longe de Seattle e do fim do seu casamento e em direção a West End e o restaurante da família. Como você vai saber o que quer se tudo acontece tão rápido?

Angie olhou seu reflexo no vidro da janela. A pele parecia pálida como papel, os olhos estavam marcados por manchas escuras e a boca era um traço fino.

– O que você sabe sobre querer? – perguntou, sentindo o pesar da própria voz.

– Eu tenho quatro filhos e um marido que ama a equipe de boliche quase tanto quanto me ama, e nunca tive um chefe que não fosse parente meu. Enquanto você me mandava cartões-postais de Nova York, de Londres ou de Los Angeles, eu tentava economizar dinheiro para cortar o cabelo. Eu sei sobre querer, pode acreditar.

Angie quis se virar para olhar para a irmã, mas não se atreveu.

– Eu teria trocado tudo isso... as viagens, o estilo de vida, a carreira... por uma das crianças lá em cima.

Mira tocou de novo o ombro da irmã.

– Eu sei.

Finalmente Angie se virou. Percebeu o erro no mesmo instante. Os olhos de Mira estavam cheios de lágrimas.

– Eu preciso ir – disse Angie, com a voz embargada.

– Não...

Passou correndo por Mira e saiu. Foi açoitada pela chuva, que turvou sua visão. Sem se incomodar, correu para o carro. O “Volte aqui” de Mira ecoou atrás dela.

– Não posso – respondeu, baixo demais para que a irmã ouvisse.

Entrou no carro e bateu a porta. Deu a partida e saiu de ré antes que Mira alcançasse. Subiu por uma rua e desceu por outra, mal sabendo onde estava, com o rádio no volume máximo. Cher cantava “Believe” para ela.

De repente estava no estacionamento do Safeway, atraída pelo brilho das luzes como uma mariposa. Ficou ali parada embaixo de um poste, observando a chuva fustigar o para-brisa.

Eu teria trocado tudo.

Fechou os olhos. Dizer aquelas palavras em voz alta a machucara.

Não.

Não ia ficar ali ruminando o assunto. Já bastava daquilo. Definitivamente era a última vez que jurava esquecer o que não podia ser mudado.

Era melhor entrar no mercado, comprar algum remédio para dormir que não exigisse receita médica e tomar o suficiente para apagar a noite toda.

Desceu do carro e entrou no estabelecimento iluminado. Sabia que não encontraria ninguém da família ali. Eles davam preferência aos comerciantes locais, em vez de grandes redes.

Foi direto para o corredor da aspirina e encontrou o que procurava.

Estava a caminho da caixa registradora quando viu a cena. Uma mulher magra como um passarinho, com roupas sujas, carregava três pacotes de cigarro e uma embalagem com uma dúzia de cervejas. Quatro crianças maltrapilhas gravitavam à sua volta. Uma delas – a menor – pediu um biscoito e ganhou um tapa da mãe.

O cabelo e o rosto das crianças estavam imundos; os tênis tinham vários furos.

Angie parou, respirando com dificuldade. A dor voltou a emergir. Se ajudasse em alguma coisa, ela teria olhado para Deus e perguntado: “Por quê? Por que algumas mulheres têm filhos com tanta facilidade, enquanto outras...”

Largou o frasco de pílulas para dormir e saiu da loja. Lá fora a chuva que caía forte se misturou às suas lágrimas.

Já no carro, sentou-se ereta, olhando pelo para-brisa. Pouco tempo depois a família saiu da loja. Amontoaram-se num carro que caía aos pedaços e partiram. Nenhuma das crianças afivelou o cinto de segurança.

Angie fechou os olhos. Sabia que aquilo passaria se ficasse ali por algum tempo. Tristeza era como uma nuvem de chuva: mais cedo ou mais tarde, se você tivesse paciência, ela se afastava. Angie só precisava continuar respirando...

Alguma coisa bateu no para-brisa.

Angie abriu os olhos.

Viu um folheto cor-de-rosa: *Precisa-se de emprego. Pessoa responsável e de confiança.*

Antes que conseguisse ler mais, a chuva molhou o folheto e fez a tinta desbotar.

Angie abriu a janela do carona. Uma garota ruiva distribuía os folhetos. Ia de automóvel em automóvel, indiferente à chuva, usando um casaco surrado e uma calça jeans desbotada.

Angie não pensou, só reagiu. Saiu do carro e gritou:

– Ei!

A garota virou a cabeça. Angie correu na direção dela.

– Posso ajudar em alguma coisa?

– Não.

A garota começou a se afastar. Angie enfiou a mão no bolso do casaco e tirou algum dinheiro.

– Pegue – falou, pondo um maço de notas na mão fria e molhada da garota.

– Não posso aceitar – murmurou a garota, meneando a cabeça.

– Por favor. Por mim – pediu Angie.

Ficaram se olhando por um longo tempo.

Por fim a garota concordou. Lágrimas rolavam pelo seu rosto.

– Obrigada.

Virou-se e saiu correndo noite adentro.



Lauren subiu os degraus de seu prédio na escuridão. Cada passo parecia extrair algo dela. Quando chegou à porta da Sra. Mauk, tinha certeza de que, de alguma forma, diminuía. Estava tão cansada de se sentir sozinha e vulnerável!

Parou e olhou para o maço de notas molhadas na mão: 125 dólares. *Por mim*, dissera a mulher no estacionamento, como se fosse ela a necessitada.

É, sei. Lauren sabia reconhecer um gesto de caridade. Tivera vontade de recusar, talvez dar uma risadinha e dizer: “Você me entendeu mal.” Mas no fim saíra correndo até chegar em casa.

Enxugou as lágrimas que restavam nos olhos e bateu à porta.

A Sra. Mauk atendeu. Quando viu Lauren, seu sorriso esmaeceu.

– Você está encharcada.

– Tudo bem – disse Lauren. – Pegue.

A Sra. Mauk pegou o dinheiro e contou. Fez uma breve pausa, depois falou:

– Só vou ficar com 100, certo? Vá comprar alguma coisa boa para comer.

Lauren quase começou a chorar outra vez. Antes que as lágrimas enchessem seus olhos, virou-se e correu pela escada.

Já no apartamento, chamou a mãe. A única resposta foi o silêncio.

Jogou a mochila no sofá e foi até a geladeira. Estava praticamente vazia. Ia pegar um sanduíche meio comido quando alguém bateu à porta.

Lauren atravessou o apartamento pequeno e bagunçado e abriu a porta.

Era David, segurando uma grande caixa de papelão.

– Ei, Trix.

– O que...

– Eu liguei para a drogaria. Disseram que você não trabalhava mais lá.

– Ah.

Mordeu o lábio. A suavidade da voz dele e o olhar compreensivo eram quase mais do que podia aguentar no momento.

– Então eu limpei a geladeira lá em casa. Minha mãe deu um jantar ontem à noite e sobraram comidas incríveis.

Enfiou a mão na caixa e tirou uma fita de vídeo.

– E eu trouxe *Speed Racer*.

Lauren forçou um sorriso.

– Você trouxe os episódios em que Trixie salva a vida dele?

David ficou olhando para ela. E naquele único olhar ela percebeu tudo. Amor. Compreensão. Solidariedade.

– Claro que sim.

– Obrigada – foi só o que ela conseguiu dizer.

– Sabe, você deveria ter ligado para mim. Quando demitiram você.

David não sabia como era perder algo tão importante. Mas ele estava certo. Ela deveria ter ligado. Mesmo tendo só 17 anos e às vezes sendo imaturo, David era a pessoa mais estável na vida dela. Quando estava com ele, seu futuro – o futuro dos dois – parecia puro e cintilante como uma pérola.

– Eu sei.

– Então vamos lá, vamos comer alguma coisa e ver *Speed Racer*. Preciso estar em casa antes da meia-noite.

CINCO



O professor Lundberg falava em tom monocórdio; passava de uma questão social contemporânea a outra como uma criança perseguindo bolhas de sabão.

Lauren queria prestar atenção, queria mesmo, mas estava mais do que exausta.

– Lauren. Lauren?

Piscou para acordar, percebendo tarde demais que caíra no sono.

O professor a encarava. E não parecia feliz.

Lauren sentiu as bochechas queimarem. Esse era o problema de ser ruiva. A pele clara corava com facilidade.

– Sim, professor.

– Eu perguntei sua posição em relação à pena capital.

– Propensa – falou alguém.

Todo mundo riu. Lauren tentou conter uma risadinha.

– Sou contra a pena de morte. Pelo menos até ficar estabelecido que seja aplicada de forma justa e uniforme. Não. Espere. Sou contra de qualquer forma. O Estado não deveria ter participação no processo de tirar vidas para preservar a ideia de que matar é moralmente errado.

O professor Lundberg assentiu, depois se virou para a televisão que instalara no meio da sala.

– Nas últimas semanas nós discutimos a justiça... ou a falta de justiça... nos Estados Unidos. Acho que às vezes nos esquecemos da sorte que temos por *poder* realizar essas discussões. As coisas são muito diferentes em outras partes do mundo. Em Serra Leoa, por exemplo...

Empurrou uma fita no aparelho de videocassete e apertou a tecla PLAY.

No meio do documentário, o sinal tocou. Lauren recolheu os livros e cadernos e saiu da sala. Nos corredores, o barulho era maior: risadas, a trilha sonora de despedidas do fim do dia.

Lauren passou direto pela multidão, cansada demais para fazer algo além de acenar para os amigos.

David chegou por trás e a abraçou. Lauren se virou e o enlaçou, contemplando seus olhos, muito azuis. O barulho no corredor foi diminuindo até se tornar apenas um zumbido. As lembranças da noite anterior surgiram de imediato, fazendo-a sorrir. David a salvara; simples assim.

– Meus pais precisam ir para Nova York hoje à noite – cochichou ele. – E só voltam no sábado.

– Sério?

– Meu treino de futebol termina às 17h30. Quer que eu pegue você depois?

– Não. Preciso sair para procurar emprego depois da aula.

– Ah. Tudo bem.

Lauren percebeu a decepção na voz dele. Ficou na ponta dos pés e o beijou. Sentiu o gostinho cítrico de isotônico.

– Eu poderia passar na sua casa lá pelas sete – sugeriu ela.

Ele abriu um sorriso.

– Ótimo. Quer uma carona?

– Não, tudo bem. Devo levar alguma coisa?

David sorriu de novo.

– Minha mãe deixou 200 dólares. A gente pede uma pizza.

Duzentos dólares. Era quanto elas ainda deviam de aluguel. E David podia gastar isso em pizza.



Lauren estava pronta para sair à procura de emprego. Fora à biblioteca da escola e tirara quinze cópias de seu currículo e da carta de recomendação.

Já estava quase de saída quando a mãe entrou feito um relâmpago em casa, fazendo a porta bater na parede.

Foi depressa até o sofá e tirou as almofadas, procurando algo. Não havia

nada ali. Virou-se de olhos arregalados para a filha.

– Você disse que estou gorda?

– Você não pesa nem 50 quilos, mãe. Eu nunca disse que estava gorda. Diria até que está magra demais. Tem comida...

A mãe dela levantou uma das mãos. Um cigarro balançou entre os dedos, espalhando cinzas.

– Não comece. Eu sei que você acha que eu bebo demais e não como bem. Como se eu precisasse de uma *menina* me policiando.

Olhou ao redor da sala, a testa franzida, depois correu até a cozinha. Em dois minutos já estava de volta.

– Preciso de dinheiro.

Às vezes Lauren lembrava que a mãe era doente, que alcoolismo era uma doença. Nesses momentos, sentia pena dela.

Mas não era uma dessas ocasiões.

– Nós estamos sem nada, mãe. Ajudaria se você fosse trabalhar.

Jogou a mochila na mesa da cozinha e se abaixou para recolher as almofadas do chão.

– Você já trabalha. Eu só preciso de uns trocados. Por favor, querida.

Aproximou-se da filha e pousou a mão nas costas dela. O toque lembrou a Lauren que elas formavam uma equipe, ela e a mãe. Uma família disfuncional, com certeza, mas ainda assim uma família.

A mão da mãe subiu pelo braço de Lauren e a segurou pelo ombro. Era um gesto de puro desespero.

– Vamos – falou, com a voz trêmula. – Dez paus já resolvem.

Lauren pôs a mão no bolso e tirou uma nota de 5 amassada. Graças a Deus escondera os outros 20 embaixo do travesseiro.

– Vou ficar sem dinheiro para almoçar amanhã.

A mãe agarrou a nota.

– Leve alguma coisa para comer. Tem pasta de amendoim, geleia e biscoito.

– Sanduíche com biscoito. Perfeito.

Graças a Deus ainda restavam as sobras que David tinha trazido.

A mãe já estava de saída. Abriu a porta, parou e virou-se. Seus olhos verdes pareciam tristes e as rugas do rosto a deixavam uma década mais velha que seus 34 anos. Passou a mão pelo cabelo platinado em desalinho.

– Onde você arranhou esse blazer?

– Com a Sra. Mauk. É da filha dela.

– Suzie Mauk morreu faz seis anos.

Lauren deu de ombros, incapaz de pensar numa resposta.

– Ela guardou as roupas da filha por todos esses anos. Caramba...

– Algumas mães acham doloroso se desfazer das roupas dos filhos.

– Que seja. Mas por que está usando o blazer de uma garota morta?

– Eu... preciso arranjar um emprego.

– Você trabalha na drogaria.

– Fui demitida. É a crise.

– Faz tempo que lhe digo isso. Com certeza vão recontratá-la nas férias.

– Nós precisamos de dinheiro agora. O aluguel está atrasado.

A mãe se imobilizou e, na tristeza de seu olhar, Lauren teve um vislumbre da antiga beleza materna.

– É. Eu sei.

Ficaram se encarando e Lauren manteve a expectativa. *Diga que vai trabalhar amanhã.*

– Preciso ir – disse a mãe afinal.

Deixou o apartamento sem olhar para trás.

Lauren descartou a decepção ridícula que sentiu e também saiu de casa. Quando chegou ao pitoresco centro de West End, a chuva tinha parado. Eram apenas cinco da tarde, mas nessa época do ano escurecia cedo. O céu era de um roxo claro. Sua primeira parada foi em Sea Side, um ponto turístico em alta onde se vendiam cervejas artesanais e ostras da região.

Pouco mais de uma hora depois, já havia percorrido o centro da cidade de uma ponta a outra. Três restaurantes tinham aceitado seu currículo por delicadeza, prometendo entrar em contato se surgisse alguma vaga. Outros dois nem se deram ao trabalho de acenar com falsas esperanças. As quatro lojas de varejo disseram para voltar depois do Dia de Ação de Graças.

Agora se encontrava em frente ao último restaurante do quarteirão.

DeSaria's.

Lauren olhou para o relógio. Eram 18h12. Ia chegar atrasada à casa de David.

Já um pouco desanimada, subiu os degraus de entrada do restaurante. Notou

que estavam instáveis. Não era um bom sinal. Na porta, deu uma parada para consultar o cardápio. O prato mais caro era *manicotti*, a 8,95 dólares. Tampouco era um bom sinal.

Mesmo assim, abriu a porta e entrou.

Era um lugar pequeno, com paredes de tijolos aparentes. Uma arcada separava o espaço em dois salões do mesmo tamanho, cada um com cinco ou seis mesas cobertas de toalhas xadrez em vermelho e branco. Uma lareira com cornija de carvalho dominava um dos salões. Nas paredes rústicas, havia quadros com molduras de madeira. Fotos de família, pelo jeito. Havia também gravuras emolduradas da Itália e de uvas e azeitonas. Música ambiente. Uma versão instrumental de “I Left My Heart in San Francisco”. O aroma era divino.

Havia uma família jantando. Só uma. Não era exatamente um grande público para uma noite de quinta-feira.

Concluiu que não fazia sentido se candidatar a um emprego ali. Talvez fosse melhor desistir por ora. Se corresse, talvez conseguisse chegar em casa, trocar de roupa e chegar à casa de David até as sete da noite. Virou-se e voltou na direção da porta. No caminho para o ponto do ônibus, começou a chover outra vez. Um vento frio vinha do mar e rugia pela cidade. O blazer mal a protegia. Já se sentia enregelar na hora em que chegou em casa.

A porta da frente estava aberta, mas o pior era a janela da copa escancarada, que deixava o apartamento congelante.

– Merda – resmungou Lauren, esfregando as mãos enquanto fechava a porta com o pé.

Correu até a janela. Enquanto a fechava, ouviu a mãe cantando:

– *Leavin’ on a jet plane... don’t know when I’ll be back again.*

Lauren parou. Foi acometida por uma raiva que a fez cerrar os punhos. Teve vontade de esmurrar a parede. Não arranjava emprego, estava atrasada para seu encontro e, agora, isso. A mãe estava bêbada e trocando confidências com as estrelas de novo.

Passou pela janela e subiu a instável escada de incêndio.

Viu a mãe sentada na laje do prédio. Seu vestido de algodão estava encharcado e os pés, descalços.

Lauren chegou por trás, tomando cuidado para não se aproximar muito da beirada.

– Mãe?

A mãe se virou um pouco e sorriu.

– Oi.

– Você está muito perto da beira, mãe. Venha mais para trás.

– Às vezes a gente precisa lembrar que está viva. Venha aqui.

Deu um tapinha no espaço ao seu lado.

Lauren odiava esses momentos, quando a necessidade se emparelhava com o medo. A mãe dela adorava viver perigosamente; sempre dizia isso. Lauren avançou com todo o cuidado. Muito devagar, sentou-se ao lado da mãe.

A rua lá embaixo estava quase deserta. Um único carro passou, os faróis bruxuleando na chuva, quase irreal.

Lauren percebeu que a mãe tremia de frio.

– Onde está seu casaco?

– Perdi. Não. Eu dei para Phoebe. Troquei por um pacote de cigarro. A chuva faz tudo parecer bonito, não é?

– Trocou seu casaco por cigarro? – repetiu Lauren, ciente de que era inútil ficar brava. – A previsão é de que o inverno seja rigoroso este ano.

A mãe deu de ombros.

– Eu estava dura.

Lauren passou o braço pelos ombros da mãe.

– Vamos entrar. Você precisa se aquecer. Um banho vai fazer bem.

A mãe olhou para ela.

– Franco disse que ia ligar hoje. Você ouviu o telefone tocar?

– Não.

– Eles nunca ligam. Não para mim.

Apesar de já ter ouvido aquilo mil vezes, Lauren ainda se comovia com a tristeza da mãe.

– Eu sei. Vamos entrar.

Ajudou a mãe a se levantar e a conduziu até a escada de incêndio, então a seguiu pelos degraus de ferro até voltarem ao apartamento. Lá, primeiro a convenceu a tomar um banho quente, depois foi para o quarto trocar de roupa. Quando terminou de se arrumar, a mãe já estava na cama.

Lauren foi até o quarto, sentou ao lado dela.

– Vai ficar bem enquanto eu estiver fora?

As pálpebras da mãe pareciam pesadas.

– O telefone tocou enquanto eu estava no banho?

– Não.

A mãe se virou bem devagar para ela.

– Por que ninguém me ama, Lauren?

Formulada com naturalidade e tanto desespero, a pergunta feriu Lauren de tal maneira que ela chegou a arquejar. *Mas eu amo você*, pensou. Por que isso não contava?

A mãe virou a cabeça no travesseiro e fechou os olhos.

Lauren se levantou devagar e se afastou da cama. Enquanto saía do apartamento, descia a escada e atravessava a cidade, só conseguia pensar numa coisa: David.

David.

David preencheria o vazio do seu coração.



O tranquilo e luxuoso enclave chamado Mountaineer ocupava apenas alguns quarteirões da ponta leste de West End, mas ali, atrás de portões vigiados e grades de ferro, existia outro mundo. Esse oásis de riqueza dominava uma encosta de frente para o mar. No mundo de David, as entradas de veículos eram feitas de pedra ou lajotas em mosaicos, os carros passavam por baixo de sofisticados pórticos e estacionavam em garagens gigantescas, refeições eram servidas em porcelanas finas e translúcidas como pele de bebê. Numa noite como aquela, postes ficavam acesos em cada esquina, transformando a chuva que caía em diamantes.

Lauren se sentiu deslocada quando passou pela guarita principal; não pertencia àquele lugar. Imaginou que alguém anotaria *Elemento suspeito visita a casa* e depois apresentaria o relatório ao Sr. e à Sra. Haynes.

– Estou indo à casa de David Haynes – disse, enquanto se esforçava para controlar as mãos.

O guarda sorriu de forma compreensiva.

O portão zumbiu e se abriu. Lauren seguiu o caminho de asfalto que passava por dezenas de casas que poderiam estar em capas de revista. Mansões em estilo

inglês, francês ou espanhol.

Era tão silencioso ali! Nada de buzinas tocando nem vizinhos brigando ou televisões no último volume.

Como sempre, tentou imaginar como seria morar num lugar assim. Ninguém em Mountaine se preocupava com aluguéis atrasados ou em como pagar a conta de luz. Quem nascia ali poderia chegar aonde quisesse na vida.

Percorreu o caminho até a porta. Rosas perfumadas, grandes como pires, ladeavam a entrada. Lauren se sentiu um pouco como uma princesa num conto de fadas. Dezenas de luzes ocultas iluminavam o jardim.

Bateu à grande porta de mogno da entrada.

Demorou um instante para David atender. Foi tão rápido, aliás, que Lauren pensou que talvez ele estivesse esperando na janela.

– Você está atrasada – disse, devagar e com um sorriso.

Abraçou-a com a porta ainda aberta, ali mesmo, onde todos os vizinhos poderiam ver. Lauren quis dizer para esperar, para fechar a porta. Porém, assim que ele a beijou, ela se esqueceu do mundo. David sempre tinha esse efeito sobre ela. À noite, na cama, sozinha e com saudade dele, pensava nessa estranha amnésia. A única explicação para ela era o amor. O que mais poderia fazer uma garota perfeitamente sã imaginar que, sem o toque do namorado, o sol poderia fugir do céu e deixar o mundo frio e escuro?

Passou os braços em volta do pescoço dele e sorriu. A noite deles mal começara e Lauren já sentia o coração apertado de tanta expectativa.

– É tão legal você estar *aqui*... Se eles não estivessem viajando, eu teria que inventar uma dúzia de mentiras para minha mãe para passar uma noite com você.

Lauren tentou imaginar uma vida como aquela, em que alguém – uma mãe – ficava esperando por você preocupada.

No apartamento das Ribidos não havia necessidade de mentiras. A mãe lhe falara sobre sexo assim que completou 12 anos. “O cara vai acabar convencendo você a ceder”, dissera a mãe, enquanto acendia um cigarro. “Na hora vai parecer uma boa ideia.” Ainda fumando, jogara uma caixa de camisinhas na mesa de centro. Depois disso, deixara Lauren tomar as próprias decisões, como se a única responsabilidade materna fosse fornecer camisinhas. Assim, desde a infância era Lauren quem definia a hora de voltar para casa. Caso não voltasse, também não havia problema.

Se contasse isso aos amigos, Lauren sabia que todos ficariam surpresos e diriam que ela era uma garota de sorte. Contudo, ela trocava toda essa liberdade por um simples beijo de boa-noite.

David pegou a mão dela, sorriu e deu um passo para trás.

– Tenho uma surpresa para você.

Lauren o seguiu pelo corredor amplo. Os saltos dos sapatos estalavam no piso de tom creme. Se os pais dele estivessem em casa, ela andaria na ponta dos pés. Como só estavam os dois, podia ser mais espontânea.

David fez uma curva e passou por uma arcada de pedra clara que separava o corredor da sala de jantar formal.

Parecia um cenário de filme. Uma longa mesa de madeira brilhante flanqueada por dezesseis cadeiras de madeira, talhadas e cheias de ornamentos. No centro da mesa, um enorme arranjo de rosas brancas, lírios e folhagens.

Numa das cabeceiras, a louça estava posta para duas pessoas. Uma porcelana linda – de uma alvura translúcida e ornada a ouro –, disposta em um jogo americano de seda marfim. Talheres dourados cintilavam à luz de uma única vela.

Lauren olhou para David, que mostrava um sorriso tão alegre que parecia um garoto no último dia de aula antes das férias.

– Demorei uma eternidade para encontrar toda essa tranqueira. Minha mãe guarda tudo numas capas azuis.

– Está lindo.

Conduziu Lauren até uma cadeira, que puxou para que ela sentasse. Quando a namorada se acomodou, David serviu uma sidra borbulhante na taça de vinho.

– Pensei em atacar a adega de vinhos do meu pai, mas sabia que você ia brigar comigo e ficar preocupada de eles descobrirem.

– Eu te amo – disse Lauren, envergonhada das lágrimas que faziam seus olhos arderem.

– Eu também te amo. – David sorriu de novo. – E gostaria de pedir formalmente que fosse comigo ao baile da escola.

Lauren riu.

– Seria uma honra.

Eles tinham ido juntos a todos os bailes do ensino médio. O próximo seria o último para os dois. Ao pensar nisso, o sorriso dela esmaeceu. De repente

começou a pensar no ano seguinte, na possibilidade de eles se separarem. Olhou para David; tinha que convencê-lo de que precisavam continuar juntos na faculdade. Ele acreditava que o amor entre os dois sobreviveria a uma separação. Lauren não queria correr esse risco. David era a única pessoa que já dissera que a amava. Lauren não queria viver sem isso. Sem ele.

– David, eu...

A campainha tocou.

Lauren se sobressaltou.

– São seus pais? Meu Deus...

– Calma. Eles ligaram de Nova York uma hora atrás. Meu pai estava puto porque a limusine se atrasou cinco minutos.

David seguiu em direção à porta.

– Não atenda.

Não queria que nada estragasse a noite dos dois. E se Jared e a turma toda tivessem ouvido falar da viagem de negócio dos Haynes? Era tudo que precisavam: dez minutos depois, uma festa da turma da escola estaria incendiando o lugar.

David deu uma risada.

– Não saia daqui.

Lauren ficou ouvindo enquanto David saiu pelo corredor e abriu a porta. Depois ouviu vozes. Algumas risadas. A porta fechou com um estalido.

Um minuto depois, David entrou na sala de jantar com uma caixa de pizza. Com sua calça jeans baggy de cintura baixa e uma camisa que dizia *Não me inveje. Ser igual a mim não é para qualquer um*, estava tão bonito que Lauren quase perdeu o fôlego.

David apoiou a caixa na mesa.

– Eu queria cozinhar para você – falou, parando de sorrir só por um segundo.
– Mas deixei tudo queimar.

Lauren se levantou devagar e aproximou-se dele.

– Isso está perfeito.

– Sério?

A preocupação na voz dele comoveu seu coração. Sabia o que era querer agradar a alguém.

– Sério – respondeu e ficou na ponta dos pés para beijá-lo.

David a abraçou tão apertado que ela mal conseguiu respirar.
Quando por fim foram comer, a pizza já estava fria.

SEIS



A casa nova de Livvy era ao estilo dos anos 1970, com uma área de convivência no porão bem-iluminado. Ficava num terreno amplo de esquina em uma das regiões mais agradáveis da cidade. Algumas das casas – as mais caras – ficavam de frente para o mar. As outras tinham acesso a piscinas e um centro comunitário que se orgulhava de oferecer também uma cozinha. Na época em que Angie ainda estava na escola, aquele era *o lugar* para se morar. Ainda se lembrava dos verões que passara em volta da piscina com as amigas, observando as mães que viviam ali. A maioria se recostava em espreguiçadeiras usando maiôs sensuais e chapéus de abas largas; cigarros e gim-tônica eram uma constante nas mãos de todos os adultos. Angie considerava aquelas mulheres muito sofisticadas, bem diferentes da mãe dela, que nunca passara um dia de ócio sequer à beira da piscina.

A irmã devia ter escolhido aquele lugar pela mesma necessidade adolescente de sentir que pertencia àquele mundo.

Estacionou na entrada circular de Livvy atrás do SW Subaru e saiu do carro. Parou na porta da frente.

A conversa teria de ser conduzida com muito cuidado. Como uma cirurgia cardíaca. Angie passara quase a noite inteira pensando nisso. Bem, nisso e em muitas outras coisas. Mais uma noite difícil em sua cama solitária. Contudo, enquanto estava deitada, lembrando-se do que desejava esquecer e preocupando-se com o futuro, uma coisa ficara clara: precisava levar Livvy de volta ao trabalho. Angie não tinha ideia de como administrar o restaurante sozinha, nem gostaria de ter essa responsabilidade por muito tempo.

Desculpe, Liv.

Essas teriam que ser as palavras iniciais. Depois disso, engoliria um pouco o próprio orgulho e bajularia a irmã com elogios. Qualquer coisa que funcionasse. Livvy *tinha* que voltar ao restaurante. Angie não queria trabalhar lá pelo resto da vida; só por um ou dois meses, até conseguir dormir de novo na própria cama sozinha.

Bateu à porta.

E esperou.

Bateu mais uma vez.

Por fim Livvy apareceu. Usava um moletom justo aveludado cor-de-rosa com *J. Lo* escrito no peito.

– Imaginei que você fosse aparecer. Entre.

Afastou-se e deu meia-volta. Não havia mesmo espaço para as duas no pequeno vestíbulo. Livvy subiu os degraus acarpetados até a sala de estar, onde uma passadeira de plástico mostrava o caminho mais utilizado.

Dois sofás de veludo azul-claro ficavam um diante do outro, separados por uma mesa de centro de madeira envernizada. Havia ainda poltronas de madeira com douração, estofadas com um tecido florido azul e rosa. O carpete com relevos era alaranjado.

– Ainda não trocamos o carpete – disse Livvy. – Mas a mobília é incrível. Você não acha?

Angie notou uma poltrona de couro marrom-acinzentado ainda embalada.

– Muito bonita. Foi você mesma que fez a decoração?

O peito de Livvy pareceu inflar.

– Sim. Íamos contratar uma decoradora, mas Sal disse que eu faria isso tão bem quanto qualquer funcionária dessas lojas.

– Não tenho a menor dúvida.

– Andei até pensando em arranjar um emprego nessa área. Sente-se. Aceita um café?

– Claro.

Angie sentou num sofá.

Livvy foi até a cozinha e voltou minutos depois com duas xícaras de café. Entregou uma a Angie e sentou de frente para a irmã.

Angie olhou para o café. Não fazia sentido enrolar.

– Você sabe por que estou aqui.

– É claro.

– Desculpe, Livvy. Não tive intenção de ofendê-la, nem de criticar ou magoar você.

– Eu sei. Você sempre fez isso sem querer.

– Eu sou diferente de você e de Mira, como já foi dito várias vezes. Às vezes eu fico... focada demais.

– É assim que explicam isso na cidade grande? Aqui chamamos de megera. Ou obsessivo-compulsiva. – Livvy sorriu. – Também assistimos à Oprah.

– Pare com isso, Liv. Você está me torturando. Aceite minhas desculpas e diga que vai voltar ao trabalho. Eu preciso de você lá. Acho que podemos mesmo ajudar a mamãe.

Livvy respirou fundo.

– Aí é que está a questão. Eu *ajudei* Mama. Passei cinco anos trabalhando naquele maldito restaurante e ouvindo a opinião dela sobre tudo, desde meu corte de cabelo até meus sapatos. Não admira que eu tenha demorado tanto tempo para encontrar um sujeito decente. – Ela se curvou, aproximando-se de Angie. – Agora eu sou a *esposa* de alguém. Tenho um marido que me ama. Não quero estragar tudo. Chegou a hora de o fato de ser uma DeSaria não ser prioridade, colocando todo o resto em segundo plano. Sal merece isso.

Angie queria ficar zangada com Livvy, forçar a irmã a se submeter à sua vontade, mas lhe ocorreu uma ideia fugaz e dolorosa a respeito do próprio casamento: talvez, em algum momento, ela devesse ter dado mais importância à relação dela com o marido do que a ter filhos. Soltou um suspiro. Agora era tarde demais.

– Você quer um novo começo – disse em voz baixa.

Sentiu uma inesperada ligação com a irmã. Tinham algo em comum.

– Exato.

– Pois está fazendo a coisa certa. Eu deveria ter...

– Não entre nessa, Angie. Eu sei que você surta quando o assunto são meus ex-maridos, mas aprendi algo com eles: a vida continua. A gente pensa que ela vai ficar em suspenso, que vai esperar até que a gente pare de chorar, mas a vida continua. Não perca seu tempo olhando para trás. Senão vai acabar deixando de notar o que está à frente.

– Bem, acho que é isso que tenho à minha frente no momento. Muito obrigada – falou Angie e tentou abrir um sorriso. – Você poderia ao menos me ajudar um pouco? Talvez me dar alguns conselhos?

– Você está pedindo conselhos a *mim*?

– Só desta vez, e provavelmente não vou seguir – respondeu, já remexendo na bolsa em busca da prancheta.

Livvy deu uma risada.

– Leia sua lista para mim.

– Como você sabia...

– Você faz listas desde o terceiro ano. Lembra que elas sempre sumiam?

– Lembro.

– Porque eu jogava na privada e dava descarga. Suas listas me deixavam louca. Todas aquelas coisas que você queria realizar. – Livvy abriu um sorriso. – Eu deveria ter feito minhas próprias listas.

Isso era o mais próximo de um elogio que Angie já ouvira da irmã. Entregou a prancheta para Livvy. A lista de mudanças que fizera ocupava três páginas.

Livvy começou a fabricar os papéis. Os lábios da irmã se mexiam enquanto lia. Devagar, começou a ensaiar um sorriso. Quando terminou, quase ria abertamente.

– Você quer fazer isso tudo?

– Qual é o problema?

– Você conhece a nossa mãe? Aquela mulher que usa os mesmos enfeites na árvore de Natal há mais de três décadas? E por quê? Porque ela gosta da árvore do jeito que é.

Angie estremeceu. Era verdade. Mama era uma mulher generosa, afetiva e altruísta... desde que as coisas fossem feitas do jeito que ela queria. Aquelas mudanças não seriam bem recebidas.

– No entanto – continuou Livvy –, suas ideias podem salvar o DeSaria's... se isso for possível. Mas eu não queria estar no seu lugar.

– O que você faria primeiro?

Livvy releu a lista.

– Não está aqui.

– O que é?

– Em primeiro lugar, contratar uma nova garçonete. Rosa Contadori trabalha

no DeSaria's desde antes de você nascer. Eu poderia aprender a jogar golfe no tempo que ela demora para anotar um pedido. Tenho compensado essas demoras, mas... – Deu de ombros. – Não consigo imaginar você como garçoneiro – falou por fim.

Angie não teve como discordar.

– Alguma sugestão?

Livvy sorriu.

– Que ela seja italiana.

– Muito engraçado. – Angie pegou a caneta. – Algo mais?

– Muita coisa. Mas vamos começar pelo básico...



Angie parou na calçada olhando para o restaurante que tinha sido uma parte tão importante de sua juventude. Mama e Papa estavam lá todas as noites: ele na porta, recebendo os clientes; ela na cozinha, preparando os pratos. O jantar da família acontecia às 16h30, antes que a clientela aparecesse. Todos ocupavam uma grande mesa redonda na cozinha, de forma que ninguém os visse caso chegasse cedo. Depois do jantar, Mira e Livvy iam arrumar as mesas e servir os clientes.

Mas não Angie. “Esta aqui é um gênio”, sempre dizia Papa. “Ela vai fazer faculdade, por isso precisa estudar.”

Aquilo nunca foi questionado. Quando Papa falava, estava resolvido. Angie ia fazer faculdade. E pronto. Noite após noite, ela estudava na cozinha. Não admirava que tivesse conseguido uma bolsa de estudos.

Agora lá estava ela, de volta ao começo de sua vida, preparando-se para salvar um negócio sobre o qual nada sabia – e sem Livvy para ajudá-la.

Angie consultou suas anotações. Ela e Livvy tinham enchido mais quatro páginas. Uma ideia atrás da outra.

Cabia a Angie implementar as mudanças.

Subiu a escada e entrou. O lugar já estava funcionando, claro. Mama chegava às 15h30 – nem um minuto antes, nem um minuto depois – toda sexta-feira fazia mais de trinta anos.

Angie ouviu os ruídos que vinham da cozinha. Entrou e encontrou a mãe

irritada.

– Mira está atrasada. E Rosa disse que não vem porque está doente. Mas eu sei que ela foi ao bingo.

– Rosa está doente? – Angie ouviu o pânico na própria voz. – Mas ela é nossa única garçonete.

– Hoje *você* é a garçonete – disse Mama. – Não é tão difícil, Angela. É só servir o que as pessoas pedem.

Então a mãe voltou para as almôndegas.

Angie saiu da cozinha. Foi de mesa em mesa nos dois salões, verificando cada detalhe, certificando-se de que os saleiros e pimenteiros estivessem cheios, de que os talheres estivessem limpos e no lugar certo.

Dez minutos depois, Mira entrou correndo.

– Desculpe o atraso – falou para Angie, dirigindo-se para a cozinha. – Daniella caiu da bicicleta.

Angie aquiesceu e voltou ao cardápio, atenta como se ele fosse matéria de sua próxima prova.

Às 17h45 chegaram os primeiros clientes. O Dr. Feinstein e a esposa, que administravam a clínica da cidade. Vinte minutos depois, chegou a família Giuliani. Angie recebeu todos como o pai teria feito, depois os acompanhou até a mesa. Durante os primeiros minutos de fato se sentiu bem, como se afinal fizesse parte do legado da família. A mãe sorria para ela, fazendo gestos encorajadores.

Lá pelas 18h15, Angie estava encrencada.

Como sete pessoas podiam dar tanto trabalho?

Mais água, por favor.

Eu pedi o parmesão.

Onde está o nosso pão?

Azeite também.

– Você pode ser uma ótima redatora, Angela – observou Mama a certa altura –, mas eu não lhe daria uma boa gorjeta. Você é lenta demais.

Angie não podia discordar. Foi até a mesa dos Feinsteins e serviu a travessa de canelone.

– Já trago seus camarões, Sra. Feinstein – falou e saiu em disparada para a cozinha.

– Espero que o Dr. Feinstein não tenha terminado quando a mulher dele for servida – disse Mama, estalando a língua em desaprovação. – Mira, faça essas almôndegas maiores.

Angie saiu da cozinha e correu para a mesa dos Feinsteins.

Enquanto servia os camarões, ouviu a porta de entrada se abrir. O sininho tocou.

Mais clientes. *Ah, não.*

Virou-se devagar e viu Livvy. A irmã olhou na direção dela e caiu na gargalhada.

Angie se aprumou.

– Você veio para rir de mim?

– A princesa trabalhando no DeSaria's? Claro que vim rir de você. – Livvy pôs a mão no ombro da irmã. – E para ajudar também.



No final da noite Angie estava com uma dor de cabeça latejante.

– Tudo bem. Agora é oficial: sou a pior garçonete da história.

Olhou para as próprias roupas. Derramara vinho no avental e arrastara a manga no creme inglês. A mancha clara na calça com certeza era de lasanha. Sentou-se ao lado de Mira em uma mesa de canto no fundo do salão.

– Não acredito que vim de caxemira e salto alto. Não admira que Livvy dê risada cada vez que olha para mim.

– Você vai melhorar – garantiu Mira. – Pegue. Dobre estes guardanapos.

– Bom, pior do que isso não posso ficar.

Angie não conseguiu parar de rir, embora não fosse engraçado. Na verdade, não esperava que fosse tão difícil. Durante toda a vida, as coisas lhe aconteceram com facilidade. Simplesmente era boa em tudo o que tentava. Talvez não excelente, mas melhor do que a média. Tinha se formado na Universidade da Califórnia em Los Angeles – em quatro anos e com notas respeitáveis – e logo fora contratada pela melhor agência de publicidade de Seattle.

Francamente, esse negócio de não saber servir mesas era um choque.

– É humilhante.

Mira ergueu o olhar dos guardanapos.

– Não se preocupe. Rosa quase não fica doente. Em geral ela consegue lidar com a tal multidão. E você vai melhorar.

– Eu sei, mas...

Angie olhou para as próprias mãos. Duas queimaduras vermelhas brilhavam na pele. Por sorte, derramara o molho quente em si mesma, não na Sra. Giuliani.

– Não sei se consigo fazer isso.

Mira dobrou o grosso guardanapo branco em forma de cisne e o empurrou para o outro lado da mesa.

Angie pensou na noite em que o pai lhe ensinara a transformar um quadrado de tecido em um pássaro. Quando ergueu o olhar e viu o sorriso da irmã, compreendeu que o lembrete fora intencional.

– Demorou semanas para Livvy e eu aprendermos a fazer isso. Sentávamos no chão com Papa, tentando copiar todos os movimentos dele, para que ele sorrisse para nós e dissesse: “Bom trabalho, minhas princesas.” Achávamos que estávamos indo tão bem... até você chegar e aprender a fazer essa dobra em três tentativas. Aí ele falou: “Essa sabe fazer qualquer coisa.” Depois lhe deu um beijo na bochecha.

Essa lembrança deveria tê-la feito sorrir, mas dessa vez ela percebeu algo mais.

– Deve ter sido difícil para você e Livvy.

Mira descartou a preocupação dela com um gesto.

– Não era aí que eu queria chegar. Este lugar... o DeSaria’s... está no seu sangue, assim como no nosso. Não ter feito parte disso por todos esses anos não altera quem você é. Você é uma de nós e pode fazer o que for preciso. Papa acreditava em você, e eu também.

– Estou com medo.

Mira abriu um sorriso delicado.

– Isso não é do seu feitio.

Angie virou a cabeça e viu a rua deserta pela janela. Folhas caíam no chão, espalhando-se pelo cimento áspero da calçada.

– É do meu feitio atual.

Odiava admitir aquilo.

Mira se debruçou sobre a mesa.

– Posso ser franca?

– De jeito nenhum.

Angie tentou rir, mas, quando olhou para a expressão sincera da irmã, não conseguiu.

– Você ficou... muito autocentrada nesses últimos anos. Não digo egoísta. Querendo ter um filho e perdendo Sophia... Isso deixou você... em silêncio. Sozinha, de certa forma.

Sozinha, de certa forma.

Era verdade.

– Era como se eu estivesse pendurada num fio com um grande poço embaixo de mim.

– Depois você caiu, afinal.

Angie pensou naquilo. Tinha perdido a filha, o pai e o marido no mesmo ano. Com certeza era a queda que temera.

– Às vezes acho que continuo caindo. As noites são especialmente desagradáveis.

– Talvez seja hora de olhar para outras pessoas.

– Tem o restaurante. Estou tentando.

– E durante as horas em que estamos fechados?

Angie engoliu em seco.

– É difícil – admitiu. – Eu tento estudar e fazer anotações.

– Focar só no trabalho pode não ser suficiente.

Angie gostaria de contradizer essa afirmação, mas já tinha aprendido a verdade fazia muito tempo, quando adorava o próprio emprego e ansiava por ter um filho.

– É, tem razão.

– Talvez seja o momento de ajudar pessoas necessitadas.

A primeira imagem que surgiu na cabeça de Angie foi a da adolescente que vira no estacionamento do supermercado. Angie se sentira muito bem ao ajudar a garota. Conseguira dormir direto até a manhã seguinte.

Talvez essa fosse a resposta. Ajudar outra pessoa.

Sentiu que começava a sorrir.

– Minhas segundas-feiras estão livres.

Mira retribuiu o sorriso.

– E a maioria das suas manhãs.



Pela primeira vez na vida, Lauren acordou sentindo-se totalmente segura. Os braços de David continuavam envolvendo-a mesmo enquanto ele dormia.

Deleitou-se com aquela sensação. Sorria e imaginava uma vida de casada que seria sempre daquele jeito.

Ficou deitada por um longo tempo, observando David dormir. Por fim, desvencilhou-se dele e rolou para fora da cama. Iria preparar o café e servi-lo ali.

Parou em frente à cômoda e abriu a gaveta de cima. Encontrou uma blusa comprida, vestiu-a e seguiu para o andar de baixo.

A cozinha era demais – toda de granito e aço inoxidável e superfícies espelhadas. As panelas e frigideiras brilhavam como prata. Lauren procurou nos armários e na geladeira e localizou tudo de que precisava para fazer panquecas e ovos mexidos com bacon. Quando o desjejum ficou pronto, organizou tudo numa linda bandeja de madeira e a levou escada acima.

Encontrou David sentado na cama, bocejando.

– Ah, você está aí – falou com um sorriso assim que ela entrou. – Eu estava preocupado...

– Como se eu algum dia fosse deixar você...

Subiu na cama ao lado dele e ajustou a bandeja entre os dois.

– Isso está parecendo ótimo – disse David e lhe deu um beijo no rosto.

Enquanto degustavam o café da manhã, conversaram sobre coisas banais: as avaliações das faculdades, o futebol, as fofocas da escola. David falou sobre o Porsche que vinha restaurando junto com o pai. Era a única coisa que os dois faziam juntos, por isso David estava obcecado com o carro. Adorava as horas que os dois passavam na garagem. Na verdade, falava nisso com tanta frequência que Lauren já mal prestava atenção. Disparou a falar algo sobre marchas e velocidade de arranque e ela foi perdendo o interesse.

Lauren olhou pela janela. A luz do sol que batia no vidro de repente a fez pensar na Califórnia e no futuro dos dois. Já perdera a conta de quantas vezes tinha organizado os folhetos de faculdades baseando-se em possibilidades de bolsas de estudo. Pelos seus cálculos, tinha chances de bolsa integral nas particulares. Sua favorita era a Universidade do Sul da Califórnia. Combinava atletismo de nível internacional com estrutura acadêmica de primeira linha.

Infelizmente, ficava a quase oito horas de viagem de Stanford.

De alguma forma ela *precisava* convencer David a considerar a Universidade do Sul da Califórnia. A segunda alternativa era a Santa Clara. Mas, para ser franca, não aguentaria outra instituição católica.

–... totalmente ajustado. O couro está perfeito. Lauren? Está me ouvindo?

Lauren se virou para ele.

– Claro. Você estava falando sobre as marchas.

David deu uma risada.

– É, umas duas horas atrás. Eu sabia que você não estava ouvindo.

Lauren sentiu as bochechas queimarem.

– Desculpe. Eu estava pensando na faculdade.

David pegou a bandeja e a deixou na enorme mesa de cabeceira à esquerda.

– Você está sempre preocupada com o futuro.

– E você nunca se preocupa.

– Não adianta.

Antes que ela respondesse, David se aproximou e a beijou. Todos os pensamentos sobre faculdade e o futuro incerto dos dois desapareceram. Lauren se entregou aos beijos e abraços dele.

Horas mais tarde, quando afinal afastaram as cobertas e saíram da cama, Lauren quase tinha esquecido todas as preocupações.

– Vamos patinar no gelo em Longview – propôs David, remexendo as gavetas em busca da camisa que queria vestir.

Em geral ela adoraria patinar no gelo com David. Olhou para sua pilha de roupas. O estado de seu casaco a fez estremecer, e sabia que as meias estavam furadas.

– Hoje não dá. Preciso procurar emprego.

– Num sábado?

Lauren olhou para ele. Naquele momento, pareceu que havia muito mais coisas a afastá-los além daqueles poucos metros de assoalho.

– Sei que é chato, mas o que posso fazer?

David se aproximou.

– Quanto é?

– Quanto é o quê?

– O aluguel. Quanto ela deve?

Lauren sentiu o rosto corar.

– Eu nunca falei...

– Você nunca fala, mas eu não sou bobo. Quanto vocês devem?

Lauren desejou que o chão se abrisse e a tragasse.

– Duzentos. Mas segunda-feira vence mais um.

– Duzentos. Foi quanto paguei pelo meu volante e a manopla do câmbio.

Lauren não soube o que dizer. Para ele, aquela quantia era uma ninharia que poderia tirar da carteira a qualquer momento. Desviou o olhar e se abaixou para pegar as roupas.

– Deixe eu...

– Não – respondeu Lauren, sem se atrever a olhar para ele.

Lágrimas ardiam em seus olhos. A vergonha que sentia era avassaladora. Não deveria se sentir assim, ela sabia. David a amava, dizia isso o tempo todo. Ainda assim...

– Por que não?

Lauren se levantou devagar. Finalmente olhou para ele.

– A vida inteira eu vi minha mãe aceitar dinheiro de outros homens. Começa como se não fosse nada. Dinheiro para a cerveja ou o cigarro. Depois, 50 paus para um vestido novo ou 100 para pagar a conta de luz... Esse dinheiro muda as coisas.

– Eu não sou como esses caras, você sabe disso.

– Eu *preciso* que a gente seja diferente. Você não entende?

David tocou no rosto dela de forma tão carinhosa que Lauren teve vontade de chorar.

– Estou vendo que você não vai deixar que eu ajude.

Como poderia explicar que aquela ajuda seria um rio que os engoliria?

– Basta me amar – murmurou ela, com um abraço apertado.

David a levantou do chão, beijando-a até que ela se sentiu zonzinha e voltou a sorrir.

– Nós vamos patinar, está decidido.

Lauren queria ir, queria se perder no frio, ficar girando sem nada que a mantivesse no chão a não ser o calor da mão de David.

– Tudo bem. Mas não estou com roupa suficiente. Preciso passar em casa.

Não conseguiu deixar de sorrir. Era bom ceder, tirar um dia de folga de seus

problemas.

David a pegou pela mão e conduziu-a pelo corredor até o quarto dos pais.

– David, o que está fazendo?

Ela o seguiu de testa franzida.

Ele abriu a porta e seguiu para o closet, onde abriu uma segunda porta. A luz se acendeu automaticamente.

O closet era maior que a sala de estar de Lauren.

– Os casacos dela ficam lá atrás. Escolha um.

Lauren caminhou de forma rígida até ficar em frente aos casacos da Sra. Haynes. Havia pelo menos uma dúzia. Couro. Caxemira. Lã. Camurça. Nenhum mostrava sinais de ter sido usado.

– Pegue um e vamos embora.

Lauren não conseguia se mover. O coração batia depressa; ficou um pouco sem fôlego. De repente se sentiu vulnerável, desnudada em sua carência. Recuou e se virou para David. Se ele notou quanto os olhos dela brilhavam ou a fragilidade do sorriso, não demonstrou.

– Acabei de lembrar que vim com meu casaco. Então está tudo bem.

– Tem certeza?

– Claro que sim. Só me empreste um suéter seu e vamos embora.

SETE



Angie seguiu pela estrada litorânea até o limite da cidade. À sua esquerda, o oceano Pacífico parecia se preparar para uma tempestade de outono. A espuma branca quebrava na areia acinzentada e fazia as árvores se curvarem. O céu era de um cinza-chumbo agourento, o vento assobiava por entre os galhos ao longo da praia e fustigava seu carro. A chuva estava tão pesada que ela ligou os limpadores de para-brisa no máximo e nem assim eles davam conta.

Na Azalea Lane, virou à esquerda e entrou numa rua estreita que já fora pavimentada. Agora parecia haver mais buracos que asfalto e o carro sacolejava bastante.

O Projeto Ajudando o Vizinho funcionava no final daquela rua de terra. Era uma casa vitoriana azul-clara que se destacava entre os trailers que compunham o restante do bairro. Enquanto a maioria das cercas mostrava um aviso de *Cuidado com o cão*, aquela dizia simplesmente *Bem-vindo*.

Angie parou no estacionamento de cascalho, surpresa ao ver muitos carros e picapes ali. Ainda não eram dez da manhã de domingo, mas o lugar estava lotado.

Parou ao lado de uma picape vermelha surrada com portas azuis e um suporte para armas na janela. Reunindo suas doações – enlatados, itens de higiene e diversos vales para usar no mercado local –, seguiu o caminho de cascalho até a porta de entrada de cores vivas. Um gnomo de cerâmica olhava para ela de um canto da varanda.

Sorrindo, Angie abriu a porta e entrou num pandemônio.

O térreo inteiro da casa estava lotado de gente conversando e andando de um

lado para outro. Várias crianças se amontoavam perto da janela, brincando com Lego. Mulheres de expressões cansadas e sorrisos imperfeitos se postavam perto da parede para preencher formulários em pranchetas. No canto mais distante, dois homens descarregavam caixas de alimentos no chão.

– Posso ajudar em alguma coisa?

Demorou um instante para Angie notar que falavam com ela. Quando percebeu, sorriu para a mulher que havia falado.

– Desculpe. Está tão cheio aqui...

– É uma confusão. Vai ficar assim durante todo o feriado. Ao menos é o que esperamos. – Ela franziu o cenho para Angie, batendo com uma caneta no queixo. – Seu rosto não me é estranho.

– É porque sou daqui.

Angie contornou os brinquedos espalhados no chão e se sentou em frente à mesa da mulher.

– Eu sou Angie Malone. Mas já fui DeSaria.

A mulher bateu com a mão na mesa, estremecendo o aquário.

– É claro. Eu me formei junto com Mira. Dana Herter.

Estendeu a mão. Angie a apertou.

– Como podemos ajudá-la?

– Estou passando um tempo na casa da minha família...

O rosto rosado de Dana se contraiu em rugas profundas.

– Nós soubemos do seu divórcio.

Angie lutou para manter o sorriso.

– Ah, é claro.

– Cidade pequena.

– Muito. Enfim, estou trabalhando no restaurante por um tempo e achei que... bem, enquanto estiver aqui, talvez seja bom fazer algum trabalho voluntário – falou Angie, e deu de ombros.

Dana aquiesceu.

– Eu comecei aqui quando Doug me deixou. Doug Rhymer, lembra dele? Capitão da equipe de luta-livre. Agora ele mora com Kelly Santos. Aquela vaca. – A mulher abriu um sorriso hesitante e forçado. – Este lugar me ajudou.

Angie se recostou na cadeira. Sentia-se estranhamente fraca. *Eu faço parte deste grupo. Das divorciadas.* As pessoas faziam suposições a respeito dela por

causa do casamento desfeito. Como não tinha percebido antes?

– O que eu posso fazer para ajudar?

– Um monte de coisas. Veja. – Dana abriu uma gaveta da mesa e tirou um folheto impresso em duas cores. – Isso dá uma ideia dos nossos serviços. Leia e escolha o que mais combina com você.

Angie abriu o folheto. Tinha começado a ler quando Dana falou:

– Você poderia entregar as doações ao Ted... aquele ali. Ele vai sair daqui a pouco.

– Ah. Claro.

Levou as caixas com doações até dois homens, que as receberam com um sorriso e voltaram ao trabalho. Depois retornou ao salão e sentou numa das cadeiras de plástico na sala de espera improvisada.

Percorreu as páginas do folheto lendo sobre os serviços disponíveis. Aconselhamento familiar. Centro de pais e filhos. Um programa de apoio a vítimas de violência doméstica. Um banco de alimentos. Havia uma lista de eventos para arrecadar fundos – torneios de golfe, leilões, corridas de bicicleta, maratonas de dança. *Todos os dias os generosos cidadãos da nossa comunidade chegam a nós com doações de alimentos, dinheiro, roupas ou tempo. E assim ajudamos a nós mesmos e uns aos outros.*

Angie sentiu uma espécie de arrepio. Percebeu que era esperança. Tirou os olhos do folheto, sorrindo, desejando que houvesse alguém com quem pudesse comentar aquela sensação.

Seu pensamento seguinte foi: *Conlan*. E o sorriso perdeu o brilho. De repente entendeu que haveria muitos momentos como esse nos meses seguintes. Momentos em que – por uma fração de segundo, tempo suficiente para doer – ela esqueceria que agora estava sozinha. Obrigou-se a voltar a sorrir, mas sentiu que o fazia a contragosto.

Foi então que viu a garota entrar. Parecia um cachorrinho ensopado, pingando água do nariz, dos cabelos, até da barra da saia. O cabelo era comprido e ruivo, embora fosse impossível definir a tonalidade exata. A pele era clara como a de Nicole Kidman e os olhos eram de um castanho-escuro impenetrável e tão grandes que a deixavam com uma aparência ainda mais jovem. Sardas pontilhavam as bochechas e o nariz.

Era a garota do estacionamento, a que estava colocando panfletos de *Precisa-*

se de emprego nos para-brisas.

A garota parou à porta. Ajeitou o casaco, mas ele estava tão surrado que o gesto foi inútil. O casaco era pequeno demais, puído nas mangas. Ela seguiu para o balcão da recepção.

Dana ergueu os olhos, sorriu e disse alguma coisa.

Angie não conseguiu se conter. Levantou-se e se posicionou de forma a poder ouvir.

– Ouvi falar sobre a campanha do agasalho – comentou a garota, cruzando os braços e tremendo só um pouquinho.

– Só começamos a coleta na semana passada. Você pode me dar o seu nome e tamanho. Nós ligaremos assim que surgir um que sirva em você.

– É para a minha mãe – explicou a garota. – É tamanho pequeno.

Dana ficou tamborilando a caneta no queixo, observando a garota.

– E que tal um para você? O seu parece...

A garota deu uma risada estridente e nervosa.

– Eu não preciso.

Debruçando sobre a mesa, a jovem escreveu alguma coisa num papel e o empurrou na direção de Dana.

– Meu nome é Lauren Ribido. Este é o meu telefone. Pode ligar quando chegar algum casaco, por favor. Obrigada.

Saiu na direção da porta.

Angie ficou ali parada, imóvel, olhando para a porta fechada. O coração batia depressa demais.

Vá atrás dela.

A ideia surgiu de repente e a surpreendeu pela intensidade.

Era uma ideia maluca. Por quê?

Não sabia, não tinha resposta. Só sabia que se sentia... ligada àquela pobre adolescente que precisava de um casaco, mas pedira um para a mãe. Angie deu um passo à frente, depois outro. Antes que percebesse, já estava do lado de fora.

A chuva martelava o gramado, formando poças marrons nas pequenas depressões do terreno. A sebe vermelha como fogo que rodeava o estacionamento cintilava de umidade e balançava ao vento.

A garota corria pela rua.

Angie entrou no carro, ligou os faróis e o limpador de para-brisa e deu

marcha a ré no estacionamento. Enquanto dirigia pela rua esburacada, com os faróis iluminando a silhueta da garota, perguntava a si mesma que diabo estava fazendo.

Perseguindo uma pessoa, respondeu seu lado pragmático.

Ajudando, retrucou o lado sonhador.

Chegou até uma esquina e diminuiu a velocidade. Parou. Estava prestes a baixar o vidro para oferecer uma carona (o que nenhuma garota inteligente aceitaria) quando um ônibus encostou no ponto. Os freios chiaram e as portas se abriram. A adolescente subiu a escadinha e desapareceu.

O ônibus se afastou.

Angie o seguiu no caminho para o centro. No cruzamento da rodovia com a Driftwood Way, teve que fazer uma escolha: virar na direção da sua casa ou continuar atrás do ônibus.

Por alguma razão que não conseguiu definir, escolheu a segunda opção. Quando chegaram à região mais sombria de West End, a garota saltou. Foi caminhando por um bairro que causaria medo na maioria das pessoas e entrou num prédio muito erroneamente batizado de “Apartamentos de Luxo”. Instantes depois, uma luz se acendeu numa janela do quarto andar.

Angie estacionou no meio-fio e observou o edifício. Toda aquela madeira, decadência, sombra e falta de cor a fez pensar nos livros escritos por Roald Dahl.

Não admirava que a garota precisasse de um emprego.

“Você não pode salvar todo mundo”, costumava dizer Conlan sempre que Angie chorava pelas injustiças que via. “Eu não posso salvar ninguém”, era sua resposta.

Nesses momentos, costumava pedir que ele a abraçasse. Agora...

A decisão era dela. Com certeza não poderia salvar a garota; não lhe cabia fazer isso.

Mas talvez pudesse encontrar uma forma de *ajudar*.



No fim, tudo se resumia ao destino. Foi o que Angie pensou na segunda-feira de manhã, diante da vitrine de uma loja de roupas.

Lá estava, bem à sua frente.

Um casaco verde-escuro pesado que ia até os joelhos, com uma pele falsa na gola, na abertura frontal e nos punhos. Era a última moda entre as jovens naquele ano. Aliás, Angie tivera um casaco muito parecido no quarto ano.

Ficaria lindo numa menina de pele clara, cabelos ruivos e tristes olhos castanhos.

Passou um milésimo de segundo ou dois tentando se convencer do contrário. Afinal de contas, ela não conhecia a garota e aquilo não era da sua conta.

Mas os argumentos foram fracos demais.

Às vezes uma coisa parecia certa e verdadeira, e desta vez Angie se sentia contente em ter alguém em quem pensar além dela própria.

Abriu a porta da loja. Um sininho tocou quando ela entrou. O som a fez viajar no tempo e, por um momento, voltou a ser a líder de torcida magricela e de cabelos tingidos de preto que ia com as irmãs à única loja de roupas da cidade.

Atualmente, claro, havia várias opções, até uma loja de departamentos na rodovia, mas na sua época só ali era possível comprar jeans bonitos e polainas.

– Não pode ser Angie DeSaria!

A voz conhecida tirou Angie de seus devaneios. Ouviu o som de passos abafados, solas de borracha sobre linóleo, e começou a sorrir.

A Sra. Costanza vinha contornando as araras da loja e acenando com uma finesse que faria inveja a um pugilista. Angie avistou os volumosos cabelos tingidos de preto, depois as sobrancelhas escuras bem desenhadas, até ver, por fim, o sorriso nos lábios cor de cereja.

– Olá, Sra. Costanza – disse Angie para a mulher que lhe vendera o primeiro sutiã e todos os pares de sapatos que usara ao longo de dezessete anos.

– Nem acredito que seja você. – A mulher bateu palmas com os dedos bem esticados para não quebrar as longas unhas decoradas com corações. – Ouvi dizer que estava em West End, é claro, mas imaginei que comprasse suas roupas na cidade grande. Deixe eu dar uma olhada em você.

Pegou Angie pelo ombro e a fez dar uma volta.

– Jeans Roberto Cavalli. Um bom menino italiano. Muito bem. Mas seu sapato não serve para andar nesta cidade. Vai precisar de um novo. E ouvi dizer que está trabalhando no restaurante. Precisa de bons sapatos para isso também.

Angie não conseguiu deixar de sorrir.

– A senhora tem razão, como sempre.

A Sra. Costanza tocou na bochecha dela.

– Sua mãe está tão feliz de você estar em casa... Foi um ano difícil.

O sorriso de Angie esmaeceu.

– Para todos nós.

– Seu pai era um bom homem. O máximo.

Por um momento as duas ficaram se encarando em silêncio, ambas pensando no pai de Angie. Afinal, falou:

– Antes que me venda um par de sapatos confortável, estou interessada no casaco da vitrine.

– Esse casaco é para juvenzinhas, Angie. Sei que na cidade grande...

– Não é para mim. É para... uma amiga.

– Ah. – Ela aquiesceu. – É o que toda garota quer usar este ano. Venha.

Uma hora depois, Angie saiu da loja levando dois bons casacos para o inverno, um par de luvas de lã felpuda, um par de tênis e sapatos de salto baixo para trabalhar. Sua primeira parada foi numa lojinha de embalagens, onde comprou uma caixa de presente para os casacos.

Sua intenção era deixá-los no Ajudando o Vizinho. Era mesmo.

Mas de repente se viu na rua onde a garota morava, estacionando diante do prédio dilapidado.

Pegou a caixa e se dirigiu à porta da frente. Seus saltos prendiam nas rachaduras da calçada, fazendo-a perder o equilíbrio. Imaginou que devia estar parecendo o Corcunda de Notre-Dame, andando daquele jeito. Isso se alguém estivesse olhando – e, a julgar pelas janelas escuras e vazias, não estava.

A portaria parecia aberta – na verdade, a porta estava pendurada por uma dobradiça. Angie entrou e deparou com a penumbra. As caixas de correio ficavam à esquerda, todas numeradas. O único nome listado era o da administradora: Dolores Mauk, 1A.

O apartamento ficava no fim do corredor. Angie pôs a caixa debaixo do braço, foi até a porta e bateu. Como ninguém atendeu, tentou mais uma vez.

– Já vou – respondeu alguém.

A porta se abriu. Uma mulher de meia-idade com uma expressão enérgica e olhos meigos apareceu. Usava um vestido estampado e um All Star de cano alto. Um lenço vermelho cobria a maior parte dos cabelos.

– Sra. Mauk? – perguntou Angie, de repente sentindo-se uma intrometida. Notou a desconfiança da mulher.

– Sim. O que deseja?

– Entregar este pacote. É para Lauren Ribido.

– Lauren – disse a mulher, mostrando então um sorriso descontraído. – Ela é uma boa garota.

Só que logo a mulher franziu o cenho e acrescentou:

– Você não parece uma moça de entregas.

A Sra. Mauk observou Angie da cabeça aos pés.

– É um casaco – contou Angie.

No silêncio que se seguiu, sentiu-se compelida a explicar.

– Eu estava no Projeto Ajudando o Vizinho quando ela... Lauren entrou e pediu um casaco para a mãe. Aí eu pensei: por que não dois? E aqui estou eu. Será que posso deixar a caixa com a senhora? Haveria algum problema?

– Seria a melhor coisa a fazer. Elas não estão em casa no momento.

Angie entregou a caixa. Ia se virar e ir embora, porém a mulher perguntou o nome dela.

– Angela Malone. Mas já fui DeSaria.

Sempre acrescentava essa informação na cidade. Quase todo mundo conhecia a família dela.

– Do restaurante?

Angie sorriu.

– Eu mesma.

– Minha filha adorava aquele lugar.

Adorava. Esse era o problema com o restaurante. As pessoas tinham esquecido que o local existia.

– Venha com ela algum dia. Vou garantir que sua filha receba um tratamento especial.

Angie percebeu na mesma hora que dissera algo errado.

– Obrigada – replicou a Sra. Mauk numa voz rouca. – Vou fazer isso.

Ela fechou a porta.

Angie ficou lá de pé, imaginando que erro cometera. No fim, deu um suspiro e tomou o caminho da porta do prédio.

Já no carro, ficou ali parada por um momento, observando a vizinhança pelo

para-brisa. Um ônibus escolar amarelo encostou perto da esquina. Várias crianças afluíram pela porta. Eram bem novas – provavelmente 6 ou 7 anos.

Não havia mães à espera na esquina, batendo papo e tomando café com leite comprado em cafeterias caras.

Sentiu o conhecido aperto no peito, o desabrochar de uma dor já conhecida. Engoliu com dificuldade ao observar as crianças caminharem em grupo, rindo e chutando uma lata pela calçada.

Só quando já estavam quase fora do alcance da sua visão Angie percebeu o que faltava na cena.

Agasalhos.

Nenhuma daquelas crianças usava um bom casaco, embora estivesse frio lá fora. E dali a um mês estaria mais frio ainda.

Foi então que a ideia surgiu: uma campanha do agasalho no DeSaria's. Para cada casaco novo ou em bom estado que recebessem, o restaurante ofereceria um jantar grátis.

Era perfeito.

Enfiou a chave na ignição e deu a partida no carro. Mal podia esperar para contar a Mira.



Lauren atravessou o campus às pressas. O ar gelado fustigava seu rosto. A respiração saía em pequenas nuvens que desapareciam enquanto ela andava.

David esperava por ela ao lado do mastro da bandeira. Abriu um sorriso radiante assim que a avistou. Lauren percebeu que ele já devia estar ali fazia um bom tempo; as bochechas estavam coradas.

– Nossa, está frio aqui fora! – disse David, puxando-a para um longo beijo.

Saíram andando pelas dependências, acenando e sorrindo para os amigos, conversando em voz baixa um com o outro.

Pararam na frente da sala de Lauren. David deu outro beijo nela e seguiu para sua aula. Mal tinha dado uns poucos passos quando parou e se virou.

– Ei, esqueci de perguntar: que cor de smoking eu compro para o baile?

Lauren sentiu que empalidecia. O baile. O baile seria dali a dez dias. Santo Deus. Ela havia organizado a decoração, contratado o DJ e a iluminação.

Como podia ter se esquecido da coisa mais importante: um vestido?

– Lauren?

– Hã... Preto – respondeu. – Preto é sempre mais seguro.

– Combinado – disse David com um sorriso largo.

As coisas sempre eram fáceis para David. Ele não precisava ficar imaginando como comprar uma roupa nova – sem falar dos sapatos e de um agasalho.

Lauren ficou distraída durante toda a aula de trigonometria.

Assim que a aula acabou, correu para um canto afastado da biblioteca e revirou a carteira e a mochila em busca de algum dinheiro: 6,12 dólares. Era tudo o que tinha no momento. Franziu a testa, preocupada, e permaneceu lá pelo resto do dia.

Depois das aulas, escapou da reunião sobre a decoração e correu para casa.

O ônibus a deixou na esquina da Apple Way com a Cascade Street. Chovia forte. Não era mais uma neblina prateada: era uma chuvarada que deixara o mundo frio e cinzento. As gotas batiam no asfalto numa sucessão tão rápida que a rua parecia estar em ebulição. Na melhor das hipóteses, o capuz de lona de Lauren era ineficiente. Gotas de chuva escorriam pelo seu rosto e penetravam pela gola numa torrente gelada e pegajosa. A mochila, lotada de livros, cadernos e panfletos parecia pesar uma tonelada. Como se não bastasse, tinha quebrado o salto do sapato de vinil três quarteirões antes, e agora descia mancando a ladeira que levava até seu prédio.

Quando chegou à esquina, acenou para Bubba, que retribuiu o aceno e voltou às suas tatuagens. O anúncio de néon tremeluzia acima da cabeça dele. A chuva escorria pelo anúncio menor, disposto na vitrine: *Eu já tatuei seus pais, agora é sua vez*. Lauren seguiu mancando. Passou pelo salão de beleza onde a mãe supostamente trabalhava e que já estava fechado, depois pelo minimercado da família Chu e pelo *teriyaki* para viagem dos Ramirez.

Parou em frente ao seu prédio, de repente detestando ter que entrar ali. Fechou os olhos e imaginou a casa que um dia teria. Paredes cor de creme, sofás aconchegantes, grandes janelas panorâmicas e uma varanda cheia de flores ao redor da casa.

Tentou se agarrar ao sonho conhecido, mas ele passou rápido, volátil como uma nuvem de fumaça.

Obrigou-se a mudar de atitude. Desejos e esperanças nunca puseram comida na mesa nem trouxeram a mãe para casa mais cedo. Com certeza também não conseguiriam um vestido de festa para uma garota.

Atravessou o caminho de concreto rachado e passou pela caixa de ferramentas de jardinagem que a Sra. Mauk deixara do lado de fora na semana anterior, numa frágil tentativa de encorajar o senso estético dos moradores. Logo elas começariam a enferrujar. Estragariam sem que ninguém ao menos se desse o trabalho de aparar as rosas de caules compridos ou os arbustos que invadiam os fundos do terreno.

Foi saudada pelo corredor escuro.

Subiu a escada e viu que a porta de seu apartamento estava escancarada.

– Mãe! – chamou, passando pela porta aberta.

Um cigarro queimava num cinzeiro na mesa de centro. A montanha de guimbas era enorme. Aqui e ali, mais e mais delas se espalhavam pela mesa de fórmica.

O apartamento estava vazio. A mãe devia ter saído do trabalho por volta das cinco (se é que aparecera por lá), depois correria para seu banco de bar favorito.

Lauren passou depressa pelo corredor para chegar logo ao seu quarto, rezando durante todo o trajeto. *Por favor, por favor, por favor.*

Não restava nada debaixo do travesseiro.

A mãe tinha achado o dinheiro dela.

OITO



*L*auren queria fazer alguma coisa. Queria se levantar, retocar a maquiagem e pedir emprestado o blazer de Suzi Mauk mais uma vez, mas por alguma razão continuou lá, sentada no chão, encarando a pilha de guimbas no cinzeiro da mesa de centro. Quanto de seus 20 dólares tinha literalmente virado fumaça?

Desejou poder chorar da mesma forma que antes. Com lágrimas que significavam esperança, como percebia agora. Quando os olhos secam, é porque não resta mais nada.

A porta se abriu de supetão e bateu na parede. O apartamento todo tremeu. Uma garrafa de cerveja rolou do sofá e caiu no tapete puído.

A mãe surgiu na soleira da porta usando uma minissaia plissada, botas pretas e uma camiseta azul justa. A parte superior – que Lauren desconfiou ser nova – a deixava magra demais. A outrora bela estrutura óssea do rosto era agora uma coleção de ângulos rígidos e depressões escuras. Bebida, cigarro e muitos anos difíceis haviam eliminado sua beleza, deixando-lhe apenas os estonteantes olhos verdes. Mesmo com a palidez do rosto, os olhos ainda chamavam a atenção. Um dia Lauren já considerara a mãe a mulher mais linda do mundo – e muitas pessoas concordariam. Durante anos, a mãe tinha se valido da aparência. Quando sua beleza perdeu o viço, ela perdeu a capacidade de lidar com a própria vida.

A mãe levou o cigarro aos lábios, deu uma longa tragada e exalou de forma brusca.

– Você está me encarando.

Lauren suspirou. Ia ser uma daquelas noites em que a mãe voltava para casa mais sóbria que bêbada e furiosa por isso. Lauren se levantou devagar e

começou a arrumar a bagunça da sala.

– Eu não estou encarando.

– Você deveria estar no trabalho – disse a mãe, fechando a porta com um pontapé.

– Você também.

A mãe deu uma risada e se afundou no sofá, apoiando os pés na mesa de centro.

– Fui na direção dele. Você sabe o que acontece.

– É. Sei. Você precisa passar pelo bar.

Percebeu a amargura na própria voz e desejou não ter falado daquela maneira.

– Não comece.

Lauren sentou num dos braços do sofá.

– Você pegou os 20 dólares debaixo do meu travesseiro. Aquele dinheiro era *meu*.

A mãe terminou um cigarro e acendeu outro.

– E daí?

– O baile da escola é daqui a menos de duas semanas. Eu...

Lauren fez uma pausa, detestando ter que admitir sua necessidade, mas que opção tinha?

– Eu preciso de um vestido.

A mãe a encarou. A fumaça do cigarro espiralava no ar, parecendo aumentar a distância entre as duas.

– Eu engravidei num baile da escola – falou a mãe, afinal.

Lauren lutou para não revirar os olhos.

– Eu sei.

– Foda-se o baile.

Lauren mal acreditou em quanto aquilo a deixou magoada. Tantos anos passando por situações assim... Quando deixaria de ter esperanças de que a mãe pudesse mudar?

– Obrigada, mãe. Como sempre, você ajudou muito.

– Você vai entender. Quando for mais velha.

Recostou-se no sofá e exalou um pouco de fumaça. Sua boca estremeceu, e por um brevíssimo momento ela pareceu triste.

– Nada disso importa. O que você quer. O que você sonha. A gente vive com o que sobra.

Se acreditasse naquilo, Lauren não conseguiria sair da cama de manhã. Ou do balcão de um bar. Abaixou-se e afastou uma mecha de cabelo louro dos olhos da mãe.

– Comigo vai ser diferente, mãe.

A mãe dela quase sorriu.

– Espero que sim – murmurou, tão baixo que Lauren teve que se inclinar para ouvir.

– Vou dar um jeito de pagar o aluguel e de comprar um vestido – disse Lauren, reencontrando a própria força.

Tinha perdido a coragem por alguns momentos. Sentira-se fria e entorpecida, mas já se recuperara. Escorregou do braço do sofá e foi até o quarto da mãe. No armário atulhado, procurou algo que pudesse transformar em um vestido de baile. Estava segurando uma camisola preta de cetim na hora que a campainha tocou.

Lauren não foi atender, mas a mãe dela gritou da sala:

– A Sra. Mauk está aqui!

Lauren praguejou baixinho. Se ao menos a mãe não tivesse atendido...

Forçou um sorriso, jogou a camisola na cama e voltou à sala de estar.

A Sra. Mauk a aguardava com um sorriso. Diante dela, no chão, uma grande caixa. Ao lado, a mãe abotoava um lindo blazer preto de uma lã muito macia, com cintura ajustada e gola xale.

Lauren franziu o cenho.

– É um casaco de senhora – resmungou a mãe, saindo da sala para ir ao banheiro.

– Sra. Mauk...? – indagou Lauren, sem entender.

– Tem um para você também.

Abaixou-se e tirou da caixa um casaco verde adornado com pele falsa. Lauren se surpreendeu.

– Para mim?

Era quase igual ao casaco de Melissa Stonebridge, a garota mais rica e popular da Fircrest. Lauren não conseguiu deixar de tocar o casaco, sentir a pele macia.

– A senhora não devia. Quero dizer... eu não posso...

Tirou logo a mão. A Sra. Mauk não podia gastar um dinheiro daqueles.

– Não fui eu – contou a Sra. Mauk, com os lábios formando um sorriso triste e compreensivo. – Foi uma mulher do Ajudando o Vizinho quem trouxe. O nome dela era Angela. Uma das irmãs DeSarias... sabe, do restaurante em Driftwood. Eu diria que não foi caro para ela.

Caridade. A mulher devia ter visto Lauren e ficara com pena.

– Este casaco é antiquado demais para mim – reclamou a mãe, do outro quarto. – Como é o seu, Lauren?

– Pegue – disse a Sra. Mauk, entregando o casaco a Lauren.

Lauren não podia fazer nada. Pegou o casaco, vestiu-o e de repente se sentiu quentinha. Até aquele momento, não percebera quanto tempo fazia que vinha sentindo frio.

– Como vou agradecer por tudo isso? – murmurou.

Os olhos da Sra. Mauk mostravam solidariedade e compreensão.

– É difícil precisar de ajuda – falou em voz baixa.

– É.

As duas ficaram se olhando por mais um tempo. Finalmente, Lauren tentou sorrir.

– Acho que vou até o restaurante ver se encontro essa mulher... para agradecer.

– É uma boa ideia.

Lauren olhou pelo corredor.

– Volto logo, mãe.

– Vê se me traz um casaco melhor.

Lauren nem se atreveu a olhar para a Sra. Mauk. As duas saíram do apartamento e desceram a escada juntas, sem se falar.

Já do lado de fora, Lauren acenou na direção da janela da Sra. Mauk. Sabia que, escondida atrás da cortina, ela observava o que acontecia na rua.

Menos de trinta minutos depois, Lauren abria a porta do restaurante DeSaria's.

A primeira coisa que notou foi o aroma. O lugar tinha um cheiro celestial. Percebeu quanto estava faminta.

– Imagino que tenha me localizado.

Lauren nem havia notado a aproximação da mulher, mas as duas estavam quase frente a frente. Ela era só uns dois dedos mais alta que Lauren, mas tinha uma presença imponente. Antes de qualquer coisa, era linda – uma beleza de estrela de cinema –, com cabelos pretos, olhos escuros e um sorriso largo. E suas roupas pareciam ter saído de um catálogo de artigos de luxo. Calça preta boca de sino, botas pretas de salto alto e um suéter amarelo-claro decotado. Lauren teve a impressão de que a conhecia.

– Você é Angela DeSaria?

– Sou. Pode me chamar de Angie, por favor.

Olhou para Lauren, notando uma meiguice quase líquida nos olhos da menina.

– E você é Lauren Ribido.

– Obrigada pelo casaco.

A voz saiu embargada pela emoção, meio rouca. De repente se lembrou de onde vira aquela mulher.

– Foi você quem me deu o dinheiro.

Angie sorriu, mas de um jeito estranho, não muito firme.

– Deve estar pensando que fiquei perseguindo você. Mas não foi isso. É que... eu sou nova na cidade e ando meio perdida. Aí vi você e quis ajudar.

– E ajudou mesmo.

Lauren sentiu de novo a emoção embargar sua voz.

– É bom saber disso. Tem algo mais que eu possa fazer?

– Estou precisando de um emprego – disse Lauren em voz baixa.

Angie pareceu surpresa com a resposta.

– Já trabalhou como garçonne?

– Dois verões no Hidden Lake Ranch.

Lauren lutava contra a vontade de se retrair. Tinha absoluta certeza de que aquela linda mulher percebia todas as deficiências que ela tentava esconder – o cabelo que precisava de um corte, os sapatos que deixavam água entrar, a mochila velha.

– Suponho que você não seja italiana.

– Não. Pelo menos até onde sei. Isso faz diferença?

– Não deveria fazer... – Angie olhou para a porta fechada. – Mas nós sempre seguimos certos padrões.

E você não se encaixa.

– Eu entendo.

– Está juntando dinheiro para a faculdade?

Lauren ia responder que sim, mas notou a expressão compreensiva nos olhos escuros de Angie e acabou dizendo:

– Preciso comprar um vestido para o baile da escola.

Corou assim que disse aquilo. Não conseguia acreditar que tinha revelado algo tão íntimo a uma estranha.

Angie observou-a por mais algum tempo, sem sorrir ou franzir o cenho.

– Vamos fazer o seguinte – falou afinal. – Sente-se aqui nesta mesa, coma alguma coisa e depois conversamos.

– Não estou com fome – mentiu Lauren, mas seu estômago roncou no momento em que disse isso.

Angie sorriu com delicadeza. Por alguma razão, Lauren se magoou com aquele sorriso.

– Jante aqui. Depois conversamos.



Angie encontrou Mira atrás da porta dos fundos segurando com as duas mãos a caneca de porcelana em que bebericava o cappuccino. O vapor se misturava a sua respiração e formava uma névoa ao redor do rosto da irmã.

– O inverno vai chegar mais cedo este ano – disse, assim que Angie se aproximou.

– Eu costumava me esconder aqui na hora de lavar os pratos – falou Angie.

Sorriu diante daquela lembrança. Quase conseguia ouvir a voz trovejante do pai se infiltrando pelas paredes de tijolo.

– Como se eu não soubesse – falou Mira, rindo.

Angie chegou um pouco mais perto, até as duas ficarem ombro a ombro, apoiadas na parede áspera que continha muito de suas vidas. Olharam para o estacionamento vazio. A rua ao fim dele era uma fita prateada em meio à noite que caía. Mais ao longe, em nergas entre casas e árvores, via-se o azul-acinzentado do mar.

– Lembra aquela lista que Livvy me ajudou a fazer?

- A lista que mamãe chamou de “a destruição do DeSaria’s”?
- Acho que vou fazer a primeira mudança.
- Qual?
- Encontrei uma nova garçonete. Uma garota que está no ensino médio.

Acho que ela poderia trabalhar algumas noites e nos fins de semana.

Mira se virou para a irmã.

- E Mama vai deixar você contratar uma *adolescente*?

Angie estremeceu.

- Vai ser um problema, não vai?

– Mamãe vai parir uma vaca, você sabe disso. Diga ao menos que a garota é italiana.

- Acho que não.

Mira abriu um sorriso.

- Isso vai ser engraçado.

- Dá um tempo. Fala sério. Não é uma boa ideia contratar uma garçonete?

– É. Rosa é lenta demais para lidar com um movimento maior. Se você vai fazer mudanças por aqui, acho que é um bom lugar para começar. Como a encontrou? Numa agência de empregos?

Angie mordeu o lábio inferior e fitou o cascalho.

- Angie?

Dessa vez Mira não sorria. Havia preocupação em sua voz.

– Eu a vi no Projeto Ajudando o Vizinho quando fui me oferecer como voluntária. A garota tinha ido pedir um casaco para a mãe. Foi por isso que tive a ideia da campanha de agasalhos.

- Então você comprou um casaco para ela.
- Você disse que eu deveria ajudar as pessoas.
- E depois ofereceu um emprego.

Angie soltou um suspiro. Ouviu a desconfiança na voz da irmã e a entendeu. Todo mundo achava que Angie era fácil de enganar. Por causa de Sarah Dekker. Na época em que tentavam adotar uma criança, Angie e Conlan tinham aberto a casa e o coração para uma adolescente problemática.

– Você tem tanto amor para dar... – disse Mira afinal. – Deve ser doloroso reprimir isso o tempo todo.

As palavras continham minúsculas farpas que penetraram a pele de Angie.

– Então é isso? *Caramba*. E eu aqui pensando que ia apenas contratar uma garota para servir as mesas nos fins de semana – falou Angie.

– Talvez eu esteja enganada. Exagerando a situação.

– E talvez eu não faça as melhores escolhas.

– Não entre nessa, Angie – replicou Mira em voz baixa. – Desculpe ter tocado no assunto. Eu me preocupo demais. É um problema de família. Mas você está certa em contratar outra garçonzete. Mama vai ter que compreender.

Angie quase deu uma risada.

– É. Ela é boa nisso.

Mira esperou um pouco antes de dizer:

– Mas vá com cuidado, hein?

Angie sabia reconhecer um bom conselho.

– Tudo bem.



Angie ficou escondida, observando a garota jantar. Comia devagar, como se saboreasse cada garfada. Havia algo quase antiquado nela, uma meiguice suave que lembrava garotas de outra geração. Os longos cabelos cor de cobre eram um emaranhado de cachos que descia pelas costas. A cor ressaltava a palidez do rosto. Tinha um nariz um pouco arrebitado, com a ponta salpicada de sardas. Mas eram os olhos – inesperadamente castanhos e refletindo muita maturidade – que chamavam e prendiam a atenção de Angie.

Vocês não gostam de mim, diziam aqueles olhos.

Você tem tanto amor para dar... Deve ser doloroso reprimir isso o tempo todo.

Angie pensou nas palavras de Mira. Nunca lhe ocorrera que podia estar de volta ao carrossel de suas velhas escolhas.

A dor de sua perda agia assim, ela sabia. Angie nunca percebia quando ou onde atacaria. Pequenas coisas podiam deixá-la abalada. Um carrinho de bebê. Uma boneca. O trecho de uma música triste. Um “Parabéns para você”. Uma adolescente desesperada.

Mas aquilo ali não tinha nada a ver com a questão. Não *podia* ter. Angie tinha quase certeza.

Lauren ergueu a cabeça, olhou ao redor e consultou o relógio. Afastou o prato vazio e cruzou os braços, esperando.

Era agora ou nunca.

Será que Mama ia deixar Angie fazer as mudanças ou não?

Era o momento de descobrir a resposta.

Angie foi até a cozinha, onde encontrou a mãe lavando os últimos pratos da noite. Quatro travessas de lasanha recém-preparada descansavam na bancada.

– O molho à bolonhesa está quase pronto – informou a mãe. – Já temos o suficiente para amanhã à noite.

– E para o resto do mês – sussurrou Angie.

Mama levantou a cabeça.

– O que quer dizer com isso?

Angie escolheu as palavras com cuidado. Palavras eram como mísseis: qualquer uma podia começar uma guerra.

– Nós tivemos sete clientes esta noite, Mama.

– Está bom para uma noite no meio da semana.

– Mas não o suficiente.

Mama fechou a torneira com força.

– Vai melhorar quando chegarem as férias.

Angie resolveu tentar outro caminho.

– Eu sou uma péssima garçonete.

– Sim. Mas vai melhorar.

– Mesmo assim, me saí melhor que a Rosa. Outra noite fiquei observando, mamãe. Nunca vi ninguém tão devagar.

– Ela trabalha aqui há muito tempo, Angela. Tenha respeito.

– Nós precisamos fazer algumas mudanças. É por isso que estou aqui, não é?

– Você não vai demitir a Rosa.

Mama jogou o pano de prato, que estalou ao bater no balcão.

– Eu nunca faria isso.

Mama relaxou um pouquinho.

– Ótimo.

– Venha comigo – chamou Angie, pegando a mãe pela mão.

As duas saíram da cozinha. Angie parou onde ficavam ocultas pela arcada.

– Está vendo aquela garota?

- Ela pediu lasanha – disse a mãe. – Parece que adorou.
- Eu queria... Vou contratá-la para o turno da noite e nos fins de semana.
- Ela é nova demais.
- Eu vou contratá-la. E ela não é nova demais. Livvy e Mira eram muito

menores quando começaram.

Mama se remexeu um pouco e franziu a testa, observando a garota.

- Ela não parece italiana.
- Não é mesmo.

Mama respirou fundo e puxou Angie mais para o canto.

- Escute uma coisa...
- A senhora quer que eu ajude no restaurante?
- Quero, mas...
- Então me deixe ajudar.
- Rosa vai se sentir menosprezada.

– Honestamente, mamãe, acho que ela vai ficar feliz. Ontem à noite ela trombou duas vezes na parede. Ela está cansada. Vai gostar de ter alguém para ajudá-la.

- Essas garotas nunca dão certo. Pergunte ao seu pai.
- Nós não podemos perguntar ao papai. Nós duas precisamos decidir.

Mama pareceu murchar com a observação sobre Papa. As rugas do rosto se aprofundaram. Mordeu o lábio inferior e voltou a olhar para o canto.

- O cabelo dela está uma bagunça.
- Está chovendo lá fora. Acho que ela andou procurando emprego. Do jeito que a senhora fez em Chicago, lembra? Quando vocês eram recém-casados.

A lembrança pareceu amolecer a mãe.

– O sapato está furado, e a blusa é pequena demais para ela – constatou Mama. – Coitadinha. Mesmo assim... – A mãe franziu a testa. – A última ruiva que trabalhou aqui roubou toda a férias de uma noite.

- Ela não vai nos roubar.

Mama desencostou da parede e rumou para a cozinha. Foi o tempo todo conversando com alguém, cochichando e gesticulando muito.

Se fechasse os olhos, Angie poderia ver o pai ali, firme, sorrindo com carinho para a atitude teatral da mulher, mesmo que discordasse dela.

Mama voltou na direção de Angie.

– Ele sempre achou que você era a inteligente. Tudo bem. Contrate essa garota, mas não deixe que ela use a máquina registradora.

Angie quase riu daquilo, de tão absurdo.

– Tudo bem.

– Tudo bem – repetiu a mãe.

Mama saiu do restaurante. Angie olhou pela janela. A mãe caminhava pela rua discutindo com um homem que não estava lá.

– Obrigada, Papa – disse, sorrindo enquanto entrava no salão agora vazio.

Lauren levantou a cabeça.

– Estava uma delícia – falou, parecendo nervosa.

Dobrou o guardanapo com todo o cuidado e o depositou na mesa.

– Minha mãe cozinha muito bem – contou Angie e sentou à frente dela. – Você é uma funcionária responsável?

– Totalmente.

– Podemos esperar que seja pontual?

Lauren aquiesceu. Seus olhos escuros eram sinceros.

– Sempre.

Angie sorriu. Havia meses não se sentia tão bem.

– Então está combinado. Você começa amanhã. Das cinco às dez da noite. Tudo bem?

– Tudo ótimo.

Estendeu o braço e apertou a mão quente de Lauren.

– Seja bem-vinda à família.

– Obrigada.

Lauren se levantou depressa.

– Agora é melhor eu voltar para casa.

Angie poderia jurar que viu lágrimas nos olhos da garota, contudo, antes que pudesse comentar a respeito, Lauren já tinha partido. Só mais tarde, enquanto fechava o caixa, Angie percebeu: Lauren tinha fugido da palavra “família”.



Quando Angie chegou em casa, o chalé estava quieto e tranquilo, e a solidão espreitava em todas as sombras.

Fechou a porta e ficou parada, ouvindo a própria respiração. Era um som a que tinha se acostumado, mas ali, na ruidosa casa de sua juventude, era doloroso. Quando não conseguiu mais aguentar, jogou a bolsa no aparador da entrada e foi até o aparelho de som na sala de estar. Colocou uma fita cassete no toca-fitas e o ligou.

A voz de Tony Bennett fluiu dos alto-falantes, enchendo a sala com música e lembranças. Aquela era a fita favorita do pai, que ele próprio gravara. Nenhuma das músicas começava pelo começo – às vezes era no meio de um verso. Sempre que ouvia uma música de que gostava, Papa pulava da cadeira e corria para o aparelho de som gritando: “Adoro essa!”

Angie queria que aquela lembrança a fizesse sorrir, mas não se sentiu leve o bastante. Na verdade, sentia-se muito longe disso.

– Hoje contratei uma garçonete nova, Papa. É uma adolescente. Dá para imaginar como foi a reação da mamãe. Ah, e ela é ruiva.

Foi até a janela e olhou para fora. O luar salpicava as ondas e cintilava no mar escuro. Começou a música seguinte: “Wind Beneath My Wings”, de Bette Midler.

A música tocada no enterro do pai.

A melodia a envolveu, ameaçou abatê-la.

– É fácil falar com ele, não é? Principalmente aqui.

Angie deu um pulo ao ouvir a voz da mãe.

Mama estava atrás do sofá, olhando para ela, tentando sorrir. Usava uma camisola de flanela surrada, que Papa lhe dera de presente anos antes. Atravessou a sala e desligou o aparelho de som.

– O que a senhora está fazendo aqui, mamãe?

Mama sentou no sofá e bateu na almofada.

– Eu sabia que você teria uma noite difícil.

Angie sentou ao lado dela, perto o bastante para se recostar na mãe.

– Como a senhora sabia?

Mama pôs um braço ao redor dela.

– Por causa da garota – disse afinal.

Angie devia ter esperado por essa resposta, claro.

– Vou precisar manter distância dela, não é?

– Você nunca foi boa nisso – afirmou a mãe.

– Não.

Mama apertou o braço da filha.

– Mas tome cuidado. Você tem o coração mole.

– Às vezes parece estar aos pedaços.

Mama emitiu um som, um pequeno suspiro.

– Em tempos como este, só o que nos resta é continuar respirando.

Angie concordou.

– Eu sei.

Depois disso, elas pegaram um baralho e ficaram jogando buraco até tarde da noite. Quando as duas adormeceram lado a lado no sofá, encolhidas sob uma colcha que a mãe fizera anos antes, Angie tinha reencontrado sua força.

NOVE



*L*auren apareceu para trabalhar quinze minutos antes do horário. Ela usava sua melhor calça jeans preta e uma blusa de algodão branca que tinha pedido que a Sra. Mauk passasse.

Bateu à porta e esperou que atendessem. Como ninguém respondeu, abriu-a devagar e olhou para dentro.

O restaurante estava às escuras. As mesas estavam vazias.

– Olá – falou, então entrou e fechou a porta.

Uma mulher surgiu de um canto andando depressa, passando as mãos no avental branco manchado que cobria suas roupas. Parou ao ver Lauren.

Ela se sentiu como um inseto preso nas mãos de uma criança. Era o modo como aquela mulher a fitava, de testa franzida e olhos semicerrados. Os óculos antigos faziam seus olhos parecerem imensos.

– Você é a garçonete nova?

Lauren anuiu, sentindo as bochechas corarem.

– Lauren Ribido – apresentou-se.

Deu um passo à frente e estendeu a mão. As duas se cumprimentaram. O aperto da mulher foi mais forte do que Lauren esperava.

– Eu sou Maria DeSaria. É o seu primeiro emprego?

– Não, eu já trabalho há anos. Quando era pequena... devia ter 10 ou 11 anos... colhia morangos e framboesas na fazenda Magruder. Trabalhei na drogaria Rite Aid desde a inauguração, no verão passado.

– Colhia frutas? Achei que esse emprego fosse para imigrantes.

– E é mesmo. Mas o pagamento era bom para uma criança.

Maria inclinou a cabeça de lado, franzindo o cenho enquanto examinava Lauren.

– Você é problemática? Fugiu de casa, usa drogas, esse tipo de coisa?

– Não. Estudo na Fircrest e tenho boas notas. Nunca tive nenhum problema.

– Fircrest. Hum. Você é católica?

– Sou – respondeu Lauren com uma expressão nervosa.

Com tantos problemas ligados a religião nos últimos tempos, podia ser complicado admitir sua fé. Esforçou-se para ficar ereta, sem se agitar.

– Bem, isso é bom, apesar do seu cabelo ruivo.

Lauren não fazia ideia de como responder àquilo, por isso continuou em silêncio.

– Já trabalhou como garçonne antes? – perguntou Maria.

– Já.

– Então, se eu disser para pôr as mesas e limpar os cardápios, você já sabe o que fazer.

– Sim, senhora.

– A prataria fica naquela gaveta – informou Maria. – Os talheres, eu digo. Que não são de prata – acrescentou depressa.

– Tudo bem.

Ficaram olhando uma para outra. Lauren voltou a se sentir como um inseto.

– Bem, pode começar – falou Maria.

Lauren correu até o móvel e abriu a gaveta de cima. Os talheres chocalharam com a violência do movimento. Lauren estremeceu, ciente de que já fizera algo errado.

Olhou preocupada para Maria, que continuava ali parada, com a testa franzida enquanto a nova funcionária remexia na gaveta.

Não ia ser fácil agradá-la, pensou Lauren. Nada fácil.



No final do expediente, Lauren percebeu duas coisas: que precisava usar tênis para trabalhar e que não conseguiria ganhar dinheiro suficiente no DeSaria's para os aluguéis atrasados e um vestido decente.

Ainda assim, tinha gostado dali. A comida era ótima. Ela havia se esforçado

ao máximo e tentara perceber o que era para ser feito antes mesmo que qualquer pessoa – na verdade, Maria – lhe dissesse. No momento, completava todas as garrafinhas de azeite.

– Sabe de uma coisa? Este poderia ser um ótimo restaurante se houvesse clientes – falou Angie, vindo de trás dela.

Entregou a Lauren um prato de sobremesa com uma fatia de *tiramisù*.

– Venha comigo.

As duas se sentaram à mesa junto à lareira. As labaredas estalavam e se agitavam.

Lauren sentiu o olhar de Angie e ergueu a cabeça. Viu alguma coisa naqueles olhos escuros. Compaixão, talvez, com uma ponta de piedade. Angie tinha visto Lauren naquela noite no estacionamento, depois no Projeto Ajudando o Vizinho. Não restavam segredos.

– Você foi muito generosa em me dar este emprego. Mas vocês não precisam de outra garçonete.

Imediatamente desejou não ter dito aquilo. Ela *precisava* do emprego.

– Mas vamos precisar. Eu tenho grandes planos para este lugar. – Angie sorriu. – Apesar de eu não saber muito sobre o negócio. Pergunte à minha irmã Livvy. Ela acha que vou pôr tudo a perder.

Lauren não conseguia imaginar aquela mulher linda errando em nada.

– Tenho certeza de que vai se sair bem. A comida é incrível.

– É. Minha mãe e Mira cozinham muito bem.

Angie comeu outra garfada antes de perguntar:

– Então, há quanto tempo você mora em West End? Talvez eu tenha estudado com os seus pais.

– Acho que não. – Lauren torceu para não ter soado amarga demais e logo acrescentou: – Eu estava no quarto ano quando nos mudamos para esta cidade. – Fez uma pausa. – Somos só minha mãe e eu.

Gostou de como formulou a frase, como se ela e a mãe formassem uma equipe. Mas a família – ou a falta dela – não era algo sobre o que quisesse conversar.

– E você? Sempre morou em West End?

– Eu cresci aqui. Mas saí para fazer faculdade e me casei...

A voz de Angie falhou. Ela olhou para o prato de sobremesa e remexeu com

o garfo.

– Eu acabei de voltar para cá depois do divórcio. – Olhou para cima e esboçou um sorriso. – Desculpe. Ainda não estou acostumada a dizer isso.

– Ah.

Lauren não soube o que dizer. Voltou a comer a sobremesa. O som dos garfos na porcelana pareceu mais alto.

Então Angie retomou a conversa:

– Precisa de uma carona para casa?

Lauren ficou surpresa com a pergunta.

– Não. Meu namorado vem me buscar – explicou.

Assim que disse isso, ouviu um carro buzinar do lado de fora. Levantou-se.

– Ele chegou. É melhor eu ir.

Olhou para os pratos.

– Quer que eu...

– Pode ir. A gente se vê amanhã à noite.

Lauren olhou para ela.

– Tem certeza?

– Tenho. Até amanhã.

– Tchau – disse Lauren, já se afastando.

Abaixou-se para pegar a mochila na bancada de recepção. Jogou-a no ombro e encaminhou-se para a porta.



A multidão foi ao delírio.

Como todo mundo ao redor, Lauren estava de pé, gritando e batendo palmas. Um rugido percorreu as arquibancadas. O placar piscou e atualizou os números: Fircrest 28 x 14 Kelso Christian.

– Isso foi *incrível* – disse Anna Lyons, dando um puxão na manga de Lauren.

Ela não conseguiu se conter. Começou a rir. O passe longo de David tinha sido lindo, direto para as mãos de Jared. Torceu para que o pai dele tivesse visto.

– Vamos lá! – chamou alguém. – Já está quase no intervalo.

Lauren seguiu o grupo de garotas pelo corredor e desceu a escada de concreto. Correram para as linhas laterais, onde diversos quiosques tinham sido

montados. Ocupou seu lugar na barraca de cachorro-quente, onde o pessoal já trabalhava pesado.

– Minha vez – disse a Marci Morford, que enchia os potes de mostarda.

Durante a meia hora seguinte, enquanto a banda marcial se apresentava no campo, ela vendeu cachorros-quentes e hambúrgueres para um mar de gente que passava pelas linhas laterais, comemorando e conversando. Pais. Professores. Estudantes. Graduados. Nas noites de sexta-feira durante a temporada de futebol americano, o ponto de encontro de todo mundo era o estádio. Todos estavam falando sobre David. Essa era a sua melhor partida.

Quando seu turno terminou, Lauren voltou a se reunir com as amigas para assistir ao final do jogo.

Fircrest ganhou de lavada do time da outra escola.

Os quiosques se esvaziaram aos poucos. Lauren e as amigas limparam a bagunça das barraquinhas e foram para o vestiário. Juntaram-se num grupo do lado de fora, conversando e rindo enquanto esperavam. Os jogadores saíam um a um, encontravam as namoradas e iam embora.

Afinal as portas duplas se abriram e os últimos jogadores saíram correndo, rindo, falando e dando soquinhos uns nos braços dos outros. David estava entre eles, mas de alguma forma se destacava, da maneira como Brad Pitt e George Clooney devem ter se destacado no ensino médio. Os holofotes se concentraram nele e, naquele momento, David pareceu dourado, dos cabelos louros ao sorriso brilhante.

Lauren correu até ele. David se afastou do grupo com facilidade e a puxou para um abraço.

– Você jogou muito – cochichou Lauren.

David sorriu.

– Joguei mesmo, não foi? Viu só aquele lançamento pro Jared? *Caramba*. Eu estava inspirado hoje.

Abriu um sorriso e a beijou.

Quando chegaram ao mastro da bandeira, ele parou e olhou ao redor. Lauren sabia o que – ou quem – ele procurava. Ficou tensa, passou o braço em torno dele e se aconchegou.

Os outros rapazes andavam na direção de seus automóveis. Os dois ouviam o ruído distante de motores dando a partida, portas fechando, buzinas soando. A

festa na praia ia ser animada. Nada como uma grande vitória para motivar aquela turma. A partida anterior jogada em casa tinha sido tranquila; ela e David passaram as horas subsequentes no carro da mãe dele, conversando sobre quase tudo. Essa noite seria diferente. Lauren não se importava de como seria a comemoração, desde que os dois ficassem juntos.

– Ei, David – chamou alguém. – Vocês dois vão à praia?

– Vamos daqui a pouco – garantiu David, acenando.

Seus olhos estavam atentos, concentrados na direção do campo. Do estacionamento.

– Você está vendo algum deles? – perguntou por fim.

Antes que pudesse responder, Lauren ouviu a voz da mãe dele.

– David. Lauren. Aí estão vocês.

A Sra. Haynes atravessou o pátio, indo na direção dos dois. Abraçou David com força, sorrindo. Lauren se perguntou se David teria percebido que o sorriso vacilava.

– Estou tão orgulhosa de você!

– Obrigado, mãe.

David olhou para o lugar de onde ela viera.

– Seu pai teve uma reunião de negócios esta noite – disse ela devagar. – Ele mandou dizer que sente muito.

O rosto de David se contorceu.

– Não importa.

– Posso levar vocês para comer uma pizza se quiserem...

– Não precisa. Tem uma festa na praia. Mas obrigado.

David pegou Lauren pela mão e saiu andando.

A Sra. Haynes os acompanhou. Em silêncio, os três chegaram ao estacionamento. David abriu a porta do carro para Lauren.

Lauren parou e olhou para a mãe dele.

– Obrigada pelo convite, Sra. Haynes.

– Não tem de quê – respondeu ela em voz baixa. – Divirtam-se.

Em seguida olhou para David.

– Esteja em casa à meia-noite.

David foi até o lado do motorista.

– Claro.

Mais tarde naquela noite, quando os dois se aninhavam ao redor da fogueira, no meio de um círculo de garotos e garotas que conversavam sobre a tradicional festa de formatura, Lauren chegou mais perto e murmurou:

– Tenho certeza de que ele queria ter visto você jogar.

David suspirou.

– Sei. Ele vai estar lá na sexta que vem – falou, mas quando olhou para ela seus olhos brilhavam. – Eu te amo.

– Eu também te amo – respondeu Lauren e encaixou a mão na dele.

E finalmente David sorriu.



Angie trabalhara sem parar nos últimos dias. Acordava antes do amanhecer e sentava à mesa da cozinha com anotações, cardápios e a papelada espalhados à frente. Naquelas horas silenciosas, conseguiu organizar a campanha do agasalho e criar uma série de anúncios e promoções. Às 7h30 já estava no restaurante para se encontrar com a mãe e aprender a rotina dos bastidores.

Primeiro, elas visitaram os fornecedores. Angie observava a mãe andar por entre caixas de legumes frescos escolhendo os mesmos ingredientes dia após dia: tomates, pimentões verdes, berinjelas, alfaces-americanas, cebolas e cenouras. Mama nunca parava para examinar os diversos tipos de cogumelos, as variedades de pimentas, as vagens, a alface lisa ou as belas trufas escuras.

Na peixaria, a mãe comprava pequenos camarões para os coquetéis e nada mais. No açougue, escolhia carne bovina moída – lombo sem gordura – e também de porco, vitela, além de peitos de frango desossados. No final do quarto dia, Angie começou a perceber as oportunidades que deixavam passar. Disse à mãe que podia ir na frente para casa e decidiu ficar por ali um pouco mais. Assim que a mãe saiu, Angie foi falar com o supervisor do estabelecimento que lhes fornecia legumes. “Muito bem”, abordou-o. “Vamos fingir que o DeSaria’s é um restaurante recém-inaugurado.”

Durante as horas seguintes, o supervisor apresentou informações como um artista de circo. Angie anotou cada palavra, depois fez a mesma coisa na peixaria e no açougue.

Devia ter feito uma centena de perguntas:

O peixe que teve congelamento rápido é mais confiável?

Quais são os melhores tipos de mariscos? Ostras?

Por que alguém compraria tinta de polvo?

Como se escolhe um bom melão?

Por que a sapateira-do-pacífico é melhor que o caranguejo-da-neve e o caranguejo-real?

Os vendedores responderam a todas as perguntas com paciência, e no final da semana Angie começou a ter ideias de como melhorar o cardápio. Reuniu receitas e cardápios de alguns dos melhores restaurantes de Los Angeles, São Francisco e Nova York. Percebeu que todos usavam os ingredientes locais mais frescos para os pratos sazonais. Além disso, leu todas as anotações e registros do pai e interrogou as irmãs até elas pedirem clemência.

Pela primeira vez na vida, Angie era parte do restaurante, não um satélite em sua órbita. Para sua surpresa – e de todo mundo –, ela estava adorando.

No sábado à noite, nos momentos em que Lauren não precisou de ajuda, ela examinou as contas a pagar e as que já tinham sido pagas e anotou os suprimentos que estavam no fim. O dia passou num turbilhão de atividades. Quando o último cliente saiu, ela estava exausta.

Foi uma ótima sensação.

Angie se despediu da mãe e de Mira, pegou duas taças de sorvete e sentou perto da lareira. Adorava esse momento da noite, na quietude do restaurante fechado. Conseguia relaxar e, às vezes, no estalido das chamas ou no tamborilar da chuva no telhado, sentia a presença do pai.

– Estou indo, Angie – avisou Lauren, passando pelo salão.

– Tome um pouco deste sorvete comigo. Está delicioso.

Aquilo tinha se tornado um ritual nas últimas noites: Angie e Lauren comerem uma sobremesa no fim do expediente. Aliás, Angie ansiava por esse momento.

Lauren abriu um sorriso.

– Nesse ritmo, em vez de dançar no baile, eu vou rolar.

Angie riu.

– Engraçadinha. Sente aqui.

Lauren sentou de frente para ela, no lugar onde Angie já tinha posto uma taça de sorvete e uma colher.

Angie deu uma colherada no sorvete e esperou que derretesse na boca.

– Menina, isso é muito bom! Que pena que quase não tivemos clientes esta noite. – Olhou para Lauren. – As gorjetas não devem ser muito boas.

– Não são mesmo.

– O anúncio da campanha do agasalho sai amanhã. Isso deve ajudar.

– Espero que sim.

Angie ouviu a insinuação de desespero na voz de Lauren.

– Quanto custa um vestido de baile hoje em dia?

Lauren soltou um suspiro.

– Caro.

Angie examinou a garota.

– Que tamanho você veste?

– Quarenta e dois.

– O mesmo que eu.

A resposta estava lá, visível como a colher em sua mão.

– Eu posso lhe emprestar um vestido. Conlan... meu ex-marido... é repórter do *Seattle Times*. De vez em quando nós íamos a um evento, então tenho alguns vestidos. Um deles deve ficar bom em você.

A expressão de Lauren era fácil de interpretar: uma combinação de entusiasmo e vergonha.

– Eu não poderia aceitar. Mas obrigada.

Angie resolveu não forçar a proposta. Lauren poderia pensar a respeito.

– Você vai com o rapaz que vem buscar você depois do trabalho?

Lauren corou.

– O nome dele é David Haynes.

Angie percebeu a transformação, sabia o que aquilo significava. *Amor*. Não estava surpresa. Lauren era uma garota séria, do tipo que se apaixonava para valer e não mudava de ideia com facilidade. Uma boa garota, em outras palavras.

– Há quanto tempo vocês namoram?

– Quase quatro anos.

Angie ergueu as sobrancelhas. A época do colégio podia ser calculada como a vida de um cachorro: quatro anos parecia uma vida inteira.

Teve vontade de dizer *Cuidado, Lauren, o amor às vezes machuca*. Mas claro que não disse nada. Se tivesse sorte, essa seria uma lição que Lauren não

precisaria aprender.

Esse pensamento fez Angie dar um suspiro. De repente, começou a pensar em Conlan e em todos os anos em que o amara. E no que sentiu quando tudo acabou.

Levantou-se depressa da mesa, antes que a tristeza se tornasse visível. Ficou perto da janela, olhando a noite. O frio do outono tinha chegado mais cedo naquele ano; uma camada de geada já se formava na rua. Por toda a cidade as folhas caíam das árvores, acumulando-se em tremulantes pilhas nas calçadas e pelo acostamento das estradas. Dali a uma semana, aquelas pilhas estariam pretas e escorregadias. Logo não restaria nenhuma folha.

– Tudo bem com você?

Angie percebeu a preocupação na voz de Lauren e se sentiu envergonhada.

– Tudo bem.

Antes que pudesse dizer qualquer outra coisa, se desculpar ou talvez se explicar, um carro parou na porta do restaurante e buzinou.

– É o David – disse Lauren, ficando de pé.

Angie olhou para o carro parado. Era um Porsche Speedster clássico, com a lataria preparada para receber a pintura final. As rodas cromadas brilhavam e os pneus eram claramente novos.

– É um belo carro.

Lauren parou ao lado dela.

– Às vezes chamo David de Speed Racer. Sabe aquele desenho animado? Porque ele vive para esse carro.

– Ah. Um garoto e seu carro.

Lauren deu uma risada.

– Se David me mostrar mais uma cartela de cores de tinta, sou capaz de sair gritando. Claro que eu não falo isso para ele.

Angie olhou para a garota. Nunca vira tanta pureza de emoção, tanta adoração. Primeiro amor. De repente, lembrou-se de quanto aquilo consumia. De novo, quase disse *Cuidado, Lauren*, porém não lhe cabia falar nada. Esses conselhos deviam ser dados pelas mães.

– A gente se vê na terça – despediu-se Lauren.

Angie ficou observando a garota correr pela calçada e desaparecer no carro esportivo. De repente começou a se lembrar de muito tempo antes, quando era

perdidamente apaixonada por Tommy Matucci. Ele tinha um velho Ford Fairlane todo batido. Era um carro instável e temperamental, mas Tommy o adorava.

Engraçado...

Havia anos ela não pensava nisso.



Eles estacionaram em frente ao prédio de Lauren, no lugar habitual. Lauren passou para o colo dele. Não era fácil num carro tão pequeno; a alavanca do câmbio parecia ocupar muito espaço. Mas os dois tiveram anos para aperfeiçoar aquela técnica.

David a abraçou e beijou. Lauren se deixou levar pela conhecida penumbra ofegante do desejo. O coração acelerou. Em minutos os vidros estavam embaçados, completando a privacidade dos dois.

– Lauren – murmurou David, e ela percebeu o desejo na voz dele.

David enfiou a mão por baixo da sua blusa. Lauren estremeceu com aquele toque.

Naquele exato momento, o relógio de pulso dele começou a apitar.

– Merda! – resmungou David, afastando a mão do corpo dela. – Não acredito que eles querem que eu volte para casa a esta hora. Conheço garotos do oitavo ano que voltam à meia-noite.

Ele cruzou os braços num floreio dramático.

Lauren não pôde fazer outra coisa a não ser sorrir. Ele não fazia ideia de quanto parecia infantil naquele momento. O grande David Ryerson Haynes fazendo biquinho.

– Você tem sorte – disse, aconchegando-se no namorado. – Isso significa que eles amam você.

Lauren sentia as batidas do coração de David sob a palma da sua mão. Por um segundo, teve a sensação de ser mais velha que o namorado.

– Sua mãe não está nem aí para a hora que você volta para casa. Ou nem mesmo se volta ou não.

– É exatamente o que estou dizendo – concordou Lauren, sentindo a velha amargura apertar sua garganta.

Ela e a mãe tinham abordado a questão da hora de chegada fazia muito

tempo. “Não vou ser sua carcereira”, declarara a mãe. “Meus pais tentaram fazer isso e só me deixaram mais rebelde.” Por isso Lauren podia ir e vir como bem desejasse.

David a beijou mais uma vez, depois se afastou com um suspiro. Lauren entendeu na hora que havia algo errado.

– Qual é o problema?

David se esticou para abrir o porta-luvas.

– Isto aqui – falou, entregando uns papéis para ela.

– O que...? – Lauren examinou os papéis. – O formulário de Stanford.

– Meu pai quer que eu faça a pré-matrícula. O prazo é 15 de novembro.

– Ah! – exclamou Lauren, voltando ao banco do carona.

Sabia que David faria qualquer coisa para agradar ao pai.

– Pensei que você poderia fazer isso também.

A ansiedade na voz dele fez com que Lauren sentisse vontade de chorar. Como ele podia trazê-la para casa, ver o apartamento em que ela morava e não compreender?

– Eu não tenho dinheiro para Stanford, David. Preciso de uma bolsa de estudos. Não só de um desconto. Tem que ser bolsa integral.

David expirou com desânimo.

– Eu sei.

Ficaram ali por longos minutos, cada um em seu banco, sem se tocar, olhando para o para-brisa embaçado.

– Provavelmente eu nem vou entrar – disse ele afinal.

– Sem essa, David. Tem um prédio com o nome da sua família lá.

– Então você também vai.

Virou-se para ela de novo, abraçou-a e beijou-a. Lauren se deixou levar por aquele beijo até nada mais importar a não ser eles dois.

Mais tarde, quando voltou a ficar sozinha, andando pela escuridão triste do apartamento, não pôde deixar de desejar viver no mundo de David, onde tudo era fácil. Principalmente os sonhos.



Quando Mira voltou da carona solidária, Angie a esperava na varanda.

– Acordou cedo – disse Mira. – E está com uma cara quase péssima.

– Olha quem fala. Quem usa moletom rasgado e sapatos de borracha para levar as crianças à escola?

– Quase todo mundo. Vamos entrar.

Deu um sorriso para a irmã caçula e abriu a porta. A casa cheirava a café e panquecas. Recolheu alguns brinquedos no caminho para a cozinha e serviu duas xícaras de café.

– Tudo bem – falou ao acomodar-se numa cadeira estofada que atulhava a sala de estar. – Por que você veio aqui e por que está parecendo uma participante de *Survivor*?

– Muito engraçado. – Angie se jogou numa poltrona. – Fiquei acordada quase a noite toda, trabalhando.

– Trabalhando, é?

Mira bebericou o café e olhou para a irmã por cima da borda da xícara. Angie lhe entregou um caderno.

– Isto é o que eu quero fazer.

Mira largou a xícara e abriu o caderno. Seus olhos se arregalaram de surpresa enquanto lia.

Angie aproveitou a oportunidade.

– Além da campanha do agasalho, planejei uma noite de vinhos às terças-feiras, quando todas as garrafas sairão pela metade do preço; uma noite dos namorados às quintas, com dois ingressos de cinema para os casais que forem jantar; e happy hour às sextas e sábados. A gente pode abrir o restaurante às três da tarde e servir bebidas e canapés de graça até as cinco. Você sabe: antepastos, bruschetta, esse tipo de coisa. Minha pesquisa indica que alguns happy hours por semana podem quase dobrar nosso faturamento semanal. Temos licença para venda de bebidas, mas só vendemos um drinque aqui, outro ali. É um desperdício! E olha só isto: *Redescubra o romance no DeSaria's*. É a minha chamada para o anúncio. Acho que poderíamos dar rosas a todos os casais que entrarem.

– Puta merda! – murmurou Mira.

Angie sabia o que aquilo significava. A irmã chegara ao ponto principal: a mudança do cardápio.

– Vou querer dobrar os preços e eliminar metade dos itens do cardápio atual.

Precisamos fazer mais coisas com peixe fresco e legumes da estação.

– Puta merda! – repetiu Mira, erguendo a cabeça. – Papa teria adorado isto, Angie.

– Eu sei. É com Mama que estou preocupada.

Mira riu.

– Como a gente costumava dizer: *dã*.

– Como posso apresentar essas ideias a ela?

– De longe. De preferência, usando uma armadura.

– Engraçadinha.

– Tudo bem, princesa. Existem duas formas de chegar até Mama. A primeira e a mais óbvia é usar nosso pai. No fim, ela sempre fez qualquer coisa para que ele fique feliz.

– Infelizmente, é só com ela que ele fala.

– É. Por isso você precisa do plano B: fazer com que Mama pense que a ideia é dela. Fiz isso para ir ao show da Wings em Seattle. Levou quase um mês, mas ela afinal decidiu que eu não seria totalmente americana se não fosse com minhas amigas.

– E como eu faço isso?

– Comece pedindo o conselho dela.

DEZ



*D*e pé no meio do restaurante, Lauren olhava para os saleiros e pimenteiros que tinha juntado.

Passara a noite toda imaginando como pedir um adiantamento do primeiro salário a Angie. Ou como aceitar o vestido emprestado.

De uma forma ou de outra, pareceria uma coitada. Sem mencionar que as DeSarias ficariam se perguntando o que ela fizera com o dinheiro das gorjetas.

Drogas, Maria iria supor, abanando a cabeça. *Que tristeza*. Sem dúvida poria toda a culpa nos cabelos ruivos de Lauren.

Se dissesse a verdade – que tivera que pagar aluguéis atrasados –, Maria e Angie se olhariam espantadas e diriam: *Nossa, como ela é pobre, que coisa patética*. Lauren já vira aquele olhar centenas de vezes na vida, em professores, conselheiros da escola e vizinhos.

Foi até a janela e olhou para a noite enevoada.

Havia momentos importantes que mudavam a vida de uma pessoa. Será que o baile da escola era uma dessas lembranças preciosas que ela deveria fazer de tudo para ter? Será que Lauren seria de alguma forma... diminuída por não comparecer? Talvez devesse ir com um vestido antigo e fingir que estava contestando a moda, demonstrando uma graciosa indiferença às convenções, em vez de sofrendo as consequências de uma vida de penúria. Todos sabiam de sua bolsa de estudos. Ninguém iria dizer nada. Mas Lauren *saberia*. Iria se sentir arrasada a noite toda. Será que o baile valia isso?

Essas eram perguntas que uma garota deveria fazer à mãe.

– Rá, rá... – falou Lauren, desanimada.

Como de hábito, teria que seguir a própria orientação. Havia duas opções: poderia inventar uma mentira... ou pedir ajuda a Angie.



Angie estava debruçada na bancada de aço inoxidável com papéis e anotações à sua frente.

Mama se recostara na pia, de braços cruzados. Não era preciso ser especialista para interpretar sua linguagem corporal. Os olhos estavam estreitados e a boca era uma linha fina que mostrava sua contrariedade.

Angie prosseguia com o maior cuidado.

– Falei com Scott Forman, do cinema. Ele se prontificou a nos dar 50% de desconto nos ingressos se o incluirmos nos nossos anúncios.

Mama fungou.

– Os filmes andam terríveis hoje em dia. Tanta violência! Vai deixar as pessoas de estômago embrulhado.

– Elas vão jantar antes de ir ao cinema.

– Pois é.

Angie continuou a pressão. Os negócios tinham melhorado desde o início da campanha do agasalho. Era hora de seguir com o restante do plano.

– A senhora acha uma boa ideia?

Mama deu de ombros.

– Vamos ver no que dá.

– E a propaganda... não acha que é inteligente?

– Quanto custa?

Angie mostrou a lista de preços. Mama olhou para a lista sem se mover de onde estava.

– É muito cara.

– Vou ver se consigo um preço melhor.

Mudou a prancheta de lugar com cuidado, mostrando um cardápio do Cassiopeia's, um restaurante italiano de quatro estrelas em Vancouver.

– A senhora tem alguma sugestão para a noite do vinho?

Mama fungou mais uma vez.

– Poderíamos falar com Victoria e Casey McClellan. Eles são donos daquela

vinícola em Walla Walla. Como é mesmo o nome... Seven Hills? E Randy Finley, da Vinícola Mount Baker, também produz vinhos deliciosos. Talvez façam um bom preço para servirmos os vinhos deles. Randy adora o meu ossobuco.

– É uma ótima ideia, mamãe.

Angie fez algumas anotações na lista. Quando terminou, empurrou disfarçadamente o cardápio do Cassiopeia's na direção da mãe.

Mama esticou o pescoço e inclinou a cabeça.

– O que é isso?

– O quê? – Angie reprimiu um sorriso. – Bem, agora sobre o peixe fresco. Nós...

– Angela Rose, por que você está com este cardápio?

Angie fingiu surpresa.

– Isto aqui? Eu só estava interessada nos nossos concorrentes.

Mama fez um gesto com a mão.

– Essa gente nunca nem esteve na nossa terra.

– Os preços deles são interessantes.

Mama a encarou.

– Interessantes?

– As entradas mais baratas custam 14,95 dólares. – Angie fez uma pausa, balançando a cabeça. – O triste é que muita gente relaciona preço alto a boa qualidade.

– Deixe eu ver isso.

Mama pegou o cardápio da mesa e o abriu.

– Panqueca de ervas com manteiga de cogumelo-silvestre e peixe frito... 21,95 dólares. Isso não é italiano. Minha Mama, que Deus a tenha, fazia um *tonno al cartoccio*, um atum assado em papel-manteiga que derretia na boca.

– Terry está com uma promoção de atum esta semana, Mama. E de albacora também. E os filés de polvo dele estão lindos.

– Está lembrando um dos prediletos do seu pai: *calamari ripieni*. Mas é preciso ter tomates da melhor qualidade.

– Johnny, da feira do produtor, me prometeu tomates paradisíacos.

– Polvo e albacora custam caro.

– A gente pode tentar por uma ou duas noites... como um especial. Se não

funcionar, a gente deixa pra lá.

Alguém bateu à porta.

Angie praguejou baixinho. Mama estava quase concordando. Qualquer pequena interrupção poderia levar tudo à estaca zero.

Lauren entrou na cozinha. Segurava seu avental muito bem dobrado.

– Boa noite, Lauren – disse Angie. – Tranque a porta quando sair.

Lauren não se mexeu. Parecia confusa por algum motivo, insegura.

– Obrigada, Lauren – disse Mama. – Tenha um bom fim de noite.

A menina não se mexeu.

– O que foi? – perguntou Angie.

– Eu... hã... – falou a jovem e franziu o cenho. – Vou poder trabalhar amanhã à noite, afinal.

– Ótimo – disse Angie e voltou às anotações. – A gente se vê às cinco.

Assim que Lauren saiu, Angie retomou a discussão.

– Então, Mama, o que a senhora acha de subir um pouco os preços e acrescentar um especial de peixe por noite?

– Acho que minha filha está tentando mudar um cardápio que há anos funciona muito bem para o DeSaria's.

– Pequenas mudanças, mamãe. Do tipo que podem nos atualizar. – Fez uma pausa para recorrer à maior arma. – Papa teria aprovado.

– Ele adorava o meu *calamari ripieni*, é verdade. – Mama se afastou da pia e sentou ao lado de Angie. – Lembro de quando seu pai me comprou o Cadillac. Ele tinha tanto orgulho daquele carro!

– Mas a senhora não quis dirigir.

Mama sorriu.

– Seu pai achou que eu era louca por ignorar aquele automóvel tão lindo. Então um dia ele vendeu meu Buick e deixou as chaves do carro novo na mesa, com um bilhete que dizia: *Me encontre para almoçar. Eu levo o vinho.* – Abriu um sorriso. – Ele sabia que eu só sairia da rotina se tivesse um empurrão.

– Eu não quero empurrar muito forte.

– Quer, sim. – Mama soltou um suspiro. – Toda a sua vida foi feita de empurrões, Angela, sempre fazendo as coisas do seu jeito. – Afagou a bochecha de Angie. – Seu pai adorava isso e estaria muito orgulhoso de você agora.

De repente Angie já não pensava no cardápio. Só se lembrava do pai e da

saudade que sentia de tantas coisas que ele fizera: colocá-la nos ombros para que assistisse à procissão do Dia de Ação de Graças, rezar com ela à noite, contar piadas bobas e sem sentido à mesa do café da manhã.

– Então vamos tentar alguns pratos especiais esta semana e ver o que acontece – disse a mãe, de olhos marejados.

– Vai funcionar, Mama. A senhora vai ver. Os negócios melhoram muito quando se faz propaganda. Nós vamos estar na primeira página da seção de entretenimento no domingo.

– Preciso admitir que o número de clientes já aumentou. Foi bom contratar aquela garota. Ela é uma boa garçonete – observou Mama. – Quando você a contratou, uma ruiva, eu tive certeza que teríamos problemas, e quando você disse que a coitadinha precisava de um vestido, eu pensei...

– Ah, não. – Angie se levantou de repente. – O baile!

– O que houve?

– Amanhã à noite é o baile da escola. Por isso Lauren ficou enrolando aqui na cozinha. Queria me lembrar de que precisava de folga amanhã.

– Então por que ela disse que vem trabalhar?

– Não sei.

Angie pegou as chaves do carro no bolso e buscou o casaco no cabideiro perto da porta.

– Tchau, mãe. A gente se vê amanhã.

Saiu correndo do restaurante. Lá fora caía uma chuva fina.

Olhou para os dois lados na rua. Nem sinal de Lauren.

Correu até o estacionamento, entrou no carro e seguiu em direção a Driftwood. Não havia outros veículos na estrada. Estava prestes a entrar na rodovia quando avistou o ponto de ônibus.

A luz de um poste próximo se projetava na chuva, conferindo a tudo uma luminosidade suave e cor de âmbar. Mesmo a distância, pôde ver o cabelo ruivo de Lauren.

Parou ao lado dela. Lauren levantou a cabeça devagar. Seus olhos estavam vermelhos e inchados.

– Ah! – exclamou, aprumando-se ao ver Angie.

Angie apertou o botão para que o vidro descesse. O ar frio entrou no carro. Ela se debruçou no banco do carona.

– Entre.

Lauren apontou para trás dela.

– Meu ônibus chegou. Mas obrigada.

– Amanhã é a noite do baile, certo? Era o que você queria me dizer na cozinha.

– Não se preocupe com isso. Eu não vou.

– Por que não?

Lauren desviou o olhar.

– Não estou com vontade.

Angie olhou para os sapatos da garota, velhos e gastos.

– Eu me ofereci para emprestar um vestido, lembra?

Lauren aquiesceu.

– Você precisa?

– Sim.

A resposta foi quase inaudível.

– Tudo bem. Esteja no restaurante às três da tarde. Você combinou de se arrumar na casa de alguma amiga?

Lauren fez que não com a cabeça.

– Quer se arrumar na minha casa? Pode ser divertido.

– Sério? Eu adoraria.

– Ótimo. Ligue para o David e diga para ele pegar você na minha casa. Miracle Mile Road, 7.998. É a primeira entrada depois da ponte.

O ônibus parou atrás delas e buzinou.

Só bem mais tarde, quando entrou na sua casa escura e vazia, Angie pensou se não teria cometido um erro.

Arrumar uma jovem para um baile era tarefa da mãe.



Na manhã seguinte, Angie começou o dia a toda velocidade. Às sete, ela e a mãe receberam os entregadores de mercadorias. Às dez, já tinham feito as encomendas para quase toda a semana, examinado o estado dos legumes e das frutas, preenchido os cheques para o pagamento, depositado dinheiro na conta do restaurante e deixado as toalhas de mesa na lavanderia. Quando Mama saiu para

fazer suas tarefas, Angie foi à gráfica buscar os folhetos e cupons para a noite de vinhos e a noite dos namorados. Depois entregou ao Projeto Ajudando o Vizinho a primeira remessa de casacos doados.

Quando estava na lavanderia, começou a chover. Ao meio-dia a chuva se transformou numa tempestade. As ruas se tornaram um caldeirão de água borbulhante. Não era nenhuma novidade.

O clima naquela época do ano era previsível. Dali até o início de maio, o tempo seria de céu escuro e gotas de chuva. A luz do sol seria rara e inesperada, um presente incerto e que não duraria muito. Quem não suportava a penumbra contínua desse mundo de neblina cinzenta se via acordando no meio da noite, inquieto, sem conseguir dormir por causa do barulho da chuva no telhado.

Angie chegou ao restaurante com quinze minutos de atraso.

Lauren estava embaixo do toldo verde e branco, com uma velha mochila azul aos seus pés na calçada.

Angie desceu o vidro.

– Desculpe o atraso.

– Achei que você tivesse esquecido.

Angie se perguntou se alguém cumpria as promessas feitas àquela garota – ou se alguém ao menos lhe prometia algo.

– Entre – chamou-a, abrindo a porta do carona.

– Tem certeza?

Angie sorriu.

– Acredite em mim, Lauren. Eu sempre tenho certeza. Livvy vai me cobrir. Entre logo.

Lauren obedeceu e fechou a porta com força. A chuva tamborilava no automóvel com grande estrondo.

As duas seguiram em silêncio. O barulho dos limpadores de para-brisa era tão alto que nem adiantava falar.

Quando chegaram ao chalé, Angie estacionou perto da porta da frente e se virou para Lauren.

– Você acha que devíamos ligar para sua mãe? Talvez ela queira vir até aqui.

Lauren deu uma risada amarga e sem humor.

– Acho que não.

A menina pareceu notar a rispidez do comentário. Sorriu e deu de ombros.

– Ela não gosta muito de bailes.

Angie não quis pensar muito sobre aquilo. Era apenas a chefe da garota. Ia emprestar um vestido a ela. Só isso.

– Tudo bem. Vamos entrar e ver o que eu tenho.

Lauren passou o braço ao redor de Angie. O sorriso dela ficou tão largo que preencheu o rosto inteiro, fazendo-a parecer ter 11 anos.

– Obrigada, Angie. Puxa, muito obrigada.



Lauren não tinha crescido num mundo de faz de conta. Ao contrário da maioria das amigas, passara a infância assistindo a programas de televisão que mostravam tiroteios, prostitutas e mulheres em perigo. *A vida real*, como a mãe dizia. Ninguém assistia a desenhos nem a especiais da Disney no apartamento das Ribidos. Aos 7 anos, Lauren já sabia que o Príncipe Encantado era uma farsa. Quando se deitava na cama estreita do apartamento que cheirava a cigarro e cerveja, não sonhava em ser Cinderela nem Branca de Neve. Nunca conseguira entender a graça da fada madrinha.

Até aquela noite.

Angie Malone tinha aberto uma porta para Lauren aquela noite, e a visão que a garota teve foi deslumbrante. Era um mundo que parecia banhado pela luz do sol e cheio de possibilidades.

Primeiro foi o vestido. Não, primeiro foi a casa.

– Meu pai construiu esta casa – contou Angie. – Quando eu era criança, nós passávamos o verão aqui.

A casa era aninhada entre duas torres altas. A música do quebra-mar distante enchia o ambiente.

A varanda contornava o chalé de dois andares. Cadeiras de balanço de palha estavam cuidadosamente posicionadas aqui e ali. Dava para se imaginar tomando um chocolate quente nelas enquanto olhava o mar prateado num dia como aquele.

Assim que Lauren viu tudo aquilo, se deteve. Era o tipo de casa com que ela sempre sonhara.

– Lauren? – chamou Angie, olhando para trás.

Ver aquela casa era o bastante para despertar uma maré de desejos.

– Desculpe – disse Lauren, retomando o passo.

Por dentro, a casa era tão perfeita quanto o exterior insinuava. Sofás fofos frente a frente perto de uma lareira. Um velho baú verde servindo como mesa de centro.

A cozinha era pequena e acolhedora, com armários amarelo-claros e uma janela panorâmica que dava para um jardim de rosas depois da varanda. Grandes abetos cercavam a casa, fazendo-a parecer estar a mundos de distância de qualquer vizinho.

– A casa é linda – disse Lauren, suspirando.

– Obrigada. Nós gostamos – disse Angie, abaixando-se para acender a lareira. – Então, que estilo você gostaria de usar?

– Hã?

Angie olhou para ela.

– Sexy? Inocente? Princesa? O que você quer ser esta noite?

– Qualquer vestido está bom.

– Você precisa de *muita* ajuda de uma amiga! Talvez até de um caminhão de sugestões. Venha cá.

Passou por Lauren e seguiu em direção a uma escada estreita. Os degraus rangeram enquanto ela subia.

Lauren correu atrás dela. Passaram por um corredor estreito e chegaram a um quarto arejado e bem iluminado, com teto branco inclinado e assoalho de madeira clara. Uma grande cama com dossel dominava o cômodo, ladeada por duas mesas de cabeceira rústicas com abajures e livros.

Angie entrou no closet e puxou uma cordinha. Uma única lâmpada pendurada no teto lançou um fecho de luz nas fileiras de roupas.

– Vamos ver. Eu só trouxe alguns vestidos. Na verdade, ia tentar vender pela internet.

Foi até um canto do closet, onde várias capas de vestido claras da Nordstrom se espremiavam nos cabides.

Nordstrom.

Lauren nunca tivera nada daquela venerável grife de Seattle. Que droga, não tinha dinheiro nem para tomar um café no quiosque na porta da loja. Deu um passo para trás.

Angie abriu o zíper de uma capa e exibiu um vestido longo preto.

– O que você acha?

Era um vestido de ombros bem cavados, com contas na gola e um cinto duplo com pedras maiores na linha da cintura. O tecido era escorregadio. Provavelmente seda.

– O que eu acho?

Lauren não poderia pegar uma coisa dessas emprestada. E se derramasse algo nele?

– Você tem razão. Sóbrio demais. Vai ser uma noite para se divertir.

Angie largou o vestido no chão e voltou às capas plásticas, vasculhando tudo freneticamente.

Lauren se abaixou e tirou o vestido do chão. O tecido acariciou seus dedos. Nunca tinha tocado um material tão macio.

– Arrá!

Angie puxou outro vestido, dessa vez rosa, num tom suave como a concha de uma vieira. O tecido era mais pesado, uma espécie de malha que se ajustava ao corpo. Tinha uma alça só e um decote profundo nas costas.

– Tem sutiã interno. Não que uma garota de 17 anos precise.

Angie tirou mais um vestido. Era verde-esmeralda, de mangas compridas e ombros à mostra. Era lindo, mas os olhos de Lauren se voltaram para o anterior.

– Quanto custou esse? – ousou perguntar.

Angie olhou para o vestido rosa e sorriu.

– Esse aí? Eu comprei numa lojinha. Não, lembrei, foi num brechó em Capitol Hill.

Lauren teve que rir.

– Aham, sei.

– Então vai ser o rosa, certo?

– E se eu o estragar? Eu não poderia...

– O rosa.

Angie devolveu o vestido preto e o verde aos cabides e pendurou o escolhido no braço.

– Hora do banho.

Lauren seguiu Angie, que jogou o vestido na cama e se dirigiu ao banheiro da suíte.

– Você tem sapato?

Lauren aquiesceu.

– De que cor?

– Preto.

– Acho que vai dar para combinar – disse Angie enquanto abria o chuveiro. – Dá para tricotar um suéter no tempo que esse chuveiro leva para esquentar. – Começou a pegar frascos e potes no armário. – Este é um esfoliante. Você sabe como usar, não sabe?

Lauren aquiesceu e ela pegou outro frasco.

– Este é uma máscara hidratante. Ajuda a pele. Faz a pessoa parecer dez anos mais jovem.

– Aí eu ainda estaria no jardim de infância.

Angie deu risada e jogou os produtos nos braços de Lauren.

– Tome um banho, depois vamos cuidar do cabelo e da maquiagem.

Lauren tomou o banho mais longo e luxuoso da vida. Sem canos pingando, sem água que de repente esfriava ou acabava. Usou todos aqueles produtos caros e, quando saiu, se sentia nova em folha. Enxugou o cabelo, se enrolou numa enorme toalha branca e felpuda e voltou ao quarto.

Angie estava sentada na beira da cama com uma pilha de acessórios ao redor – escovas de cabelo, babyliss, maquiagem, bolsas e xales.

– Encontrei um xale de contas preto, uma bolsa de festa e isto! – Mostrou um lindo enfeite de cabelo preto e rosa em forma de borboleta. – Venha, sente-se aqui. Eu e minhas irmãs passávamos horas arrumando o cabelo umas das outras.

Jogou um travesseiro no chão à sua frente. Lauren se sentou, obediente, de costas para a cama.

Angie começou a escovar os cabelos dela. A sensação era tão boa que Lauren chegou a suspirar. Não se lembrava de nenhuma vez em que alguém tivesse desembaraçado seu cabelo. Mesmo quando a mãe arranjava tempo para cortá-lo, o processo não incluía penteá-lo.

– Tudo bem – disse Angie depois de certo tempo. – Agora sente na cama.

Lauren mudou de posição. Angie se ajoelhou na frente dela.

– Feche os olhos.

O toque macio de sombra nos olhos... uma pincelada de blush.

– Vou aplicar um pouco de brilho no seu pescoço. Comprei para minha

sobrinha, mas Mira disse que não era adequado... Pronto – disse um momento depois. – Está pronta.

Lauren se levantou e se enfiou no vestido. Angie fechou o zíper.

– Perfeito – falou Angie e deu um suspiro. – Vá se olhar no espelho.

Lauren andou devagar até o espelho de corpo inteiro na porta do quarto.

Quase engasgou. O vestido tinha ficado lindo. Ela parecia a princesa de uma história que nunca tinha lido. Pela primeira vez na vida, sentiu-se como as outras garotas da escola.

ONZE



Angie parou em frente à cômoda. A gaveta de cima estava aberta. Ali, enterrada entre sutiãs, calcinhas e meias, ficava sua câmera.

Para tirar fotos dos meus netos, dissera Mama ao lhe dar aquele presente. As crianças cresciam como brotos verdes na primavera, dizia o sorriso da mãe.

Angie deu um suspiro.

Durante anos, usara a câmera o tempo todo, registrando cada momento da vida. Lá estava ela, ano após ano, tirando fotos de reuniões da família – festas de aniversário, chás de bebê, formaturas da escolinha. Contudo, em algum momento, aquilo começara a machucá-la: manter o foco na vida que desejava tanto e não podia ter. Pouco a pouco, parou de fotografar os sobrinhos e as sobrinhas. Doía demais enxergar a própria perda de forma tão nítida. Sabia que aquilo era egoísmo e infantilidade, mas alguns limites não podiam ser ultrapassados. Quando Dani nasceu – fazia apenas cinco anos, mas parecia uma vida inteira –, Angie já havia abandonado a câmera de vez.

Pegou a máquina, pôs um filme e seguiu para o andar de baixo.

Lauren estava diante da lareira, de costas para o fogo. A luz amarelada conferia um brilho dourado à sua pele clara e sardenta. O vestido cor-de-rosa era ligeiramente grande para ela, um pouco comprido demais, mas nada disso era perceptível. Com o cabelo preso em um coque banana adornado pela fivela em forma de borboleta, Lauren parecia uma princesa.

– Você está linda – comentou Angie ao entrar na sala.

Sentiu vergonha por estar tão emocionada. Era algo simples, ajudar uma adolescente a se vestir para um baile na escola. Quase insignificante, na verdade.

Então por que se sentia tão tocada?

– Eu sei – disse Lauren.

Havia um misto de admiração e surpresa na voz dela.

Angie de repente precisou do distanciamento proporcionado pelas lentes. Começou a tirar fotos. Continuou fotografando, uma imagem atrás da outra, até Lauren começar a rir e dizer:

– Espere! Deixe um pouco do filme para o David.

Angie se sentiu uma idiota.

– Tem razão. Sente-se. Vou preparar um chá enquanto esperamos.

Foi para a cozinha.

– Ele disse que chegaria às sete. Vamos jantar no clube.

Angie fez duas xícaras de chá na cozinha e as levou para a sala.

– No clube, é? Que chique!

Lauren deu uma risadinha. Sentada na beirinha do sofá, com medo de amassar o vestido, parecia incrivelmente jovem. Segurou a xícara com as duas mãos e tomou o chá com extremo cuidado.

Angie sentiu uma onda de ternura. Teve medo do que o mundo poderia fazer com uma garota como aquela, que às vezes parecia tão sozinha.

– Você está me olhando de um jeito estranho. Estou segurando a xícara do modo errado? – perguntou Lauren.

– Não.

Angie tirou outra foto. Quando pousou a câmera no colo, fitou os olhos sonhadores de Lauren. Como uma mãe podia não querer presenciar um momento daqueles?

– Imagino que você tenha ido a muitos bailes da escola – comentou Lauren.

Provavelmente essa era a razão.

– Sim. A quase todos.

Mas parecia que Lauren não prestava atenção. Ela soou distraída. Pousou a xícara na mesa.

– Posso fazer uma pergunta? – pediu.

– É o tipo de pergunta a que a gente deve responder não – ponderou Angie. – Ou até mesmo: “Não, de jeito nenhum.”

– É verdade. Mas posso?

– Manda bala.

Angie se recostou nas almofadas do sofá.

– Por que fez tudo isso por mim?

– Eu gosto de você, Lauren. Só por isso. E quis ajudar.

– Acho que é porque tem pena de mim.

Angie suspirou. Sabia que não podia se esquivar da pergunta. Lauren queria uma resposta franca.

– Em parte por isso, talvez. Mas, principalmente... por saber como a gente se sente quando não consegue o que quer.

– Você também sente isso?

Angie engoliu em seco. Uma parte dela preferia não ter aberto aquela porta, só que parecia natural ter aquela conversa. Entretanto, agora que tinha começado, não sabia direito como prosseguir.

– Eu não tenho filhos – respondeu.

– Por que não?

Angie até gostou da objetividade da pergunta. Até mesmo mulheres mais maduras costumavam reconhecer que o assunto era um campo minado e tendiam a desconversar.

– Os médicos não descobriram. Eu engravidei três vezes, mas... – Pensou em Sophia e fechou os olhos por um segundo antes de continuar: – Não tive sorte.

– Então você *gostou* de ajudar a me vestir?

Havia um anseio na voz de Lauren que ecoava as emoções de Angie.

– Gostei – afirmou em voz baixa.

Estava prestes a dizer algo mais, quando a campainha tocou.

– É o David – disse Lauren, já correndo para a porta.

– Não! – avisou Angie.

– O quê?

– Só se chama a dama depois que o cavalheiro chega. Vá lá para cima. Eu atendo a porta.

– Sério? – perguntou Lauren, quase num sussurro.

Assim que ela subiu, Angie abriu a porta.

David estava na pequena varanda. Com um smoking preto de corte impecável, camisa branca e gravata prateada, parecia o sonho de qualquer adolescente.

– Você deve ser o David. Eu o vi na porta do restaurante. Sou Angie Malone.

David apertou a mão dela com tanta força que ela sentiu os ossos estalarem.

– David Ryerson Haynes – apresentou-se, sorrindo com nervosismo enquanto olhava para trás dela.

Angie abriu caminho para que ele entrasse.

– Da fábrica de papel?

– Isso mesmo. Lauren está pronta?

Isso explicava o Porsche. Angie chamou Lauren. Um segundo depois, ela apareceu no topo da escada.

David arquejou.

– Uau! – exclamou em voz baixa, andando na direção da escada. – Você está incrível!

Lauren desceu os degraus correndo na direção de David. Olhou para ele com um sorriso trêmulo.

– Você acha?

David lhe deu um arranjo de flores brancas para usar no pulso e a beijou.

Mesmo do outro lado da sala, Angie notou a suavidade daquele beijo, o que a fez sorrir.

– Vamos lá, vocês dois, sessão de fotos. Fiquem perto da lareira.

Angie tirou várias fotografias. Teve que se forçar a parar.

– Muito bem – disse, afinal. – Divirtam-se. Dirija com cuidado.

Nem teve certeza se os dois a ouviram. Estavam perdidos no olhar um do outro.

Ainda assim, pouco antes de sair, Lauren se voltou para Angie e lhe deu um abraço apertado.

– Nunca vou esquecer isto – cochichou. – Muito obrigada.

– De nada – sussurrou Angie, mas havia um nó tão forte na garganta que ela não saberia dizer se as palavras saíram de fato.

Observou David conduzir Lauren até o carro e abrir a porta para ela. Na hora em que afinal conseguiu acenar, os dois já haviam partido.

Angie entrou em casa e fechou a porta. De repente o silêncio pareceu opressivo.

Tinha se esquecido de como sua vida era silenciosa. Nos últimos tempos, se não ligasse o aparelho de som, os únicos ruídos na casa eram sua própria respiração ou seus passos no assoalho de madeira.

Sentiu que sua vida seguia morro abaixo – e já conhecia muito bem o frio e a solidão que a esperavam lá.

Não queria mais fazer esse trajeto. A escalada fora penosa demais. Desejou poder telefonar para Conlan. Ele costumava ser tão bom em tirá-la do abismo! Mas aquilo também fazia parte do passado.

O telefone tocou. *Graças a Deus!* Correu para atender.

– Alô.

Ficou surpresa com o tom de normalidade da própria voz. Uma mulher se afogando não deveria conseguir se expressar de modo tão firme.

– Como foi a preparação para o baile?

Era Mama.

– Ótima. Ela ficou linda.

Angie se esforçou para rir e torceu para que soasse natural.

– Tudo bem com você?

Adorou o fato de a mãe ter feito aquela pergunta.

– Tudo bem. Acho que vou dormir mais cedo. Amanhã a gente se fala, está bem?

– Eu te amo, Angela.

– Também te amo, mãe.

Angie estava trêmula quando desligou. Pensou em fazer um monte de coisas – ouvir música, ler um livro, elaborar um novo cardápio. Mas no fim o cansaço a impediu. Deitou-se na cama king-size, puxou as cobertas e fechou os olhos.

Acordou algum tempo depois.

Alguém chamava seu nome. Olhou para o relógio. Ainda não eram nove da noite.

Saiu da cama e cambaleou escada abaixo.

A mãe a aguardava na cozinha com a roupa escurecida pela chuva. Ainda usava o avental manchado de molho vermelho.

– Você não está bem – afirmou, pondo as mãos no quadril.

– Mas vou ficar.

– Um dia eu vou ficar com 90 anos. O que não significa que vai ser fácil chegar até lá. Venha aqui.

Pegou a filha pela mão e a levou até o sofá. As duas se sentaram lado a lado, do jeito que faziam quando Angie era menina. Mama acariciou o cabelo dela.

– Foi divertido ajudar a garota a se vestir para o baile. Só depois... quando ela saiu... comecei a pensar sobre...

– Eu sei – disse a mãe de forma compreensiva. – Isso fez você pensar na sua filha.

Angie suspirou. A dor era assim; ela e a mãe sabiam muito bem. Às vezes parecia algo recente, não importava quanto tempo houvesse passado. Algumas perdas eram profundas demais: a vida não dava conta de curá-las por completo.

– Eu também já perdi um filho – revelou Mama no silêncio que se fez entre elas.

Angie foi pega de surpresa.

– A senhora nunca falou disso.

– É difícil falar sobre algumas coisas. Foi o meu primeiro bebê.

– Por que a senhora não me contou?

– Eu não consegui.

Angie sentiu a tristeza da mãe. Essa perda em comum estabelecia uma ligação entre elas, criava uma sensação de amizade.

– Eu só queria falar de coisas esperançosas.

Angie olhou para as próprias mãos. Por uma fração de segundo, ficou surpresa ao dar falta da aliança.

– Cuidado com essa garota, Angela – disse a mãe com delicadeza.

Era a segunda vez que Angie ouvia esse conselho. Imaginou se o seguiria.



Uma manhã de sol em pleno outono era um presente de Deus. Naquela parte do mundo, tratava-se de algo raro como um diamante cor-de-rosa. Lauren considerou aquilo um sinal.

Espreguiçou-se para despertar. Podia ouvir o burburinho dos veículos na rua. No apartamento ao lado, os vizinhos brigavam. Em algum lugar, um carro buzinou. No quarto no fim do corredor, a mãe dela dormia, depois de uma farra que fora até tarde da noite.

Para o resto do mundo, era uma manhã de domingo comum.

Lauren se virou de lado. Com o movimento, o velho colchão em que sempre dormira rangeu.

David estava deitado de costas, o cabelo desganhado escondendo uma das faces, um braço caído ao lado da cama, o outro cobrindo parte do rosto. Lauren podia ver os pontinhos avermelhados de espinhas que marcavam a linha do cabelo e a pequena cicatriz em zigue-zague que riscava uma das bochechas. Ele tinha conseguido aquela marca no sexto ano, jogando rúgbi. “Sangrei feito um porco”, costumava dizer ao contar aquela história. Não havia nada de que gostasse mais que se gabar de seus machucados. Lauren sempre o provocava chamando-o de hipocondríaco.

Percorreu a cicatriz com a ponta do dedo.

A noite anterior fora perfeita. Mais que perfeita. Sentira-se uma princesa. Quando David a conduziu até o palco, ela praticamente flutuou ao seu lado. Estava tocando “Angel”, do Aerosmith. Imaginou por quanto tempo se lembraria daquilo. Será que contaria a história aos filhos? *Venham, crianças; venham ouvir a história da noite em que a mamãe foi eleita rainha do baile.*

“Eu te amo”, murmurara David, segurando a mão dela enquanto a tiara era colocada na cabeça de Lauren. Ela o encarara com a visão turvada pelas lágrimas. Amou-o tanto naquele momento que seu peito chegou a doer. Não conseguia se imaginar longe dele.

Se fossem para faculdades diferentes...

Era só o que bastava, só de *pensar* em faculdades diferentes Lauren sentia o estômago embrulhar.

David acordou aos poucos. Quando a viu, abriu um sorriso.

– Preciso dizer mais vezes aos meus pais que vou passar a noite na casa do Jared.

Puxou Lauren para seus braços. Ela se encaixava com perfeição, como se tivessem sido feitos um para o outro.

Seria assim quando eles estivessem na faculdade juntos, ou mais tarde, quando fossem casados. Nunca mais ela se sentiria sozinha.

Lauren o beijou e correu as mãos pelo corpo dele.

– Minha mãe nunca acorda antes do meio-dia no domingo – comentou com um sorriso malicioso.

David se afastou um pouco.

– Meu tio Peter ficou de se encontrar comigo lá em casa daqui a uma hora. Tenho um compromisso com um cara importante de Stanford.

Lauren também se afastou.

– Num domingo? Eu pensei que...

– Ele só vai ficar na cidade este fim de semana. Você pode vir junto.

O sorriso dela murchou, assim como seus planos românticos para o dia.

– Sei.

Se quisesse mesmo que ela fosse, ele a teria convidado antes.

– Não fique assim.

– Ah, David. Pare de sonhar. Eu não vou conseguir uma bolsa de estudos em Stanford e não tenho mamãe e papai para assinar um cheque. Você, por outro lado, poderia ir para a Universidade do Sul da Califórnia.

Era uma discussão antiga. O suspiro pesado de David mostrou que estava cansado daquilo.

– Em primeiro lugar, você *pode* entrar em Stanford. Em segundo, se você estudar na Universidade do Sul da Califórnia, nós podemos nos ver sempre. Nós nos amamos, Lauren. Isso não vai mudar por causa de alguns quilômetros de distância.

– Algumas centenas de quilômetros.

Ela olhou para o forro desgastado do teto. Uma mancha de umidade brotava num dos cantos. Desejou ter forças para sorrir.

– Seja como for, preciso trabalhar hoje – falou ela.

David a aconchegou mais perto e lhe deu um beijo lento. Isso sempre fazia o coração dela bater mais depressa. Sentiu a raiva se dissolver. Quando por fim ele a soltou e saiu da cama, Lauren sentiu frio.

David pegou o smoking e se vestiu. Lauren sentou na cama e cobriu os seios com a colcha.

– Eu me diverti muito ontem à noite – comentou Lauren.

David foi até a cama e sentou ao lado dela.

– Você se preocupa demais.

– Olhe como você vive, David.

Sua voz saiu grossa por causa das horas dormidas. Se fosse qualquer outra pessoa ali em vez de David, ela teria sentido vergonha.

– Eu sempre tive que me preocupar – acrescentou ela.

– Não comigo. Eu te amo.

– Eu sei.

E sabia mesmo. Acreditava naquilo com todas as suas forças. Agarrou-se a ele, beijou-o.

– Boa sorte.

Lauren continuou sentada na cama por um longo tempo depois que ele se foi, olhando para a porta aberta. Por fim, saiu da cama, tomou um banho quente e se vestiu.

Caminhou até a porta do quarto da mãe. Ouviu-a roncar lá dentro. Foi envolvida por um anseio conhecido. Imaginou se a mãe ao menos pensara no baile da noite anterior. Encostou a mão na porta.

Pergunte a ela.

Às vezes, de manhã cedo, quando a luz do sol atravessava as venezianas empoeiradas, a mãe acordava quase feliz. *Talvez hoje seja um desses dias.* Lauren precisava que fosse. Bateu de leve e abriu a porta.

– Mãe.

A mãe estava estirada sobre as cobertas usando uma blusa velha de malha. Parecia magra demais. Não vinha comendo bem ultimamente.

Lauren parou. Era um dos raros momentos em que se lembrava de quanto a mãe era jovem.

– Mãe – chamou de novo.

Entrou no quarto e sentou à beira da cama.

A mãe virou de barriga para cima.

– Que horas são? – murmurou, sem abrir os olhos.

– Ainda não são dez horas.

Queria tirar o cabelo dos olhos da mãe, mas não se atreveu. Era o tipo de intimidade que poderia estragar tudo.

A mãe esfregou os olhos.

– Eu estou péssima. Fiquei na farra com Phoebe até tarde. – Abriu um sorriso sonolento. – Até aí, nenhuma novidade.

Lauren se aproximou um pouco mais.

– Eu fui escolhida rainha do baile – disse em voz baixa.

Ainda mal acreditava naquilo. Não conseguiu conter um sorriso.

– Hã?

A mãe voltou a fechar os olhos.

– O baile... foi ontem à noite – disse Lauren, mas já sabia que havia perdido

a atenção da mãe. – Deixa pra lá.

– Acho que não vou trabalhar hoje. Estou me sentindo péssima.

Virou de bruços outra vez. Em segundos, já roncava.

Lauren se recusou a ficar decepcionada. Tinha sido estupidez esperar mais do que aquilo da mãe. Já deveria ter aprendido certas lições havia muito tempo.

Levantou-se com um suspiro.



Uma hora depois, Lauren atravessava a cidade no ônibus. O sol já tinha se escondido atrás de uma massa de nuvens que deixara tudo escuro. Quando chegaram ao último semáforo, começou a chover.

Ainda era cedo naquela manhã de domingo. Havia poucos carros estacionados, mas o pátio da igreja estava cheio.

Aquilo a lembrou de uma época – não fazia muito tempo, na verdade – em que sempre abria a janela do quarto aos domingos. Chovesse ou fizesse sol, não fazia diferença. Ela se debruçava no peitoril e imaginava como deveria ser se arrumar num domingo para ir à missa. Seus devaneios eram sempre os mesmos: via uma menininha de cabelos ruivos usando um vestido verde-claro e correndo atrás de uma linda mulher loura. Lá na frente, uma família esperava por elas.

“Vamos, Lauren”, dizia sua mãe imaginária, sorrindo de forma afável quando ela a alcançava e pegava sua mão. “Não podemos nos atrasar.”

Fazia tempo que Lauren não abria a janela do quarto. Agora, quando olhava para fora, só o que via era o dilapidado prédio vizinho e o velho Chevrolet azul amassado da Sra. Sanchez. Lauren só sonhava à noite.

O ônibus reduziu a velocidade e parou no ponto. Ela olhou para a sacola de compras no colo. Deveria ter ligado antes – era como se fazia nas casas de respeito. Não era educado aparecer sem avisar, nem mesmo para devolver algo. Infelizmente, não sabia o telefone de Angie. E, para ser honesta, não queria ficar sozinha.

– Miracle Mile Road – avisou o motorista do ônibus.

Lauren se levantou depressa, passou pelo corredor tentando não trombar com ninguém e desceu a escadinha para sair do veículo.

As portas se fecharam com um chiado e o ônibus seguiu viagem.

Lauren ficou ali parada, apertando a sacola contra o peito, tentando protegê-la da chuva que caía como pedacinhos de vidro gelado.

A rua se prolongava à sua frente, ladeada por altos cedros que apontavam para as nuvens. Caixas de correio salpicavam a calçada, mas fora isso não havia sinais de vida. Era uma época do ano que pertencia à floresta, algumas semanas úmidas e escuras em que os andarilhos que ousassem se aventurar por aquelas folhagens escuras e verdes poderiam ficar perdidos até a primavera.

Quando Lauren chegou à entrada da casa, a chuva estava pesada – rápida, fria e cortante em seu rosto.

A casa parecia vazia. Nenhuma luz saía pelas janelas. A chuva martelava o telhado, formava poças. Felizmente, o carro de Angie estava na entrada.

Lauren foi até a porta e bateu.

Ouviu sons do lado de dentro. Música.

Bateu de novo. A cada minuto que passava, as mãos ficavam mais dormentes. Estava congelando ali fora.

Depois de bater mais uma vez, virou a maçaneta. Para sua surpresa, a porta se abriu.

– Olá – chamou.

Entrou e fechou a porta.

Não havia luzes acesas. Sem a luz do sol, a sala parecia um pouco sombria.

Lauren notou uma bolsa na bancada da cozinha e as chaves do carro ao lado, sobre a fórmica branca.

– Angie – chamou.

Lauren tirou os sapatos e as meias e deixou a sacola perto da bolsa. Tomou a direção da sala de estar, sempre chamando o nome de Angie.

A casa estava vazia.

– Que droga – murmurou.

Agora teria que voltar para o ponto e esperar pelo ônibus naquela chuva gelada. Não tinha ideia do horário em que ele passaria.

Fazer o quê?

Já que estava lá, poderia pendurar o vestido em seu devido lugar. Subiu alguns degraus da escada, que rangeram. Olhou para trás e viu uma trilha de pegadas molhadas.

Maravilha. Agora teria que limpar o chão antes de sair.

Parou diante da porta do quarto e bateu, por precaução, embora não acreditasse que Angie ainda estivesse dormindo às 10h30.

Abriu a porta.

O quarto estava escuro. Cortinas pesadas com estampas florais vedavam as janelas.

Lauren bateu em busca de um interruptor, encontrou-o e acendeu a luz, que inundou o cômodo. Correu para o closet e guardou o vestido.

Quando voltou ao quarto, Angie estava sentada na cama e a encarava confusa e com olhos sonolentos.

– Lauren?

Lauren sentiu tanta vergonha que nem conseguiu se mexer. Suas bochechas queimavam.

– Eu... hã... Desculpe. Eu bati. Achei que...

Angie abriu um sorriso cansado. Seus olhos estavam vermelhos e inchados, como se ela tivesse chorado. O rosto estava amassado. Os cabelos compridos, uma bagunça. Considerando tudo, ela não parecia bem.

– Tudo bem, menina.

– É melhor eu ir embora.

– Não! – falou e, em seguida, com mais suavidade: – Eu ia gostar se ficasse.

Apontou com o queixo o pé da cama de dossel.

– Sente-se aqui.

– Eu estou toda molhada.

Angie deu de ombros.

– A água seca.

Lauren olhou para os próprios pés. A pele estava avermelhada; as veias pareciam protuberantes e azuladas. Sentou no colchão, esticou as pernas para fora e se apoiou no pé da cama.

Angie jogou um enorme travesseiro de chenile para ela, depois agasalhou os pés de Lauren com um cobertor de uma maciez inacreditável.

– Conte como foi ontem à noite.

O pedido libertou algo em Lauren. Pela primeira vez naquele dia, não sentiu o peito doer. Queria discorrer sobre todos os detalhes românticos, mas algo a deteve. Era a tristeza dos olhos de Angie.

– Você andou chorando – constatou.

– Eu sou velha. Acordo com essa cara mesmo.

– Em primeiro lugar, são 10h30. A manhã praticamente acabou. Em segundo, eu sei como é chorar no travesseiro.

Angie se recostou na cabeceira e olhou para o forro de madeira branco do teto. Demorou um pouco até falar.

– Às vezes tenho uns dias ruins. Não com muita frequência, mas... você sabe... às vezes. – Respirou fundo e olhou para Lauren. – Às vezes a vida não sai do jeito que a gente sonhou. Você é jovem demais para saber disso. De qualquer forma, não faz diferença.

– Você acha que sou jovem demais para entender de frustração?

Angie ficou quieta um bom tempo, encarando-a.

– Não. Não acho – respondeu afinal. – Mas tem coisas sobre as quais não adianta falar. Mas me conte sobre o baile. Estou louca para saber dos detalhes.

Lauren desejou conhecer Angie melhor. Se a conhecesse, saberia se era melhor mudar de assunto ou continuar falando. O que importava era dizer a coisa certa àquela mulher triste e maravilhosa.

– Por favor – insistiu Angie.

– O baile foi perfeito – começou Lauren, cedendo. – Todo mundo disse que eu estava linda.

– Estava mesmo – concordou Angie, com um sorriso.

Era um sorriso sincero, não aquele forçado que dera minutos antes. Lauren se sentiu melhor, como se tivesse presenteado Angie.

– A decoração também estava legal. O tema era País das Maravilhas Invernal, com neve por todo lado e espelhos que pareciam lagoas congeladas. Ah, e Brad Gaggiany levou uma garrafinha de rum. Acabou assim, num minuto.

Angie franziu o cenho.

– Ah, que bom.

Lauren se arrependeu de ter contado aquilo. Deixara-se levar pelo momento, pela aura de amizade entre garotas. Esquecera-se de que conversava com uma adulta. Na verdade, não tinha muita experiência com aquilo. *Nunca* falava com a mãe sobre os acontecimentos da escola.

– Eu quase não bebo – mentiu logo depois.

– Fico contente em saber. Beber pode levar uma garota a fazer coisas que não deveria.

Lauren percebeu a delicadeza do conselho de Angie. Não conseguiu deixar de pensar na mãe e em como ela logo teria começado a falar sobre os próprios arrependimentos, sendo que o principal era ter sido mãe.

– E adivinha o que mais?

Lauren não conseguiu esperar que Angie adivinhasse.

– Eu fui a rainha do baile – acrescentou depressa.

Angie sorriu e bateu palmas.

– Que demais! Pode começar a falar, mocinha. Eu quero saber *tudo*.

Durante a hora seguinte, as duas falaram sobre o baile. Por volta das 11h30, quando teve que sair para o restaurante, Angie já voltara a sorrir.

DOZE



Os telefones não pararam de tocar o dia todo. Era o terceiro domingo de outubro, e o jornalzinho *West End Gazette* publicara um anúncio na primeira página na seção de cultura e lazer: *Redescubra o romance no DeSaria's*.

O anúncio dava detalhes das mudanças – a noite dos namorados, a noite do vinho, o happy hour – e incluía alguns cupons. Cinquenta por cento de desconto numa garrafa de vinho. Sobremesa de graça na compra de uma entrada. De segunda a quinta, almoço para dois pelo preço de um.

Pessoas que haviam se esquecido do DeSaria's foram lembradas de tempos passados, de noites em que iam com os pais à pequena cantina na Driftwood Way. Muitas delas telefonaram para fazer uma reserva. Pelo que a equipe do DeSaria's lembrava, era a primeira vez em muitos anos que o restaurante ficava lotado. A caixa de doações para a campanha do agasalho quase transbordava. Parecia que todo mundo queria aproveitar a oportunidade para ajudar os vizinhos.

– Eu não entendo – disse Mama enquanto lavava os filés de albacora e os colocava no papel-manteiga. – Não há como saber quantas pessoas vão querer peixe esta noite. É uma má ideia, Angela. É muito caro. Deveríamos fazer mais canelone e lasanha.

Já tinha dito a mesma coisa pelo menos cinco vezes na última hora.

Angie deu uma piscadela para Mira, que tentava não rir.

– Se houvesse uma guerra nuclear, já teríamos lasanha suficiente no congelador para a cidade toda, mamãe.

– Não faça piadas com guerra, Angela. Corte a salsinha mais fina, Mira. Não

queremos nossos clientes conversando com uma árvore agarrada nos dentes da frente. Mais miudinha.

Mira riu e continuou a picar a salsinha.

Mama ajeitou o papel-manteiga com cuidado, depois pegou o azeite de oliva para pincelar.

– Mira, passe essas cebolas para cá.

Angie saiu da cozinha em silêncio e voltou ao salão.

Eram 17h15 e mais da metade das mesas já estava ocupada. Rosa e Lauren anotavam os pedidos e serviam água aos clientes.

Angie foi de mesa em mesa, saudando os clientes da maneira como lembrava que o pai fazia. Ele sempre dava atenção a todos, arrumava os guardanapos, puxava a cadeira para que as damas se sentassem, pedia mais água.

Angie viu pessoas que não via fazia anos, e todas tinham uma história do pai dela para contar. Ao se concentrar na perda da família, ela esquecera o vazio que o pai também deixara na comunidade. Quando se assegurou de que todas as mesas estavam sendo bem atendidas, voltou à cozinha.

Mama estava uma pilha de nervos.

– Já pediram oito especiais de peixe, e eu estraguei a primeira remessa. Cozinha muito depressa. O papel-manteiga arrebentou.

Mira picava tomates a um canto, tentando ficar invisível.

Angie foi até a mãe e tocou seu ombro.

– Respire fundo, Mama.

A mãe dela parou, estufou o peito num suspiro profundo e exalou.

– Eu estou velha – murmurou. – Velha demais para...

A porta da cozinha se abriu com um estrondo. Era Livvy, com uma saia preta plissada até o joelho, blusa branca e botas pretas.

– Então é verdade? A mamãe mudou o cardápio?

– Quem chamou você aqui? – perguntou Mira, limpando as mãos no avental.

– O Sr. Tannen, da loja de ferragens, apareceu na lavanderia. Ele soube pelo Sr. Garcia, que trabalha na gráfica.

Mama ignorou as filhas. Inclinação sobre o fogão, temperou os filés de peixe com sal e pimenta e os cobriu de tomilho fresco, salsinha e tomates-cerejas fatiados. Depois fechou as abas do papel-manteiga e levou o tabuleiro ao forno.

– É verdade – cochichou Livvy. – O que é isso?

– *Tonno al cartoccio* – respondeu Mama com uma fungada. – Não é grande coisa. Tem também halibute. Vou fazer um dos favoritos do seu pai: *rombo al capperi e pomodori*. Os tomates estavam muito bons esta semana.

O alarme do forno soou. Mama tirou a bandeja e arrumou os pratos. O especial de albacora daquela noite era servido com pimentões marinados ao forno, abobrinha grelhada e polenta caseira.

– O que vocês todas estão olhando?

Naquele momento, Lauren e Rosa entraram na cozinha. Mama entregou os pratos. Quando as garçonetes saíram, ela disse num tom casual:

– Faz anos que penso em mudar o cardápio. É bom variar de vez em quando. O pai de vocês... que Deus o tenha... sempre dizia que eu podia fazer qualquer coisa com o cardápio, menos tirar a lasanha. – Ela balançou as mãos, acrescentando: – Mas não fiquem aí paradas. Olivia, Lauren pode precisar de ajuda. Mira, vá pegar mais tomates.

Quando Livvy e Mira saíram, Mama deu uma risada.

– Venha aqui – disse a Angie, abrindo os braços. – Seu pai estaria orgulhoso de você.

Angie deu um abraço apertado na mãe.

– Ele estaria orgulhoso de *nós*.

Mais tarde naquela noite, quando a última leva de clientes já tinha sido servida e os pratos do jantar deram lugar ao de *tiramisù* e a taças de zabaione com framboesas frescas, Mama saiu da cozinha para ver como a comida fora recebida.

A maioria dos clientes conhecia Maria havia anos, e bateram palmas quando ela entrou.

– Sua comida está fabulosa! – gritou o Sr. Fortense.

Mama sorriu.

– Obrigada. E volte sempre. Amanhã vou fazer nhoque de aspargos com tomates frescos. Vocês vão chorar de alegria. – Olhou para Angie. – É o prato favorito da minha caçula.



Às 22h30, quando o último cliente saiu, Lauren estava exausta. O restaurante

ficara cheio a noite toda. Em alguns momentos, formara-se uma fila na porta. A pobre Rosa não teria como dar conta. Durante a primeira hora ou pouco mais, Lauren precisara ser tão rápida que chegara a se sentir enjoada por causa do nervosismo. Então a irmã de Angie aparecera. Como um anjo, Livvy aliviara a carga de Lauren e enchera o ambiente de risadas.

Agora Lauren estava na bancada de reservas. Rosa fora para casa fazia pelo menos uma hora e as outras estavam na cozinha. Pela primeira vez naquela noite, Lauren conseguiu relaxar e respirar. Tirou o dinheiro das gorjetas do bolso do avental e contou.

Duas vezes.

Tinha ganhado 61 dólares naquela noite. De repente não importava mais que seus pés doessem, que as mãos estivessem doloridas e que sentisse câibras. Ela estava rica. Mais algumas noites como aquela e teria o dinheiro para a inscrição.

Tirou o avental e se dirigiu à cozinha. No meio do caminho a porta de vaivém se abriu.

Livvy saiu primeiro. Mira veio logo atrás. Apesar de não serem parecidas, não havia dúvida de que eram irmãs. Os gestos eram o espelho uma da outra. As duas tinham a mesma risada rascante de Angie. Ouvidas de outro ambiente, era difícil diferenciar suas vozes.

Um som invadiu o restaurante. A voz melodiosa e aveludada de Frank Sinatra.

Mira e Livvy pararam uma atrás da outra e inclinaram a cabeça.

Outro som começou. Alto. Tão inesperado que demorou um segundo para Lauren reconhecer.

Bruce Springsteen cantando “Glory Days”: *“I had a friend was a big baseball player back in high school...”*

Livvy deu um grito, levantou os braços e começou a dançar com Mira, que fazia movimentos desajeitados, como se estivesse tomando um choque.

– Eu não danço desde... Puxa, nem me lembro da última vez que dancei! – gritou Mira para a irmã, acima do volume da música.

Livvy deu risada.

– Isso está *óbvio*, minha irmã. Você parece a Elaine naquele episódio de *Seinfeld*. Precisa sair mais de casa.

Mira trombou com a irmã, quadril contra quadril.

Lauren observava a cena, admirada. Aquelas irmãs que mal se falaram a noite toda pareciam pessoas diferentes agora. Mais jovens. Mais livres.

Unidas.

A porta voltou a se abrir. Angie entrou dançando e a mãe ia atrás, segurando nela.

– Trenzinho de conga! – gritou alguém.

Livvy e Mira foram para o final da fila, segurando uma na outra. As quatro dançavam ao redor das mesas vazias, parando de vez em quando para jogar o pé para o lado e a cabeça para trás.

Era uma coisa inacreditavelmente tosca.

E também extraordinariamente divertida.

O estômago de Lauren se contraiu. Não sabia como reagir. Só sabia que não fazia parte daquilo. Era uma funcionária.

Aquilo era uma família.

Tentou sair de mansinho em direção à porta.

– Ah, não, nada disso! – gritou Angie.

Lauren parou de repente e olhou para elas. O trenzinho se desfizera. Mira e Livvy dançavam juntas. Maria ficara num canto, observando as filhas com um sorriso.

Angie andou depressa na direção de Lauren.

– Você não pode ir embora agora. Estamos numa festa.

– Eu não...

Angie agarrou a mão dela e sorriu. Lauren nunca chegou a completar a frase para dizer que não fazia parte daquilo.

A música mudou. “Crocodile Rock” estourou os alto-falantes.

– Elton John! – gritou Livvy. – Fomos a um show dele no Tacoma Dome, lembra?

E a dança recomeçou.

– Vamos dançar – chamou Angie.

Antes que percebesse, Lauren dançava no meio das outras. Na terceira música – “Uptown Girl”, de Billy Joel –, Lauren já gargalhava na mesma altura que elas.

Pela meia hora seguinte, Lauren foi envolvida pela farra calorosa de uma família cheia de amor. Todas riam, dançavam, falavam sem parar sobre o

movimento do restaurante. Lauren adorou cada minuto. Perto da meia-noite, quando a festa acabou, nem queria voltar para casa.

Não havia escolha, claro. Despediu-se para ir pegar o ônibus, mas Angie a obrigou a aceitar uma carona. As duas conversaram durante todo o trajeto, rindo bastante, até Lauren enfim chegar em casa.

Arrastou-se pelas escadas sombrias até o apartamento, mudando a pesada mochila de um ombro para outro.

A porta do apartamento estava aberta.

Lá dentro, uma fumaça cinzenta pairava em camadas ao longo do teto manchado. Guimbas se empilhavam em cinzeiros na mesa de centro e se espalhavam aqui e ali no assoalho. Uma garrafa de gim vazia rolou na mesa de jantar bamba e caiu no piso de linóleo.

Lauren reconheceu os sinais: cigarros de duas marcas diferentes e garrafas de cerveja na bancada da cozinha. Não precisava de uma equipe forense para analisar a cena do crime. Era um território familiar.

A mãe tinha arranjado algum traste (todos eles eram) no bar e o levava para casa. Agora estavam no quarto dela. Lauren reconheceu o barulho rítmico da velha cama.

Em silêncio, para que ninguém percebesse sua presença, foi para o quarto e fechou a porta. Abriu seu diário e anotou: *Festa das DeSarias*. Não queria se esquecer nunca daquilo. Queria poder ler aquelas palavras e se lembrar do que sentira naquela noite.

Foi ao banheiro e se preparou para dormir em tempo recorde. A última coisa que desejava era trombar com *ele* no corredor.

Voltou depressa para o quarto e fechou a porta. Entrou na cama, puxou as cobertas até o queixo e ficou encarando o teto.

Lembranças da noite invadiram sua mente. Uma estranha emoção acompanhou as imagens, em parte alegria, em parte tristeza. Não conseguia destrinchá-la.

Era só um restaurante, lembrou a si mesma. O lugar onde trabalhava.

Angie era sua chefe, não...

... *sua mãe*.

Lá estava o cerne da questão, o que a incomodava. Fazia tanto tempo que era solitária, e agora – de forma irracional – sentia que fazia parte de um lugar.

Mesmo que isso não fosse de todo verdade – e não devia mesmo ser –, com certeza era melhor do que o vazio de sua dura realidade.

Tentou parar de pensar a respeito, deixar de passar e repassar as conversas na cabeça, mas não conseguia. No final da noite, quando estavam todas reunidas ao redor da lareira, rindo e conversando, Lauren tinha se soltado o bastante a ponto de contar a única piada que conhecia. Mira e Angie riram muito e por muito tempo. Maria comentara: “Mas não faz sentido. Por que o homem diria isso?” Aí todas se escangalharam de rir, Lauren mais do que as outras.

Essa lembrança lhe deu vontade de chorar.

TREZE



Outubro passou depressa, mas em novembro a vida voltou a passar devagar. Um dia desembocava no outro. Chovia com frequência, às vezes com tempestades que uivavam e formavam cortinas de água, transformando o mar num redemoinho de som e fúria. Na maioria das vezes, contudo, os pingos de chuva vinham de um céu que parecia inchado e vencido pelo cansaço.

Nas duas últimas semanas, Lauren ficara em casa o mínimo possível. *Aquele homem* estava quase sempre lá, tomando cerveja, fumando e empestecendo o ar com sua presença. Claro que a mãe estava apaixonada. Era bem o tipo dela.

Lauren fazia questão de trabalhar no restaurante quase todas as noites e o dia inteiro nos fins de semana. Apesar de terem contratado mais uma garçonete, ela tentava manter certa quantidade de horas de trabalho. Quando não ia para o DeSaria's, estudava na biblioteca da escola ou saía com David.

A única desvantagem de ganhar todo aquele dinheiro e melhorar suas já excelentes notas era se sentir exausta. No momento, estava usando toda a sua determinação para se manter acordada na sala de aula. Na frente da classe, o professor Goldman começava a ficar poético ao discorrer sobre a paleta de cores de Jackson Pollock.

Para Lauren, o quadro em questão parecia algo que uma criança furiosa faria se tivesse latas de tinta.

Matérias eletivas...

Sua grade estava cheia delas. Lauren não havia se dado conta de que, como acelerara o ritmo dos estudos, quando chegasse ao último ano já teria concluído todas as matérias obrigatórias. Naquele ritmo, conseguiria se formar no final do

semestre seguinte. As aulas de trigonometria eram as únicas que ainda exigiam algum esforço, e a matéria nem era obrigatória para a formatura.

Quando o sinal tocou, ela fechou o livro e se levantou da carteira, saindo no meio de alunos que riam, se empurravam e conversavam.

Encontrou David no mastro da bandeira, fazendo embaixadas com os amigos usando uma pequena bola de pano. Quando a avistou, seu rosto se iluminou. Correu até ela e a abraçou. Pela primeira vez no dia Lauren não se sentiu cansada.

– Estou morrendo de fome – disse alguém.

– Eu também.

Lauren passou o braço ao redor de David e os dois seguiram o grupo em direção ao Hamburger Heaven, o ponto de encontro habitual.

Marci Morford pôs algumas moedas na jukebox, que começou a tocar “Crazy Rap”, de Afroman.

Todo mundo gemeu e, depois, deu risada. Anna Lyons começou uma história sobre a professora Fiore, de economia doméstica, que levou todos a discutir por que havia lição de casa até para quem se inscrevia nas aulas de patinação.

Lauren pediu um milk-shake de morango, hambúrguer com bacon e fritas.

Era bom ter dinheiro no bolso. Durante anos ela fingira nunca estar com fome. Agora comia o tempo todo.

– Nossa, Lo – falou Irene Herman com um sorriso. – Isso aí está apetitoso. Você tem 1 dólar para me emprestar?

– Claro. – Lauren tirou alguns dólares do bolso da calça jeans e deu à amiga.

– Eu sei que você também quer um milk-shake.

Isso fez com que todos comessem a falar sobre quanto podiam comer.

– Ei, vocês receberam a mensagem sobre as faculdades da Califórnia? – perguntou Kim depois de certo tempo

Lauren levantou a cabeça.

– Que mensagem?

– Vai ter um grande evento em Portland no fim de semana.

Portland. A uma hora e meia de distância. O coração de Lauren acelerou.

– Isso é legal.

Pegou na mão de David e a apertou de leve.

– A gente podia ir junto – falou, olhando para ele.

David fez uma expressão de desânimo.

– Esse fim de semana eu vou visitar meus avós – explicou. – Em Indiana. Não dá para cancelar. É o aniversário de casamento deles.

Olhou ao redor da mesa.

– Alguém pode dar uma carona pra Lauren?

Um a um, todos deram suas desculpas.

Droga. Agora ela teria que ir de ônibus. E, como se não fosse o bastante, teria de ir a mais uma Feira do Estudante sendo a única sem o pai ou a mãe.

Quando a comida acabou, a turma se dispersou, deixando Lauren e David sozinhos na mesa.

– Tudo bem você ir sozinha? Talvez eu possa dizer que estou resfriado...

– Não. Se eu tivesse avós, adoraria fazer essas visitas.

Sentiu uma pequena pontada com aquela confissão. Quantas vezes sonhara em visitar a avó ou se encontrar com um primo? Seria capaz de fazer quase qualquer coisa para ter um parente de verdade.

– Aposto que Angie levaria você. Ela parece ser bem legal.

Lauren pensou a respeito. Será que poderia pedir esse grande favor a Angie?

– É mesmo – concordou, só para David não ficar preocupado. – Vou falar com ela.

Pensou na sugestão de David pelo resto do dia e por todo o seguinte. Não estava acostumada a ter alguém a quem pudesse pedir favores. Talvez despertasse piedade, sabia disso, ou até provocasse perguntas sobre a mãe. Em geral, isso seria razão suficiente para esquecer o assunto e ir de ônibus.

Mas Angie era diferente. Parecia gostar mesmo de Lauren.

Perto do final da semana, Lauren ainda não se decidira. Na sexta-feira trabalhou arduamente, correndo para atender a clientela e mantê-la satisfeita. Sempre que podia, dava uma olhada para Angie e imaginava como seu pedido seria recebido, mas Angie à noite era como uma borboleta – voava de mesa em mesa, conversando com todos os clientes. Duas vezes Lauren chegou a ameaçar fazer a pergunta, mas em ambas perdeu a coragem e se afastou.

– Muito bem – disse Angie enquanto fechava o caixa. – Pode falar, menina.

Lauren estava enchendo os saleiros e se surpreendeu com a pergunta, derrubando sal na mesa.

– Isso dá azar – falou Angie. – Jogue um pouco de sal por cima do ombro

esquerdo. Rápido.

Lauren pegou uma pitada de sal e jogou por cima do ombro.

– Ufa. Essa foi por pouco. De repente a gente podia ser atingido por um raio. Bem, o que se passa na sua cabeça?

– Cabeça?

– É, isso aí entre as suas orelhas. Você ficou me olhando a noite toda, me seguindo. Eu conheço você, Lauren. Está querendo dizer alguma coisa. Quer folgar no sábado à noite? A nova garçonete vem se saindo bem. Se tiver algum compromisso com David, posso dispensá-la.

Era agora ou nunca.

Lauren abriu a mochila, tirou um folheto e entregou a Angie.

– Faculdades da Califórnia... Sessão de perguntas e respostas... Conheça os representantes... Hum... – Angie levantou a cabeça. – Quando eu era jovem, não tinha essas coisas bacanas. Então você quer folgar no sábado para poder ir?

– Eu-queria-ir-você-me-leva? – indagou Lauren de supetão.

Angie franziu o cenho.

Tinha sido má ideia. Angie estava com aquele olhar de *Coitada da Lauren, que pena dela*.

– Não tem importância. Tirar o dia de folga já está bom.

Abaixou-se para pegar a mochila.

– Gosto de Portland – disse Angie.

Lauren ergueu a cabeça.

– Gosta?

– Claro que gosto.

– Vai me levar? – perguntou, quase com medo de acreditar.

– Claro que vou. E, Lauren, não seja tão medrosa da próxima vez. Nós somos amigas. Fazer favores uma para a outra faz parte do pacote.

Lauren se sentiu constrangida com quanto aquilo significava para ela.

– Claro, Angie. Amigas.



O trânsito entre Vancouver e Portland se arrastava. Só quando estavam no meio da ponte que ligava Washington a Oregon elas entenderam por quê.

Naquela tarde haveria a grande partida de futebol americano entre a Universidade de Washington e a Universidade do Oregon, uma antiga rivalidade.

– Vamos nos atrasar – disse Angie, pelo menos pela terceira vez nos últimos vinte minutos.

Estava irritada. Tinha assumido a tarefa de levar Lauren a um compromisso e iam chegar atrasadas.

– Não se preocupe, Angie. Vamos perder alguns minutos. Não chega a ser uma catástrofe.

Angie ligou a seta e pegou a saída à esquerda. *Finalmente*. Assim que deixaram a rodovia, o trânsito melhorou. Angie passou por várias ruas e parou numa vaga do estacionamento.

– Chegamos. – Olhou para o relógio do painel do carro. – Só sete minutos atrasadas. Vamos correr.

Saíram correndo pelo estacionamento e entraram no prédio. O lugar estava lotado.

– Droga.

Angie começou a descer os degraus para ficar perto do palco. Se não houvesse assentos livres, poderiam sentar na escada mesmo. Lauren a pegou pela mão e levou-a para umas cadeiras vazias no fundo.

No palco, cerca de quinze pessoas ocupavam uma grande mesa. Um moderador guiava os assuntos em pauta: requisitos para admissão, processo seletivo, proporção entre estudantes do estado e de fora.

Lauren anotava tudo na agenda.

Angie sentiu um estranho orgulho. Se tivesse uma filha, gostaria que fosse como Lauren. Inteligente. Ambiciosa. Dedicada.

Durante a hora seguinte, Angie ouviu uma estatística atrás da outra. No final da apresentação, tinha certeza de uma coisa: se ainda fosse estudante, não seria aceita pela universidade em que se formara. Na sua época, os requisitos básicos eram respirar sem aparelhos e ser um bom aluno. Atualmente, para entrar em Stanford, por exemplo, era preciso ter descoberto a cura de alguma doença ou ser um dos ganhadores da Feira Nacional de Ciência. A não ser, claro, que a pessoa fosse especialista em lançamentos de bola ao cesto. Aí poderia ser um aluno mediano.

Lauren fechou a agenda.

– É isso aí – falou.

As pessoas começaram a se encaminhar para a saída. As conversas se intensificavam no salão.

– Então, o que chamou mais a sua atenção? – perguntou Angie, ainda sentada.

Não fazia sentido se misturar à multidão naquela movimentação de saída.

– Que nessas faculdades quase 90% dos alunos são do próprio estado. E que os preços estão subindo.

– Bem, parece que tem alguém aqui passando por um daqueles momentos em que a pessoa só vê o lado ruim das coisas. Nem parece você.

Lauren soltou um suspiro.

– Às vezes é difícil... estudar num colégio como o meu. Todos os meus amigos podem escolher as faculdades que *querem*. Eu tenho que arrumar um jeito de encontrar uma que me aceite.

– Parece que redação é muito importante.

– É.

– E recomendações.

– É. É uma pena eu não poder fazer um político influente escrever uma recomendação para mim. Só o que me resta é esperar que o Sr. Baxter, meu professor de matemática, me faça uma carta de recomendação. Infelizmente, em geral ele nem lembra onde fica o quadro-negro.

Angie deu uma olhada no palco. O pessoal da Loyola-Marymount, da Universidade do Sul da Califórnia e da Santa Clara continuava lá. Apoiados nas mesas, conversavam entre si.

– Qual seria sua primeira escolha? – perguntou Angie a Lauren.

– A Universidade do Sul da Califórnia, eu acho. É a segunda escolha do David.

– Nem vou me meter nessa conversa de ir para a faculdade do seu namorado. Tudo bem, mentira. É uma má ideia. Não é bom estudar na mesma faculdade que o namorado. Agora venha comigo – chamou, levantando-se.

Lauren guardou a agenda na mochila e se levantou.

– Aonde nós vamos? – perguntou quando Angie começou a descer a escada, em vez de subir.

Ela pegou Lauren pela mão.

– Não viemos até aqui para ficar na última fileira.

Lauren tentou recuar, mas Angie era como um trem. Desceu a escada, contornou o fosso da orquestra e subiu no palco. Puxando Lauren pela mão, seguiu na direção do homem da Universidade do Sul da Califórnia.

O homem levantou a cabeça e abriu um sorriso cansado. Sem dúvida estava acostumado a ver mães levarem os filhos até o palco. Não poderia saber que Angie não era a mãe.

– Olá. Em que posso ajudar?

– Meu nome é Angela Malone – apresentou-se Angie, estendendo-lhe a mão. Ele a cumprimentou.

– Estudei na Universidade da Califórnia em Los Angeles, mas esta aqui prefere a do Sul – prosseguiu ela. – Não sei por quê.

O homem riu.

– Esta é uma abordagem original: já chegar batendo na minha escola. – Olhou para Lauren. – E quem é você?

Lauren ficou muito corada.

– L-Lauren Ribido. Estudo na Fircrest.

– Ah! Uma boa escola. Isso ajuda. – O homem sorriu para ela. – Não precisa ficar nervosa. Por que escolheu a Universidade do Sul da Califórnia? O que quer cursar?

– Jornalismo.

Disso Angie não sabia. Sorriu como uma mãe orgulhosa.

– Está pensando em ser nossa próxima grande jornalista, hein? – disse o homem. – Como estão suas notas?

– Entre as melhores da turma. Média perto de 93, com várias notas máximas.

– Já fez os exames de acesso à universidade?

– No ano passado consegui 1.520 pontos. Mas já fiz outro. A pontuação ainda não chegou.

– Uma pontuação de 1.520 já é impressionante. Você pratica esportes, atua como voluntária na sua comunidade?

– Sim.

– E trabalha de 20 a 25 horas por semana – acrescentou Angie.

– Impressionante.

Angie lançou sua cartada:

– O senhor conhece William Layton?

– O reitor da escola de administração? Claro. Ele é desta região, não é?

Angie aquiesceu.

– Fui colega da filha dele. Ajudaria se ele fizesse uma recomendação para Lauren?

O homem olhou para Lauren e tirou um porta-cartões do bolso de trás da calça.

– Fique com o meu cartão. Envie sua inscrição direto para mim. Eu cuido de encaminhá-la. – Ele se virou para Angie. – Uma recomendação de Layton ajuda, com certeza.



Lauren ainda não conseguia acreditar. Ria sozinha, sem nenhuma razão. Em algum ponto perto de Kelso, Angie pediu que ela parasse de agradecer.

Mas como poderia deixar de agradecer? Era a primeira vez na vida que tinha sido tratada como *alguém*.

Agora tinha uma chance na Universidade do Sul da Califórnia. Uma chance. Olhou para Angie.

– Obrigada. De verdade – falou mais uma vez, balançando no banco.

– Eu sei. Eu sei. – Angie riu. – Parece que é a primeira vez que alguém faz um favor para você. Não foi nada.

– Não, foi uma coisa e tanto – replicou Lauren, sentindo seu sorriso esmaecer.

O que Angie fizera significava muito para ela. Dessa vez, Lauren não ficara sozinha.

CATORZE



O pátio da escola estava tomado por um burburinho. Era a terceira semana de novembro, e o processo de inscrição para as faculdades estava em ritmo frenético. Todo mundo andava obcecado com o assunto. Era tema de todas as conversas. Lauren preencheria a papelada referente a ajuda financeira e bolsas de estudo, reunira a documentação e escrevera as redações de apresentação. E, milagre dos milagres, Angie havia lhe conseguido uma recomendação do Dr. Layton para a Universidade do Sul da Califórnia. Começava a acreditar que tinha uma chance real de conseguir uma bolsa de estudos.

– Você soube de Andrew Wanamaker? O avô dele conseguiu que entrasse em Yale. Ainda nem saíram os resultados e ele já sabe.

Kim Heltne se encostou numa árvore, suspirando.

– Meu pai vai surtar se eu não entrar em Swarthmore. Não está nem aí para o fato de que eu detesto neve.

Estavam todos no pátio, almoçando, a turma de amigos que se formara desde o primeiro ano.

– Eu mataria alguém para entrar em Swarthmore – comentou Jared, esfregando as costas de Kim. – Acho que vou para Stone Hill. Outra escola particular católica. Tenho medo de ter um ataque de fúria.

Lauren recostou a cabeça no colo de David. Pelo menos naquele dia o sol brilhava e a grama estava fofa e seca. Apesar de ainda fazer frio, o sol aquecia seu rosto.

– Para mim vai ser o legado da minha mãe – disse Susan. – Uhul! William & Mary, lá vou eu. O prédio aqui da escola é maior que a faculdade inteira.

– E você, Lauren? Alguma notícia sobre a bolsa de estudos? – perguntou Kim.

Lauren deu de ombros.

– Continuo preenchendo formulários. Se tiver que escrever mais uma vez sobre “por que eu mereço uma bolsa”, vou começar a gritar.

– Lauren vai conseguir uma bolsa integral – garantiu David. – Afinal, ela é a aluna mais inteligente da escola.

Lauren percebeu o orgulho na voz de David ao dizer aquilo. Em geral isso a faria sorrir, mas agora, olhando para o queixo dele, só conseguia pensar no futuro dos dois. David se candidatara a Stanford, e o resultado óbvio era ser aceito. Pensar em ficar longe dele a deixava mais arrepiada que o frio invernal, e ele não parecia nada preocupado com isso. David tinha certeza do amor dos dois. Como uma pessoa podia ser tão segura?

O refrigerante de Kim soltou um chiado ao ser aberto.

– Mal posso esperar para acabar com todas essas inscrições.

Lauren fechou os olhos. A conversa pairava ao redor, mas ela não participava.

Não sabia bem por que, mas de repente se sentia irritada. Talvez fosse o clima: ensolarado, mas frio. Em geral, depois de dias assim, em que as nuvens corriam do oeste para o leste e limpavam o céu, vinha uma tempestade. Ou talvez o problema fosse a conversa sobre faculdades. Mas ela sabia que alguma coisa não estava certa.



Uma névoa fina e prateada recobria a grama úmida de manhã. Angie tomava café na varanda, olhando o mar. O ritmo das ondas parecia tão familiar e constante como as batidas de seu coração.

Lá estava a trilha sonora de sua juventude. O rugido das marés, o som de gotas batendo nas folhas de rododendro, o rangido da cadeira de balanço no desgastado piso da varanda.

A única coisa que faltava eram as vozes: crianças rindo e gritando umas com as outras. Virou-se para dizer algo ao marido, então se deu conta de que estava sozinha.

Levantou-se devagar e entrou em casa para pegar mais café. Estava chegando ao bule quando ouviu alguém bater à porta.

– Já vai.

Foi até a porta e a abriu.

Era Mama. Usava uma camisola de flanela até o tornozelo e sapatos de borracha verdes para jardinagem.

– Ele quer que eu vá.

Angie franziu o cenho, balançou a cabeça. Parecia que Mama andara chorando.

– Entre, mãe, saia dessa chuva.

Passou o braço em torno da mãe e a levou até o sofá.

– Vamos lá, o que está acontecendo?

Mama enfiou a mão no bolso e tirou um envelope branco amassado.

– Ele quer que eu vá.

– Quem?

Angela pegou o envelope.

– Papa.

Abriu o envelope. Dentro havia dois ingressos para *O fantasma da ópera*. A mãe e o pai sempre compravam ingressos para o teatro no centro de Seattle. Era um dos poucos luxos do pai.

– Eu ia simplesmente deixar a data passar. Já perdi *Os produtores* em julho. – Mama suspirou e deixou os ombros caírem. – Mas seu pai acha que nós duas devemos ir.

Angie fechou os olhos por um momento, viu o pai seguindo para a porta em seu melhor terno preto. Ele adorava musicais, sempre voltava para casa cantando. *Amor, sublime amor* era seu favorito, claro. Tony e Maria. “Os dois são como sua mãe e eu”, costumava dizer. “Só que nós nos amamos para sempre, não é, Maria?”

Angie abriu os olhos devagar e, pela expressão da mãe, compreendeu que experimentavam as mesmas lembranças dolorosamente alegres.

– É uma boa ideia. Vamos fazer uma noitada. Jantar no Palisades e ficar hospedadas no Fairmont Olympic. Vai ser bom para nós.

– Obrigada – disse Mama, a voz embargada. – Foi o que seu pai falou.



Na manhã seguinte, Lauren acordou cedo e preparou o café da manhã. Porém, quando olhou para os ovos no prato, a ideia de comer aquela gosma amarela e pegajosa foi insuportável. Afastou o prato tão depressa que o garfo caiu com um estrondo na mesa de fórmica. Por um segundo, achou que ia vomitar.

– Qual é o problema?

Levantou a cabeça, assustada. A mãe estava na porta com um cigarro. Usava uma saia jeans cor-de-rosa ridiculamente curta e uma velha camiseta do Black Sabbath. As olheiras eram enormes.

– Meu Deus, mãe, que bom ver você de novo. Pensei que tivesse morrido no quarto. Cadê o Príncipe Encantado?

A mãe se apoiou no batente. Havia um sorriso sonhador no rosto dela.

– Esse é diferente.

Lauren teve vontade de perguntar: “Tipo um animal de espécie diferente?” Mas se conteve. Estava de mau humor, irritadiça. Entrar em conflito com a mãe não ajudaria em nada.

– Você sempre diz isso. Jerry Eckstrand era diferente, certo? E aquele sujeito que tinha uma Kombi... qual era mesmo o nome dele? Dirk? Esse era *realmente* diferente.

– Você está sendo implicante.

A mãe deu uma longa tragada no cigarro. Quando exalou, mordiscou a unha do polegar.

– Está menstruada?

– Não, mas o aluguel está atrasado de novo, e você parece que se aposentou.

– Não que isso seja da sua conta, mas acho que estou apaixonada.

– Da última vez que você disse isso, o nome dele era Cobra. E qualquer um sabe muito bem onde está se metendo se o sujeito tem um nome de réptil. Não tem como se enganar.

– Definitivamente, você está com algum problema.

A mãe voltou para a sala e sentou no sofá. Pôs os pés em cima da mesa de centro.

– Acho mesmo que esse pode ser o cara certo, Lo.

Lauren pensou ter ouvido certa comoção na voz da mãe, mas não era possível. Sempre havia algum homem entrando ou saindo da vida dela. Principalmente saindo. A mãe já se apaixonara por dezenas deles. Mas nunca ficavam muito tempo.

– Eu estava tomando uns drinques com Phoebe, já quase indo embora, quando Jake chegou. – Deu uma longa tragada no cigarro e exalou. – Parecia um pistoleiro entrando no bar para um duelo. Quando a luz iluminou o rosto dele, achei que era o Brad Pitt. – Deu uma risada. – Na manhã seguinte, claro, ele não parecia muito um astro de cinema. Mas ele me beijou. À luz do dia. Me deu um beijo.

Lauren sentiu uma pequena abertura entre as duas. Esses momentos eram raros, e ela não resistiu. Sentou ao lado da mãe.

– Sua voz fica... diferente quando diz o nome dele.

Ao menos daquela vez, a mãe não se afastou.

– Eu não acreditava mais que pudesse acontecer comigo. – De repente pareceu ter percebido o que dissera, o que tinha revelado, e sorriu. – Mas acho que não é nada disso.

– Eu poderia dar um alô para ele.

– É. Ele acha que você é fruto da minha imaginação. – A mãe riu outra vez. – Como se eu fosse fingir que tenho uma filha.

Lauren nem acreditou que tinha caído naquele papo de novo. Ou que ainda se magoasse. Começou a se levantar, mas a mãe a deteve. Até tocou nela.

– E o sexo, vou dizer uma coisa: nossa, como é bom!

Ela deu outra tragada e, com um sorriso sonhador, soltou a fumaça, que foi direto no rosto de Lauren.

O nariz dela ardeu, o cheiro a fez engasgar, o estômago se revirou.

Correu para o banheiro e vomitou. Depois, ainda trêmula, escovou os dentes e voltou para a mesa da copa.

– Quantas vezes preciso pedir para não soprar fumaça na minha cara?

A mãe apagou o cigarro num cinzeiro cheio de guimbas e olhou para Lauren.

– Vomitar é novidade.

Lauren pegou o prato da mesa e foi até a pia.

– Preciso ir. Vou estudar com David hoje à noite.

– Quem é David?

Lauren revirou os olhos.

– Legal. Nós namoramos há quase quatro anos.

– Ah, ele. O bonitão.

A mãe olhou para ela através da fumaça que ainda pairava, depois tomou outro gole da sua Coca. Pela primeira vez, Lauren sentiu que a mãe realmente a *enxergava*.

– Você tem muita coisa a seu favor, Lauren. Acredite em mim quando digo que um pau duro pode arruinar tudo.

– Deve ser o tipo de conselho que a mãe daquela série *A família Sol-Lá-Si-Dó* daria à filha.

A mãe não riu nem desviou o olhar. Passou-se um bom tempo até que falasse, em voz baixa:

– Você sabe o que faz uma garota vomitar sem motivo, não sabe?



– Não acredito que a senhora me convenceu a usar este vestido – disse Angie, olhando-se no espelho do quarto do hotel.

– Eu não convenci você a nada – retrucou Mama do banheiro. – Só comprei o vestido.

Angie virou de perfil, observando como a seda vermelha colava no seu corpo. O vestido que a mãe conseguira na promoção da Nordstrom era do tipo que Angie nunca teria comprado. Vermelho era uma cor tão chamativa... Pior ainda era a sensualidade ostensiva do modelo. Em geral Angie preferia a elegância clássica.

Normalmente se recusaria a usá-lo, mas ela e a mãe haviam tido um dia maravilhoso: almoço no Georgian, maquiagem no salão Gene Juarez e compras na Nordstrom. A mãe surtara ao ver o vestido e correrá até ele.

De início Angie achara que era só brincadeira. O vestido era vermelho, de alças e muito decotado atrás. Milhares de minúsculas contas prateadas cintilavam no corpete. E mesmo com 70% de desconto, o preço na etiqueta era alto.

– A senhora deve estar brincando – disse à mãe, balançando a cabeça. – Nós vamos ao teatro, não à cerimônia do Oscar.

– Agora você é uma mulher solteira – replicou Mama, saindo do banheiro.

Apesar do sorriso, havia uma triste convicção nos olhos dela. *A vida muda*, dizia aquele olhar, *queira você ou não*.

– O Sr. Tannen, da loja de ferragens, disse que Tommy Matucci andou perguntando por você.

Angie resolveu ignorar isso. Voltar a se encontrar com o namorado do ensino médio não estava entre suas prioridades.

– Então a senhora acha que é só me vestir como uma prostituta de luxo ou uma celebridade de Hollywood que vou arranjar uma vida nova.

A intenção de Angie era ser irônica, mas seu sorriso vacilou quando ela pronunciou as palavras *vida nova*.

– O que eu acho – começou a dizer Mama devagar – é que chegou a hora de olhar para a frente e não para trás. Você tem feito um ótimo trabalho no restaurante. A noite dos namorados é um sucesso. Você já arrecadou agasalhos para quase todas as crianças do ensino fundamental da cidade. Por ora, seja feliz.

Angie sabia que era um bom conselho.

– Eu te amo, Mama. Já disse isso?

– Não o bastante. Agora vamos embora. Seu pai falou que estamos atrasadas.

As duas chegaram ao teatro em menos de quinze minutos. Passaram pelos portões, apresentaram os ingressos e entraram no saguão lindo e movimentado.

– Ele adorava este teatro – disse Mama, com uma voz hesitante. – Sempre comprava os programas, mesmo sendo caros, e nunca jogou nenhum fora. Ainda tenho uma pilha deles no guarda-roupa.

Angie pôs um braço em volta da mãe, apertando-a num abraço.

– Ele teria nos levado direto até o bar.

– Então vamos atrás dele.

Angie saiu na frente em direção ao pequeno espaço onde serviam coquetéis. Abrindo caminho pela multidão, pediu duas taças de vinho branco e voltou para encontrar a mãe. Elas bebericaram o vinho enquanto passeavam pela sala de espera, apreciando a decoração barroca dourada.

Às 19h40, as luzes piscaram.

Elas se apressaram para seus lugares na quarta fileira e se sentaram. O teatro se encheu de ruídos abafados – passos, vozes cochichando, pessoas movimentando-se no fosso da orquestra.

Aí o espetáculo começou.

Durante a primeira hora, a plateia se extasiou com o desenrolar da bela e triste história. No intervalo, quando as luzes se acenderam, Angie se virou para a mãe.

– O que a senhora achou?

Mama chorava. Angie compreendia: aquele musical fazia isso com a gente; libertava as emoções mais profundas.

– Ele teria adorado esta peça – disse Mama. – Eu achei a trilha sonora uma chatice.

Angie tocou na mão da mãe, macia como veludo.

– A senhora pode contar tudo isso para ele.

A mãe se virou para ela. Os óculos antiquados aumentavam seus olhos escuros e lacrimosos.

– Ele já não fala mais tanto comigo. Diz “Já é hora, Maria”. Não sei o que vou fazer tão sozinha.

Angie conhecia aquele tipo de solidão. Doía, às vezes mais do se podia suportar, mas não havia o que fazer, apenas seguir adiante até que a dor passasse.

– A senhora nunca vai estar sozinha, mãe. Tem filhas, netos, amigos e família.

– Não é a mesma coisa.

– Não.

Os lábios de Mama se arquearam numa expressão triste. Ficaram ali sentadas em silêncio, rememorando, até a mãe dizer:

– Você poderia pegar alguma coisa para eu tomar?

– Claro.

Angie passou pela fileira de cadeiras e se misturou à multidão. Deu uma parada na porta para olhar para trás.

A mãe era a única pessoa na quarta fila. Parecia pequena vista dali, um pouco encurvada. E falava com Papa.

Angie atravessou a sala de espera em direção ao bar. Dezenas de pessoas se aglomeravam no balcão.

Foi então que ela o viu.

Respirou fundo e exalou devagar.

Ele estava tão bonito.

Lindo de fazer prender a respiração e doer o coração.

Mas Angie sempre o considerara o homem mais atraente que já conhecera. Lembrou-se da primeira vez que se encontraram, tantos anos antes, em Huntington Beach. Angie estava tentando aprender a surfar e se saía muito mal. Uma onda a derrubou e ela ficou desorientada: não sabia em que direção nadar, onde era a superfície, e entrou em pânico. Aí alguém a agarrou pelo pulso e a puxou para cima. De repente ela estava fitando os olhos mais azuis que já vira...

– Conlan.

Disse o nome em voz baixa, como se talvez ele não estivesse ali de verdade e fosse tudo parte da sua imaginação. Andou na direção dele.

Conlan a avistou.

Os dois se encararam, começaram a se aproximar para um abraço, mas pararam. Eram como brinquedos imobilizados, lutando para se mexer.

– Que bom ver você – disse ele.

– É bom ver você também.

Houve um silêncio constrangedor entre os dois e de repente Angie desejou que não tivesse ido até ali, não tivesse falado com ele.

– Como você está? Continua em West End?

– Eu estou bem. Parece que levo jeito para o ramo de restaurantes. Quem diria?

– Seu pai – respondeu Conlan, fazendo-a lembrar com aquelas duas palavras quanto sabia sobre ela.

– É. Bem... E como vai o trabalho?

– Vai bem. Estou escrevendo uma série sobre assassinos de estrada. Talvez você tenha lido...

Angie gostaria de dizer que sim. Antes, era a primeira a ler tudo o que ele escrevia.

– Eu meio que só acompanho as notícias locais agora.

– Ah.

O coração dela começou a palpitar, quase a doer. Ficar perto dele começava a abrir uma ferida. Era melhor sair dali enquanto sua dignidade continuava intacta. Mas acabou perguntando, mesmo sem querer:

– Você está sozinho?

– Não.

Angie aquiesceu; quase uma contração do queixo.

– É claro que não. Bem, é melhor eu...

Virou-se para se afastar.

– Espere.

Ele a pegou pelo pulso.

Angie parou, olhou para baixo e viu seus dedos fortes e bronzeados, tão contrastantes com a alvura do pulso dela.

– Como você está? – perguntou ele, chegando mais perto. – De verdade?

Angie sentiu o cheiro da loção pós-barba. Era a Dolce&Gabbana que ela lhe dera no último Natal. Olhou para o rosto dele e notou uma pequena mancha escura no queixo, onde não se barbeara. Ele tinha esse problema, fazia tudo com pressa. Angie sempre inspecionava sua barba pela manhã. Seu impulso foi de tocar no rosto dele, passar a ponta dos dedos em seu queixo.

– Estou bem. Mais do que bem, na verdade. Foi bom ter voltado a West End.

– Você sempre disse que nunca voltaria para casa.

– Eu disse um monte de coisas. E não disse outro monte de coisas.

Viu a mudança da expressão dele. Uma terrível tristeza pareceu distorcer seus lábios.

– Não, Angie...

– Sinto sua falta.

Não conseguia acreditar que tinha dito isso. Antes que ele pudesse responder (ou não), Angie forçou um sorriso e voltou a falar:

– Eu tenho saído com minhas irmãs, voltei a ser a tia Angie. É divertido.

Conlan riu, claramente aliviado com a mudança de assunto.

– Deixe eu adivinhar: você prometeu a Jason que convenceria Mira a deixar que ele usasse um piercing na sobrancelha.

Por um segundo, foi como nos velhos tempos entre os dois. Os bons e velhos tempos.

– Muito engraçado. Eu nunca aprovaria um piercing na sobrancelha. Mas ele falou alguma coisa sobre uma tatuagem.

– Conlan?

Angie viu uma loura de 30 e poucos anos aproximar-se dele. Usava um vestido azul-marinho e um colar de pérolas. Não havia um fio de cabelo sequer fora do lugar. Parecia a dona de uma boutique elegante e exclusiva.

– Angie, esta é Lara. Lara, Angie.

Angie deu um sorriso. Provavelmente saiu forçado demais, porém não havia nada que pudesse fazer a respeito.

– Prazer em conhecê-la. Bom, é melhor eu ir.

Ela ameaçou se afastar, mas Conlan a puxou de volta em sua direção com delicadeza.

– Sinto muito – falou em voz baixa.

– Pelo quê? – perguntou, esforçando-se para rir.

– Me ligue um dia desses.

Angie manteve o sorriso por pura força de vontade.

– Claro, Conlan. Eu adoraria ver você de novo. Tchau.

QUINZE



A pior parte daquilo era que Angie já havia quase esquecido. Ou pelo menos acreditava nisso – o que dava quase no mesmo, no fim das contas.

– Negação – foi a resposta de Mira à longa e demorada explicação de Angie sobre como lidara com as próprias emoções depois do divórcio.

Era uma observação como outra qualquer, pensou Angie. Entre maio e novembro, houvera diversas perdas em que pensar. Particularmente a morte do pai, a da filha e a subsequente certeza de que não haveria outros bebês. Na verdade, se orgulhava da maneira como tinha lidado com a dor. Algumas vezes o pesar a deixara em choque, gélida, mas ela sempre conseguira se libertar dele.

De alguma forma o divórcio tinha sido posto de lado, algo pequeno em comparação a dores maiores.

Agora que ela o enxergara, não conseguia desviar o olhar.

– Não há nada de errado com a negação – falou para Mira, que preparava massa na bancada de aço inoxidável.

– Talvez não, mas ela pode se acumular e um dia explodir. É por isso que tem gente que sai atirando nos outros por aí.

– Está sugerindo que eu vou me tornar uma criminosa?

– O que eu estou dizendo é que só dá para ignorar os próprios sentimentos até certo ponto.

– E eu cheguei ao meu limite, é isso?

– Conlan era um cara legal – disse Mira com delicadeza.

Angie foi até a janela e olhou para a rua movimentada.

– Acho que “era” é a palavra-chave da frase.

– Tem muitas mulheres que correm atrás dos homens que perderam.
– Você fala como se Conlan fosse um cachorro que arrebitou a guia e fugiu.
Será que devo colar cartazes de “Perdido” por aí?
Mira contornou a bancada e ficou ao lado de Angie. Pôs a mão no ombro da irmã e, juntas, ficaram olhando pela janela. No reflexo prateado do vidro, com a noite ao fundo, Mira e Angie eram dois semblantes lacrimosos.
– Eu me lembro de quando você conheceu Conlan.
– Já chega – interrompeu Angie.
Não conseguia lidar com as recordações naquele momento.
– Só estou dizendo que...
– Eu sei o que você está dizendo.
– Sabe?
– Claro que sei. – Deu um sorriso meigo para a irmã e torceu para que não saísse tão triste como se sentia. – Algumas coisas acabam, Mira.
– O amor não deveria ser uma delas.
Angie gostaria de voltar a ser tão ingênua, mas a inocência era uma das baixas de um divórcio. Talvez a primeira delas.
– Eu sei – respondeu, apoiando-se na irmã.
Mas não disse o que ambas sabiam: que aquilo acontecia todos os dias.



Lauren desceu do ônibus na Shorewood Street.
Lá estava: o mercado grande e iluminado.
Você sabe o que faz uma garota vomitar sem motivo, não sabe?
Colocou o capuz do moletom sobre a cabeça e tentou se perder nas dobras macias do algodão. Olhando para baixo a fim de evitar contato visual com qualquer pessoa, seguiu até a loja. Pegou um cesto de compras vermelho e foi direto para o corredor de artigos femininos.
Não se preocupou em comparar os preços dos kits: pegou duas caixas, jogou-as na cesta e andou depressa até a seção de revistas, onde pegou uma *U.S. News & World Report* da pilha. A matéria de capa era “Como comparar faculdades”.
Perfeito.
Pôs a revista em cima dos testes de gravidez e se encaminhou direto para o

caixa.

Uma hora depois já estava em casa, sentada na borda da banheira. Trancara a porta, mas não havia necessidade. O som que vinha do quarto da mãe era inconfundível: ela não estava preocupada com Lauren no momento.

Examinou a caixa. As letras miúdas eram difíceis de ler. Suas mãos tremiam quando abriu a embalagem.

– Por favor, Deus.

Não enunciou o resto do pedido em voz alta. Ele sabia o que Lauren queria.

Ou, de forma mais precisa, o que ela tão fervorosamente não queria.



Angie estava na bancada de recepção, tomando notas em sua agenda. Tinha trabalhado direto, do nascer ao pôr do sol, nas últimas 24 horas. Qualquer coisa era melhor que pensar em Conlan.

Quando levantou a cabeça, viu Lauren de pé perto da lareira, observando as labaredas. O restaurante estava cheio, ainda assim ela estava parada, sem fazer nada. Angie foi até lá e tocou no ombro dela. Lauren se virou, parecendo confusa.

– O quê? Disse alguma coisa?

– Tudo bem com você?

– Tudo. Tudo bem. Só preciso de uma coisa para a mesa sete.

Franziu o cenho, como se não conseguisse lembrar o que acabara de dizer.

– Zabaione – falou Angie.

– Hã?

– Mesa sete. O Sr. e a Sra. Rex Mayberry. Eles estão esperando um zabaione e um cappuccino. E Bonnie Schmidt pediu um *tiramisù*.

O sorriso de Lauren foi de dar pena. Seus olhos continuaram opacos, até tristonhos.

– Isso mesmo – concordou a menina e saiu andando em direção à cozinha.

– Espere – disse Angie.

Lauren parou e olhou para trás.

– Mama fez um pouco mais de panacota. Você sabe que azeda rápido. Fique um pouco mais depois do expediente e vamos comer a sobremesa juntas.

– Quero passar longe de coisas que engordam – respondeu Lauren e se afastou.

Durante as horas seguintes, Angie ficou observando a jovem. Percebeu a palidez do rosto e a rigidez do sorriso. Tentou fazê-la rir várias vezes, sempre em vão. Definitivamente, havia algo errado. Talvez fosse com David. Ou talvez tivesse sido recusada por uma faculdade.

Na hora em que Angie acompanhou os últimos clientes, se despediu de Mama, de Mira e de Rosa e fechou o caixa do dia, já estava preocupada de verdade.

Lauren estava em frente à grande janela panorâmica, olhando para a noite, os braços cruzados com firmeza. Do outro lado da rua, voluntários se ocupavam em enfeitar os postes com perus decorativos e chapéus de peregrinos. Angie sabia que depois disso iriam estender milhares de luzes de Natal, porque as comemorações já se iniciavam após o Dia de Ação de Graças. A cerimônia anual da inauguração da árvore de Natal da cidade, no primeiro sábado de dezembro, era memorável. Centenas de turistas chegavam para essa ocasião. Angie raramente perdia o evento, até mesmo durante os anos que passara casada. Algumas tradições familiares eram invioláveis.

Angie chegou por trás de Lauren.

– Só falta uma semana para a inauguração das luzes.

– É.

Podia ver o rosto da jovem refletido no vidro; era uma imagem pálida e indistinta.

– Vocês costumam ir?

– Quem?

Lauren descruzou os braços.

– Você e a sua mãe.

A garota emitiu um som que poderia ter sido uma risada.

– Minha mãe querida não é de entrar em fila numa noite fria para ver luzes se acenderem.

Palavras de gente grande, notou Angie: uma explicação dada a uma criança que ansiava por ver as luzes de Natal. Ela queria pôr a mão no ombro da garota, mostrar que Lauren não estava sozinha, mas o momento não permitia tal intimidade.

– Talvez você queira ir comigo. Eu deveria dizer *conosco*. As DeSarias descem para a cidade com tudo. Comemos cachorro-quente e tomamos chocolate quente e compramos nozes assadas do quiosque do Rotary. É meio cafona, eu sei, mas...

– Não, obrigada.

Angie sentiu o tom defensivo na voz da garota; atrás daquilo, pressentiu alguma mágoa. Também podia dizer que Lauren estava prestes a sair correndo, por isso escolheu as palavras com todo cuidado.

– Qual é o problema, querida?

Lauren pareceu se encolher à palavra “querida”. Resmungou algo e se afastou da janela.

– A gente se vê.

– Lauren Ribido, pode parar aí mesmo.

Angie ficou surpresa. Nunca imaginou que soubesse falar como mãe.

Lauren se virou para Angie.

– O que você quer comigo?

Angie percebeu a mágoa na voz da garota. Reconheceu cada nuance daquela frase.

– Eu me preocupo com você, Lauren. Dá para perceber que está chateada. Eu gostaria de ajudar.

Lauren pareceu surpresa.

– Não. Por favor.

– Não o quê?

– Não seja legal comigo. Hoje eu não vou conseguir aguentar.

Aquela fragilidade era o tipo de coisa que Angie entendia. Detestou que alguém tão jovem sentisse tanta dor, mas afinal, o que era a adolescência senão uma confusão aguda de emoções avassaladoras? Tudo poderia não passar de uma nota ruim em alguma prova. A não ser...

– Você e David terminaram?

Lauren quase sorriu.

– Obrigada por me lembrar que poderia ser pior.

– Vista o seu casaco.

– Eu vou a algum lugar?

– Vai.

Angie arriscou. Foi até a cozinha pegar o próprio casaco. Quando voltou, Lauren estava perto da porta vestida com o casaco verde novo e com a mochila pendurada num ombro.

– Vamos – chamou Angie.

As duas saíram andando lado a lado pela rua escura. De poucos em poucos metros, passavam por um poste de ferro enfeitado. Normalmente, aquelas ruas estariam desertas às 22h30 de uma noite de semana, mas naquele dia havia pessoas por toda parte decorando a cidade para as festividades do feriado. O ar frio cheirava a lenha queimada e maresia.

Angie parou na esquina, onde voluntárias de uma organização para empoderamento feminino serviam chocolate quente de graça.

– Querem marshmallow? – ofereceu uma mulher animada, soltando uma nuvem de vapor pela boca.

Angie sorriu.

– Claro.

Pegou o copo com as duas mãos. O calor passou para seus dedos e o vapor aqueceu seu rosto. Levou Lauren até a praça, onde as duas sentaram em um banco de concreto. Mesmo a distância, dava para ouvir o mar. Era o ritmo do coração da cidade, constante e regular.

Olhou de esguelha para Lauren. A menina contemplava o copo com tristeza.

– Você pode falar comigo, Lauren. Eu sei que sou adulta, portanto faço parte do time adversário, mas às vezes a vida nos lança uma bola difícil de dominar. Falar sobre os problemas ajuda.

– Problemas – repetiu Lauren, fazendo a palavra parecer insignificante.

Mas isso fazia parte da adolescência, Angie sabia bem. Tudo era dramático e exagerado.

– Vamos, Lauren – insistiu Angie. – Deixe eu ajudar.

Lauren enfim se virou para ela.

– É o David.

Claro que era. Aos 17 anos, quase tudo era por causa de algum rapaz. Se não telefonasse com frequência, podia partir seu coração. Se conversasse com outra menina no almoço, podia fazer a namorada chorar durante horas.

Angie esperou. Se falasse alguma coisa, seria para dizer que Lauren ainda era nova e que algum dia David seria a lembrança preciosa de um primeiro amor.

Não era o que uma adolescente gostaria de ouvir.

Por fim, Lauren prosseguiu:

– Como a gente dá uma notícia ruim a alguém? Quando você ama essa pessoa, quero dizer.

– O importante é ser honesta. Sempre. Eu aprendi isso do jeito mais difícil. Tentei poupar meu marido mentindo para ele. Isso nos arruinou. – Olhou para Lauren. – Tem a ver com a faculdade, não tem?

Angie suavizou o tom de voz, na esperança de que isso amenizasse as palavras seguintes.

– Você tem medo de ficar afastada de David. Mas ainda não teve nenhuma resposta das faculdades. Você precisa ter todos os fatos para poder agir.

A lua saiu de trás das nuvens. A luz prateada iluminou o rosto de Lauren, de repente fazendo-a parecer mais velha, mais sábia. Suas bochechas salientes foram aplainadas pela sombra; os olhos pareceram muito escuros e cheios de segredos.

– Faculdade – repetiu, sem emoção.

– Lauren? Você está bem?

A jovem virou a cabeça, como se tentasse esconder as lágrimas.

– Sim. É isso mesmo. Eu tenho medo de que a gente fique... afastado.

A última palavra pareceu quase insuportável para a garota.

Angie pôs a mão no ombro de Lauren. Notou que a garota tremia, e não achou que fosse do frio.

– Isso é normal, Lauren. No meu último ano do colégio, eu era apaixonada pelo Tommy. Ele...

De repente Lauren deu um salto e afastou a mão de Angie. O luar mostrou rastros de lágrimas no rosto dela.

– Preciso ir.

– Espere. Pelo menos me deixe levá-la para casa.

– Não.

Agora Lauren chorava e nem tentava esconder.

– Obrigada pela conversa, mas agora eu preciso ir para casa. Vou estar no restaurante amanhã. Não se preocupe.

Com isso, saiu correndo.

Angie ficou ali parada, ouvindo os passos da garota se afastarem. Deduziu

que tinha feito alguma coisa errada, fosse por intromissão ou omissão – não sabia bem qual das duas, só sabia que já começara mal. O que quer que tivesse dito, fora errado.

– Talvez tenha sido bom eu nunca ter filhos – disse em voz alta.

Depois se lembrou da própria adolescência. Ela e Mama envolvidas numa batalha diária, brigando por qualquer motivo – comprimento da saia, saltos altos, hora de voltar para casa. Nada que a mãe dissesse estava certo. Com certeza os conselhos dela sobre sexo, amor e drogas tinham entrado por um ouvido e saído pelo outro.

Esse devia ter sido o erro de Angie: queria tanto resolver o problema de Lauren, mas talvez não fosse o que a adolescente precisasse dela.

Da próxima vez, prometeu Angie, ela só escutaria.

DEZESSEIS



A noite dos namorados era um grande sucesso. Parecia que West End tinha muitos moradores, jovens e adultos, à procura de uma desculpa para jantar fora e ir ao cinema. Provavelmente o clima também ajudava. Era um novembro cinzento e funesto, e a proximidade do Dia de Ação de Graças não indicava que o clima iria melhorar. Não havia muita coisa para fazer numa cidade como aquela em noites frias e chuvosas.

Angie andava de mesa em mesa. Conversava com os clientes, verificava se Rosa e a nova garçonete – Carla – estavam cumprindo bem suas funções, enchia copos de água, levava pão e cuidava de muitas mesas pessoalmente.

Os pratos especiais de Mama estavam ainda melhores naquela noite. O risoto de mexilhões com açafrão acabara às oito da noite e parecia que o salmão com macarrão cabelo-de-anjo, tomates assados e alcachofra não duraria muito. Era bom fazer sucesso!

Angie vinha pensando sobre isso. Desde o encontro com Conlan, aliás. Afinal de contas, tinha tempo de sobra para pensar: era solteira, sem filhos e sem perspectivas românticas e morava numa cidade pequena.

Quando começava a refletir sobre a própria vida, não conseguia parar. Pensava sobre a escolha feita havia tanto tempo, quando nem sequer tinha idade suficiente para entender o que importava de verdade.

Aos 16 anos resolvera ser alguém. Talvez por ter sido criada numa família grande numa cidade pequena ou talvez porque a adoração e o respeito do pai significassem tanto para ela. Ainda não tinha certeza do que motivara suas escolhas. Sabia apenas que almejava uma vida diferente, mais agitada, mais

sofisticada. A Universidade da Califórnia em Los Angeles fora o começo. Ninguém na sua turma da escola fora para uma faculdade tão distante. Lá estudara coisas que a distanciaram ainda mais dos amigos de escola e da família. Literatura russa. História da arte. Religiões orientais. Filosofia. Todo aquele aprendizado a conscientizara da grandeza do mundo. Ela queria aproveitar tudo, vivenciar esse mundo. E quando se afivela o cinto de segurança num carro de corrida e se sai roncando pela pista de alta velocidade, a gente se esquece de diminuir a marcha e apreciar a paisagem. Tudo vira um borrão, a não ser a linha de chegada.

Então conhecera Conlan.

Ela o amara tanto. O suficiente para jurar diante de Deus que nunca mais amaria outro homem na vida.

Não sabia bem quando aquele amor começara a ser insuficiente, quando ela começara a julgar a vida pelo que lhe faltava, mas ali estava o resultado. Era irônico, na verdade: o amor os pusera em busca de um filho e essa mesma busca acabara dilapidando a capacidade de se amarem.

Se ao menos a perda tivesse aproximados os dois, em vez de afastá-los...

Se ao menos eles tivessem sido mais fortes...

Eram essas coisas que deveria ter dito a Conlan no teatro. Em vez disso, agira como uma adolescente boba com uma paixãoite não correspondida pelo atleta mais popular da escola.

Ainda pensava no ex-marido quando o restaurante fechou, então se serviu de uma taça de vinho e sentou perto da lareira. O restaurante estava tranquilo, agora que todos tinham saído. Angie não viu razão para ir para casa. Ali era mais confortável. Em casa, ela corria o risco de se sentir solitária.

Solitária.

Tomou um gole de vinho e disse a si mesma que o arrepio que acabara de sentir era por causa do calor da lareira.

A porta da cozinha se abriu e Mira entrou no salão. A irmã parecia cansada.

– Achei que você já tivesse ido para casa – disse Angie, empurrando uma cadeira para a irmã.

– Fui acompanhar Mama até o carro. Enquanto estávamos na chuva, ela resolveu me dizer que minha filha adolescente se veste como uma puta. – Afundou na cadeira. – Vou tomar uma taça desse vinho.

Angie serviu uma taça e passou-a para a irmã.

– Hoje em dia todas as adolescentes se vestem desse jeito.

– Foi o que eu disse a Mama. A resposta dela foi: “É melhor você dizer a Sarah que ela está anunciando um produto que ainda é jovem demais para vender.” Ah, e que Papa deve estar se revirando no caixão.

– Ah, os grandes ataques...

Mira abriu um sorriso cansado e bebericou o vinho.

– Você também não me parece muito feliz.

Angie suspirou.

– Estou mal, Mira. Desde o encontro com Conlan...

– Você está mal desde o dia em que se separaram. Todo mundo sabe disso, menos você.

– Sinto falta dele – admitiu Angie em voz baixa.

– E o que você vai fazer?

– Fazer?

– Para recuperar Conlan.

Isso a feriu.

– São águas passadas, Mira. É tarde demais.

– Só é tarde demais quando se está morto. Lembra-se do Kent John? Quando ele terminou o namoro, você deu início a uma campanha que merecia o livro dos recordes.

Angie deu risada. Era verdade. O pobre garoto não tivera chance. Ela o perseguiu de forma implacável.

– Eu só tinha 15 anos.

– É, e agora tem 38. Conlan vale mais que um estudante atlético. Se você o ama...

Como qualquer bom pescador – e todo mundo em West End sabia pescar –, Mira deixou a isca no ar.

– Ele não me ama mais – replicou Angie.

Mira olhou para a irmã.

– Tem certeza?



Em toda a sua vida, era a primeira vez que Lauren faltava um dia inteiro na escola. Mas Angie tinha razão: ela precisava de fatos, não só de medo.

Sentada ereta à janela do ônibus, Lauren observava a paisagem mudar. Quando comprou a passagem e embarcou, ainda estava escuro, antes do amanhecer. A luz começava a subir pelas montanhas na hora em que o ônibus passou por Fircrest. Fez diversas paradas nos arredores. Em cada uma delas Lauren ficava tensa, rezando para não entrar ninguém que conhecesse. Felizmente, ficou a salvo.

Por fim, fechou os olhos. Não queria ver o percurso. Cada quilômetro a aproximava de seu destino.

Você sabe o que faz uma garota vomitar sem motivo, não sabe?

– Eu não estou – murmurou Lauren, rezando para ser verdade.

Os testes de gravidez que as mulheres faziam em casa sempre mostravam o resultado errado. Todo mundo sabia disso. Ela não *podia* estar grávida. Não importava o que aquela tirinha tivesse mostrado.

– Rua 7 com Gallen – anunciou o motorista quando o ônibus fez uma parada. Lauren pegou a mochila e desceu depressa.

O frio atingiu seu rosto em cheio. O ar úmido e gelado se agitava ao redor dela, e a respiração de Lauren fazia seus pulmões arderem. Diferente de casa, onde o ar cheirava a pinheiros, folhagens e maresia, ali o cheiro era de cidade, de escapamento de automóveis e ar estagnado.

Levantou a gola do casaco para proteger o rosto, verificou onde estava e andou os dois quarteirões até a Chester Street. Lá estava: um prédio atarracado e sóbrio, feito de concreto, com um telhado plano.

Planejamento.

Familiar.

Que piada. Se fosse para se guiar por aquelas palavras, Lauren não tinha nem que estar ali. O lugar deveria se chamar “não planejamento não familiar”.

Respirou fundo e percebeu que chorava.

Pare com isso. Você não está grávida. Só veio até aqui para confirmar.

Andou depressa pelo caminho de lajotas que levava à entrada do edifício. Sem se atrever a parar, abriu a porta, passou pela segurança e entrou na sala de espera.

Primeiro, viu as mulheres – e as garotas – que tinham chegado antes dela.

Nenhuma parecia contente de estar ali. Não havia nenhum homem. Depois notou a aridez de tudo: paredes cinzentas, cadeiras de plástico cinza, tapetes industriais cor de chumbo.

Lauren foi até o balcão, onde uma recepcionista sorriu para ela.

– Em que posso ajudar? – perguntou a mulher, puxando uma caneta do penteado bufante.

Lauren chegou mais perto.

– Ribido. Marquei um exame médico – cochichou.

A mulher consultou a papelada.

– Ah, sim. Exame de gravidez.

Lauren se encolheu. A mulher tinha praticamente gritado a palavra “gravidez”.

– Sim. Isso mesmo.

– Pode sentar.

Lauren evitou olhar para as demais mulheres presentes enquanto corria para ocupar uma cadeira. Abaixou a cabeça, deixou o cabelo cair no rosto e ficou encarando a mochila no colo.

Um interminável tempo depois, uma mulher entrou na sala e chamou o nome de Lauren.

Ela se levantou e deu um passo à frente.

– Sou eu.

– Venha comigo – disse a mulher. – Meu nome é Judy.

As duas entraram numa sala de exame. Judy fez sinal para que Lauren se sentasse numa maca forrada de papel e ocupou uma cadeira à frente dela, com uma prancheta na mão.

– Então, Lauren – começou Judy –, você quer fazer um exame de gravidez?

– Tenho certeza de que não preciso, mas... – Tentou sorrir. – É melhor prevenir que remediar.

Seu sorriso esmaeceu. Ficou esperando que Judy dissesse que, se tivesse tomado mais cuidado, não estaria preocupada em ter que remediar nada.

– Você é sexualmente ativa?

Lauren se sentiu pequena e jovem demais para estar ali, respondendo àquelas perguntas adultas.

– Sou.

- Você pratica sexo seguro?
- Sim. Com certeza. Eu já estava com David fazia três anos quando deixei que ele... sabe? E só fizemos sem camisinha *uma* vez.
- A expressão de Judy foi triste e compreensiva.
- Uma vez é suficiente, Lauren.
- Eu sei.
- Agora, além de pequena, se sentia tola e infeliz.
- A questão é que essa única vez foi na primeira semana de outubro – acrescentou Lauren. – Eu me lembro porque foi no dia do jogo contra o Longview. E minha menstruação daquele mês desceu no momento certo.
- Então por que você está aqui?
- Minha menstruação deste mês está atrasada e...
- Não conseguiu dizer em voz alta.
- E...?
- Eu fiz um teste de farmácia. Deu positivo. Mas eles não são muito confiáveis, não é?
- Eles podem errar, com certeza. Qual foi a intensidade da menstruação do mês passado?
- Mal deu para notar. Mas veio.
- Judy olhou para ela.
- Você sabe que pode ocorrer sangramento durante a gravidez? Às vezes parece menstruação.
- Lauren sentiu um arrepio pelo corpo todo.
- Ah.
- Bem, vamos fazer o exame e conferir.



Lauren entrou em casa e fechou a porta.

Largou a mochila no sofá e andou pelo corredor em direção ao quarto da mãe. Durante todo o trajeto de volta, ficara imaginando o que iria dizer. Agora que estava ali, em frente à porta entreaberta do quarto da mãe, no apartamento com cheiro de fumaça estagnada, ainda não sabia a resposta.

Estava prestes a bater quando ouviu vozes.

Perfeito. *Ele* estava ali de novo.

– Lembra da noite em que nos conhecemos? – perguntou o homem numa voz rascante e envelhecida.

Todos os namorados da mãe tinham aquela voz, como se fumassem cigarros sem filtro desde a juventude.

Ainda assim, era uma pergunta romântica. Lauren ficou surpresa. Ela se viu chegando mais perto, fazendo força para ouvir a resposta da mãe pela fresta da porta.

– É claro – respondeu a mãe. – Como poderia esquecer?

– Eu disse que só ia ficar na cidade por algumas semanas. E já faz um mês.

– Ah.

Lauren notou a inesperada vulnerabilidade na voz da mãe.

– Eu sabia... Foi bom enquanto durou e tal, não é?

– Não – falou ele em voz baixa.

Lauren se aproximou ainda mais.

– Não o quê? – perguntou a mãe.

– Não sou santo, Billie. Já fiz muita merda na vida. Magoei pessoas. Principalmente as três mulheres que se casaram comigo.

– E você acha que eu sou a Madre Teresa?

Lauren percebeu que ele atravessou o quarto e sentou na cama. O colchão rangeu sob o peso do homem. A cabeceira bateu na parede.

– Não seria muito esperto da sua parte vir comigo quando eu for embora da cidade – disse ele.

Lauren arquejou. A mãe fez o mesmo.

– Está pedindo para eu ir com você? – indagou a mãe dela.

– Acho que sim.

– Lauren vai se formar no próximo semestre. Se você pudesse...

– Eu não sou de esperar, Billie.

Houve uma longa pausa.

– Que pena, Jake – falou a mãe por fim. – Talvez a gente pudesse ter... sei lá... feito alguma coisa.

– É – concordou ele. – Um mau momento.

Lauren o ouviu se levantar e seguir na direção da porta.

Voltou correndo para a sala, tentando dar a entender que acabava de chegar.

Jake saiu apressado do quarto. Quando viu Lauren, parou. Abriu um sorriso.

Era a primeira vez que Lauren o via. Era alto – talvez mais de 1,90 metro –, de cabelos louros e compridos. Usava roupas de motoqueiro feitas de couro preto: calça surrada, botas pesadas e um casaco paramentado de círculos metálicos com gravações. O rosto a fez pensar em florestas com montanhas escarpadas. Não havia nenhuma suavidade no rosto de Jake; era todo formado por ângulos agudos e concavidades profundas. Uma tatuagem multicolorida se insinuava para fora do colarinho. Era uma cauda. De dragão ou serpente, deduziu.

Se encrenca tinha um rosto, era aquele.

– E aí, garota? – cumprimentou ele, fazendo um aceno com a cabeça e já passando por ela.

Lauren o observou sair do apartamento, depois voltou o olhar para o quarto da mãe. Deu alguns passos na direção da porta e parou.

Talvez não fosse um bom momento.

A porta do quarto se abriu. A mãe saiu cambaleando e resmungando enquanto passava por Lauren.

– Onde está o meu cigarro, droga?

– Na mesa de centro.

– Obrigada. Cara, estou acabada. A noitada foi boa ontem.

Olhou para a pilha de caixas de pizza na bancada e sorriu quando localizou o maço de cigarros.

– Você chegou cedo. O que aconteceu?

– Estou grávida.

A mãe lançou a Lauren um olhar severo. O cigarro pendia da boca, ainda apagado.

– Diga que é brincadeira.

Lauren se aproximou. Não conseguiu evitar. Não importava quantas vezes já tivesse se decepcionado, ela sempre acreditava – ou tinha esperança – que *daquela vez* ia ser diferente. Naquele momento, esperava ser abraçada, consolada, ouvir a mãe dizer “Tudo bem, querida”, mesmo sabendo que seria mentira.

– Eu estou grávida – repetiu, dessa vez num tom mais baixo.

A mãe deu uma bofetada no rosto dela. Forte. As duas pareceram surpresas

com aquela reação repentina.

Lauren arquejou. Sua face ardia muito, mas era a mãe que tinha lágrimas nos olhos.

– Não chore – pediu Lauren. – Por favor.

A mãe continuou ali parada, o cigarro ainda pendendo da boca.

Com sua calça rosa de cintura baixa e uma blusa curta, a mãe devia parecer uma adolescente. Mas na verdade parecia uma velha desapontada.

– Você não aprendeu nada comigo?

Apoiou as costas na parede desgastada.

Lauren se posicionou ao lado dela. Os ombros das duas se tocaram, mas nenhuma fez um movimento em direção à outra. Lauren ficou olhando de forma inexpressiva para a cozinha bagunçada, tentando se lembrar do que tivera esperanças de ouvir da mãe.

– Eu preciso da sua ajuda.

– Para fazer o quê?

Durante toda a vida, Lauren se sentira sozinha na presença da mãe. Mas nunca tanto quanto naquele exato momento.

– Não sei.

A mãe se virou para ela. A tristeza em seus olhos borrados de maquiagem era pior do que a bofetada.

– Livre-se disso – disse com a voz cansada. – Não deixe um erro estragar sua vida.

– Foi isso que eu sempre fui? Apenas um erro seu?

– Olhe para mim. É essa a vida que você quer ter?

Lauren engoliu em seco e enxugou os olhos.

– É um bebê, não... um nada. E se eu quiser ter? Você me ajudaria?

– Não.

– Não? Só isso: não?

Finalmente a mãe tocou nela. Foi um contato triste e suave e não durou quase nada.

– Eu paguei pelo meu erro. Não vou pagar pelo seu. Pode acreditar em mim. Faça um aborto. Dê a si mesma uma chance na vida.



Tem certeza?

Essa pergunta deixara Angie acordada a noite toda.

– Maldita Mira – murmurou.

– Como é que é? – perguntou Mama, vindo de trás dela.

As duas estavam na cozinha da casa da mãe, fazendo tortas para o Dia de Ação de Graças.

– Nada, mãe.

– Você está resmungando desde que chegou. Acho que tem alguma coisa a dizer. Arrume essas nozes direito, Angela. Ninguém vai querer uma torta toda bagunçada.

– Eu nem sei o que estou fazendo.

Angie jogou o saco de nozes na bancada e saiu. O deque estava coberto de orvalho, tanto as tábuas como o gradil. O gramado parecia espesso e macio como veludo.

Ouviu a porta deslizando se abrir, depois fechar.

A mãe chegou ao seu lado, parou e olhou para o canteiro de rosas sem flores.

– Não era sobre as nozes que você estava falando.

Angie esfregou os olhos e suspirou.

– Encontrei Conlan em Seattle.

– Já era hora de me contar.

– Mira já contou, né?

– *Compartilhou* é a palavra que eu usaria. Ela ficou preocupada com você. E eu também.

Angie apoiou as mãos no gradil de madeira gelado e se inclinou para a frente. Por um segundo, pensou ter ouvido o mar a distância, depois percebeu que era um avião cruzando o céu. Suspirou. Queria perguntar à mãe como tinha chegado àquele ponto: solteira e sem filhos aos 38 anos. Mas sabia a resposta. Deixara o amor escorrer entre os dedos.

– Eu me sinto perdida.

– E o que vai fazer agora?

– Não sei. Mira me perguntou a mesma coisa.

– Aquela garota tem inteligência nos genes. E...?

– Talvez eu ligue para ele – disse Angie, permitindo-se pensar em uma resposta pela primeira vez.

– Isso pode funcionar. Mas claro que, se fosse você, eu ia querer olhar nos olhos dele. Só assim se tem certeza.

– Ele pode simplesmente me dar as costas.

Mama pareceu perplexa.

– Ouviu isso, Papa? Sua Angela está sendo covarde. Não é a filha que eu conheço.

– Sofri alguns golpes nos últimos anos, mãe – falou, tentando manter um sorriso. – Não sou mais tão forte como antigamente.

– Não é verdade. A velha Angela ficou arrasada com suas perdas. Essa minha filha de agora não tem medo.

Angie se virou e encarou os olhos escuros e profundos da mãe. Sua vida inteira se refletiu neles. Sentiu o cheiro do spray de cabelo Aqua Net e o perfume Tabu. De repente foi um consolo estar ali, naquele deque, em frente àquele jardim, com aquela mulher. Fez com que Angie se lembrasse de que, por mais que a vida mudasse, uma parte dela continuava igual.

A família.

Que ironia. Tinha se mudado para a Califórnia a fim de se distanciar da família. Deveria saber que era impossível. A família estava em seu sangue e em seu cerne. Todos estavam sempre com ela – até mesmo o pai, que já partira, sempre estaria naquele deque numa manhã fria de outono.

– Estou feliz por ter voltado, mãe. Nem sabia quanto sentia falta de todos vocês.

Mama sorriu.

– Nós sabíamos. Agora vá pôr aquelas tortas no forno. Temos muito mais coisas para assar.

DEZESSETE



A cintura do uniforme de Lauren continuava folgada, mas, de alguma forma, a incomodava. Ela se olhou no espelho e tentou assegurar a si mesma de que ninguém perceberia. Sentia-se como Hester Prynne, a personagem de *A letra escarlate*, só que a letra em questão seria um G na barriga.

Lavou e enxugou as mãos e saiu do banheiro.

As aulas do dia chegavam ao fim. Os alunos passavam por ela dando risada, grupos de tagarelas usando roupas xadrez em preto e vermelho. O último dia antes de um feriado era sempre essa algazarra. Perdeu a conta de quantos colegas chamaram seu nome. Parecia impossível que não notassem quanto estava diferente, distanciada.

– Lo! – chamou David, surgindo na frente dela arrastando a mochila.

Largou a mochila no instante em que chegou perto dela e puxou-a para um abraço. Lauren se agarrou a ele. Quando afinal se afastou, tremia.

– Por onde você andou? – perguntou David, correndo o nariz pelo pescoço dela.

– Vamos até algum lugar para conversar?

– Você já soube, é? Droga, eu disse para todo mundo que queria fazer surpresa.

Lauren olhou para ele e de repente notou que os olhos brilhavam e o sorriso estava largo. David parecia prestes a começar a rir a qualquer momento.

– Não sei do que você está falando.

– É mesmo?

Como se fosse possível, o sorriso dele aumentou ainda mais. Pegou na mão

dela e puxou-a para andar junto com ele. Passaram pela lanchonete e pela biblioteca, depois encontraram um lugar reservado perto da sala de música. A banda da escola ensaiava. As notas de “Tequila” se perdiam no ar frio da tarde.

David a beijou com vontade, depois se afastou e sorriu.

– Veja.

Lauren olhou para o envelope na mão dele. Já estava aberto, com a borda rasgada. Pegou o envelope e viu o remetente.

Universidade Stanford.

Mal conseguia respirar enquanto tirava a carta e lia a primeira linha. *Caro Sr. Haynes, temos o prazer de oferecer uma vaga para sua admissão...*

As lágrimas tornaram impossível continuar a leitura.

– Não é maravilhoso? – perguntou ele, tirando a carta da mão dela. – Uma decisão precoce.

– Mas é tão cedo... ninguém recebeu resposta ainda.

– Acho que dei sorte.

Sorte. É.

– Nossa – disse Lauren, sem conseguir olhar para ele.

Não seria possível contar nada agora.

– Isso é só o começo, Lauren. Você vai entrar para a Universidade do Sul da Califórnia ou para Berkeley, e nós vamos estar encaminhados. Vamos passar todos os fins de semana juntos. E os feriados.

Lauren olhou para ele. Parecia que quilômetros separavam os dois naquele momento, uma distância tão grande quanto um oceano. Agora o fato de os dois estudarem em faculdades diferentes parecia não importar.

– Você vai viajar esta noite, não vai?

Mesmo aos próprios ouvidos, a voz dela soou rígida e sem brilho.

– Vou passar o Dia de Ação de Graças no tio Frederick. – David lhe deu um abraço apertado. – É só um fim de semana. Depois a gente pode comemorar.

Lauren queria se sentir feliz por David. *Stanford*. Era o sonho dele.

– Estou orgulhosa de você, David.

– Eu te amo, Lauren.

Era verdade. Ele a amava. E não daquele jeito bobo de só-quero-transar-com-você, tão comum no ensino médio.

No dia anterior, aquilo seria suficiente. Agora ela via as coisas de outra

forma.

Era fácil amar alguém quando a vida não estava tão complicada.

Na semana anterior, o maior medo de Lauren – e parecia grande como o Incrível Hulk – era não entrar em Stanford. No momento, a admissão era a menor de suas preocupações. Logo teria que contar a David sobre a gravidez, e a partir daquele momento nada seria fácil. Muito menos o amor.



De alguma forma, Lauren conseguiu chegar ao fim de seu turno de trabalho na quarta-feira. A bem da verdade, não sabia como. Com a cabeça tão cheia e confusa, não parecia possível se lembrar de um só pedido, quanto mais de dezenas.

– Lauren?

Quando se virou, viu Angie ali em pé, sorrindo para ela com uma expressão preocupada.

– Queremos que você venha com a sua mãe ao almoço de Ação de Graças da casa da Mama.

– Ah.

Lauren torceu para que sua ansiedade não transparecesse.

Angie se aproximou um pouco mais.

– Gostaríamos muito que vocês viessem.

A vida toda Lauren tinha esperado um convite como aquele.

– Eu...

Não poderia recusar.

– Minha mãe não gosta muito de festas.

A não ser que tenha gim e maconha.

– Se ela tiver outro compromisso, venha sozinha. Pense a respeito. Por favor. Todo mundo vai estar na casa da minha mãe por volta da uma da tarde.

Angie entregou um papel a Lauren.

– Este é o endereço. Sua presença é muito importante para nós. Você trabalha no DeSaria's. Isso a torna parte da família.



No Dia de Ação de Graças, quando Lauren acordou, seu primeiro pensamento foi: *Você trabalha no DeSaria's. Isso a torna parte da família.*

Pela primeira vez, tinha algum lugar para ir no feriado, mas será que conseguiria, sentindo-se tão arrasada? Assim que a visse, Angie notaria que havia algo errado. Lauren temia aquele momento desde que soubera da gravidez.

Às onze horas, continuava a zanzar pelo apartamento. Quando o telefone tocou, atendeu ao primeiro toque.

– Alô.

– Lauren? É Angie.

– Ah. Oi.

– Estive pensando se você não precisa de uma carona hoje. Parece que vai chover, e eu sei que o carro da sua mãe não está bom.

Lauren suspirou. Era um suspiro de pura ansiedade.

– Não. Obrigada.

– Você vai estar aqui à uma hora, certo?

A pergunta foi feita com tanto carinho que Lauren não conseguiu dizer não, apesar de querer muito recusar.

– Claro. Uma hora.

Quando desligou, foi até o quarto da mãe e parou na porta, escutando. Estava em silêncio. Por fim, bateu.

– Mãe...

Ouviu o rangido das molas da cama, seguido de passos. A porta se abriu e a mãe apareceu. Os olhos estavam vermelhos e a pele, acinzentada. Usava a camiseta promocional de um bar, que ia até os joelhos. Nela havia um slogan que dizia: *Alcoólatras servindo alcoólatras há 89 anos.*

– Sim...?

– Hoje é Dia de Ação de Graças, lembra? Nós duas fomos convidadas para almoçar.

A mãe pegou um maço de cigarros ao lado. Acendeu um.

– Ah, é. A sua chefe. Achei que você não tivesse certeza que ia.

– Eu... queria ir.

A mãe olhou para trás – para o homem na cama, sem dúvida.

– Acho que vou ficar por aqui mesmo.

– Mas...

– Vá você. Divirta-se. Eu não sou muito de comemorações. Você sabe disso.

– Elas convidaram nós duas. Vai ser meio constrangedor chegar lá sozinha.

A mãe exalou a fumaça e sorriu.

– Não mais constrangedor do que chegar lá comigo. – Olhou de forma expressiva para a barriga de Lauren. – Além disso, você não está mais sozinha.

E fechou a porta.

Lauren voltou para o quarto. Às 12h15, ela havia tirado três mudas de roupa do armário, mas não se decidira por nenhuma. A verdade era que a preocupação com o que usar era uma distração bem-vinda. Mantinha sua cabeça ocupada, dava-lhe algo em que pensar além da gravidez.

Por fim, percebeu que estava atrasada e resolveu ficar com a roupa do corpo: saia indiana estampada, blusa branca com renda preta na gola e o casaco que tinha ganhado de Angie. Escovou o cabelo e fez um rabo de cavalo, passou um pouco de maquiagem – só o suficiente para dar uma corzinha ao rosto pálido e aos cílios claros.

Pegou o ônibus das 12h45 para cruzar a cidade. Era a única passageira nesse Dia de Ação de Graças. Havia algo triste nisso, ponderou. Era a própria imagem de um ser humano sem família.

Mas ao menos significava que tinha um lugar para ir. Melhor do que ficar sozinha em casa, comendo algo requentado e assistindo a filmes que faziam a pessoa sofrer pelo que não possuía. Todos os feriados especiais eram assim. Os filmes, as comemorações de rua: tudo mostrava famílias reunidas, aproveitando o dia, divertindo-se. As mães segurando...

Bebês.

Lauren deu um suspiro pesado.

O bebê estava sempre lá, pairando em seu subconsciente, pronto para aflorar em seus pensamentos.

– Hoje não – disse em voz alta.

Por que não falar sozinha? Não havia ninguém para rir dela e se afastar ressabiado.

Esse seria o seu primeiro Dia de Ação de Graças com uma família. Tinha esperado a vida toda por isso. Recusava-se a deixar o bebê estragar tudo.

Desceu do ônibus na esquina da Maple Drive com a Sentinel. Lá fora o céu era cinza-chumbo. Parecia mais noite que o meio do dia. O vento rastejava pelo chão, agitando folhas enegrecidas e sacudindo as árvores desfolhadas. Ainda não estava chovendo, mas logo estaria. Uma tempestade se aproximava.

Abotoou o casaco para se proteger do frio e andou depressa pela rua, lendo os números das casas no caminho, apesar de nem precisar. Soube de imediato qual era a casa de Maria ao se aproximar dela. O jardim era bem-cuidado e aparado à perfeição. Flores repolhudas brotavam pela entrada, criando uma torrente de cores que contrastava com o solo adormecido de inverno.

A casa era linda, em estilo Tudor com janelas de arabescos de ferro, telhado inclinado e uma entrada em arco. Uma estátua de Jesus na porta de entrada recebia de braços abertos quem chegasse.

Lauren seguiu pelo caminho cimentado, passou por uma fonte com a Virgem Maria e bateu à porta.

Não houve resposta, apesar de ela ouvir barulho lá dentro.

Tocou a campainha.

De novo, ninguém atendeu. Já estava pronta para ir embora quando a porta se abriu de repente.

Uma garotinha de cabelos louros apareceu. Usava um bonito vestido de veludo preto com acabamentos brancos.

– Quem é você? – perguntou a menina.

– Eu sou Lauren. Angie me convidou para o almoço.

– Ah.

A garota sorriu e voltou correndo para dentro.

Lauren ficou ali parada, confusa. O vento frio levantou a barra da sua saia, lembrando-a de fechar a porta ao entrar.

Passou devagar pelo pequeno vestíbulo e parou no umbral da sala de estar.

Era um pandemônio. Havia pelo menos vinte pessoas ali. Três homens num canto perto da janela panorâmica, tomando coquetéis e conversando animados enquanto assistiam a uma partida de futebol americano. Vários adolescentes jogavam baralho em torno de uma mesa, rindo e gritando uns com os outros. Algumas crianças mais novas se espalhavam pelo tapete ao redor de um tabuleiro de Candy Land.

Por medo de cruzar a multidão, Lauren se afastou da porta e olhou para trás.

Na extremidade oposta do pequeno vestíbulo ficava outra sala, onde algumas pessoas mais velhas assistiam à televisão.

Lauren prendeu a respiração e passou depressa pelo cômodo. Ninguém perguntou quem ela era, e de repente se viu na porta da cozinha.

O aroma chegou primeiro.

Cheiro de paraíso.

Depois viu as mulheres trabalhando juntas. Mira descascando batatas, Livvy organizando os antepastos numa bandeja de prata ornamentada, Angie fatiando legumes e Maria enrolando massa.

Todas falavam ao mesmo tempo, rindo bastante. Lauren conseguia ouvir fragmentos da conversa.

– Lauren! – gritou Angie, erguendo os olhos da pilha de legumes. – Você veio.

– Obrigada pelo convite.

De repente percebeu que deveria ter levado algo, ao menos um buquê de flores.

Angie olhou para trás dela.

– Onde está sua mãe?

Lauren sentiu que corava.

– Ela... hã... está gripada.

– Bom, ainda bem que você veio.

Antes que percebesse, estava cercada de mulheres. Durante a hora seguinte ela trabalhou na cozinha. Ajudou Livvy a pôr a mesa, Mira a distribuir as bandejas de antepasto na sala e Angie a lavar a louça.

Em geral, havia pelo menos cinco pessoas na cozinha. Assim que começaram a servir a comida, o número dobrou. Todo mundo parecia saber o que fazer. As mulheres se movimentavam como nadadoras sincronizadas, servindo a comida e transportando bandejas de um cômodo para outro. Quando chegou a hora de sentarem-se à mesa, Lauren foi posta entre Mira e Sal.

Nunca tinha visto tanta comida na vida. Havia o peru, é claro, e duas travessas de molho – uma com os miúdos da ave e outra com as partes externas –, montanhas de purê de batata e tonéis de molho de carne, feijão-verde com cebola, alho e toucinho, risoto de presunto e parmesão, macarrão caseiro ao molho de frango, legumes recheados assados e pão feito em casa.

– É uma obscenidade, não é? – perguntou Mira com um sorriso, inclinándose na direção de Lauren.

– É uma maravilha – respondeu Lauren com sinceridade.

Na cabeceira da mesa, Maria conduziu todos em uma oração que terminou com bênçãos para a família. Em seguida se levantou.

– Este é o meu primeiro Dia de Ação de Graças na cadeira de Papa. – Fez uma pausa e fechou bem os olhos. – Em algum lugar, ele está pensando em quanto nos ama. – Quando abriu os olhos, estavam cheios de lágrimas. – Podem comer – falou, sentando-se de repente.

Depois de um momento de silêncio, as conversas foram rapidamente retomadas.

Mira pegou a travessa de peru fatiado e ofereceu a Lauren.

– Primeiro as mais jovens, depois as mais bonitas – falou, dando risada.

Lauren começou pelo peru, mas não parou por ali. Encheu o prato de comida até não caber mais nada. Cada garfada era mais deliciosa que a anterior.

– Como vão suas inscrições para as faculdades? – perguntou Mira, tomando um gole de vinho branco.

– Já pus tudo no correio.

Tentou injetar algum entusiasmo na voz. Uma semana antes, estaria animadíssima. Com medo de não ser aceita, talvez, com medo de ficar separada de David, mas, ainda assim, empolgada com o futuro.

Mas não agora.

– Quais faculdades você está pleiteando?

– Universidade do Sul da Califórnia, Universidade da Califórnia em Los Angeles, Pepperdine, Berkeley, Universidade de Washington e Stanford – respondeu, suspirando.

– É uma lista impressionante. Não admira que Angie sinta tanto orgulho de você.

Lauren olhou para Mira.

– Ela se orgulha de mim?

– Ela diz isso o tempo todo.

Aquela informação foi como uma flecha que penetrou em seu peito.

– Ah.

Mira cortava o peru no prato.

– Eu queria ter feito faculdade. Talvez a Rice ou a Brown. Mas naquela época a gente não pensava nessas coisas. Ao menos eu não pensava. Angie pensou. Daí eu conheci Vince e... bem, você sabe.

– O quê?

– O plano era fazer dois anos na faculdade pública de Fircrest, depois dois anos na Western. – Mira abriu um sorriso. – De certa forma, funcionou. Eu não calculei que levaria oito anos para passar do segundo ano de faculdade para o terceiro, mas a vida segue os próprios planos.

Olhou para o outro lado, para a mesa das crianças.

– Então você não fez faculdade por causa de um filho? – indagou Lauren.

Mira franziu a testa.

– Que jeito estranho de falar. Não, digamos que o filho diminuiu meu ritmo, só isso.

Depois daquela troca de palavras, Lauren achou difícil comer, conversar e até sorrir. Quando parou de comer – ou fingiu ter parado –, foi ajudar a tirar os pratos como um robô. Só conseguia pensar no bebê dentro dela, como ficaria cada vez maior e maior e faria seu mundo menor.

As conversas ao redor eram sobre filhos, bebês e amigos que iam ter filhos. Só eram interrompidas quando Angie chegava. Assim que ela se afastava, as mulheres voltavam a falar sobre filhos.

Lauren desejou poder ir embora, simplesmente sair sem ser notada e desaparecer na noite. Mas seria indelicado, e ela era o tipo de garota que seguia as regras e era gentil com os outros.

O tipo de garota que deixara o namorado convencê-la de que uma vez sem camisinha não daria em nada. “Eu tiro antes”, prometera David.

– Não foi rápido o bastante – murmurou enquanto seguia para a sala com uma fatia de torta.

Sua mente estava distante quando Lauren se acomodou entre os filhos de Livvy. Ficou olhando para o prato de torta intocado. Um dos garotos não parava de falar com ela. Perguntava sobre brinquedos de que nunca tinha ouvido falar e filmes a que jamais assistira. Ela não conseguiu responder a nenhuma pergunta. Mal conseguia se lembrar de concordar, sorrir e fingir que escutava. Como poderia se concentrar nas indagações de uma criança logo naquele momento, quando uma vida humana se enraizava dentro dela, crescendo a cada batida do

seu coração? Levou a mão à barriga rapidamente para conferir se continuava lisa.

– Venha comigo.

Lauren levantou a cabeça e tirou a mão da barriga.

Angie estava na frente dela, com um cobertor de lã xadrez jogado no ombro. Sem esperar a resposta de Lauren, virou-se e se dirigiu às portas de vidro de correr.

Lauren foi junto com ela até a varanda dos fundos. Sentaram lado a lado num banco de madeira, as duas apoiando os pés no gradil de madeira. Angie as enrolou no cobertor.

– Quer conversar sobre o que está acontecendo? – perguntou Angie.

A delicadeza da pergunta desarmou Lauren. Sua determinação se foi, deixando em seu rastro um desespero pálido. Olhou para Angie.

– Você sabe como é o amor, certo?

– Eu fui apaixonada por Conlan por muito tempo e meus pais foram casados por quase cinquenta anos. Então, sim, eu sei alguma coisa sobre o amor.

– Mas você é divorciada. Então sabe que também acaba.

– Sim, pode acabar. Também pode dar origem a uma família e durar para sempre.

Lauren não sabia nada sobre o tipo de amor que se mantinha firme em anos instáveis. Contudo, podia prever como David reagiria à notícia sobre o bebê. O sorriso dele desapareceria. Ia tentar dizer que não fazia diferença, que amava Lauren e que estava tudo bem, mas nenhum dos dois acreditaria nisso.

– Você amava o seu marido? – perguntou.

– Sim.

Lauren preferia não ter feito aquela pergunta; o rosto de Angie foi tomado pela tristeza. Mas a jovem não conseguiu se refrear.

– Aí ele deixou de amar você?

– Ah, Lauren... – replicou Angie com um suspiro. – Nem sempre as respostas são tão claras nesses casos. O amor pode nos ajudar a passar por dificuldades. Mas também pode ser o *motivo* dessas dificuldades. – Olhou para a mão esquerda. – Acho que ele me amou por muito tempo.

– Mas o casamento não resistiu.

– Nós dois tivemos problemas sérios, Lauren.

– A sua filha.

Angie levantou a cabeça, surpresa. Depois sorriu com tristeza.

– Pouca gente se atreve a falar sobre ela.

– Desculpe...

– Não. Às vezes eu gosto de falar sobre ela. Enfim, quando minha filha morreu, foi o começo do fim entre mim e Conlan. Mas vamos falar sobre você. Você e David terminaram?

– Não.

– Então deve ter a ver com a faculdade. Você quer falar a respeito?

Faculdade.

Por um segundo, Lauren não entendeu a pergunta. A faculdade parecia tão distante naquele momento, tão distante da realidade...

Ao menos em comparação a uma garota grávida.

Ou a uma mulher que daria tudo por um filho.

Olhou para Angie. Queria tanto pedir ajuda que as palavras pareciam ter um gosto amargo. Mas não podia fazer isso, não podia apresentar esse problema a Angie.

– Talvez seja mais sério que isso – disse Angie devagar.

Lauren afastou o cobertor e se levantou. Andou até o gradil e ficou encarando o quintal escuro.

Angie se aproximou e tocou seu ombro.

– Existe alguma forma de eu poder ajudar?

Lauren fechou os olhos. Era bom ter alguém que oferecesse ajuda. Mas não havia como ninguém ajudá-la. Sabia disso. Só ela poderia cuidar desse assunto.

Soltou um suspiro. Que opções tinha, na verdade? Estava com 17 anos. Acabara de enviar as requisições de matrícula e gastara todo o seu dinheiro nisso.

Era adolescente. Não poderia ser mãe. Deus sabia que ela entendia de mães que se ressentiam por ter filhos. Não queria fazer isso com uma criança. Era um legado doloroso que odiaria passar adiante.

E se ela fosse...

Use a palavra – exigiu seu subconsciente. *Se pensou nela, então use.*

E se ela fosse fazer um aborto, deveria contar a David?

Como poderia não contar?

– Acho que ele ia preferir não saber – murmurou, vendo a respiração sair em folhas brancas rendadas.

– O que disse?

Virou-se para Angie.

– É que... as coisas vão mal lá em casa. Minha mãe está apaixonada por outro traste... o que não é surpresa... e quase não tem trabalhado. E nós estamos... brigando por causa de algumas coisas.

– Eu e minha mãe brigávamos muito quando eu tinha a sua idade. Tenho certeza que...

– Não é a mesma coisa, confie em mim. Minha mãe não é como a sua.

Sentiu a solidão lhe apertar a garganta mais uma vez. Desviou o olhar antes que Angie percebesse.

– Você sabe como nós vivemos... – acrescentou Lauren.

Angie se aproximou um pouco mais.

– Você disse que sua mãe ainda é nova, certo? Trinta e quatro anos? Significa que era uma menina quando você nasceu. É um caminho difícil de trilhar. Tenho certeza que ela faz o melhor que pode. – Pôs a mão no ombro de Lauren de novo. – Às vezes é preciso perdoar as pessoas que amamos, mesmo quando nos sentimos furiosas. É assim que as coisas funcionam.

– É – concordou Lauren secamente.

– Obrigada por ser sincera comigo – disse Angie. – É difícil falar sobre problemas familiares.

E lá estava – a pessoa achava que já tinha chegado ao fundo do poço, mas ainda conseguia se sentir pior. Incapaz de encarar Angie, Lauren olhou para a escuridão. Tentou pensar em algo a dizer, mas só conseguiu falar hesitantemente:

– Obrigada. Falar a respeito já ajudou.

Angie passou o braço ao redor dela, apertando com delicadeza.

– É para isso que servem os amigos.

DEZOITO



Aí ele deixou de amar você?

Angie passara o resto da noite pensando na pergunta de Lauren. A indagação ficara com ela, atormentando-a. Pela manhã, só conseguia pensar nisso..

Aí ele deixou de amar você?

Conlan nunca tinha dito aquilo. Ao longo dos meses que levaram para se separar, nenhum dos dois dissera “Eu não te amo mais”.

Eles deixaram de amar a vida que levavam um com o outro, o que não era a mesma coisa.

A sementinha do *e se* criou raízes e desabrochou.

E se ele ainda a amasse? Ou pudesse voltar a amá-la? Depois que essa possibilidade surgiu em sua cabeça, tudo o mais ficou em segundo plano.

Ligou para a irmã.

– Livvy, preciso que você fique no meu lugar hoje – disparara sem ao menos dar um oi.

– É o fim de semana do feriado de Ação de Graças. Por que eu deveria...

– Eu vou falar com Conlan.

– Pode deixar.

Irmãs. Graças a Deus elas existiam.

Era quase meio-dia quando Angie chegou à periferia de Seattle. Como sempre, o trânsito era intenso naquela cidade, que construía suas avenidas muitos anos antes.

Pegou a saída seguinte e se encaminhou para o centro. Surpreendentemente, havia uma vaga para estacionar bem em frente ao escritório do *Times*. Parou o

carro.

Então Angie se perguntou que diabo fazia ali. Nem sabia se Conlan estaria no trabalho. Não sabia mais nada sobre a vida dele.

Os dois estavam separados. Divorciados. Por que Angie tinha achado que ele poderia querer vê-la?

Ouviu isso, Papa? Sua Angela está sendo covarde.

Era verdade. E aquilo não era jeito de viver.

Virou o retrovisor e examinou o próprio rosto no espelho. Viu todas as rugas que o tempo e as circunstâncias haviam deixado.

– Droga.

Se ao menos tivesse tempo para uma esfoliação...

Seja corajosa, Angie.

Pegou a bolsa e entrou no edifício.

A recepcionista era nova.

– Gostaria de falar com Conlan Malone.

– A senhora tem hora marcada?

– Não.

– O Sr. Malone está ocupado. Mas vou verificar...

– Eu sou a esposa dele – explicou, depois estremeceu e se corrigiu: – *Ex-esposa.*

– Ah. Um segundo...

Henry Chase, o segurança que trabalhava no prédio havia mais anos do que se poderia contar, saiu de onde estava.

– Angie – cumprimentou-a, sorrindo. – Há quanto tempo.

Angie respirou aliviada.

– Oi, Henry.

– Veio falar com ele?

– Vim.

– Pode me acompanhar.

Angie sorriu para a recepcionista, que deu de ombros e pegou o telefone.

Angie seguiu Henry até os elevadores, se despediu e subiu. No terceiro andar, saiu do elevador e entrou no cerne da vida de Conlan.

Havia mesas por toda parte. Como era um fim de semana com feriado, muitas se encontravam vazias. Ficou contente com isso. Ainda assim, viu muitos

rostos conhecidos. As pessoas notavam a sua presença, davam sorrisos nervosos e olhavam para o escritório de Conlan.

Visitas de ex-mulheres deviam ser algo preocupante. Sem dúvida a notícia de sua chegada se espalharia de mesa em mesa; repórteres adoravam estar informados e passar notícias adiante.

Angie ergueu a cabeça, agarrou a bolsa com dedos suados e seguiu em frente.

Avistou Conlan antes que ele a visse. Na janela de seu escritório de quina, conversava com alguém ao telefone e vestia o paletó enquanto falava.

Naquele instante, tudo o que Angie vinha reprimindo aflorou. Lembrou-se de Conlan dando-lhe um beijo logo ao acordar, todos os dias, mesmo que estivesse atrasado para o trabalho – e que às vezes ela o afastava por ter coisas mais importantes na cabeça.

Bateu à porta de vidro.

Conlan se virou e a viu. Seu sorriso se desfez devagar, os olhos se estreitaram. De raiva? Decepção? Não saberia dizer: não conseguiu interpretar a expressão dele. Talvez fosse tristeza.

Conlan fez sinal para que ela entrasse. Angie abriu a porta e entrou. Ele levantou um dedo para ela, pedindo um minuto.

– Isso *não* está certo, George – disse ao telefone. – Nós agendamos. O fotógrafo está pronto. Já está esperando no carro.

Angie olhou para a mesa dele. Era forrada de cartas e anotações. Uma pilha de jornais ocupava um canto.

As fotos dela não estavam mais lá. Já não havia nada pessoal ali, nenhum sinal de quem ele era depois do expediente.

Angie não se sentou, com medo de começar a bater o pé ou se contorcer de nervosismo.

– Dez minutos, George. Não saia daí.

Desligou o telefone e se virou para ela.

– Angie.

Foi só o que disse. “O que veio fazer aqui?” foi silenciado, mas ficou implícito.

– Eu estava de passagem. Achei que a gente podia...

– Péssimo timing, Angie. Eu estava falando com George Stephanopoulos ao

telefone. Preciso encontrá-lo em... – checkou o relógio – dezessete minutos.

– Ah.

Pegou a valise.

Angie recuou um passo, sentindo-se vulnerável.

Conlan olhou para ela.

Nenhum dos dois se mexeu nem falou nada. A sala pareceu cheia de fantasmas e sons havia muito perdidos. Risadas. Choros. Murmúrios.

Angie quis que ele se aproximasse, que emitisse um sinal de encorajamento que fosse, ainda que pequeno. Então ela poderia dizer “Sinto muito” e ele entenderia o que a levava até ali.

– Eu preciso sair correndo. Desculpe.

Fez um movimento na direção dela, talvez para bater no seu ombro, mas recuou antes de fazer contato. Ficaram se encarando por um longo tempo, então Conlan saiu e a deixou sozinha.

Angie afundou na cadeira em frente à mesa dele.

– Angie?

Não saberia dizer quanto tempo passara ali sentada, atordoada, tentando recolher os próprios cacos. Levantou a cabeça e viu Diane VanDerbeek. Não se levantou. Não sabia se as pernas a sustentariam.

– Diane, que bom ver você de novo.

Era mesmo. Diane trabalhava com Conlan fazia muito tempo. Ela e o marido, John, eram amigos dos dois havia anos. Conlan ganhara a custódia dessa amizade no divórcio. Não, não era bem a verdade. Angie abrira mão dela sem lutar. Durante semanas depois da separação, Diane tinha ligado. Angie não retornara as chamadas.

– Deixe Conlan em paz, pelo amor de Deus. Ele finalmente está voltando a viver.

Angie franziu o cenho.

– Você fala como se ele tivesse desmoronado depois do divórcio. Ele foi uma rocha.

Diane a encarou em silêncio, como se pesasse as palavras. Depois de um momento, olhou pela janela para aquele dia cinzento de novembro. Sua boca, que em geral exibia um largo sorriso, continuou cerrada numa linha fina, talvez até um pouco curvada para baixo.

Angie ficou tensa. Diane sempre tivera a franqueza de um repórter. “Eu falo o que penso” era o seu mantra. Qualquer que fosse a observação que estava prestes a fazer, Angie sabia muito bem que não iria gostar de escutá-la.

– Você realmente sentiu muito a falta dele? – perguntou Diane afinal.

– Acho que não quero falar sobre isso.

– Entrei duas vezes na sala dele este ano e vi que estava chorando. Uma vez quando Sophia morreu e outra quando vocês resolveram se divorciar. – A voz dela suavizou, assim como a expressão em seus olhos. – Com Sophia, eu pensei: “Que tristeza ele ter que vir aqui para chorar.”

– Não faça isso – murmurou Angie.

– Tentei falar com você sobre isso, quando ainda faria diferença, mas você não quis ouvir. Então por que está aqui agora?

– Eu achei...

Angie se levantou de repente. Mais cinco segundos e iria começar a chorar. Se começasse, só Deus sabia quando iria parar.

– Não tem importância. Preciso ir embora. Eu fui uma idiota.

Foi às pressas em direção à porta. No momento em que chegou ao corredor, ouviu Diane dizer:

– Deixe-o em paz, Angie. Você já o magoou o suficiente.



Angie mal pegou no sono aquela noite. Na cama, toda vez que fechava os olhos, só o que surgia em sua mente eram projeções de suas lembranças.

Quatro anos antes, havia passado o aniversário do marido com ele em Nova York. Conlan comprara um vestido Armani para ela – seu primeiro traje de grife.

– Custou mais caro que o meu primeiro automóvel. Acho que não vou conseguir usar. Na verdade, nós devíamos devolver. Com tantas criancinhas passando fome na África...

Conlan se postara ao lado dela, ambos refletidos no espelho oval do quarto do hotel.

– Só esta noite, não vamos nos preocupar com crianças passando fome. Você está linda.

Angie se virara e o abraçara, contemplando seus olhos muito azuis.

Deveria ter dito que o amava mais que a própria vida, até mais que os filhos que Deus a impedia de ter. Por que não tinha feito isso?

– Uma das coisas boas da seda – dissera Conlan, correndo a mão pelas costas dela – é que escorrega tanto para vestir como para despir.

Na ocasião ela sentira um tremor de desejo; lembrava-se com clareza. Mas era a época errada do mês para conceber.

– Está na hora errada – replicara, só depois percebendo quanto aquelas palavras o frustraram.

Que estúpida eu sou. Estúpida.

Teve outra lembrança. Mais recente. Dessa vez os dois estavam em São Francisco a negócios. Ela lançava uma campanha importante de um cliente de nível nacional. Conlan fora junto para passear. Achava que poderiam ter um fim de semana romântico, ou assim dissera. Ela havia concordado porque... bem, os fins de semana românticos dos dois vinham ficando cada vez mais raros e esparsos.

No Bar Promenade, 34 andares acima das movimentadas ruas de São Francisco, eles escolheram uma mesa perto da janela. A cidade cintilava lá embaixo em toda a sua glória.

Conlan tinha ido ao banheiro e Angie pedira as bebidas: um Cosmopolitan para ela e um uísque com gelo para ele. Enquanto esperava, estudou mais uma vez as estatísticas da empresa. A garçonete trouxe as bebidas.

Angie ficou perplexa com a conta.

– Dezessete dólares por um Cosmopolitan?

– É o Promenade – explicara a garçonete. – Magia é uma coisa cara. A senhora ainda quer as bebidas?

– Claro, obrigada.

Conlan voltou um minuto depois. Mal tinha se sentado quando Angie se aproximou e disse:

– Fechei a conta. Dezessete dólares por um drinque.

Conlan suspirou, depois sorriu. Teria sido um sorriso forçado? Na ocasião, ela achara que não.

– Vamos esquecer o projeto econômico dos DeSarias esta noite. Nós temos dinheiro, Angie. Podemos gastar.

E nesse momento ela havia compreendido: Conlan não fizera aquela viagem

em busca de romance, mas de uma vida diferente. Era sua maneira de lidar com os sonhos não realizados. Queria lembrar a si mesmo – e a ela – que os dois poderiam ter uma vida plena e maravilhosa sem filhos, que aquela viagem de fim de semana era uma compensação por terem uma casa silenciosa demais e um berço vazio.

O que ela deveria ter dito era: “Então vamos tomar três drinques... e pedir lagosta.” Teria sido tão fácil. Ele a teria beijado e talvez os dois tivessem começado uma nova vida.

Em vez disso, ela começara a chorar.

– Não me peça para desistir – falara em voz baixa. – Eu não estou pronta para isso.

E assim, o que seria um recomeço para os dois afundou no pântano de sempre. Por que Angie não conseguira enxergar a verdade enquanto ele estava bem ao seu lado, dividindo a cama com ela, noite após noite? Todo esse tempo ela acreditara que a busca de um filho tinha arruinado seu casamento.

Mas isso não era inteiramente verdade. Ela ficara arruinada, depois arruinara seu relacionamento. Não admirava que Conlan tivesse se divorciado.

Nenhuma surpresa.

Entrei duas vezes na sala dele este ano e vi que estava chorando... Que tristeza ele ter que vir aqui para chorar.



Na noite de sábado o restaurante estava a todo vapor. Todas as mesas ocupadas, uma longa fila de espera à porta. Angie ficou contente com o movimento. Significava que não teria tempo para pensar.

Pensar era a última coisa que desejava no momento.

Mira apareceu na hora do fechamento, fugindo do frio.

– Então? – perguntou. – Livvy disse que você foi falar com Conlan. Como foi?

– Nada bem.

– Ah.

O rosto redondo de Mira se enrugou.

– Sinto muito.

– Não tanto quanto eu, acredite.



O amor pode nos ajudar a passar por dificuldades.

Mas também pode ser o motivo dessas dificuldades.

Lauren passou o fim de semana inteiro pensando na conversa que tivera com Angie. Ainda mantinha a esperança de que, de alguma forma, houvesse uma solução que ela apenas ainda não fora inteligente o bastante para descobrir. No momento, não enxergava nada além de opções ruins à sua frente.

Não queria ser mãe.

Não queria ter um filho e abrir mão dele.

O que ela queria era *não estar grávida*.

No domingo, passou mal de tanta preocupação. Ignorou Angie no trabalho e foi embora do restaurante sem se despedir de ninguém. Foi a pé para casa, sem se incomodar em pegar o ônibus. Por mais que tentasse pensar em outras coisas, o *bebê* estava sempre lá.

Em algum ponto do caminho, começou a chover. Lauren levantou o capuz e continuou andando. O clima combinava com seu estado de espírito. Sentia um prazer perverso no frio e na umidade.

Quando virou a esquina, quase chegando em casa, ela o viu.

David estava na calçada em frente ao prédio, segurando um buquê de rosas vermelhas. A chuva o açoitava.

– Oi, Trixie.

Um amor quente feito fogo envolveu Lauren e consumiu tudo o mais. Ela correu na direção do namorado e o abraçou. Ele a levantou do chão com um abraço tão apertado que ela mal conseguiu respirar.

Ele me ama.

Era o que tinha esquecido naquele fim de semana: que não estava sozinha naquela situação. Que não era igual à mãe dela.

Quando ele a colocou no chão, Lauren o encarou com um sorriso, a chuva fazendo-a piscar.

– Pensei que vocês fossem ficar fora até amanhã.

– Fiquei com saudade, aí voltei mais cedo.

– Sua mãe não deve ter ficado muito contente com isso.

– Eu disse que tinha prova de química. – Abriu um sorriso. – Não queremos que Stanford mude de ideia. Eu tenho um futuro brilhante pela frente, sabia?

O sorriso de Lauren esmaeceu. O futuro dele *era* brilhante.

Stanford.

A solidão voltou com força total, fazendo-a sentir-se mais velha que David e infinitamente distante, embora estivesse em seus braços. Precisava contar sobre o bebê. Era a coisa certa a fazer.

– Eu te amo, David.

Começou a chorar, mas as lágrimas se misturaram com a chuva e sumiram antes que David as percebesse.

– Eu também te amo. Agora vamos entrar no carro antes que a gente pegue uma pneumonia. – Sorriu de novo para ela. – Tem uma festa na casa do Eric.

Lauren quis dizer *Não, hoje não*, levar David para seu modesto apartamento e fechar a porta. Contudo, assim que ficassem sozinhos, teria que contar a verdade – e ela não queria fazer isso. Ao menos ainda não. Queria mais uma noite em que pudessem ser jovens. Speed Racer e Trixie se divertindo com os amigos.

Então, quando David pegou na mão dela e a levou para o carro, Lauren o seguiu.

O amor pode nos ajudar a passar por dificuldades.

Por favor, Deus, pensou, que isso seja verdade.

DEZENOVE



Os sonhos de Angie naquela noite foram em preto e branco; imagens esmaecidas de um álbum de família esquecido, com momentos reais e que nunca existiram. Estava no parquinho, perto do gira-gira, acenando para uma menininha de cabelos pretos que tinha os olhos azuis do pai...

Lentamente, a criança desbotou, ficou cinza e desapareceu, como se uma névoa tivesse coberto o mundo.

Depois viu Conlan no campo, treinando o time infantil.

As imagens eram borradas e imprecisas, pois na verdade Angie nunca estivera naquelas arquibancadas observando o marido treinar os filhos de amigos, aplaudindo quando Billy VanDerbeek se destacava numa jogada. Sempre ficava em casa nesses dias, encolhida na cama em posição fetal. Dói demais, dizia ao marido sempre que ele insistia que ela fosse.

Por que não pensara no que *ele* precisava?

– Desculpe, Con – murmurou em seu sonho, aproximando-se dele.

Angie acordou sobressaltada. Continuou na cama por horas, encolhida, tentando guardar tudo aquilo de volta. Não deveria ter tentado voltar no tempo; doía demais. Algumas coisas simplesmente ficavam para trás. Angie já devia saber disso.

De vez em quando percebia que chorava. No momento em que ouviu baterem à porta, seu travesseiro estava encharcado.

Graças a Deus, pensou. Alguém para distraí-la das lembranças do passado.

Sentou na cama e afastou o cabelo dos olhos. Jogou as cobertas de lado, levantou-se e desceu as escadas cambaleante.

– Já vou. Espere um pouco! – gritou Angie.

Quando abriu a porta, Mama, Mira e Livvy estavam lá, todas com seus melhores trajes de domingo.

– É o primeiro domingo do Advento – disse a mãe. – Você vai à igreja conosco.

– Talvez no domingo que vem – respondeu Angie com a voz arrastada. – Fui para a cama muito tarde ontem. E não dormi bem.

– É claro que não dormiu bem – rebateu Mama.

Angie sabia quando estava diante de um obstáculo, e uma DeSaria decidida era uma verdadeira muralha.

– Tudo bem – concordou.

Levou quinze minutos para tomar banho, secar o cabelo e se vestir. Mais três para se maquiar e estava pronta para sair.

Às dez horas, estacionaram o carro no pátio da igreja.

Angie saiu na manhã fria de dezembro e se sentiu voltando no tempo. Voltou a ser uma menina, vestida de branco para a primeira comunhão... seguida por uma mulher de branco no dia do casamento... substituída por uma mulher de preto chorando pela morte do pai. Tanta coisa da vida dela havia acontecido entre aquelas janelas de vitrais coloridos.

Foram até a terceira fila, onde Vince e Sal tinham alinhado as crianças por ordem de tamanho. Angie sentou ao lado da mãe.

Durante a hora seguinte, repetiu os movimentos de sua juventude: levantar-se, ajoelhar, levantar-se de novo.

No momento das orações finais, percebeu que alguma coisa mudara dentro dela, voltara para o lugar, embora até então Angie não tivesse percebido que estava desalinhada.

A fé estivera ali o tempo todo, fluindo em suas veias, esperando que ela retornasse. Foi envolvida por uma paz que a deixou mais forte, mais segura. No fim da missa, Angie saiu no ar cortante e gelado e olhou para o outro lado da rua.

Lá estava: o parquinho. O gira-gira do sonho dela brilhava sob a luz do sol. Crescera brincando naquele parque. Os filhos dela também teriam adorado.

Atravessou a rua ouvindo risadas que nunca tinha presenciado: *Venha me empurrar, mamãe.*

Sentou-se no aço frio e ondulado e fechou os olhos. Pensou na adoção que não dera certo, nos bebês que nunca nasceram, na filha que perdeu cedo demais e no casamento desfeito.

Chorou pelo divórcio. Soluços pesados que pareciam rachar seu peito e machucar seu coração, porém, quando acabaram, foi como se houvessem levado todas as lágrimas de Angie. Finalmente.

Olhou para o céu azul. Sentiu o pai ao seu lado, uma presença calorosa em meio ao dia gélido.

– Angie!

Enxugou os olhos.

Mira atravessava a rua às pressas, a saia comprida esvoaçando. Estava sem fôlego quando chegou ao parque e perguntou:

– Tudo bem com você?

Abrir um sorriso foi um gesto surpreendentemente fácil para Angie.

– Sabe de uma coisa? Tudo bem.

– Sério?

– Sério.

Mira sentou ao lado da irmã. Deram impulso com os pés na areia e o giragira começou a rodar.

Angie jogou o corpo para trás e olhou para o céu. Sentiu que sua vida estava em movimento de novo.



Lauren passou todo o dia seguinte tomando coragem. Já estava escuro quando chegou a Mountaineer. O portão estava fechado e a guarita parecia deserta. Um homem de uniforme cáqui prendia luzes de Natal na grade alta de ferro batido que protegia as casas lá dentro.

Foi até a guarita e espiou pela janela. Só viu uma cadeira vazia em frente a uma mesa cheia de revistas de automóveis.

– Posso ajudar em alguma coisa?

Era o homem das luzes. Pareceu irritado com a presença dela, ou talvez fosse apenas o seu trabalho.

– Vim visitar David Haynes.

– Ele está esperando você?

– Não.

A voz de Lauren mal saiu. Não foi surpresa. A festa da noite anterior tinha sido barulhenta. Ela e David tiveram de gritar um com o outro para conversar. Mais tarde, depois que ele havia voltado para casa – para o caso de os pais aparecerem –, Lauren chorara até adormecer.

Não podia mais guardar aquele segredo. Ele a dilacerava por dentro.

O portão deu um solavanco e se abriu devagar.

Lauren meneou a cabeça para o segurança, apesar de não poder vê-lo pela janelinha. Só conseguia enxergar o próprio reflexo naquele quadrado de vidro: uma garota magra e assustada, de cabelos ruivos ondulados e olhos castanhos já cheios de lágrimas.

Seguiu para a casa dele pelo caminho mais longo, passando por ruas que não conhecia. Ao chegar lá, começara a chover. Uma chuva não muito forte, na verdade mais uma névoa que molhava o rosto e dificultava a respiração.

A casa de David era uma construção majestosa, que a fez pensar num cartão de Natal, com luzes em toda parte, velas falsas nas janelas e ramos de sempre-viva acortinando a porta da frente.

Lauren passou pelo portão e seguiu pelo caminho de lajotas que levava à porta. Quando se aproximou, uma luz se acendeu automaticamente. Tocou a campainha. O som era uma melodia sinfônica; Bach, talvez.

O Sr. Haynes atendeu. Usava uma calça cáqui com vincos perfeitos e uma camisa branca como a neve. O cabelo era tão impecável quanto seu bronzeado.

– Oi, Lauren. Que surpresa.

– Eu sei que é um pouco tarde, senhor. Quase 19h30. Eu deveria ter ligado. Aliás, eu *liquei*. Quero dizer, tentei, mas ninguém atendeu.

– Então você veio mesmo assim.

– Imaginei que o senhor estivesse fora e... eu precisava muito falar com David.

O Sr. Haynes sorriu.

– Não se preocupe. Ele está naquele maldito Xbox, mas com certeza vai gostar de vê-la.

– Muito obrigada.

Agora podia voltar a respirar.

– Pode descer. Eu vou chamar o David.

O carpete da escada era tão espesso que os passos não produziam nenhum som. O cômodo lá embaixo era grande e bem-decorado. Tapetes cor de linho, um enorme sofá de canto em camurça, com almofadas marrons e douradas, uma mesa de centro de mármore claro. Portas de madeira esculpida escondiam uma enorme televisão de plasma.

Meio desconfortável, Lauren sentou no sofá e ficou esperando. Não ouviu passos na escada, mas de repente David estava lá, puxando-a para seus braços.

Lauren se agarrou a ele.

Daria qualquer coisa para voltar no tempo, para não ter nada importante a dizer além de quanto o amava. Os adultos sempre falavam de erros, do custo de fazer a coisa errada. Queria ter prestado mais atenção.

– Eu te amo, David.

Ouviu o tom frágil e desesperado da própria voz e estremeceu. David franziu o cenho e se afastou um pouco. Lauren odiou o afastamento.

– Você tem se comportado de um jeito estranho – comentou David, deitando-se no sofá e puxando-a para cima dele.

Lauren deslizou para o lado e se ajoelhou perto do sofá.

– Seus pais estão em casa. Não podemos...

– Só o meu pai. Minha mãe está num evento de caridade.

Tentou de novo pôr Lauren em cima dele.

Ela queria aquilo. Queria beijá-lo e deixar que a tocasse até esquecer tudo sobre...

O bebê.

Afastou David com delicadeza e sentou sobre os calcanhares.

– David...

Pareceu usar todas as forças só para dizer o nome dele.

– O que houve? Você está me assustando.

Lauren não conseguiu se conter; as lágrimas começaram a escorrer. David acariciou o rosto dela e enxugou-as.

– Nunca vi você chorar.

Lauren sentiu o pânico crescente na voz dele. Respirou fundo.

– Lembra aquele jogo contra o Longview? O primeiro jogo em casa do ano?

A confusão dele transpareceu.

– Lembro, foi 21 a 7.

– Não estou falando do placar.

– Hã?

– Depois do jogo nós fomos comer uma pizza no Rocco's, depois fomos até o parque estadual.

– Foi. Aonde você quer chegar, Lo?

– Você estava com o Escalade da sua mãe – disse Lauren em voz baixa.

Lembrava-se de tudo. Que ele deitara o banco traseiro, depois pegara um cobertor azul-claro e uma almofada de chenile. Estava tudo lá, menos o acessório mais importante: a camisinha.

Eles estacionaram perto da praia, sob a escuridão dos velhos cedros. Uma enorme lua prateada pairava sobre os dois, conferindo aos seus rostos um tom pálido e luzidio. O rádio tocava “Truly, Madly, Deeply”, do Savage Garden.

David também se recordava. Lauren notou as lembranças passando pelo rosto dele. Percebeu o exato momento em que David compreendeu aonde ela queria chegar. O medo o fez estreitar os olhos. Ele se afastou um pouco, a testa franzida.

– Eu me lembro.

– Eu estou grávida.

David emitiu um som que dilacerou o coração de Lauren, um suspiro que esmaeceu em silêncio.

– Não – disse e fechou os olhos. – Merda. *Merda*.

– Acho que você entendeu.

David se desvencilhou de Lauren, e isso doeu mais do que ela imaginara. Tinha tentado se preparar para qualquer reação, mas não suportaria que ele deixasse de amá-la.

David abriu os olhos devagar. Quando se virou para ela, os olhos estavam turvos.

– Tem certeza?

– Absoluta.

– Ah! – exclamou em voz baixa.

Ele tentou sorrir, apesar de parecer atônito e aterrorizado, e aquela tentativa aliviou parte do desespero de Lauren.

– E agora? – perguntou David afinal, com uma voz grave e tensa.

Lauren se recusava a olhar para ele. Percebera que ele estava a ponto de chorar. Não queria ver David desmoronar.

– Não sei.

– Você poderia... fazer... você sabe?

– Um aborto?

Lauren fechou bem os olhos, sentindo alguma coisa romper dentro de si. As lágrimas vieram de novo, mas não caíram. Já tinha pensado nisso. Então por que doía tanto ouvir David dizer a mesma coisa?

– Provavelmente essa é a solução.

– É – confirmou ele, depressa demais. – Eu pago. E vou com você.

Lauren se sentiu afundar lentamente.

– Tudo bem.

Mesmo aos próprios ouvidos, a voz dela soou distante.



Lauren olhava pela janela para a paisagem embaçada em tons de verde e dourado. Tentava não pensar sobre o lugar aonde ia, no que ia fazer. David estava ao seu lado, as mãos tensas no volante. Os dois não falavam nada fazia quase uma hora. O que havia para dizer? Iam *cuidar do assunto*.

Esse pensamento fez Lauren estremecer, mas que opção tinha?

A viagem de West End até Vancouver pareceu demorar uma eternidade, e a cada quilômetro Lauren ficava mais tensa. Poderiam fazer aquilo mais perto de casa, mas David não quisera correr o risco de ser reconhecido. Muitos médicos da cidade eram amigos da família.

A clínica apareceu logo adiante, através do vidro fumê no automóvel. Lauren esperava ver manifestantes dizendo coisas terríveis e carregando cartazes com imagens chocantes, mas a entrada estava livre, tranquila. Talvez nem mesmo os ativistas aguentassem ficar ao ar livre num dia tão gelado e cinzento.

Lauren fechou os olhos para controlar o súbito pânico que a tomou. David tocou nela pela primeira vez. As mãos dele estavam frias e trêmulas. Estranhamente, o nervosismo de David deu forças a Lauren.

– Você está bem? – perguntou ele.

Ela o adorou por isso, por estar lá e mostrar seu amor. Queria dizer aquilo,

mas sentia um forte nó na garganta. Quando estacionaram, percebeu o peso daquela decisão. Não estava cuidando de assunto nenhum, ia fazer um aborto.

Por um momento aterrador, não conseguiu se mover. David contornou o carro e abriu a porta. Lauren se agarrou na mão dele.

Os dois andaram juntos na direção da clínica. Um passo depois do outro, era só o que ela se permitia pensar.

David abriu a porta para ela.

A sala de espera estava cheia de mulheres – jovens, na maioria, sozinhas e de cabeça baixa, como se estivessem rezando ou desesperadas. Algumas fingiam ler uma revista; outras não simulavam ser capazes de se distrair. David era o único homem na sala.

Lauren foi até a recepção, depois ocupou uma cadeira vazia e preencheu a papelada que lhe entregaram. Quando terminou, levou de volta a prancheta com os papéis e os entregou à recepcionista.

– Você tem 17 anos? – perguntou a mulher.

Lauren sentiu um acesso de pânico. Pretendia mentir sobre a idade, mas estava nervosa demais para pensar com clareza.

– Quase 18 – garantiu, depois abaixou a voz. – Eu... preciso da autorização da minha mãe para... isso?

– Aqui em Washington, não. Só queria confirmar. Você parece mais nova.

Lauren aquiesceu devagar, aliviada.

– Ah.

– Pode sentar. Aguarde ser chamada pelo nome.

Lauren voltou para o lugar. David sentou ao seu lado. Ficaram de mãos dadas, mas sem olhar um para o outro. Ela temia chorar se fizesse isso. Leu o panfleto sobre a mesa, na certa deixado ali por outra garota infeliz.

O procedimento, dizia o texto, não deve levar mais de quinze minutos...

... possível voltar ao trabalho de 24 a 48 horas depois...

... com um mínimo de desconforto...

Fechou o folheto e colocou-o de lado. Podia ser jovem, mas sabia muito bem que o mais importante não eram a dor nem o tempo de recuperação nem a duração do “procedimento”. O que importava era: será que ela poderia viver com aquela decisão?

Levou uma das mãos à barriga ainda lisa. Existia uma vida ali dentro.

Uma vida.

Era mais fácil não pensar na gravidez daquela maneira e, sim, fingir que um procedimento que demorava quinze minutos poderia resolver o problema. Mas e se não resolvesse? E se ela lamentasse o bebê perdido pelo resto da vida? E se fosse marcada para sempre por aquele dia?

Olhou para David.

– Você tem certeza?

Ele empalideceu.

– Que opção nós temos?

– Não sei.

Uma mulher entrou na sala de espera e leu alguns nomes em uma prancheta.

– Lauren, Sally, Justine.

David apertou a mão dela.

– Eu te amo.

Lauren tremia quando se levantou. Duas outras garotas também se levantaram. Lauren lançou um último e demorado olhar a David antes de seguir a enfermeira de branco pelo corredor.

– Justine, sala de exame dois – disse a mulher, parando diante de uma porta fechada.

Uma adolescente de olhar assustado entrou e fechou a porta.

– Lauren, sala três – informou a enfermeira alguns segundos depois, abrindo outra porta. – Vista o camisolão e o gorro.

Dessa vez a adolescente de olhar assustado a entrar na sala foi Lauren. Enquanto se despija para vestir o avental de algodão branco e o gorro, a ironia do traje lhe surgiu na cabeça: gorro e camisolão, tão diferentes de capelo e beca. Não era bem o que imaginava como formanda. Sentou-se na beira da cama.

Os gabinetes e bancadas de inox a fizeram estremecer; brilhavam demais com as fortes luzes do teto.

A porta se abriu. Um homem mais velho entrou, de gorro e com uma máscara solta que roçava o pescoço quando se mexia. Parecia cansado e desgastado como um lápis velho.

– Olá – falou, olhando para o prontuário dela. – Lauren, pode colocar os pés nos estribos e se deitar. Fique à vontade.

Outra pessoa entrou.

– Oi, Lauren. Meu nome é Martha. Sou a auxiliar médica.

Deu um tapinha na mão dela.

Lauren sentiu as lágrimas caírem e turvarem sua visão.

– Em poucos minutos tudo estará terminado – garantiu a enfermeira.

Terminado.

Em poucos minutos.

Sem o bebê.

O procedimento.

E Lauren percebeu.

Sentou-se de repente.

– Não posso fazer isso – falou, sentindo as lágrimas escorrerem pelo rosto. – Não vou conseguir viver com essa decisão.

O médico soltou um suspiro pesado. Em seu olhar triste, Lauren percebeu que ele já presenciara a mesma cena diversas vezes.

– Tem certeza?

Consultou o prontuário dela.

– A sua janela para o procedimento...

– Aborto – ressaltou Lauren.

Era uma palavra de arestas afiadas, que saiu como se machucasse sua língua.

– Sim – concordou o médico. – O aborto não pode ser feito depois...

– Eu sei.

Pela primeira vez em muitos dias Lauren tinha certeza de alguma coisa, e aquela confiança a acalmou.

– Não vou mudar de ideia.

Tirou o gorro.

– Tudo bem. Boa sorte – disse o médico e saiu da sala.

– O Planejamento Familiar pode ajudar com uma adoção... se estiver interessada – informou a enfermeira e saiu também, sem esperar por uma resposta.

Lauren ficou ali sozinha. Vivenciava um misto de emoções. Sentia-se bem com sua decisão. Era a única coisa com a qual conseguiria viver. Acreditava que as mulheres tinham o direito de escolher. Aquela era a escolha dela.

Desceu da cama e começou a se vestir.

Tinha feito a coisa certa. *Sem dúvida.* Estava absolutamente segura disso, do

fundo do coração.

Mas o que David iria dizer?



Horas depois, estava ao lado de David no sofá creme da sala de vídeo da família dele. Lá em cima a vida normal continuava, talvez; ali embaixo, o silêncio era sinistro. Lauren segurava a mão dele tão forte que os dedos estavam dormentes. Não conseguia parar de chorar.

– Então nós nos casamos, imagino – disse David com uma voz neutra.

Ouvir David soar tão derrotado a magoou tanto quanto todo o resto. Virou-se e o abraçou. Sentiu as lágrimas dele no seu pescoço; cada uma delas a escaldava. Afastou-se um pouco, só para poder olhar para ele. David parecia... devastado. Tentava ser adulto a qualquer custo, mas os olhos arregalados de medo traíam sua juventude. A boca dele tremia. Lauren afagou sua face molhada.

– Só porque estou grávida, não quer dizer que...

David se afastou depressa.

– Mãe!

A Sra. Haynes estava na porta, vestida em um impecável conjunto de terninho preto e blusa branca. Segurava uma caixa de pizza.

– O seu pai me ligou. Achou que vocês iam gostar de comer uma pizza – disse, olhando para David.

Depois ela começou a chorar.

VINTE



*L*auren não acreditava que poderia se sentir pior. Naquela noite, sentada numa elegante poltrona branca na sala de estar, ao lado de uma lareira que deveria aquecê-la, percebeu quanto estivera errada. Ver a Sra. Haynes chorar era quase insuportável. A reação de David às lágrimas da mãe foi ainda pior. Em meio a tudo isso – os gritos, as discussões, as conversas, os gemidos –, Lauren tentou dizer o mínimo possível.

Era como se tudo fosse culpa dela.

Em sua cabeça, sabia que não era verdade. Não engravidara sozinha, mas quantas vezes a mãe lhe avisara para ter sempre camisinhas na bolsa? “Nenhum homem pensa direito nessa hora”, ouvira mais de uma vez. “E é você quem vai engravidar.” Aquilo resumia todos os conselhos da mãe sobre sexo. Lauren deveria ter obedecido.

– Eu tenho contatos em Los Angeles e São Francisco – disse o Sr. Haynes, correndo a mão pelos cabelos desfeitos. – Médicos excelentes. E discretos. Ninguém precisa saber.

Estavam falando sobre o assunto fazia pelo menos dez minutos. Depois de muitas estufadas de peito e observações tipo como-vocês-puderam-ser-tão-descuidados, afinal levantaram a Grande Questão. E agora?

– Ela tentou – disse David.

– Em Vancouver – continuou Lauren.

Mal conseguia se ouvir.

A Sra. Haynes olhava para ela. Sentou-se devagar, muito devagar. Quase como se murchasse, na verdade.

– Nós somos católicos – falou.

Só aquilo já deixou Lauren muito grata.

– Sim – concordou Lauren. – E... há mais do que isso.

Não queria dizer as palavras em voz alta – *vida* ou *bebê* –, mas estavam ali presentes, tanto quanto o mobiliário ou a música que vinha de outra sala.

– Eu pedi Lauren em casamento – informou David.

Lauren percebeu que ele tentava ser forte e o amou por isso. Também notou que David parecia prestes a desmoronar e se odiou por isso. Agora ele enxergava todas as coisas de que teria que abrir mão. Como o amor poderia sobreviver a tantos sacrifícios?

– Vocês são jovens demais para casar, pelo amor de Deus. Diga a eles, Anita.

– Também somos jovens demais para ter um filho – ressaltou David, deixando todos em silêncio mais uma vez.

– Existe a possibilidade de adoção – sugeriu a Sra. Haynes.

David levantou a cabeça.

– É verdade, Lauren. Tem gente que adoraria ficar com esse bebê.

A esperança na voz dele deixou Lauren prostrada. Seus olhos se encheram de lágrimas. Queria discordar, dizer que poderia amar aquele bebê. O filho dela. O filho deles. Mas sua voz tinha sumido.

– Vou ligar para Bill Talbot – disse o Sr. Haynes. – Com certeza ele pode me fornecer um bom contato. Vamos encontrar um casal que possa proporcionar uma boa criação.

Ele falava como se estivessem doando um cachorrinho.

A Sra. Haynes ficou olhando o marido sair da sala, depois apenas suspirou e baixou a cabeça.

Lauren franziu o cenho. Eles já se comportavam como se a decisão tivesse sido tomada.

David chegou perto dela. Lauren nunca pensara que os olhos dele pudessem mostrar tanta tristeza. Pegou na mão dela e apertou-a. Lauren esperou que dissesse alguma coisa; sua necessidade de ouvir *Eu te amo* era quase desesperadora. Mas David ficou calado.

O que havia a dizer? Não existia resposta certa para aquela situação, um caminho que não causasse dor – principalmente a Lauren. Ainda não se sentia pronta para tomar aquela decisão.

– Vamos embora, Lauren – disse a Sra. Haynes afinal, levantando-se.

– Eu posso levar Lauren para casa, mãe.

– Eu levo – replicou a Sra. Haynes com um tom de voz que, mesmo em sua fragilidade, não admitia contestação.

– Então vamos todos – contrapôs David, pegando Lauren pela mão.

Os dois saíram para a garagem com a Sra. Haynes, onde o lustroso Cadillac Escalade preto aguardava.

O local do crime.

David abriu a porta do carona. Lauren não queria ir na frente, mas não reclamou para não parecer indelicada. Com um suspiro, ocupou o banco do carona. Um CD começou a tocar automaticamente. Os acordes solitários e atormentados de “Hotel California” encheram o carro.

David disse à mãe para pegar a rodovia em sentido oeste; fora isso, ninguém mais falou. A cada segundo passado em silêncio, Lauren sentia o estômago se retorcer. Tinha a terrível sensação de que a Sra. Haynes ia querer conversar com a mãe dela, que essa era a razão da carona.

O que Lauren poderia dizer para evitar aquilo? Seria quase meia-noite quando chegassem ao apartamento.

– Minha mãe está viajando a trabalho – mentiu Lauren na afobação, detestando como se sentiu por isso.

– Pensei que ela fosse cabeleireira – disse a mãe de David.

– E é. É que ela foi participar de uma convenção. Um desses eventos em que mostram novos produtos.

Lauren lembrou que a chefe da mãe já tinha ido a convenções desse tipo.

– Entendi.

– Pode me deixar aqui – disse Lauren. – Não precisa...

– No mercado? – falou a Sra. Haynes, franzindo a testa. – Acho melhor não.

Lauren engoliu em seco. Não conseguiu encontrar a própria voz. Do banco de trás, David dava instruções de como chegar ao prédio.

Estacionaram em frente ao dilapidado edifício. Sob o luar, parecia algo saído de um romance de Roald Dahl, o tipo de lugar onde morava uma criança pobre e digna de pena.

David desceu do carro e foi até a porta do carona.

A Sra. Haynes travou as portas do automóvel. Lauren se assustou com o

ruído das fechaduras.

– É aqui que você mora?

– Sim.

Surpreendentemente, a expressão da Sra. Haynes pareceu se amenizar. Soltou um longo suspiro.

David tentou abrir a porta do carro para Lauren.

– David é o único filho que consegui ter – disse a Sra. Haynes. – Na verdade, ele foi um milagre. Talvez eu o ame mais do que o recomendável. A maternidade... muda a gente de alguma forma. Tudo que eu sempre quis foi que ele fosse feliz, que tivesse as opções que eu não tive. – Olhou para Lauren. – Se vocês se casarem e tiverem esse filho... – A voz dela falseou. – A vida com um bebê é difícil. Sem dinheiro e uma boa formação, é pior ainda. Eu sei quanto você ama David. Dá para notar. E ele também a ama. O suficiente para jogar o próprio futuro fora. Acho que eu deveria ficar orgulhosa disso.

Disse essa última frase devagar, como se quisesse sentir esse orgulho, mas não conseguisse.

David começou a bater no vidro.

– Mãe, abra a porta!

Lauren entendeu o que estava implícito no que a Sra. Haynes dizia: *Se você o ama de verdade, não deveria deixá-lo arruinar a própria vida.*

Lauren também pensava assim. Se David a amava o suficiente para desistir de tudo, não seria justo amá-lo o suficiente para impedir que fizesse isso?

– Se precisar conversar sobre isso a qualquer hora pode me procurar – disse a Sra. Haynes.

Lauren ficou surpresa com aquela oferta.

– Obrigada.

– Diga à sua mãe que vou ligar para ela amanhã.

Lauren nem queria *pensar* naquela conversa.

– Tudo bem.

Como não sabia mais o que dizer, destravou a porta e saiu do automóvel.

– O que ela falou com você? – perguntou David, batendo a porta do carro.

Lauren olhou para David. Lembrou-se do choro da mãe dele, tão silencioso e visceral, como se algo dentro dela estivesse se rasgando.

– Ela disse que te ama.

A expressão dele se desfez.

– O que nós vamos fazer?

– Não sei.

Ficaram ali por um longo tempo, olhando um para o outro.

– É melhor eu ir – falou David por fim.

Lauren aquiesceu. Quando ele lhe deu um beijo de despedida, ela quase não conseguiu largá-lo. Foi necessária muita força de vontade para deixá-lo partir.



Lauren encontrou a mãe sentada no sofá da sala, fumando um cigarro. Parecia nervosa e agitada.

Colocou a bebida no chão.

– Eu queria ir com você hoje – falou a mãe.

– Sei. E o que aconteceu?

A mãe pegou a bebida de novo. Sua mão tremia.

– Fui até o mercado comprar cigarro. Na volta para casa encontrei Neddie. O bar estava aberto. Achei que daria para tomar um drinque rápido. Eu estava precisando... você sabe... Quando me toquei, já era tarde demais. – Deu uma tragada no cigarro e olhou para Lauren através da fumaça. – Você não parece bem. Talvez seja melhor sentar. Quer uma aspirina? Eu vou buscar.

– Eu estou bem.

– Desculpe, Lauren – disse em voz baixa.

Pela primeira vez, Lauren ouviu um sentimento de remorso genuíno na voz da mãe.

– Tudo bem. – Abaixou-se e começou a recolher as caixas de pizza e os maços de cigarro vazios do chão. – Parece que você e Jake fizeram uma festança ontem à noite.

Quando Lauren levantou a cabeça, a mãe chorava. Aquela simples demonstração de sentimentos aqueceu seu coração.

Lauren foi até ela e ajoelhou-se ao lado do sofá.

– Está tudo bem, mãe. Não precisa chorar.

– Ele vai me deixar.

– O quê?

– Minha vida não vale mais nada. E eu estou ficando velha.

A mãe largou um cigarro e acendeu outro.

Aquilo doeu mais do que a bofetada. Mesmo naquele momento, naquele dia terrível para Lauren, a mãe só pensava em si mesma. Lauren engoliu em seco e se afastou dela. Bem devagar, voltou a recolher a bagunça do apartamento. Tinha de conter as lágrimas a cada respiração.

– Eu não consegui – disse em voz baixa.

A mãe levantou a cabeça. Os olhos estavam injetados e emoldurados por um borrão de rímel.

– O quê? – Ela demorou um minuto para entender o significado das palavras de Lauren. – Diga que está brincando.

– Eu não estou brincando.

Lauren tentou ser forte, mas sentiu que desmoronava. A dor em seu coração foi aguda e imediata. Por mais que soubesse que era loucura sua – que isso era impossível –, queria que a mãe abrisse os braços naquele momento, que a abraçasse como nunca fizera, que dissesse *Tudo bem, querida*.

– Não consegui ir em frente. Eu devo ser a responsável pelos meus erros, não...

Lauren olhou para o próprio ventre.

– O bebê – completou a mãe com frieza. – Você nem consegue dizer essa palavra.

Lauren deu um passo à frente. Mordia o lábio inferior e torcia as mãos.

– Eu estou com medo, mãe. Achei que...

– Tem mais é que estar com medo mesmo. Olhe só para mim. Olhe só para isto. – Ficou em pé e fez um gesto amplo com as mãos enquanto andava pela sala. – Esta é a vida que você quer? Foi para *isto* que estudou como uma louca? Você vai perder a faculdade este ano... sabe disso, não sabe? E, se não entrar para a faculdade agora, nunca mais vai entrar. – Agarrou Lauren pelos ombros e a sacudiu. – Você vai ficar igual a *mim*. Depois de tanto trabalho. É o que você quer? É isso?

Lauren se desvencilhou e cambaleou para trás.

– Não – respondeu em voz baixa.

A mãe deu um longo suspiro.

– Se você não conseguiu fazer um aborto, pelo amor de Deus, como acha que

vai encarar uma adoção? Ou, pior ainda, a maternidade? Você vai voltar àquela clínica amanhã de qualquer maneira. Dessa vez eu vou com você. Dê a si mesma uma chance na vida.

Aquilo pareceu extinguir a raiva dela. Afastou uma mecha de cabelo dos olhos de Lauren e a ajeitou atrás da orelha. Talvez tenha sido o gesto mais delicado que já tivera com a filha.

A ternura era pior do que os gritos.

– Eu não consigo.

A mãe a encarou com os olhos cheios de lágrimas.

– Você está partindo o meu coração.

– Não diga isso.

– O que mais eu posso dizer? Você tomou sua decisão. Ótimo. Eu tentei. – Abaixou para pegar a bolsa. – Preciso de uma bebida.

– Não saia. Por favor.

A mãe seguiu na direção da porta. Virou-se no meio do caminho.

Lauren ficou ali parada, aos prantos. Sabia que seus olhos lançavam um apelo desesperado à mãe, implorando que ficasse.

A mãe quase chorou de novo.

– Desculpe.

E saiu.



Na manhã seguinte, depois de uma noite insone, Lauren foi despertada pela música que ecoava pelas paredes. Era o CD de Bruce Springsteen.

Sentou-se devagar, esfregando os olhos inchados e ressecados.

A festa da mãe devia ter virado a noite. Não deveria ficar surpresa, pensou. Quando uma filha de 17 anos engravida, não há nada a fazer além de comemorar.

Com um suspiro, saiu da cama e cambaleou até o banheiro, onde tomou um longo banho quente. Quando acabou, ficou de pé na toalha velha que servia de tapete de banheiro e se observou nua no espelho.

Os seios com certeza estavam maiores. Talvez os mamilos também, mas não poderia afirmar, pois nunca prestara muita atenção aos próprios mamilos.

Virou de lado.

A barriga continuava lisa. Não havia sinais da vida nova que crescia lá dentro.

Enrolou-se na toalha e voltou para o quarto. Depois de arrumar a cama, vestiu o uniforme da escola – suéter vermelho de gola redonda, saia xadrez, meias brancas e sapato preto. Apagou a luz e saiu.

Parou ao chegar à sala. Franziu o cenho.

Havia alguma coisa errada.

Os cinzeiros na mesa de centro estavam vazios. Nenhum copo pela metade na bancada da cozinha. A velha manta roxa que cobria o encosto do sofá não estava lá.

Não estava lá.

De jeito nenhum. Nem minha mãe faria...

Ouviu um motor dar a partida lá fora. Era o ronco inconfundível de uma Harley Davidson.

Correu até a janela e abriu a cortina.

Lá embaixo, na rua, a mãe olhou para ela da garupa da moto de Jake.

Lauren encostou a ponta dos dedos na janela.

– Não.

Devagar, como se os movimentos doessem, a mãe acenou, dando adeus.

A moto partiu roncando pela rua, virou a esquina e desapareceu. Lauren ficou um longo tempo parada ali, olhando para a rua vazia, esperando que eles voltassem.

Quando finalmente saiu da janela, viu um papel dobrado na mesa de centro.

Foi então que compreendeu.

Pegou o bilhete e o abriu. Havia uma só palavra escrita, numa tinta azul forte. A relação de mãe e filha das duas se reduzira a uma única palavra.

Desculpe.

Enquanto isso, Bruce continuava cantando: *Baby, we were born to run...*

VINTE E UM



Angie discou o número da casa de Lauren pela terceira vez.

– Ninguém atende ainda? – perguntou Mama, que saía da cozinha.

Angie foi até a janela e olhou para fora.

– Nada. Ela não costuma faltar ao trabalho. Estou preocupada.

– Garotas dessa idade às vezes aprontam. Não deve ser nada.

– Talvez. Eu deveria ir até a casa dela...

– Os chefes não devem ir atrás dos funcionários. Ela faltou uma noite. E daí?

Deve estar tomando cerveja com o namorado.

– A senhora não está me tranquilizando em nada, mãe.

Mama ficou ao lado dela.

– Ela vai vir amanhã. Você vai ver. Por que não vem para casa comigo?

Vamos tomar um vinho.

– Fica para a próxima, mamãe. Quero comprar uma árvore de Natal. – Chegou mais perto da mãe. – Aliás, eu vou sair mais cedo, se não tiver problema.

– Seu pai... ficaria feliz de ver o chalé dele bem decorado de novo.

Angie ouviu o falseio da voz da mãe e entendeu. Mama ia passar o primeiro Natal sem Papa. Passou o braço pela cintura dela e puxou-a para mais perto.

– Tive uma ideia, mãe. Vamos tirar a quarta-feira para isso. Podemos fazer compras, almoçar, depois ir para casa e decorar a árvore. A senhora pode me ensinar a fazer *tortellini*.

– *Tortellini* é difícil demais para você. Vamos começar com algo básico. Como uma pastinha para passar no pão. Você sabe usar o liquidificador, não

sabe?

– Engraçadinha.

O sorriso da mãe se suavizou.

– Obrigada – falou.

As duas ficaram lá mais um tempo, abraçadas e olhando a noite. Por fim, Angie se despediu, pegou o casaco e saiu do restaurante.

A praça da cidade era uma colmeia em atividade naquela noite fria e nublada. Dezenas de incansáveis turistas circulavam, admirando os milhares de luzes brancas que enfeitavam a cidade. No fim da rua, um grupo de cantores vestidos de veludo vermelho e verde cantava “Noite Feliz”. Outros turistas e alguns moradores – que podiam ser reconhecidos por não carregarem sacolas de presentes – se aglomeravam ao redor para ouvi-los. Uma ruidosa carruagem puxada a cavalo passou tocando sinos pela rua de calçamento de tijolos. A inauguração das luzes da árvore fora um sucesso; no sábado seguinte o movimento seria maior ainda. Os turistas chegariam em ônibus lotados; os moradores resmungariam que a cidade tinha se transformado numa Disneylândia e fariam o possível para não ficarem por perto. O restaurante passaria a semana inteira lotado.

Quando Angie chegou à Christmas Shoppe, tinha começado a nevar. Levantou o capuz, atravessou a rua correndo e entrou na loja.

Era uma maravilha natalina, com árvores, enfeites e luzes por toda parte. Parou diante dos acessórios. Deparou-se com um pinheiro fino e altivo, decorado em prata e dourado. Cada um deles era lindo e original. Ornamentos de anjos e Papai Noel, bolas de vidro multicoloridas.

Lembrou-se da coleção que Conlan começara para ela, tantos anos antes, com um pequeno enfeite trazido da Holanda que dizia *Nosso primeiro Natal*. Desde então, todos os anos ele a presenteava com um novo enfeite.

– Oi, Angie – chamou uma animada voz feminina.

Angie se virou enxugando os olhos no momento em que a dona da loja, Tillie, saía de trás da caixa registradora. Estava fantasiada de Mamãe Noel, num vestido vermelho que já era velho quando Angie era criança.

– Ouvi dizer que você deu uma renovada no DeSaria’s – comentou Tillie. – Dizem que sua mãe está tão orgulhosa que parece que vai explodir de felicidade.

Angie tentou sorrir. A vida em West End sempre fora assim. Por menor que

fosse o assunto, todo mundo acompanhava – ainda mais quando era sobre outra pessoa.

– Ela está se divertindo com as novas receitas, isso é verdade.

– Quem teria imaginado? Eu preciso conferir. Talvez depois dos feriados.

Então, posso ajudar em alguma coisa?

Angie deu uma olhada ao redor.

– Preciso de alguns enfeites.

Tillie assentiu.

– Soube do seu divórcio. Sinto muito.

– Obrigada.

– Tive uma ideia. Por que você não volta daqui a dez minutos? Vou encher sua árvore de enfeites. A preço de custo.

– Ah, eu não poderia...

– Em troca de um jantar para mim e o Bill.

Angie concordou. Era como o pai dela fazia negócios em West End.

– Então vou pegar minha árvore e volto daqui a pouco.

Uma hora depois, Angie estava a caminho de casa com uma árvore amarrada no teto do carro, uma caixa de enfeites no banco de trás e uma pilha de luzinhas brancas no banco do carona. O trajeto demorou mais do que o normal: as ruas estavam com uma camada de gelo, escorregadias. “Jingle Bell Rock” tocava nos alto-falantes, para colocá-la no espírito natalino.

Mas, para ser franca, ela precisava de algo mais para entrar no clima. Pensar que escolheria, montaria, decoraria e apreciaria sozinha uma árvore de Natal era meio deprimente.

Estacionou em frente ao chalé e desligou o motor. Ficou encarando a árvore enquanto a neve caía como beijos sobre seu rosto. Ela parecia maior do que quando estava no estoque.

Ah, tudo bem.

Pegou um velho par de luvas de trabalho do pai na garagem e foi desamarrar a árvore. Quando terminou, tinha caído duas vezes, sido atingida no nariz por um galho vingativo e arranhado a pintura do carro.

Abraçou o tronco e começou a arrastar a árvore para dentro de casa, um passo de cada vez. Já estava quase na porta na hora que um carro parou na entrada.

Os faróis a iluminaram, a neve flutuando preguiçosamente no facho de luz. Largou a árvore e endireitou o corpo. Era Mira, que fora ajudar com a árvore. Irmãs.

– Ei – disse, protegendo os olhos da luz dos faróis. – Você está me cegando.

Os faróis não se apagaram. A porta do carro se abriu. A voz de Mick Jagger ressoou na noite. Alguém saiu do automóvel.

– Mira?

Angie franziu o cenho e deu um passo para trás. De repente se deu conta de que vivia isolada ali e...

Alguém caminhou na direção dela, as botas pisando de forma silenciosa na neve recém-caída.

Quando viu o rosto dele, quase engasgou.

– Conlan.

Ele chegou tão perto que Angie sentiu o calor da respiração dele no rosto.

– Oi, Angie.

Ficou sem saber o que dizer. Muitos anos antes, a conversa entre os dois fluía como água. Nos últimos tempos, aquele rio tinha secado. Angie se lembrou das palavras de Diane.

Entrei duas vezes na sala dele este ano e vi que estava chorando.

Depois de perder uma esposa dessas, o que mais se poderia dizer?

– Que bom ver você...

– Que noite linda...

Os dois falaram ao mesmo tempo, riram constrangidos e ficaram em silêncio de novo. Angie esperou que Conlan falasse, mas ele não disse nada.

– Estou montando a árvore.

– Dá para perceber.

– Você vai montar uma árvore este ano?

– Não.

Quando olhou para o rosto dele, tão triste, desejou não ter feito aquela pergunta.

– Imagino que não queira me ajudar a levar isso para dentro...

– Acho que prefiro ficar observando enquanto você luta contra a árvore.

– Você tem quase 1,90 metro, eu não tenho nem 1,70. Leve essa árvore lá para dentro logo.

Conlan deu uma risada e se abaixou para pegar a árvore. Angie correu para abrir a porta para ele.

Juntos, foram posicionar a árvore no suporte.

– Um pouco mais para a esquerda – orientou Angie, endireitando o tronco.

Conlan resmungou e voltou para baixo da árvore.

Angie tentava conter um súbito ataque de tristeza. Eram lembranças difíceis de lidar.

– Vou buscar um vinho – falou, assim que a árvore ficou de pé e fixa no suporte, e correu para a cozinha.

Tão logo se viu fora da sala, tentou acalmar a respiração.

Só o gesto de olhar para Conlan já doía.

Serviu duas taças de vinho tinto – o preferido dele – e voltou para a sala. Conlan a encarava de perto da lareira. De suéter preto, jeans desbotado e o cabelo preto precisando de um corte, parecia mais um roqueiro maduro que um repórter de primeira linha.

– Então – disse Conlan quando pegou o vinho e sentou no sofá –, eu poderia dizer que ia fazer uma reportagem e que estava de passagem.

– Eu poderia dizer que tanto faz a razão de você estar aqui.

Os dois se sentaram em lados opostos da sala e começaram a conversar com cautela, falando sobre banalidades. Angie já terminava a terceira taça de vinho quando ele afinal fez a pergunta que interessava.

– Por que você foi ao meu escritório?

Havia tantas respostas para aquela pergunta. A questão era: até que ponto queria se arriscar? Foram muitos anos contando meias-verdades a Conlan. No início, tinha sido uma tentativa de protegê-lo de más notícias, mas a mentira é uma estrada traiçoeira que faz a gente derrapar. No fim, usara aquilo para proteger a si mesma. Quanto mais sentia o coração partido, mais se recolhia. Até o dia em que percebeu estar sozinha.

– Eu estava com saudade – respondeu afinal.

– O que isso significa?

– Você sente saudade de mim?

– Não acredito que você esteja me perguntando isso.

Angie se levantou e aproximou-se dele.

– Sente?

Ajoelhou-se à frente de Conlan, os rostos tão próximos que podia ver o próprio reflexo nos olhos azuis dele. Já tinha se esquecido de como era bom se ver naqueles olhos.

– Aquilo me deixou louca – falou, ecoando as palavras que dissera a ele no quarto do bebê meses antes.

– E agora já está sã?

Sentiu o hálito dele nos lábios e isso lhe despertou muitas lembranças.

– *Sã* é uma palavra adulta demais. Mas com certeza estou melhor. Principalmente por ter aceitado.

– Você me assusta, Angie – disse Conlan em voz baixa.

– Por quê?

– Você partiu o meu coração.

Angie se aproximou mais um pouquinho.

– Não tenha medo – murmurou, chegando mais perto.

VINTE E DOIS



Angie tinha esquecido como era ser beijada de verdade. O beijo fez com que se sentisse jovem de novo. Melhor ainda, na verdade, pois não havia nada da angústia, do medo e do desespero da juventude. Só um sentimento que se agitava dentro dela, eletrizando seu corpo, fazendo com que se sentisse viva outra vez.

Um pequeno gemido escapou de seus lábios. Conlan a afastou.

Angie piscou, sentindo aquela dor do desejo excruciante.

– Con?

Ele sentia o mesmo. Angie percebeu em seus olhos obscuros, na rigidez em torno da boca. Por um momento ele se entregara; agora buscava um terreno mais seguro.

– Eu te amava – falou.

Se ainda havia um véu encobrendo as lembranças de Angie, a frase dele o rasgou. Em três palavras ele tinha desnudado a própria alma e dito tudo o que importava.

Angie agarrou o braço dele. Conlan tentou se afastar. Ela não deixou. Viu medo e insegurança nos olhos dele, mas também um fiapo de esperança, e se agarrou a ele.

– Vamos conversar – pediu, ciente de que ele tinha aprendido a *não* conversar com ela.

Nos meses que se seguiram à morte de Sophia, Angie ficara tão sensível que Conlan aprendera a mantê-la em silêncio. Agora tinha medo de gostar dela, medo de que sua fragilidade voltasse e, como uma maré alta, afogasse os dois.

– O que está diferente agora?

– Como assim?

– O nosso amor não foi suficiente para você.

– Eu mudei.

– Assim, de repente, depois de oito anos de obsessão, você simplesmente mudou?

– De repente? – Angie se afastou. – No último ano eu perdi meu pai, minha filha e meu marido. Você acha mesmo que posso ter passado por tudo isso sem mudar? Mas de tudo isso, Con, a única coisa que me dilacera e me deixa acordada até tarde da noite é você. Meu pai e Sophia... cumpriram seus destinos. Você... – Baixou o tom de voz e prosseguiu: – Você, eu abandonei. Levou muito tempo para perceber isso. Eu não fiquei ao seu lado. Não do jeito que você ficou do meu, e é difícil viver com isso. Se foi uma mudança repentina? Acho que não.

– Eu sabia quanto sua dor era profunda.

– E eu me fixei nela. – Tocou com delicadeza no rosto dele mais uma vez. – Mas você também estava sofrendo.

– Estava – foi só o que ele respondeu.

Os dois ficaram se olhando em silêncio. Angie não sabia o que mais poderia dizer.

– Faça amor comigo – falou, surpreendendo a si mesma.

O desespero na sua voz era óbvio. Mas não se importou. O vinho a deixara atrevida.

A risada de Conlan saiu trêmula e forçada.

– Não é tão simples assim.

– Por que não? A vida toda nós seguimos as regras. Faculdade. Casamento na igreja. Carreira. Filhos. – Fez uma pausa. – Foi aí que erramos. Acabamos como aqueles animais que ficam presos na lama e morrem. – Aproximou-se mais, tanto que ele poderia tê-la beijado se quisesse. – Mas já não há mapas para seguirmos – sussurrou. – Não há caminho certo. Somos apenas duas pessoas que viveram tempos difíceis e acabaram num lugar diferente. Me leve para a cama.

Conlan soltou um palavrão. Com derrota e raiva na voz.

Angie se apegou a isso.

– Por favor. Me possua.

Conlan soltou um grunhido e a abraçou.

– Você é minha perdição – murmurou e sua boca encontrou a dela.



Na manhã seguinte, Angie acordou com a cadência familiar da chuva tamborilando o telhado e escorrendo pelas janelas.

Os braços de Conlan ainda estavam em volta dela, mesmo enquanto ele dormia. Aconchegou-se. Adorou sentir a pele na dele. A respiração lenta e regular fazia cócegas na sua nuca.

Sempre dormiram naquela posição enquanto foram casados. Angie tinha esquecido quanto dormir de conchinha fazia com que ela se sentisse segura.

Afastou-se um pouco, só para virar de lado. Queria vê-lo...

Tocou no rosto dele, percorreu as marcas deixadas pela dor. Combinavam com as dela; cada ruga era um sinal de como tinham vivido, do que ganharam e perderam. Mais cedo ou mais tarde, tudo passa a fazer parte do rosto da pessoa. Mas o homem mais jovem estava lá, aquele por quem se apaixonara. Via esse homem nos malares, nos lábios, no cabelo que ainda não estava grisalho e precisava ser aparado.

Conlan abriu os olhos.

– Bom dia – disse Angie, surpresa pela voz rouca.

É o amor, pensou. Mexe com todas as partes de uma mulher, até mesmo a voz em uma manhã de inverno.

– Bom dia. – Conlan a beijou devagar e se afastou um pouco. – E agora?

Angie não conseguiu parar de sorrir. O gesto era tão típico de Conlan... A teoria de já-não-há-mapas-para-seguirmos não funcionava com um homem que ganhava a vida procurando respostas. Angie sabia qual era a resposta para si mesma. Descobrira-a no minuto em que o viu no teatro em Seattle, talvez até bem antes disso.

Mas eles já tinham fracassado uma vez, e agora esse fracasso os marcara.

– Acho que vamos só ver o que acontece – respondeu.

– Nunca fomos bons nesse tipo de coisa. Você nos conhece. Nós somos planejadores.

Nós.

Por ora era suficiente. Era mais do que Angie tinha no dia anterior.

– Mas nós precisamos ser diferentes desta vez, não é? – disse ela.

– Você mudou *mesmo*.

– As perdas fazem isso com uma mulher.

Conlan suspirou à menção das perdas, e ela se arrependeu do que disse. Mas como apagar anos inteiros? Houvera época em que o amor deles era feito de esperança, alegria e paixão. Eram jovens e cheios de fé. Será que dois adultos conseguiriam voltar àquele ponto?

– Eu tenho que estar no trabalho ao meio-dia.

– Diga que está doente. A gente pode...

– Não.

Afastou-a e saiu da cama. Ficou em pé, nu, olhando para ela com olhos indecifráveis.

– Nós sempre nos demos bem na cama, Angie. Esse nunca foi o problema.

Soltou um suspiro, e naquele som havia a lembrança de tudo o que dera errado entre eles. Abaixou-se para pegar as roupas.

Enquanto ele se vestia, Angie tentava pensar no que dizer para Conlan não ir embora. Mas a única coisa que passou pela cabeça dela foi: *Entrei duas vezes na sala dele este ano e vi que estava chorando.*

Ela partira o coração dele. O que poderia dizer naquele momento que fizesse diferença? Palavras eram coisas tão passageiras; desapareciam no vento.

– Volte – disse afinal enquanto ele andava na direção da porta. – Algum dia. Quando estiver pronto.

Conlan parou e virou-se para ela.

– Acho que não posso. A gente se vê por aí, Angie.

E saiu.



Angie estava distraída no restaurante. Mama percebeu seu comportamento e comentou isso mais de uma vez, mas ela achou melhor não contar o motivo. Uma fofoca succulenta como *Eu dormi com o Conlan* seria um prato cheio para a família. Não queria ouvir dezesseis opiniões a respeito. E, mais importante, o medo que sentiriam macularia o que tinha acontecido. Queria manter a esperança de que, mais cedo ou mais tarde, ele voltaria ao chalé.

Por isso preferiu se concentrar em preocupações mais imediatas. Como o fato de Lauren ter faltado mais uma noite e não ter ligado para avisar. Angie

deixou várias mensagens, mas ela não retornou a ligação.

– Angela.

Percebeu que Mama falava com ela e desligou o telefone.

– Que foi, mãe?

– Quanto tempo você vai ficar aí olhando para esse telefone? Temos clientes esperando.

– Tenho medo de Lauren estar com problemas. Alguém precisa ajudar essa menina.

– Ela tem mãe.

– Mas às vezes os adolescentes não contam tudo aos pais. E se ela estiver se sentindo sozinha?

Mama deu um suspiro.

– Então vá resgatá-la. Mas tome cuidado, Angie.

Era um bom conselho. Bom senso. Aquilo a mantivera longe da casa de Lauren por dois dias. Mas a preocupação aumentava, e Angie começava a ter um mau pressentimento.

– Amanhã – disse com firmeza.



A cada dia que passava era mais difícil se encaixar no mundo normal do ensino médio. Lauren se sentia uma alienígena, jogada no planeta sem nenhuma habilidade que possibilitasse sua sobrevivência. Não conseguia se concentrar nas aulas, não conseguia manter uma conversa nem comer sem vomitar. *Bebê... bebê... bebê* era só no que conseguia pensar.

Não pertencia mais àquele mundo. Cada momento parecia uma mentira. Esperava que a notícia fosse divulgada a qualquer momento, que os boatos comessem a rolar.

Aquela é Lauren Ribido.

Pobrezinha.

Grávida.

Arruinada.

Não poderia afirmar se os amigos iriam procurá-la ou evitá-la, e a verdade era que nem sabia se isso faria alguma diferença. Não tinha mais nada em

comum com eles. Quem ligava para o teste de trigonometria ou para a cena que Robin e Chris fizeram no baile? Tudo parecia tão infantil. Mesmo se sentindo presa no limbo que ainda não era a idade adulta nem deixara de ser a infância, Lauren sabia que nunca mais seria jovem.

Até mesmo David a tratava de forma diferente. Ainda a amava, disso não tinha dúvida, graças a Deus. Mas às vezes ela o sentia distante, procurando um lugar para pensar, e sabia que nesses momentos de ausência ele contemplava tudo o que o amor lhe custara.

David faria a coisa certa, qualquer que fosse. Mas perderia Stanford e todos os benefícios decorrentes de se formar em uma faculdade como aquela. Acima de tudo, isso custaria sua juventude. O mesmo preço que ela já pagava.

– Lauren?

Levantou a cabeça, surpresa ao perceber que estava de cabeça baixa. Não era sua intenção. O professor Knightsbridge a encarava de pé ao lado da sua carteira.

– Estou incomodando, Lauren?

Um murmúrio de risadas percorreu a sala de aula.

Lauren se aprumou.

– Não, senhor.

– Que bom.

Entregou a ela um pedaço de papel rosa.

– A Sra. Detlas quer falar com você na diretoria.

Lauren franziu o cenho.

– Por quê?

– Não sei, mas estamos em época de inscrições para faculdade e ela é sua principal conselheira.

Não era possível que já tivesse recebido resposta de alguma faculdade, mas talvez tivesse se esquecido de preencher alguma coisa ou postado um envelope para o endereço errado. Como se agora isso importasse.

Lauren juntou seus livros e papéis, guardou tudo na mochila e atravessou a escola até o conjunto de escritórios da diretoria. Fazia um frio congelante. Um resto de neve preenchia as valetas e recobria as quadras esportivas.

Estranhamente, as funcionárias da escola também estavam frias. Mary, a secretária, mal ergueu os olhos do que fazia quando Lauren entrou, e Jan, a enfermeira, desviou o olhar tão depressa que foi até indelicada.

Lauren percorreu o corredor, recoberto de anúncios e panfletos de faculdades, academias e empregos de férias. Parou na porta do escritório da Sra. Detlas, respirou fundo e bateu à porta.

– Pode entrar.

Lauren abriu a porta.

– Olá, Sra. D. – falou, tentando não parecer nervosa.

– Sente-se, Lauren.

Nada das brincadeiras ou dos sorrisos habituais. *Isso vai ser ruim.*

– Conversei com David hoje de manhã. Ele disse que está pensando em desistir de Stanford. Falou que... e estou citando... aconteceu uma coisa. Você sabe o que pode ser?

Lauren engoliu com dificuldade.

– Tenho certeza de que ele não vai desistir de Stanford. Por que faria isso?

– Realmente, por quê? – A Sra. Detlas deixou a caneta na mesa e olhou para Lauren. – Eu fiquei preocupada, naturalmente. Os Haynes são uma família importante nesta escola.

– É claro.

– Por isso liguei para Anita.

Lauren soltou um suspiro profundo.

– Ela não quis me dizer nada, mas deu para notar que está chateada. Então mandei o treinador Tripp até o vestiário dos rapazes. Você sabe como ele e David são próximos.

– Sim, senhora.

– Então você está grávida.

Lauren fechou os olhos e xingou baixinho. David tinha *prometido* não contar a ninguém. No final do dia, a notícia estaria circulando, se é que já não estava. Dali em diante, por onde passasse, estaria sujeita a fofocas, cochichos e dedos apontando para ela.

Houve um longo silêncio, até a Sra. Detlas dizer:

– Eu sinto muito, Lauren. Mais do que você imagina.

– O que eu faço agora?

A Sra. Detlas balançou a cabeça.

– Isso eu não poderia dizer. Só sei que uma moça grávida nunca se formou em Fircrest. Os pais tendem a intervir quando a notícia se espalha.

– Como aconteceu com Evie Cochran?

– Sim. Evie tentou continuar, mas no fim acabou sendo muito difícil. Acho que foi morar com uma tia em Lynden.

– Eu não tenho nenhum parente.

A conselheira não a escutava. Abriu um envelope pardo e leu o conteúdo. Depois fechou o envelope.

– Já entrei em contato com o diretor do Colégio West End. Você pode concluir o semestre lá e se formar em janeiro.

– Não estou entendendo.

– Você está aqui com uma bolsa de estudos, Lauren. Ela pode ser revogada a qualquer momento, por qualquer motivo. E com certeza você nos deu um. Nós queríamos que fosse um exemplo. Isso não vai se aplicar nos próximos meses, não é? Acharmos que será melhor para todos se você se formar no Colégio West End.

– Mas faltam só seis semanas para acabar o semestre. Eu consigo aguentar as fofocas. Por favor. Eu quero me formar na Fircrest.

– Acho que você vai achar isso... desagradável. Garotas podem ser bastante cruéis umas com as outras.

Lauren sabia disso. Antes de seu Projeto Cara Nova, quando ainda se vestia mal, falava pouco e morava na pior região da cidade, ninguém queria ser amiga dela. Em sua ingenuidade, acreditara que tudo tinha mudado depois que ela se repaginara e se entrosara. Agora via a dolorosa verdade. Aquilo era apenas um verniz, uma camada fina e transparente de mentiras sobre quem ela era de fato. A garota de verdade estava visível nesse momento.

Quis ficar brava, recorrer à ambição e à determinação que a fizeram entrar na Fircrest, mas aquele ardor parecia distante demais.

E ela estava com frio.

Como podia argumentar sobre ser um exemplo? Era uma garota grávida numa escola católica particular. Se servisse de inspiração para alguém, seria como um sinal de alerta: “Tome cuidado, ou vai acabar como Lauren Ribido.”

– Vá para West End – disse a Sra. Detlas de forma gentil. – Termine o semestre e se forme mais cedo. Graças a Deus você tem créditos suficientes.

Lá você vai estar no seu devido lugar. Lauren ouviu as palavras como se tivessem sido ditas em voz alta.

Mas aquilo era outra mentira.

A verdade era que ela não se encaixava em lugar nenhum.



Lauren voltou à sala de aula e cumpriu sua rotina feito um robô. Fez anotações, escreveu compromissos na agenda e conversou com colegas. Uma ou duas vezes, chegou até a sorrir, mas sentindo-se fria por dentro. Uma raiva desconhecida se espalhava pelo seu corpo.

David tinha prometido guardar segredo. Ele sabia – eles sabiam – que cedo ou tarde a gravidez seria revelada, mas não por enquanto. Lauren não estava pronta para encarar perguntas e fofocas.

Na hora do almoço, estava mais do que brava. Sentia-se furiosa. Ignorou as amigas e atravessou a escola para chegar à academia. David estava lá com os companheiros do futebol. Entre o som de halteres e o resfolegar do esforço físico, todos conversavam e davam risada.

Quando ela entrou no recinto, fez-se silêncio.

David, seu traidor.

Lauren sentiu as faces corarem.

– Oi – falou, tentando ser natural, como se fosse apenas uma garota do ensino médio e não uma menina arruinada.

David sentou devagar. O jeito que retribuiu seu olhar a fez ter dificuldade para respirar.

– Tchau, pessoal.

Ninguém respondeu à despedida.

Em silêncio, ela e David seguiram para o campo de futebol. Era um dia frio e cortante, uma camada de gelo fino cintilava no gramado. O perfume no ar lembrava maçãs.

– Como pôde fazer isso? – indagou afinal.

Sua voz saiu surpreendentemente calma. Achou que ia berrar aquela pergunta, talvez dar um empurrão nele, mas agora que estava lá, sentia-se com medo e com frio.

David pegou na mão dela e a levou até a arquibancada. Os dois se sentaram no frio. Ele não a abraçou. Ficou olhando para o gramado e suspirou.

– Você *prometeu* – voltou a dizer Lauren, dessa vez mais alto, a voz mais estridente. – E para o treinador Tripp. Todo mundo sabe que ele é um linguarudo. Você não pensou...

– Meu pai não fala mais comigo.

Lauren franziu o cenho.

– Mas...

Não soube como terminar a frase.

– Disse que sou estúpido e idiota. Não. Um puta idiota. Foram as palavras exatas dele.

A respiração de David saía em vapores pálidos.

A raiva de Lauren sumiu de repente. Tocou a coxa de David e se encostou nele. Desde que o conheceu, David sempre tentara conquistar a atenção do pai. Era uma das coisas que os dois tinham em comum: um pai que parecia não amá-los o suficiente.

O Speedster era o orgulho e alegria de David não por causar inveja nos outros rapazes ou chamar a atenção das garotas. Ele gostava do carro porque o pai o adorava. O que David mais amava eram as horas que passava com o pai na garagem. Era ali – e parecia que só ali – que os dois conversavam.

– Ele nem está mais trabalhando no carro. Diz que não faz sentido arrumar um automóvel para um garoto que não vai a lugar nenhum. – Finalmente olhou para ela. – Eu precisava falar com alguém. Com uma figura paterna.

Como ela poderia não compreendê-lo? Era um momento de solidão quase insuportável. Pegou na mão dele.

– Tudo bem. Desculpe ter gritado com você.

– Desculpe ter contado a ele. Achei que ele não ia contar para ninguém.

– Eu sei.

Voltaram a ficar em silêncio, olhando para o campo.

– Pelo menos nós temos um ao outro – falou Lauren afinal.

Devagar, sem muita convicção, David confirmou:

– É.



A Sra. Mauk a esperava na escada do prédio. Quando Lauren a viu, era tarde

demais para recuar.

– Lauren – disse a Sra. Mauk com um suspiro profundo. – Fui falar com a sua mãe no trabalho hoje.

– Ah, é? Conseguiu encontrá-la?

– Você sabe que não. A chefe disse que ela pediu demissão. Que saiu da cidade.

Lauren murchou com o peso daquelas palavras.

– É. Eu vou arranjar um emprego em tempo integral. Prometo...

– Não vai dar, garota – disse a Sra. Mauk e, ainda que Lauren pudesse perceber que a mulher dava a notícia a contragosto, ela falou mesmo assim: – Você não vai conseguir pagar o aluguel sozinha. Meu chefe já está cansado dos atrasos da sua mãe. Ele quer que eu cuide do despejo de vocês duas.

– Não, por favor.

O rosto rechonchudo da Sra. Mauk se contraiu numa expressão de tristeza.

– Gostaria de poder ajudar. Sinto muito.

Virou-se devagar e entrou. A porta de tela se fechou atrás dela.

Se alguém mais dissesse que sentia muito, Lauren ia gritar. Não que isso fosse ajudar em alguma coisa.

Subiu a escada, entrou no apartamento e bateu a porta.

– Pense, Lauren – falou, procurando seu antigo eu, a garota que conseguia escalar qualquer montanha. – *Pense*.

Alguém bateu à porta.

A Sra. Mauk devia ter se esquecido de dizer que ela precisava desocupar o apartamento até o dia seguinte.

Foi até a porta e a abriu.

– Eu não posso...

Era Angie, de pé no corredor escuro.

– Ah – foi só o que Lauren conseguiu dizer.

– Olá, Lauren – cumprimentou Angie com um sorriso, e a bondade como falou aquilo doeu em Lauren. – Talvez você queira me convidar para entrar.

Lauren imaginou Angie Malone lá dentro, andando pelo tapete roto e malcheiroso, sentando – não, não se atrevendo a sentar – no sofá velho, olhando ao redor, fazendo julgamentos, sentindo pena dela.

– Não. Melhor não.

Cruzou os braços, bloqueando a porta com o corpo.

– Lauren – disse Angie com firmeza.

Era uma voz de mãe. Lauren não conseguiu resistir. Deu um passo para trás.

Angie passou por ela e entrou.

Lauren entrou logo em seguida. Era impossível não ver aquele lugar através dos olhos de Angie. Paredes manchadas por anos de fumaça de cigarro, janelas embaçadas cuja única vista era o prédio de tijolos ao lado. Nem podia convidar Angie para sentar.

– Você... hã... quer uma Coca? – ofereceu, nervosa, mudando o peso de um pé para o outro.

Quando percebeu o que fazia – estava praticamente dançando a macarena, pelo amor de Deus –, esforçou-se para ficar imóvel.

Para grande surpresa de Lauren, Angie se sentou no sofá velho. Nem foi com uma atitude de estou-preocupada-em-estragar-minha-roupa. Simplesmente sentou.

– Não quero uma Coca, mas obrigada.

– Sobre o meu emprego...

– Sim?

– Eu deveria ter ligado.

– Deveria mesmo. Por que não ligou?

Lauren ficou retorcendo as mãos.

– Foi uma semana ruim para mim.

– Sente-se, Lauren.

Não se atrevia a ficar muito perto de Angie. Tinha medo que um toque dela a fizesse chorar. Por isso pegou uma cadeira da saleta, arrastou-a até a sala e sentou.

– Eu achei que nós éramos amigas – disse Angie.

– Nós somos.

– Você está com algum problema, não está?

– Estou.

– O que eu posso fazer para ajudar?

Foi o que bastou. Lauren caiu no choro.

– N-Nada. É tarde demais.

Angie se levantou do sofá e foi até ela, abraçou-a e a puxou da cadeira. O

choro de Lauren ficou mais alto. Angie acariciou as costas e os cabelos dela, repetindo uma dezena de vezes:

– Vai dar tudo certo.

– Não, não vai – replicou Lauren quando as lágrimas pararam de correr. – Minha mãe me abandonou.

– Abandonou?

– Fugiu com um sujeito chamado Jake Morrow.

– Ah, querida. Ela vai voltar...

– Não – disse Lauren em voz baixa.

O surpreendente foi quanto doeu admitir aquilo. Mesmo depois de tantos anos sabendo que a mãe a amava tão pouco, aquilo ainda a magoou.

– E a Sra. Mauk disse que não posso mais ficar aqui. Como vou conseguir ganhar o suficiente para pagar um apartamento? – Olhou para o chão, depois levantou a cabeça devagar na direção de Angie. – E isso nem é o pior.

– Tem alguma coisa pior?

Lauren respirou fundo. Odiou dizer aquelas palavras a Angie, mas que saída tinha?

– Eu estou grávida.

VINTE E TRÊS



Que Deus a perdoasse, mas a primeira reação de Angie foi de inveja. Foi como uma pontada no coração, e ela sentiu o veneno se espalhar.

– De nove semanas – contou Lauren, parecendo tão arrasada e tão jovem.

Tão desesperadora e inacreditavelmente jovem.

Angie afastou aqueles sentimentos. Imaginou que, à noite, quando estaria vulnerável e solitária, haveria um momento dedicado a refletir por que o mundo às vezes era tão injusto. Recuou alguns passos e se sentou na mesa de centro. Precisava abrir certa distância entre as duas. A dor de Lauren era tão palpável que Angie queria fazer com que passasse, mas não era o momento certo. Um abraço não resolveria.

Ficou olhando para Lauren. Os cabelos ruivos da garota estavam despenteados, as bochechas redondas pareciam mais pálidas que o normal, os olhos castanhos só demonstravam tristeza.

Se existia uma garota que precisava de uma mãe...

Não.

– Você contou para a sua mãe? – perguntou.

– Foi por isso que ela foi embora. Disse que já fui fruto de um erro e que não faria isso de novo.

Angie suspirou. Ao longo de seus anos de infertilidade e decepções, tinha percebido que a maternidade era algo aleatório: muitas mulheres que não deveriam criar um filho tinham essa chance, enquanto outras ficavam de braços vazios.

– Eu tentei fazer um aborto.

– Tentou?

– Achei que resolveria o problema, sabe? Ser madura. Mas não consegui.

– Você devia ter falado comigo, Lauren.

– Como eu podia falar com você sobre isso? Sabia que você iria ficar triste.

E não queria que olhasse para mim como está olhando agora.

– Olhando como?

– Como se eu fosse uma imbecil.

Angie foi levada a se aproximar, mesmo sem querer. Ajeitou uma mecha retorcida de cabelos de Lauren atrás da orelha.

– Eu não estou olhando desse jeito. Estou triste e temerosa por você, só isso.

Os olhos de Lauren se encheram lentamente de lágrimas.

– Não sei o que fazer. David quer desistir de Stanford para se casar comigo, mas não vai dar certo. Ele começaria a me odiar. Não sei se consigo suportar isso.

Angie desejou que houvesse alguma palavra mágica que apaziguasse o coração daquela pobre criança, mas às vezes a vida nos encurrala num canto e não existe saída fácil.

Lauren enxugou os olhos, fungou e sentou mais ereta.

– Eu não queria descarregar isso tudo em você. Só estou com medo. Não sei o que fazer e agora preciso arranjar um lugar para morar.

– Tudo bem, Lauren. Respire fundo. – Angie ficou olhando para ela, então acrescentou: – O que você quer fazer?

– Voltar até outubro e usar uma camisinha.

Angie riu, mas foi uma risada triste e tensa.

– Você e David querem ficar com o bebê?

– Como posso saber uma coisa dessas? Eu quero...

Lauren afundou mais na cadeira e abaixou a cabeça. Angie viu que ela estava chorando. Quase sem som nenhum, como se tivesse aprendido a chorar por dentro.

– A confusão é minha. Eu me meti nessa situação. Agora tenho que sair dela. Talvez a Sra. Mauk me deixe ficar aqui mais algum tempo.

Angie fechou os olhos com força. Também lacrimejava. Teve lembranças difíceis: Lauren no Projeto Ajudando o Vizinho, morrendo de frio, mas pedindo um casaco para a mãe... no estacionamento do mercado numa noite de chuva,

colocando folhetos em para-brisas... dizendo em voz baixa que não podia ir ao baile da escola e depois abraçando Angie por algo tão simples como um vestido emprestado e maquiagem.

Lauren estava sozinha no mundo. Era uma garota boa e responsável, que faria a coisa certa ou morreria tentando, mas como era possível uma menina de 17 anos encontrar o caminho certo numa estrada tão traiçoeira? Ela precisava de ajuda.

Ela não é sua filha, Angie.

Cuidado com essa garota.

Era um bom conselho. E, no momento, Angie se sentia aterrorizada de não segui-lo. Tinha se esforçado tanto para superar o desejo angustiante de ter um filho... Como poderia se deixar retroceder? Será que conseguiria ficar perto de Lauren vendo aquela barriga crescer? Consequiria sobreviver às intimidades da gravidez de outra mulher – os enjoos matinais, os sonhos que aumentavam a cada quilo a mais, o entusiasmo de palavras como *Ela me chutou... é um pequeno ginasta... Venha, sinta a minha barriga...*

Ainda assim, como poderia abandonar Lauren num momento daqueles?

– Já sei – disse Angie devagar, incapaz de dizer qualquer outra coisa. – Por que você não vem morar comigo?

– Você não está falando sério – disse Lauren, quase engasgando.

– Estou.

– Você vai mudar de ideia. Vai me ver engordando e...

– Alguma vez você confiou em alguém?

Lauren não respondeu, mas a verdade se mostrou em seus olhos.

– Confie em *mim*. Fique no chalé por um tempo, até decidir sobre o seu futuro. Alguém precisa cuidar de você.

– Cuidar de mim.

Angie percebeu a surpresa na voz dela. Era uma coisa tão simples – receber cuidados –, mas que lacuna sua ausência podia criar em uma pessoa.

– Eu limpo a sua casa e cuido da roupa. Também posso cozinhar. E, se você me mostrar quais são as ervas daninhas...

– Não precisa limpar minha casa.

Angie sorriu. Apesar de ainda sentir medo, da tensão do *Será que consigo acompanhar de perto?*, ela se sentia bem. Podia fazer alguma coisa pela vida

daquela garota. Talvez nunca chegasse a ser mãe, mas isso não significava que não poderia agir como mãe.

– Basta comparecer ao trabalho nos dias combinados e manter suas notas altas. Está bem?

Lauren se jogou nos braços de Angie e a abraçou apertado.

– Está bem.



Lauren arrumou numa mala suas roupas e os uniformes da escola (agora desnecessários), a maquiagem e seus suvenires e objetos afetivos, e ainda sobrou espaço.

A última coisa que acrescentou foi um pequeno porta-retratos com uma foto dela com a mãe. Pareciam duas artistas de palco, com os rostos encaixados em buracos de um cenário. Na verdade, Lauren nem se lembrava de ter posado para aquela foto. Segundo a mãe, as duas estavam em Las Vegas, numa parada de caminhões indo para oeste. Durante anos Lauren tentara criar uma lembrança que se encaixasse com a imagem, mas nunca conseguira.

Era a única foto das duas juntas. Guardou-a em segurança entre as camadas de roupas e fechou a mala. Quando desceu a escada, parou no apartamento da Sra. Mauk.

– Vim entregar as chaves.

– Para onde você vai?

Lauren pegou a mulher pelo braço e a levou até a janela. Lá fora, ao lado do carro, Angie observava o prédio.

– Aquela é Angie Malone. Vou morar com ela.

Notou a surpresa na própria voz.

– Eu me lembro dela.

– A senhora pode vender a mobília para pagar os aluguéis atrasados, está bem?

– Ok.

A Sra. Mauk olhou para as chaves, depois para Lauren. Abriu um sorriso triste.

– Sinto muito, Lauren. Se eu puder fazer alguma coisa para ajudar...

Deixou a frase no ar. As duas sabiam que a frase não seria concluída. Mesmo assim, Lauren se sentiu grata.

– A senhora foi boa com a gente. Deixando o aluguel atrasar tanto e tudo o mais.

– Você estava numa situação difícil, garota. Sua mãe é uma peça rara.

Lauren entregou um pedaço de papel à administradora. Nele estavam anotados o endereço e o telefone de Angie, além dos dados do restaurante.

– Quando minha mãe voltar, ela vai querer saber onde eu estou.

Percebeu a conhecida carência na própria voz, aquele tom de lamúria; não conseguia evitar.

– Quando?

– Quando terminar tudo com Jake... e vai terminar... ela vai voltar.

– E você vai estar esperando.

A Sra. Mauk fez as palavras soarem tristes.

O que Lauren poderia responder? Passara a vida toda à espera do amor da mãe. Não havia como simplesmente deixar sua esperança de lado. Era uma parte dela, aquela fé, tão enraizada quanto as batidas do seu coração. Mas agora já não doía tanto; a sensação de perda era mais opaca, quase distante.

Olhou mais uma vez para Angie, que esperava para levá-la para casa.

Casa.

Pouco depois, voltou a olhar para a Sra. Mauk.

– Agora eu estou bem.

– Você é uma boa garota, Lauren. Só quero o seu bem.

– Talvez a gente se veja por aí.

– Espero que não, Lauren. Quando você sai desta parte da cidade, é melhor manter distância. Mas vou estar aqui se precisar de mim.

A Sra. Mauk se despediu com um último sorriso.

No corredor, Lauren pegou a mala do chão e se apressou a sair.

– Quer que eu pegue o resto? – ofereceu-se Angie, aproximando-se.

– É só isso – respondeu Lauren, batendo na mala.

– Ah. – Angie parou, franziu um pouco o cenho. – Então tá, vamos embora.

Durante o trajeto pela cidade, ao longo da praia e subindo a colina, Lauren ficou olhando pela janela sem dizer nada. De vez em quando o luar incidia no ângulo certo e ela via o próprio reflexo. Era o de uma garota sorridente, mas de

olhos tristes. Ponderou se dali em diante seu olhar seria sempre triste, se sempre enxergaria as chances que ela perdera. Com certeza tinha sido o que acontecera com a mãe dela.

Olhou para Angie de esguelha. Ela cantarolava junto com o rádio. Provavelmente também não sabia o que dizer.

Fechou os olhos. Tentou imaginar sua vida tendo Angie como mãe. Tudo teria sido mais fácil, mais meigo. Angie nunca esbofetearia a filha grávida nem a abandonaria no meio da noite ou...

– Chegamos. Lar, doce lar.

Lauren abriu os olhos, sobressaltada. Talvez tivesse adormecido por um minuto. Tudo parecia um sonho.

Angie estacionou perto da casa e desceu do carro. Durante o trajeto até a porta e depois de entrar na casa, foi falando por cima do ombro com Lauren, que a seguia depressa, carregando a mala.

–... o forno é uns 10 graus mais quente do que aparece no mostrador. Não tem micro-ondas, desculpe. Esses canos velhos e enferrujados...

Lauren tentava captar tudo. Além das informações fornecidas por Angie, notou outras coisinhas. As janelas precisavam ser lavadas, por exemplo, e um dos braços do sofá estava descosturado. Eram tarefas em que poderia ajudar.

Angie continuou falando enquanto subiam para o segundo andar:

–... a pressão da água é forte. É melhor se segurar bem para não ser derrubada pelo chuveiro. Os canos chiam um pouco no começo, e nem pense em puxar a descarga antes do banho. – Deu uma parada e virou-se. – Tudo bem a gente dividir o banheiro, não é? Se não...

– Por mim está ótimo – respondeu Lauren depressa.

Angie sorriu.

– Foi o que imaginei. Ótimo. Bem, este é o seu quarto. As três irmãs dormiam aqui.

Abriu a porta no final do corredor.

O quarto era grande e bonito, com o teto inclinado e vigas de madeira. Papel de parede cor-de-rosa – estampado com trepadeiras e botões de rosas. Mesas de cabeceira iguais nos dois conjuntos de beliches. Uma pequena escrivaninha de carvalho alojada num canto. À esquerda, grandes janelas retangulares davam para o mar. Naquela noite, o luar deixava as ondas prateadas.

– Uau! – exclamou Lauren.

– Faz tempo que os lençóis não são lavados. Mas posso fazer isso agora mesmo...

– Não.

Lauren soou meio rude. Não era sua intenção. Mas tudo era tão... avassalador.

– Eu lavo minha roupa de cama.

– É claro. Você já é adulta. Não quis dizer que não sabe lavar roupa. É só que...

Lauren largou a mala, correu até Angie e a abraçou.

– Muito obrigada – falou, enterrando o rosto no pescoço quente de Angie.

Lentamente, ela retribuiu o abraço. Quando sentiu que ia começar a chorar, Lauren tentou recuar, mas Angie não permitiu. Acariciou os cabelos da garota, murmurando que tudo iria dar certo. Diversas vezes. *Está tudo bem agora, Lauren. Tudo bem.*

A vida toda Lauren estivera esperando um momento como aquele.



– *O quê?!* – perguntaram as três em uníssono. Na verdade, berraram.

Angie conteve a vontade de dar um passo para trás.

– Lauren foi morar comigo.

As irmãs e a mãe estavam lado a lado na cozinha, todas encarando-a.

– É assim que você está tomando cuidado com essa garota? – questionou Mama, fincando as mãos no quadril.

– Acho ótimo – observou Livvy. – Vai ser bom para as duas.

Mama gesticulou, impaciente.

– Não diga nada. Sua irmã não está pensando direito. – Deu um passo adiante. – Você não pode sair por aí convidando ruivas estranhas para morar na sua casa.

– Ela não é uma estranha – ressaltou Livvy. – Ela trabalha no restaurante. E é boa profissional também.

– Até ficar três dias sem dar as caras – argumentou Mama. – Até onde sabemos, ela pode estar envolvida numa onda de crimes.

Livvy riu.

– Certo. Indo de cidade em cidade, roubando mercadinhos, só parando para recarregar a munição e fazer uma prova de matemática.

Angie mudava o pé de apoio, nervosa. Não esperava tal reação à notícia.

O que veio a seguir foi uma questão diferente. Fez a palavra *crise* surgir à sua mente.

– Angie – disse Mira, aproximando-se e avaliando o rosto dela. – Tem alguma coisa que você não contou.

Angie estremeceu.

– O quê? Além de tudo tem segredos? – reclamou Mama e deu uma fungada que soou como um ronco. – Você sabe que Papa me conta tudo.

Angie ficou encurralada. Não havia nada que pudesse fazer. Uma gravidez não era algo que se pudesse manter em segredo. Olhou para as mulheres.

– Tem mais uma coisa, sim: Lauren está grávida.

Crise acabou sendo um eufemismo.



A discussão se estendeu por horas. Quando acabou, por puro cansaço, Mama já havia pedido reforços. Os dois cunhados de Angie estavam presentes, bem como tia Giulia e tio Francis. Todos no recinto tinham uma opinião sobre o erro que Angie estava cometendo.

Numa atitude que surpreendeu todo mundo, Livvy foi a única dissidente.

– Deixem Angie fazer o que quer – disse em algum momento depois de duas horas. – Nenhum de nós sabe o que isso significa para ela.

Essa afirmação interrompeu aquela reunião de conselho familiar. Diante da referência indireta aos filhos que Angie nunca tivera, todos desviaram os olhos.

Angie lançou a Livvy um olhar de gratidão. A irmã deu uma piscadela e sorriu.

Depois começou tudo de novo.

Angie não aguentava mais. Enquanto eles discutiam os prós e contras da decisão, esgueirou-se do recinto e subiu a escada.

Entrou em seu antigo quarto e fechou a porta. O abençoado silêncio a acalmou. Calculou que teria uns seis minutos de solidão antes que Mama ou

Mira fossem atrás dela.

Menos.

A porta se abriu. Mama ficou na soleira, demonstrando sua expressão de desapontamento. Era um olhar que as filhas conheciam de cor.

– Dois minutos – observou Angie, chegando para o lado na cama. – É um novo recorde.

Mama entrou e fechou a porta.

– Mandei todo mundo para casa.

– Ótimo.

Mama suspirou, depois sentou na cama ao lado de Angie. As molas do velho colchão rangeram.

– Seu pai... que Deus o tenha... teria esbravejado com você esta noite. E você teria dado razão a ele.

– Papai nunca gritou com a gente. A senhora é quem gritava.

Mama riu.

– Ele não precisava gritar. Papa me deixava resmungar e esbravejar por um tempo e então me dava um limite. “Agora chega, Maria”, ele dizia. – Fez uma pausa. – Agora ficou mais difícil, sem esses limites.

Angie se recostou na mãe.

– Eu sei.

Mama pousou a mão enrugada na coxa de Angie.

– Eu me preocupo com você, só isso. É o que as mães fazem.

– Eu sei. E te amo por isso.

– Você vai tomar cuidado, certo? Já vi você se magoar muitas vezes.

– Eu estou mais forte agora, mãe. De verdade, estou mesmo.

– Espero que sim, Angela.

VINTE E QUATRO



*L*auren acordara bem antes de o despertador tocar. Levantara-se por volta das cinco para ir ao banheiro e não havia conseguido voltar a dormir. Teria começado a limpar a casa, mas não queria acordar Angie.

Era tão silencioso ali. Os únicos sons eram as ondas roçando a areia e as rochas e um ocasional estremecimento das janelas com o vento.

Nenhuma buzina, nenhum vizinho gritando com o outro, nada de garrafas sendo quebradas na calçada.

Numa cama como aquela, com uma pilha de cobertas e mais um edredom, a pessoa podia se sentir segura.

Deu uma olhada no relógio. Eram seis horas. Ainda estava escuro lá fora. Os dias eram curtos nas primeiras semanas do inverno. Se fosse para a Fircrest naquela manhã de segunda-feira, teria que usar meia-calça de lã com o uniforme.

Mas isso não importava mais.

Aquele seria seu primeiro dia no Colégio West End. Uma aluna grávida transferida, que ficaria somente até o fim do semestre. As garotas mais populares com certeza a adorariam.

Empurrou as cobertas e saiu da cama. Pegou suas coisas, foi ao banheiro e tomou um banho rápido, depois secou e penteou os cabelos com cuidado.

Quando voltou ao quarto, procurou nas gavetas alguma coisa para vestir.

Nada parecia cair bem para o primeiro dia na escola nova.

Por fim, se decidiu por uma calça jeans boca larga e cintura baixa com um cinto de camurça e suéter branco. Quando vestiu o suéter, um de seus brincos de argola se soltou e caiu no chão.

David lhe dera aqueles brincos de presente no último aniversário.

Abaixou-se e começou a procurar o brinco, passando a mão pelo assoalho.

Lá estava.

Entrou embaixo da cama e encontrou o brinco... e mais alguma coisa. Uma caixa de madeira longa e estreita encostada num canto. Tão parecida com o assoalho que só de perto era possível notá-la.

Lauren puxou a caixa para fora. Ao abri-la, encontrou uma pilha de velhas fotografias de família em preto e branco. A maioria mostrava três garotinhas de vestidos bonitos ao redor de um homem moreno e bem-vestido, com um sorriso que iluminava o rosto inteiro. Era alto, magro e elegante, com olhos que viravam duas fendas quando sorria. E estava rindo na maioria das fotos. Para Lauren, ele lembrava um ator do passado – o que sempre se apaixonava por Grace Kelly.

O Sr. DeSaria.

Estranhamente, Lauren pensou nele como Papa. Observou as fotografias, viu as imagens de uma infância com que sonhara: viagens de carro ao Grand Canyon e à Disneylândia; dias passados na festa de rua do condado, comendo algodão-doce e andando na montanha-russa, noites naquele mesmo chalé, assando marshmallows numa fogueira à beira-mar.

Alguém bateu à porta.

– São 6h30, Lauren. Hora de se levantar e brilhar.

– Já estou acordada.

Empurrou a caixa de volta ao lugar, arrumou a cama e deu um jeito no quarto. Quando saiu e fechou a porta, não havia evidência de que estivera lá.

Encontrou Angie na cozinha.

– Bom dia – disse ela, passando ovos mexidos da frigideira para um prato. – Chegou bem na hora.

– Você preparou o café da manhã para mim?

– Tudo bem? Algum problema?

– Você está brincando. *Que maravilha!*

Angie sorriu mais uma vez.

– Ótimo. Você vai precisar comer bem pelos próximos meses.

De repente as duas se olharam num silêncio constrangedor. O som distante do mar ficou mais alto. Lauren não conseguiu deixar de tocar na própria barriga.

Angie estremeceu.

- Talvez eu não devesse ter dito isso.
- Eu estou grávida. Não adianta fingir que não.
- Não.

Lauren não conseguiu pensar em mais nada para dizer. Foi até a mesa e se sentou.

- O cheiro está ótimo.

Angie passou um prato com dois ovos mexidos, duas torradas com canela e algumas fatias de melão.

- Isso é mais ou menos tudo o que sei cozinhar.
- Muito obrigada – disse Lauren em voz baixa, levantando a cabeça.

Angie sentou-se à frente dela.

- De nada. – Abriu um sorriso. – E então, dormiu bem?
- Muito bem. Vou ter que me acostumar ao silêncio.
- É. Quando eu me mudei para Seattle, demorei uma eternidade para me acostumar como o barulho.

- Você sente falta da cidade grande?

Angie pareceu surpresa com a pergunta, como se nunca tivesse pensado naquilo.

- Na verdade, não. Tenho dormido incrivelmente bem nos últimos tempos; isso deve significar alguma coisa.

- É a maresia.

- Como assim?

- Sua mãe me disse que, quando uma pessoa cresce sentindo o cheiro do mar, não consegue respirar direito se for para o interior, para longe dele.

Angie riu.

- É bem o que minha mãe diria... Mas Seattle não é exatamente no interior, sabe?

- Sua mãe acha que tudo o que não for West End é interior.

Ficaram conversando um pouco mais sobre banalidades, até Angie se levantar.

- Você lava os pratos. Vou tomar um banho e nos encontramos em dez minutos para irmos à escola.

- Como assim?

- Vou levar você, é claro. Hoje o restaurante está fechado, então não é

problema. Ei, a propósito, eu achei que na Fircrest os alunos tivessem que usar uniforme.

– E tem mesmo.

– Então por que está de roupas comuns?

Lauren sentiu as bochechas esquentarem.

– Cancelaram minha bolsa de estudos. Imagino que não tenham uniformes do tamanho de elefantes.

– Está me dizendo que expulsaram você da escola por estar grávida?

– Não é grande coisa.

Teve esperanças de que a voz não demonstrasse o que sentia de verdade.

– Claro que é.

– Eu não sei...

– Lave os pratos, Lauren, e vista o uniforme. Nós vamos fazer uma visitinha à Fircrest.



Uma hora depois, as duas estavam na sala da conselheira. Lauren ficou encostada num canto, tentando desaparecer na parede branca e áspera.

Angie ocupava uma cadeira em frente à Sra. Detlas, que mantinha as mãos cruzadas sobre a superfície de metal.

– É um prazer conhecê-la afinal, Sra. Ribido – dizia a Sra. Detlas. – Imagino que tenha havido uma falta de comunicação quanto ao futuro de Lauren na Fircrest.

Lauren respirou fundo e olhou para Angie, que sorriu.

– Eu estou aqui para discutir... o futuro da minha filha – disse Angie, cruzando as pernas.

– Entendo. Bem, a senhora vai precisar discutir o assunto com o conselheiro do West End. Veja...

– O que eu estou *vendo* – interrompeu Angie – é um processo. Ou talvez uma manchete: *Escola católica expulsa aluna pobre e aplicada por estar grávida*. Entendo bem de manchetes, porque meu ex-marido é repórter do *Seattle Times*. Outro dia mesmo ele estava dizendo que os jornais de cidades grandes gostam de publicar um bom escândalo de cidades pequenas.

– Nós... hã... Tecnicamente, não expulsamos Lauren. Apenas insinuei que as garotas poderiam ser cruéis com uma menina com o problema dela. – Franziu a testa. – Eu não sabia sobre o seu marido.

Começou a examinar a ficha de Lauren.

Angie olhou para a jovem.

– Você se preocupa que as garotas sejam cruéis com você?

Lauren negou com a cabeça. Se ainda tinha uma voz, não conseguiu encontrá-la.

Angie se virou para a conselheira.

– Foi muito gentil de sua parte pensar nos sentimentos da Lauren nesse caso, mas, como pode ver, ela é uma garota durona.

Devagar, a Sra. Detlas fechou a pasta de Lauren.

– Acho que ela poderia concluir o semestre aqui e fazer as provas finais – falou a conselheira. – Faltam só seis semanas para o encerramento, com os feriados de fim de ano no meio. Ela poderia fazer as provas finais em janeiro e se formar mais cedo, mas eu realmente acredito...

Angie se levantou.

– Muito obrigada, Sra. Detlas. Lauren vai se formar pela Fircrest, que é como deve ser.

– De nada – respondeu a Sra. Detlas, obviamente irritada.

– Tenho certeza de que a senhora vai fazer tudo para ajudá-la. E vou fazer questão de contar ao meu tio que deu tudo certo com Lauren.

– Seu tio?

– Ah, eu me esqueci de mencionar? – Olhou direto para a conselheira. – O cardeal Lanza é irmão da minha mãe.

A Sra. Detlas se encolheu na cadeira.

– Ah – foi sua resposta, mas quase não se pôde ouvir.

– Vamos, Lauren – chamou Angie, dirigindo-se à porta.

Lauren saiu atrás dela.

– Isso foi *incrível* – falou a garota quando já estavam do lado de fora.

– E engraçado. A bruxa velha precisava de uma chamada.

– Como você sabia o que dizer?

– É a vida, querida. Tudo fica mais fácil.

Lauren sorriu. Sentia-se ótima. Mais do que ótima. Ninguém jamais tinha

lutado por ela daquela maneira, e aquele empenho a fortaleceu, fez com se sentisse invencível. Com Angie ao seu lado, poderia fazer qualquer coisa.

Até mesmo frequentar as aulas sabendo que as pessoas a encarariam e ficariam comentando.

Angie sorriu.

– Só espero que exista um cardeal Lanza.

As duas caíram na gargalhada.



Angie ficou de longe, observando Lauren atravessar a escola. Teve que se conter para não gritar: “Tchau, querida. Boa aula. Eu venho buscar você às seis.”

Mas ainda era jovem o bastante para lembrar que uma cena dessas seria um vexame. E a coitada da Lauren não precisava de nenhuma atenção extra no momento. Estar grávida numa escola particular já era bastante difícil. Uma suposta mãe excêntrica poderia levá-la ao limite.

Lauren parou em frente às portas duplas do prédio principal. Virou-se e acenou para Angie, depois desapareceu lá dentro.

Angie sentiu um aperto no peito.

– É melhor vocês serem simpáticas com a minha garota, seu bando de bruxinhas.

Fechou os olhos e fez uma oração para Lauren antes de entrar no carro.

Enquanto dirigia para casa, tentando não imaginar a tempestade de fofocas na Fircrest, considerou voltar e estacionar em frente ao mastro da bandeira, por precaução. E se Lauren saísse chorando, arrasada pela crueldade típica de tantas adolescentes? Ela precisaria de Angie...

– Não – disse em voz alta, controlando os pensamentos negativos.

Lauren precisava enfrentar aquele dia sozinha. Não existia outra maneira. O caminho em que estava era escuro e assustador; não havia saída a não ser seguir em frente.

O toque monocórdio do celular a salvou. Vasculhou a bolsa e encontrou o aparelho a tempo de atender ao terceiro toque.

– Angie?

Sua respiração se acelerou. Até então, não imaginara quanto esperava por

aquilo.

– Oi, Con – falou, tentando soar casual.

Por segurança, parou no acostamento. O coração estava a mais de cem por hora.

– Fiquei pensando sobre aquela noite.

Eu também.

– Nós precisamos conversar.

– Isso é verdade há muitos anos – disse Angie. – Quer vir até o chalé?

No instante em que o convite escapou, ela pensou: *Lauren*.

Conlan não ficaria feliz com a situação.

– Hoje não dá, estou ocupado – respondeu Conlan. – Talvez...

A voz dele se perdeu nas florestas sombrias da incerteza. Estava reconsiderando, dava para perceber.

– É segunda-feira. O restaurante está fechado. Eu poderia comprar alguma coisa para um almoço.

– Almoço?

– É uma refeição. Muitas vezes as pessoas vão a restaurantes.

A piada não surtiu efeito, então ela acrescentou:

– Vamos, Con. Você precisa almoçar.

– Que tal o Al Boccalino?

– Posso estar lá às 11h30.

– A gente se vê lá. Tchau – disse Conlan.

– Tchau.

Angie ligou a seta e voltou para a estrada. Ela queria sorrir, mas só conseguia pensar na garota que agora morava em sua casa. Conlan não ia aceitar bem essa notícia.



Chegou ao centro de Seattle em tempo recorde, estacionou o carro e se dirigiu ao restaurante.

O restaurante deles.

Ao menos já tinha sido.

Estava a quatro quarteirões de distância quando começou a chover forte.

Gotas pesadas fustigavam a calçada à frente dela, formando correntezas prateadas no meio-fio. Abriu o guarda-chuva e tomou a direção da Pioneer Square. No parque, dezenas de moradores de rua se amontoavam em abrigos, passando cigarros entre si e tentando se manter secos.

Finalmente chegou a Yesler. O viaduto – a passagem arqueada de concreto que não desmoronaria nem com um grande terremoto – a protegeu da chuva.

Entrou no restaurante. O Al Boccalino estava vazio. A multidão da hora do almoço só chegaria dali a pelo menos uma hora.

Carlos, o dono do restaurante, surgiu de um canto. Sorriu ao avistar Angie.

– Sra. Malone. Que bom vê-la de novo.

– Igualmente.

Entregou-lhe o casaco e o guarda-chuva e o seguiu pela pequena cantina com inspiração toscana. Logo sentiu a pungente combinação de alho e tomilho que a lembrou de casa.

– A senhora deveria trazer sua mãe de novo – disse Carlos com um sorriso.

Angie riu. Na única vez que levara os pais ali, Mama passara a noite toda na cozinha repreendendo o chef por picar os tomates para o molho marinado. “Tem que esmagar!”, ralhava. “Foi para isso que Deus nos deu mãos.”

– Claro, Carlos – concordou.

Seu sorriso esmaeceu ao avistar Conlan. Ele se levantou assim que ela chegou.

Carlos puxou a cadeira para ela, entregou um cardápio para cada um e desapareceu.

– É estranho estar aqui de novo – comentou.

– Eu sei. Não venho aqui desde o nosso aniversário de casamento.

Angie franziu o cenho.

– Pensei que seu apartamento fosse logo depois da esquina.

– E é.

Fez-se um silêncio constrangedor mais uma vez. Os dois se entreolharam.

Carlos surgiu ao lado da mesa com uma garrafa de champanhe.

– Meu casal favorito reunido mais uma vez. É muito bom. – Encheu as taças com o líquido borbulhante. Olhou para Conlan. – Permite que eu decida o cardápio do almoço?

– É claro – respondeu Conlan, ainda olhando para ela.

Angie se sentiu exposta sob aquele olhar, vulnerável. Precisava ter algo na mão. Pegou a taça.

Quero lhe contar sobre uma garota que conheci.

– Conlan... – começou, mas foi interrompida por Carlos, que reapareceu ao lado da mesa com uma travessa de salada caprese.

Quando os dois terminaram os elogios ao prato, Angie já tinha perdido a coragem. Terminou a taça de champanhe e se serviu de uma segunda.

Ela é realmente ótima. Está morando comigo. Ah, e eu mencionei que está grávida?

Conlan apoiou os cotovelos na mesa para chegar mais perto de Angie.

– Hoje de manhã meu agente me ligou oferecendo um contrato para um livro. – Fez uma pausa, antes de continuar: – E a única pessoa para quem eu queria contar a novidade era você. O que acha que isso significa?

Angie sabia quanto custava para Conlan admitir aquilo. Queria chegar mais perto, pegar na mão dele e dizer que ainda o amava, que sempre o amara e sempre o amaria, mas era cedo demais para esse gesto. Por isso falou:

– Acho que significa que nos amamos por muito tempo.

– A maior parte da minha vida.

Eles brindaram. O tinir foi o som de coisas novas. Sabia que deveria contar sobre Lauren agora, mas não conseguia. De alguma forma aquele era um momento mágico, cheio de possibilidades.

– Então me conte tudo.

Conlan começou a contar a história de um homem da região que fora condenado por estupro e assassinato de várias idosas no final dos anos 1990. Na época, Conlan escrevera uma reportagem investigativa sobre o caso e acabara sendo fisgado. Começara a acreditar que o homem era inocente, e recentes testes de DNA comprovaram sua teoria.

– É uma proposta e tanto – continuou. – Vão me dar um bom dinheiro para escrever um livro e também uma sequência.

Uma hora depois, quando terminaram a sobremesa e pagaram a conta, ele ainda falava sobre a história.

Na hora em que Angie se levantou, percebeu que estava ligeiramente embriagada. Conlan se pôs ao lado dela, apoiando-a.

Ela olhou para Conlan. A expressão dele, agora enrugada por um sorriso, a

fez ter vontade de chorar.

– Estou tão orgulhosa de você, Conlan...

O sorriso dele se desvaneceu.

– Isso não pode ser bom.

– Por que não? Eu...

Conlan a puxou para mais perto e a beijou, no meio do restaurante, na frente de todos. Não foi um beijo inocente, não mesmo.

– Uau! – exclamou Angie quando acabou.

Percebeu que oscilava um pouco. Tentou permanecer firme. Era difícil; o coração estava acelerado. Desejava Conlan com uma ferocidade que a surpreendia.

– Mas nós precisamos conversar – falou, numa tentativa de pensar direito.

– Mais tarde – disse Conlan com uma voz rouca e um pouco aflita. – Pegou na mão dela e puxou-a em direção à porta. – Nós vamos para o meu apartamento.

Angie se entregou. Era impossível não ceder.

– Podemos ir correndo?

– Sem dúvida.

Quando saíram, ela se surpreendeu ao perceber que ainda estava claro. Depois lembrou que tinha sido um almoço. Correram debaixo de chuva até a Yesler Street e viraram na Jackson.

Conlan se atrapalhou para enfiar a chave na porta do prédio.

Angie o abraçou por trás e encostou o corpo no dele. Começou a acariciá-lo abaixo da cintura.

– Droga – resmungou Conlan, tentando outra chave.

A fechadura abriu com um estalido.

Conlan a empurrou pela porta e a arrastou para o elevador. Quando as portas se fecharam, os dois se jogaram dentro da cabine, aos beijos.

Angie estava em chamas. Tocou-o em todas as partes, beijando-o até se sentir zozza.

Nem conseguia respirar.

As portas se abriram. Conlan a ergueu nos braços e a carregou pelo corredor. Em minutos – ou segundos – os dois estavam no quarto.

Conlan a colocou delicadamente na cama. Angie ficou deitada, inebriada por

um desejo que tinha esquecido.

– Tire a roupa – disse ela numa voz rouca, apoiando-se nos cotovelos.

Conlan se ajoelhou no pé da cama, entre as pernas dela.

– Eu não consigo ficar longe de você – murmurou.

Havia um misto de admiração e decepção na voz dele.

Angie sabia qual seria o preço desse momento.

Mas naquela hora isso não importava.

VINTE E CINCO



Ainda nua, Angie contemplava a baía de Elliot pela janela do apartamento do marido – aliás, ex-marido. A chuva conferia ao mundo uma aparência difusa, distante. Automóveis roncavam pelo viaduto indo para o norte ou para o sul. As janelas estremeciam com o trânsito, soavam como um bater de dentes.

Se fosse um filme, ela estaria fumando um cigarro e franzindo a testa enquanto uma sequência de imagens de seu casamento fracassado e da recente reconciliação passava pela tela. A última cena, quando o filme voltasse ao presente, seria a expressão de Lauren.

– Você parece preocupada – disse Conlan.

Como ele a conhecia bem... Mesmo vendo-a de perfil, quase de costas, conseguira perceber. Provavelmente pela sua postura. Sempre dizia que ela arrebitava o queixo e cruzava os braços quando estava preocupada.

Angie não se virou. Na janela, a imagem de seu rosto, fantasmagórica e escorrida pela chuva, retribuía seu olhar.

– Eu não diria preocupada. Pensativa, talvez.

As molas do colchão rangeram. Ele devia ter se sentado.

– Angie?

Foi até a cama e sentou ao lado dele. Conlan acariciou o braço dela e beijou seu seio.

– O que é?

– Preciso contar uma coisa – respondeu.

Conlan se afastou.

– Não parece ser coisa boa.

– É sobre uma garota.

– Hã?

– Uma ótima garota. Notas perfeitas. Trabalhadora.

– E ela é importante para nós?

– Eu a contratei em setembro. Ela trabalha no restaurante, mais ou menos vinte horas por semana. Depois da escola, sabe, e nos fins de semana. Minha mãe detesta admitir, mas ela é a melhor garçonete que já tivemos.

Conlan olhou com seriedade para Angie.

– E qual é o terrível defeito da garota?

– Nenhum.

– Angie Malone, eu conheço você. Afinal, do que estamos falando? Não me diga que é só de uma garota que é ótima garçonete.

– Ela foi abandonada pela mãe.

– Abandonada?

– A mãe simplesmente foi embora.

O olhar de Conlan era firme.

– Diga que você encontrou um lugar para ela morar...

– Dei um lugar.

Conlan suspirou fundo.

– Ela está morando com você no chalé?

– Está.

A expressão dele revelou sua decepção – nos olhos azuis, na boca crispada.

– Então você colocou uma adolescente na sua casa.

– Não é bem assim. Não como antes, pelo menos. Só estou ajudando a garota até...

– Até o quê?

Angie suspirou e cobriu os olhos com a mão.

– Até o bebê nascer.

– Ah, droga! – exclamou Conlan, afastando as cobertas e saindo da cama.

– Con...

Ele entrou no banheiro e bateu a porta.

Angie sentiu como se tivesse sido chutada. Sabia que isso iria acontecer. Mas que escolha tinha? Com um suspiro, recolheu suas roupas e se vestiu. Ficou sentada na beira da cama, esperando.

Depois de algum tempo, Conlan por fim saiu do banheiro, vestido com uma velha calça Levi's e uma blusa azul-clara. Já não parecia com raiva, só cansado. Com os ombros caídos, como que derrotado.

– Você disse que tinha mudado.

– Eu mudei.

– A antiga Angie também trouxe uma adolescente para morar em casa. – Olhou para ela. – Isso foi o começo do fim para nós dois. Eu me lembro, caso você já tenha esquecido.

– Não fale assim – pediu Angie.

Tinha a sensação de que algo se rompia dentro dela. Aproximou-se de Conlan.

– Eu não esqueci. Só me dê uma chance.

– Eu já lhe dei todas as chances da vida, Angie. – Olhou ao redor do quarto, depois para a cama. – Isso foi um erro. Eu devia saber.

– Dessa vez é diferente. Eu juro.

Tentou se aproximar, mas ele saiu do seu alcance.

– Como? Diferente em quê?

– É uma garota de 17 anos, sem ninguém para cuidar dela e sem lugar para morar. Eu estou ajudando, mas agora não fico enlouquecida pensando no que não tenho. Já me conformei em não ter um filho. Por favor – murmurou. – Me dê uma chance de mostrar que eu realmente mudei. Venha conhecer a menina.

– *Conhecer?* Depois do que Sarah Dekker nos fez passar...

– Ela não é a Sarah. O filho é de Lauren. Venha conhecer a garota. Por favor. Por mim.

Conlan ficou observando-a, intensamente e por um longo tempo, antes de dizer:

– Não vou passar por isso de novo. Os altos e baixos. As obsessões.

– Conlan, acredite em mim, eu...

– Nem se atreva a terminar essa frase.

Ele pegou as chaves na cômoda e andou em direção à porta.

– Sinto muito – disse Angie.

Conlan parou. Sem olhar para trás, falou:

– Você sempre sente muito, não é, Angie? Era disso que eu devia ter me lembrado.



No ano anterior, Lauren tinha feito um trabalho sobre a Londres vitoriana para a aula de história geral. Uma de suas fontes de pesquisa tinha sido o filme *O homem-elefante*. Passara horas na biblioteca, em frente à telinha da televisão, assistindo aos abastados londrinos ridicularizarem o pobre John Merrick, cujos rosto e corpo deformados se mostraram uma forma de tortura que nenhum homem poderia suportar. Mas os cochichos e olhares o machucavam tanto quanto suas deformidades.

Agora Lauren entendia aquilo, quanto doía ser objeto de fofocas. Em todos os anos que estudara na Fircrest, tinha lutado por uma perfeição que só atraía olhares positivos. Nunca chegava atrasada às aulas, nunca desobedecia às regras, nunca falava mal de outros alunos. Tentava, de todas as maneiras, ser como a mulher de César: acima de qualquer suspeita.

Deveria ter percebido quanto a queda seria difícil e como o chão podia ser duro.

Todo mundo olhava para ela, apontava e cochichava. Até os professores pareciam chocados e nervosos com sua presença. Agiam como se Lauren portasse um vírus letal transmissível pelo ar, que poderia contaminar inocentes.

Depois das aulas, se deixou engolir pela multidão que gritava e ria alto. Mesmo no meio de toda aquela gente – amigos, na maioria –, ela se sentiu infinitamente diferente. Afastada. De cabeça baixa, tentava ficar invisível.

– Lauren!

Atendeu ao chamado por instinto, embora tivesse se arrependido na mesma hora.

A turma estava reunida ao redor do mastro da bandeira: Susan e Kim sentadas no murinho de tijolos ao lado e David e Jared faziam embaixadas com uma bolinha de pano.

Lauren se preparou para o inevitável. Consequira evitar todos no almoço, escondendo-se na biblioteca, mas agora não tinha como não dar um alô.

– Oi, gente – falou, aproximando-se do grupo.

Hesitou, viu que David também vacilou. Ficaram se olhando a distância.

As garotas a puxaram pelo braço. Lauren as seguiu até os fundos da escola, ao lugar em que ficavam no campo de futebol. Os garotos foram atrás, mantendo

a bola em movimento.

– E aí? – perguntou Kim quando estavam ao redor do gol. – Como se sente?

– Assustada – respondeu Lauren.

Não queria comentar nada a respeito, mas era melhor isso do que os falatórios pelas costas. E aquelas eram suas melhores amigas.

– O que você vai fazer? – perguntou Susan, procurando alguma coisa na mochila.

Finalmente tirou uma Coca. Abriu a lata, tomou um gole e passou ao redor.

David chegou por trás de Lauren, enlaçando-a pela cintura.

– Nós não sabemos.

– Por que você não fez o aborto? – perguntou Kim. – Foi o que minha prima fez.

Lauren deu de ombros.

– Não consegui.

Começava a preferir estar longe, bem longe dali. Com Angie, com quem se sentia segura...

– David falou que vocês vão dar o bebê para adoção. Isso é legal. Minha tia Sylvia adotou um no ano passado. Ela está superfeliz – comentou Susan, pegando a Coca.

Lauren olhou para David.

Pela primeira vez percebeu que ele podia se safar de tudo aquilo, deixar tudo para trás junto com suas lembranças do ensino médio. Algum dia isso seria esquecido, como os troféus que ganhou ou seu histórico escolar. Por que ela não tinha percebido isso antes?

Achava que os dois estavam nisso juntos, mas de repente viu todos os alertas piscando. Era *ela* que estava grávida.

– Venha comigo – cochichou a David, puxando-o de lado.

Foram até um local tranquilo ao lado das arquibancadas.

Lauren desejava tanto ser abraçada e beijada, se sentir mais amparada. Em vez disso, David ficou imóvel, olhando para ela, sua confusão tão óbvia quanto seu amor.

– O que houve? – perguntou ele.

– Eu só... Eu vou sentir saudade nos feriados.

Gostaria que ele a convidasse, mas seriam festas em família.

– Meu pai marcou uma reunião em janeiro. Com um advogado. – Retraiu-se um pouco, encarando o pescoço dela. – Para falar sobre adoção.

– Dar o bebê – disse Lauren, ouvindo a amargura na própria voz.

Seria fácil para ele.

– A gente podia pelo menos ouvir.

David parecia prestes a chorar, no meio do campo de futebol, com os amigos a poucos metros de distância.

Ela sabia: nada daquilo era fácil para ele.

– É, claro – concordou. – Nós poderíamos ouvir.

David olhou para ela. Lauren se sentiu distante, mais velha.

– Talvez eu lhe compre um anel. Tem um monte de lojas de joias bacanas em Aspen.

O coração dela se apertou.

– É mesmo?

– Eu te amo – disse David em voz baixa.

Dessa vez as palavras soaram diferentes, como se murmuradas de longe ou ditas debaixo d'água. Quando Lauren chegou em casa, não conseguia se lembrar delas.



Era pelo menos a quarta vez que Angie lia a receita do nhoque de ricota. Não se considerava uma mulher burra, mas não conseguia entender como usar os dentes de um garfo para formar um nhoque.

– Deixa pra lá.

Enrolou a massa como se fosse uma corda e cortou-a em pedacinhos. Tinha resolvido aprender a cozinhar, mas não significava que iria ganhar a vida com isso.

– Assim já está bom.

Em seguida mexeu o molho na panela. O aroma pungente do refogado de alho e cebola e os tomates cozinhando impregnaram o chalé. Não era tão bom quanto o da mãe, claro. Seria impossível obter aquele aroma em casa com um molho comprado pronto. Só esperava que ninguém da família aparecesse.

Pelo menos ela estava cozinhando.

Deveria ser terapêutico. Era o que as irmãs sempre diziam. Angie estava suficientemente desesperada para tentar, mas agora já sabia: todo o processo de raspar panelas, misturar e fatiar não a ajudou em nada.

Não vou passar por isso de novo. Os altos e baixos. As obsessões.

Talvez não devesse ter contado a Conlan sobre Lauren. Ao menos não por enquanto. Talvez devesse ter deixado que o amor se firmasse entre eles primeiro.

Não.

Isso seria como nos velhos tempos, quando se sentia sozinha num espaço que beirava o de Conlan mas que nunca o cruzava. Apesar de ele não perceber as nuances de sua mudança, Angie as sentia.

A honestidade era sua única chance.

Uma ou duas vezes durante o dia ela começara a se sentir muito arrependida, quase desejando não ter convidado Lauren para morar com ela, mas a verdade era que jamais enveredaria por aquele caminho. Estava feliz por ajudar a menina.

Lavou algumas folhas frescas de manjerição e começou a picá-las. Grudavam na faca e formavam uma gosma verde. Cortou o que restou em tiras com uma tesoura.

A porta da casa se abriu. Lauren entrou. Estava ensopada.

Angie olhou para o relógio.

– Você chegou cedo. Eu ia pegar você às...

– Achei melhor não dar trabalho.

Lauren tirou o casaco e o pendurou no porta-chapéus de ferro, depois, chutando, tirou as botas, que se chocaram na parede.

– Guarde as botas direito, por favor – disse Angie, soando como a mãe.

Deu uma risada ao perceber isso.

– Qual é a graça?

– De repente eu falei como a minha mãe.

Angie jogou o manjerição no molho, mexeu com uma colher de pau e cobriu a panela.

– Então – continuou, deixando a colher de lado. – Achei que você fosse ficar com David depois da escola.

Lauren parecia muito triste.

– É. Bem...

– Vamos fazer uma coisa. Você vai vestir umas roupas secas e depois a gente

toma um chocolate quente enquanto conversa.

– Você está ocupada.

– Eu estou cozinhando. O que provavelmente significa que vamos ter que sair para jantar, então é melhor você se vestir mesmo.

A menina enfim abriu um sorriso.

– Tudo bem.

Angie abaixou o fogo e preparou um bule de chocolate quente. Era das poucas coisas que sabia fazer bem. Quando terminou e se acomodou na sala, Lauren vinha descendo a escada.

– Obrigada – disse, aceitando uma xícara de chocolate e sentando na grande poltrona de couro perto da janela.

– Suponho que seu dia não tenha sido muito bom – comentou Angie, tentando manter a voz neutra.

Lauren deu de ombros.

– Eu me sinto... mais velha que as minhas amigas.

– Isso dá para notar.

– Elas estão preocupadas em saber as datas de batalhas da Guerra Civil, enquanto eu estou preocupada em como pagar uma creche quando estiver na faculdade. Não há muito em comum. – Levantou a cabeça. – David disse que talvez me compre um anel.

– Isso é um pedido de casamento?

Foi a coisa errada a dizer. A expressão da pobre Lauren se desfez.

– Eu não entendi desse jeito.

– Ah, querida, não seja tão dura com ele. Nem mesmo homens adultos sabem lidar com a paternidade. David deve se sentir como se tivesse sido jogado de um avião, vendo o chão se aproximar cada vez mais. Ele sabe que vai ser uma queda dura. O fato de estar com medo não significa que a ame menos.

– Não sei se eu aguentaria isso. Ele não me amar mais, quero dizer – explicou Lauren.

– Sei como é.

Lauren mudou de expressão. Enxugou os olhos e fungou.

– Desculpe. Eu não devia ter tocado no assunto. Não quero que fique triste também.

– Como assim?

– Você ainda ama o seu ex. Dá para perceber pelo jeito que fala dele.

– É tão óbvio assim? – Angie olhou para as próprias mãos, antes de dizer devagar: – Eu me encontrei com ele hoje.

Não sabia o que a tinha feito compartilhar aquele segredo. A necessidade de falar a respeito, talvez.

– É mesmo? E ele também continua apaixonado por você?

Angie percebeu a esperança na voz de Lauren, entendeu a necessidade da garota de acreditar que um amor extinto podia voltar a existir. Que mulher não acreditava nisso?

– Não sei. Já aconteceu tanta coisa...

– Ele não iria gostar que eu morasse aqui.

A perspicácia daquela observação a surpreendeu.

– Por que diz isso?

– Ora, depois do que aquela outra garota grávida fez com vocês?

– Aquilo foi diferente – retrucou Angie, ecoando o que dissera a Conlan, querendo acreditar nisso. – Eu gostava da Sarah, claro. Mas era apaixonada pelo bebê que ela carregava. Teria adotado a criança, assumindo-a como parte da nossa vida e me despedido de Sarah. Ela teria desaparecido do nosso mundo. Você é completamente diferente.

– Diferente em que sentido?

– Eu me importo com você, Lauren. Com você. – Deu um suspiro. – E, sim, às vezes antigos sentimentos me pegam de surpresa. De vez em quando fico na cama de olhos fechados e finjo que você é minha filha. Mas não quer dizer que voltei a ser o que era nem que isso ainda me machuque. E eu preciso fazer Conlan entender a situação.

Angie levantou a cabeça. Percebeu que não estava mais falando com Lauren. Estava falando consigo mesma.

Lauren também a encarava.

– Às vezes eu também finjo que você é minha mãe.

– Ah – disse Angie apenas, e a fala quase se perdeu no arquejo que a acompanhou.

– E gostaria que fosse.

Ao ouvir aquilo, Angie teve vontade de chorar. A parte que faltava nelas era igual. Não admirava que tivessem se dado bem com tanta facilidade.

– Nós somos uma equipe – disse em voz baixa. – Você e eu. De alguma forma, Deus soube que precisávamos uma da outra. – Forçou um sorriso e enxugou os olhos. – Agora, chega de choradeira. Vou tentar terminar esse maldito nhoque. Por que não põe a mesa?



Lauren ficou na cama vendo as fotografias. Dezenas se espalhavam na frente dela. O Sr. e a Sra. DeSaria. As três garotas – juntas, separadas e em todas as combinações possíveis. Fotos tiradas na primavera, no verão, no inverno e no outono. Na praia, na montanha, algumas até no acostamento de uma estrada. Ficou olhando aquelas lindas fotos e imaginando como seria ser amada daquele jeito a vida toda, ter um pai sorridente que a pegasse pela mão. *Venha comigo*, ele diria, *hoje nós vamos...*

Bateram à porta.

Lauren pulou da cama depressa. Não queria ser flagrada mexendo nas fotos da família. Abriu só uma fresta da porta.

O olho esquerdo de Angie espiou pela abertura.

– Vamos sair em dez minutos.

– Eu sei. Divirta-se.

Fechou a porta, atenta para ouvir passos se afastando.

Bateram de novo. Ela abriu.

– O que quis dizer com isso? – perguntou Angie.

– Com o quê?

– Você disse para eu me divertir.

– É. Na cidade.

– É véspera de Natal.

– Eu sei. É por isso que você vai à cidade. Você me falou sobre isso ontem à noite. Disse que as DeSarias invadiam a cidade com tudo, comendo qualquer coisa que encontravam no caminho. Por isso eu falei para se divertir.

– Entendi. E você não é uma DeSaria.

Lauren não entendeu.

– É, não sou.

– E por isso imaginou que eu a deixaria sozinha na véspera de Natal e sairia

com a minha *verdadeira* família para me deliciar com biscoitos e vinho quente, é isso?

Lauren enrubesceu.

– Bom, falando desse jeito...

– Vá se vestir. Isso deixa as coisas mais claras para você?

Lauren sentiu um sorriso se abrir no rosto.

– Sim, senhora.

– Use roupas quentes. Estão prevendo bastante neve. E, por favor, lembre-se de que ainda sou nova demais para ser chamada de *senhora*.

Lauren fechou a porta e correu para a cama. Juntou todas as fotos, menos umas poucas que havia escolhido, guardou tudo na caixa e empurrou-a para baixo da cama. Depois escondeu suas duas câmeras descartáveis numa gaveta da mesa de cabeceira. Quando todas as evidências estavam em seus devidos lugares, vestiu a velha calça jeans de boca larga, um suéter preto de lã com gola alta e o casaco adornado de pele falsa.

Angie esperava no andar de baixo. Estava linda, com um vestido de lã verde-escuro, botas pretas e uma capa também preta. Os cabelos negros graciosamente desalinhados a deixavam elegante.

– Você está ótima – disse Lauren.

– Você também. Vamos embora.

Entraram no carro e partiram. Conversaram durante todo o trajeto até a cidade. Não sobre coisas importantes; apenas sobre assuntos do dia a dia.

Quando chegaram à Front Street, o trânsito parou.

– Não acredito que toda essa gente está fora de casa numa véspera de Natal – comentou Lauren.

– É para a cerimônia final da iluminação da árvore.

– Ah – fez Lauren.

Não entendia bem toda aquela comoção. Morava na cidade havia anos, mas nunca fora a nenhuma dessas cerimônias. Sempre tivera que trabalhar nos feriados e fins de semana. David dizia que era “bacana”, mas também não comparecia fazia anos. “É gente demais”, era a desculpa dos pais dele.

Angie encontrou uma vaga e estacionou.

Assim que saiu do carro, Lauren ouviu o primeiro som do Natal: sinos. Todas as igrejas da cidade repicavam os sinos. Uma carruagem puxada a cavalo passou

perto dali; ouviu o barulho dos cascos e os guizos dos arreios.

Na praça da cidade, dezenas – talvez centenas – de turistas iam de loja em loja, aglomerando-se diante dos balcões, onde se ofertava de tudo: chocolate quente, rum, bolo e bengalinhas doces coloridas. Perto do mastro da bandeira, o Rotary Club vendia castanhas assadas.

– Angela! – a voz de Maria se fez ouvir acima da algazarra da multidão.

Sem perceber, Lauren foi envolvida pela família DeSaria. Todos falavam ao mesmo tempo, contavam piadas, davam-se as mãos. Iam de um quiosque a outro, experimentando o que era oferecido e comprando sacos de tudo o que não podiam comer na hora. Lauren viu dezenas de amigas da escola passarem com as famílias. Pelo menos uma vez, sentiu-se parte dos acontecimentos, não alguém que só os observasse a distância.

– Está na hora – disse Mira afinal.

Como se obedecessem a um comando, a família toda parou. Na verdade, foi como se a cidade inteira ficasse imóvel.

As luzes se apagaram. A escuridão assentou. De repente as estrelas no céu ficaram deslumbrantes. Um ar de expectativa passou pela multidão. Angie pegou na mão de Lauren e a apertou com delicadeza.

As luzes de Natal se acenderam. Centenas de milhares delas, todas de uma vez.

Mágico.

– Bem legal, não é? – perguntou Angie.

– É – respondeu Lauren, sentindo um nó na garganta.

Passaram mais uma hora na praça antes de irem a pé até a igreja para a Missa do Galo, que seria às dez da noite. Lauren quase começou a chorar quando entrou na igreja acompanhada por Angie. Era tão similar ao seu sonho de menina que era fácil fingir que Angie era mãe dela. Depois da missa, as DeSarias se dividiram, cada uma seguindo seu caminho.

Angie e Lauren atravessaram a multidão, mostrando coisas uma para a outra no caminho. Quando chegaram ao automóvel, começava a nevar. Voltaram para casa dirigindo com cuidado. Os flocos eram imensos e aerados e caíam preguiçosamente no chão.

Lauren não conseguia lembrar a última vez que vira neve no Natal. Chuva era muito mais comum.

Na Miracle Mile Road, a neve parecia pegajosa. Recobria os galhos das árvores e polvilhava a estrada. O jardim jazia escondido embaixo de uma manta branca e cintilante.

– Será que vai dar pra gente andar de trenó amanhã? – conjecturou Lauren, pulando no banco do carro.

Sabia que estava se comportando como criança, mas não conseguia se conter.

– Ou quem sabe a gente pode fazer anjos na neve – sugeriu. – Vi umas pessoas fazendo isso na televisão uma vez. Ei, quem é aquele?

Ele estava de pé na porta da casa de Angie, numa fresta de luz dourada. O véu formado pela neve que caía escondia o seu rosto.

O carro parou.

Lauren espiou pelo para-brisa.

O homem saiu na varanda e chegou mais perto.

E de repente Lauren compreendeu. Aquele homem com uma Levi's desbotada e jaqueta de couro preta era Conlan. Virou-se para Angie. Seus olhos estavam arregalados e o rosto, pálido.

– É ele?

Angie assentiu.

– É o meu Conlan.

– Uau – foi só o que Lauren conseguiu dizer. Era parecido com Pierce Brosnan.

Saiu do carro.

O homem se aproximou, os sapatos fazendo barulho no caminho de cascalho.

– Você deve ser a Lauren.

A voz dele era grave e rouca, como se tivesse fumado e bebido demais quando era jovem.

Lauren teve de lutar para não se encolher. Ele tinha os olhos mais azuis que já vira; pareciam penetrar nela até os ossos. Como se estivesse zangado com ela.

– Sou.

– Conlan – disse Angie quase sem fôlego, chegando ao lado dele.

Ele não olhou para ela. Seu olhar continuou fixo em Lauren.

– Eu vim para conhecer você.

VINTE E SEIS



Angie percebeu que Conlan tentava manter distância de Lauren. Usava seu distanciamento de repórter como uma armadura, como se algumas placas de metal batido pudessem proteger o coração de um homem. Sentava-se ereto na cabeceira da mesa, embaralhando as cartas. Jogavam fazia uma hora, falando quase o tempo todo, embora Angie não caracterizasse aquilo como uma conversa. Interrogatório seria mais apropriado.

– E você se inscreveu para alguma faculdade? – perguntou Conlan enquanto distribuía as cartas.

Não olhava para Lauren. Era um velho truque de repórter, Angie sabia. Não olhe; eles vão pensar que é uma pergunta casual, que não tem muita importância.

– Sim – respondeu Lauren sem tirar os olhos das cartas.

– Quais?

– Universidade do Sul da Califórnia, Pepperdine, Stanford, Berkeley, Universidade de Washington e Universidade da Califórnia em Los Angeles.

– Ainda acha que vai ser possível fazer faculdade?

A referência ao bebê fez Angie tirar logo os olhos das cartas.

A reação de Lauren foi surpreendentemente direta. Ficou claro que achava que aquilo já tinha ido longe demais.

– Eu vou fazer faculdade.

– Não vai ser fácil – observou Conlan, jogando uma carta na mesa.

– Não quero ser indelicada, Sr. Malone – disse Lauren, com a voz ganhando força –, mas a vida nunca é fácil. Eu consegui uma bolsa de estudos na Fircrest porque não desisti. Vou conseguir uma bolsa para uma faculdade pela mesma

razão. Vou fazer o que tiver de ser feito.

– Você tem algum parente que possa ajudar?

– Angie está me ajudando.

– E quanto à sua família?

– Eu não tenho ninguém – respondeu Lauren em voz baixa.

Pobre Conlan. Angie o viu derreter, bem ali na cabeceira da mesa, com as cartas na mão. A expressão de repórter cedeu, revelando o rosto triste e marcado de um homem preocupado.

Angie notou que ele tentava afastar a emoção, mas fora pego pelas lágrimas nos olhos da garota. Pigarreou.

– Angie me disse que está interessada em jornalismo.

Lá estava: um ponto de vista mais objetivo.

Lauren concordou com a cabeça. Jogou o dois de ouros na mesa.

– Sim.

Conlan descartou um rei.

– Você poderia ir ao meu trabalho um dia desses. Eu poderia apresentá-la a algumas pessoas, para você ver como os repórteres trabalham.

Quando reavaliou a situação, Angie viu como naquele momento tudo mudou. O interrogatório foi encerrado, deixando em seu lugar uma reunião agradável. Durante a hora seguinte eles conversaram, riram e jogaram cartas. Conlan contou uma série de histórias engraçadas sobre criminosos burros. Angie e Lauren falaram sobre biscoitos que saíram errado.

Mais tarde o telefone tocou. Era David, de Aspen. Lauren foi atender no andar de cima.

Conlan se virou para Angie. Não teve certeza, mas desconfiou que fosse a primeira vez que ele se atrevia a olhar para ela.

– Por que você veio? – perguntou ela.

– É véspera de Natal. Você é a minha família.

Angie quis se aproximar e dar um beijo nele, mas se sentiu constrangida, insegura. Depois de tantos anos de amor e uma vida em comum, agora os dois estavam separados.

– Só o hábito não basta – disse ela em voz baixa.

– Não.

– É um começo?

Antes que ele respondesse, Lauren voltou à sala com um grande sorriso, parecendo uma garota com a vida inteira pela frente.

– Ele está com saudade – falou, voltando a sentar à mesa.

Angie e Conlan retornaram às cartas. Durante a hora seguinte, todos falaram sobre coisas sem importância.

Foi a melhor noite que Angie teve em anos. Tanto que, quando Lauren anunciou que ia dormir, ela tentou convencê-la a ficar mais tempo. Não queria que aquele momento acabasse.

– Deixe a pobre garota dormir, Angie – disse Conlan. – Já é tarde. Como o Papai Noel vai passar se ela não estiver dormindo?

Lauren riu. O riso infantil de uma garotinha cheia de esperança. O gesto fez bem ao coração de Angie.

– Bem, então boa noite – falou Lauren, dando um abraço em Angie. – Feliz Natal – cochichou e, quando se afastava, acrescentou: – Foi a melhor véspera de Natal da minha vida.

Abriu um sorriso para Conlan e saiu.

Angie voltou a sentar. Com a saída de Lauren, a sala ficou silenciosa demais.

– O que você vai fazer durante a gravidez dela? – perguntou Conlan delicadamente, como se as palavras o machucassem. – Como vai se sentir ao ver a barriga dela crescer, sentir o bebê chutando e sair para comprar roupinhas?

– Vai doer.

– Vai.

O olhar dela era firme, ainda que a voz não fosse.

– Mas seria mais doloroso não fazer nada para ajudá-la.

– Nós já passamos por isso.

Angie pensou sobre aquilo, sobre *elas*. Também jogavam baralho com Sarah Dekker, assistiam à televisão com ela e compravam suas roupas. Mas era o bebê que os ligava.

– Não – replicou Angie afinal. – Não foi a mesma coisa.

– Você sempre teve facilidade em alimentar esperanças, Angie. Foi parte do que nos arruinou. Você não sabe a hora de desistir.

– Esperança era tudo o que eu tinha.

– Não. Você tinha a mim.

A verdade da afirmação pesou no coração dela.

– Não vamos revisitar o passado esta noite. Eu te amo. Isso não pode bastar por enquanto?

– Por esta noite, você quer dizer?

Angie aquiesceu.

– Os alcoólatras vivem um dia de cada vez. Talvez antigos amantes possam fazer o mesmo.

Nesse momento ele se aproximou de Angie, pôs a mão em sua nuca e a puxou para mais perto. Seus olhos se encontraram; os dela brilhando de lágrimas contidas, os dele sombrios de preocupação.

Ele a beijou. Aquele beijo foi tudo de que ela precisava e mais do que imaginava. Quando deu por si, Conlan a carregava escada acima. Tomou a direção do antigo quarto de Angie.

Ela riu.

– No quarto maior. Agora somos adultos.

Conlan deu meia-volta, entrou e fechou a porta com um chute.



Quando acordou na manhã seguinte, o corpo todo de Angie doía. Virou para o lado, aconchegou-se em Conlan e beijou seu queixo com a barba por fazer.

– Feliz Natal – murmurou, correndo a mão por seu peito nu.

Conlan piscou para despertar.

– Feliz Natal.

Ficou olhando para ele pelo que pareceu uma eternidade, os mamilos encostados no peito dele, o corpo tomado por um anseio tão agudo e meigo que até machucava. Podia sentir os corações dos dois batendo juntos de novo. Quando o beijou, foi com tudo o que tinha, com os bons e os maus momentos e tudo o que podia haver entre eles. Foi um beijo que dismantelou uma dura camada de anos e fez com que se sentisse jovem outra vez, despreocupada e esperançosa.

Acariciou o rosto dele maravilhada. Talvez fosse assim que as mulheres se sentiam quando seus homens voltavam da guerra. Tristes de alguma forma, porém mais apaixonadas do que pensavam ser possível.

– Você me ama? – sussurrou.

– Eu tentei não te amar. Não funcionou – respondeu Conlan, abraçando-a.

Muito mais tarde, quando conseguiu respirar normalmente de novo e seu corpo se acalmou, Angie saiu da cama em busca do roupão.

– Você vai à casa da minha mãe com a gente?

Ele sorriu.

– Isso com certeza seria um bom combustível para boatos.

– Por favor – pediu.

– Para onde mais eu iria numa manhã de Natal?

Angie riu alto. Sentia-se bem a esse ponto.

– Então vá se vestir. Já estamos atrasados.

Encontrou o roupão, vestiu-o e saiu para o corredor em direção ao quarto de Lauren. Esperava encontrar a menina vestida e acordada, roendo as unhas para abrir os presentes, mas ela ainda dormia.

Angie foi até a cama e sentou.

– acorde, querida – disse, afastando uma mecha de cabelos dos olhos dela.

Lauren piscou.

– Bom dia – murmurou.

– Levante, sua dorminhoca. É Natal.

– Ah. É.

Voltou a fechar os olhos.

Angie franziu o cenho.

– Que criança não pulava da cama na manhã de Natal?

A resposta surgiu segundos depois: uma criança não muito acostumada com o Natal. Não conseguiu deixar de pensar no prédio onde ela morava... na mulher – na mãe – que tinha ido embora sem uma palavra.

Debruçou-se para beijar a testa de Lauren.

– Vamos, Bela Adormecida. Temos que chegar na casa da minha mãe em quinze minutos. Nessa família a gente abre os presentes cedo.

Lauren afastou as cobertas e correu para o banheiro. As duas sabiam que a água já estaria meio morna no segundo banho e que só restaria água fria para o infeliz terceiro colocado.

Angie voltou para o quarto. Encontrou Conlan com o velho roupão xadrez do pai dela, perto da janela, com uma caixinha embrulhada em papel prateado na mão. Os dois sempre faziam um Natal particular antes de ir à casa de Mama,

mas ela não esperava por isso naquele ano.

– Você me trouxe um presente? Eu não...

Conlan se aproximou e lhe entregou a caixa.

– É só uma coisinha.

Angie desembrulhou o papel e abriu a caixa branca. Dentro havia um lindo enfeite natalino. Um anjo prateado com ornamentos de cristal e asas incrivelmente lapidadas.

– Encontrei isso na Rússia no mês passado, quando estive lá para entrevistar Svetlaska.

Angie contemplou o lindo anjo que cabia na palma da sua mão. Recordou-se de outra manhã de Natal, tantos anos antes. “É porque eu estou sempre pensando em você”, dissera ele, presenteando-a com um sapatinho de madeira comprado na Holanda. Tinha sido o começo da coleção, o início de uma tradição. Por fim olhou para ele.

– Você comprou isso no mês passado?

– Eu estava com saudade – respondeu ele em voz baixa.

Angie foi até a cômoda, abriu a gaveta de cima e começou a remexer em suas roupas de baixo. Quando se virou para Conlan, estava com uma caixinha de veludo na mão.

– Também tenho um presente para você – falou, aproximando-se dele.

Os dois sabiam o que era.

Conlan abriu a caixa.

Era a aliança de casamento dela. O diamante cintilava no veludo escuro. Angie conjecturou se Conlan também se lembrava do dia em que a compraram. Dois jovens apaixonados indo de loja em loja, de mãos dadas, acreditando de todo o coração que ficariam juntos para sempre.

– Você está me devolvendo? – perguntou Conlan.

Angie sorriu.

– Imagino que você vá saber o que fazer com isso, mais cedo ou mais tarde.



A felicidade não se compra.

Milagre na Rua 34.

Uma história de Natal.

Durante a maior parte da vida, Lauren tinha assistido a esses famosos filmes natalinos, além de dezenas de outros, e pensado: *Tá bom, sei.* Árvores de Natal perfeitas, ornamentadas com milhares de luzes, envoltas em grinaldas e cheias de enfeites tradicionais escolhidos com cuidado. Ramos de sempre-viva ornamentando lareiras e balaustradas.

Não era *real*. Aquele não era o Natal das crianças comuns.

Entretanto, assim que entrou pela porta enfeitada de grinaldas da casa das DeSarias, Lauren se viu num País das Maravilhas. Havia decorações por toda parte, em cada móvel, parapeito e porta-retratos. Pequenas renas de vidro e bonecos de neve feitos de porcelana, trenós de metal cheios de bolas brilhantes e coloridas. A árvore no canto da sala era enorme e tão repleta de enfeites que mal se podiam ver as folhas e os galhos. Uma linda estrela branca brilhava no alto, com as pontas quase tocando o teto.

E os presentes.

Lauren nunca tinha visto tantos presentes juntos. Virou-se para Conlan.

– Uau – foi só o que conseguiu dizer.

Mal podia esperar para ligar para David à noite e descrever aquela cena. Não deixaria nenhum detalhe de lado.

– Foi o que pensei na primeira vez que vim para o Natal – disse Conlan, sorrindo. – Meu pai dava uma torradeira para minha mãe no Natal, sem nem se preocupar em embrulhar para presente.

Lauren se identificava com esse tipo de festa.

Angie chegou por trás deles.

– É grotesco, eu sei. E espere só até a gente começar a comer. Somos como animais. – Passou o braço pela cintura de Lauren. – Venha até a cozinha. É onde está a verdadeira ação. – Sorriu para Conlan. – Isso vai ser ótimo.

Demorou quase meia hora para atravessarem a sala. Todo mundo, jovem ou velho, gritava quando via Conlan, pulava da cadeira e o abraçava. Era como se ele fosse um astro do rock. Lauren se agarrou à mão de Angie e se deixou conduzir pela multidão. Quando chegaram à cozinha, estava até meio zonza. Pararam junto à porta.

Maria estava na mesa da copa, cortando biscoitos de uma massa verde. Mira distribuía azeitonas e cenouras fatiadas numa bandeja de cristal ornamentada.

Livvy despejava uma mistura cremosa numa forma de torta.

– Você está atrasada – comentou Maria, mal levantando a cabeça. – Mora a 5 quilômetros daqui e ainda chega atrasada.

Conlan entrou no recinto.

– Foi culpa minha, Maria. Deixei sua menina acordada até tarde da noite.

Todas as mulheres gritaram ao mesmo tempo, ergueram os braços e correram na direção de Conlan para distribuir beijos e abraços.

– Elas adoram o Conlan – explicou Angie para Lauren, afastando-se para deixar que as irmãs o cercassem.

Quando afinal encerraram os beijos e abraços e as perguntas a Conlan e Angie, as mulheres voltaram a cozinhar. Lauren aprendeu a cortar rabanetes em forma de rosas, a preparar molho de carne e organizar antepastos na bandeja.

Logo depois as crianças começaram a correr pela cozinha e puxar Maria pelas mangas e imploraram para abrir os presentes.

– Tudo bem – concordou Maria afinal e limpou a farinha das mãos. – Chegou a hora.

Angie pegou Lauren pelo braço e a levou à sala de estar, onde as pessoas se sentavam sobre todas as superfícies disponíveis: cadeiras, sofás, banquinhos, na beirada da lareira, no chão.

As crianças se reuniram ao redor da árvore e começaram a pegar os presentes e distribuí-los.

Lauren pediu licença e saiu da casa, fechando a porta com cuidado. Correu até o carro e pegou o único presente que levava. Segurando-o junto ao peito, voltou para a casa calorosa com perfume de canela e sentou ao lado de Angie na lareira.

A pequena Dani foi até ela e lhe entregou um presente.

– Ah, isso não deve ser para mim – disse Lauren. – Deixe eu ajudá-la a ler...

Angie tocou na coxa dela.

– É para você.

Lauren não sabia o que dizer. Murmurou um “obrigada” e colocou o presente no colo com todo o cuidado. Passava os dedos pelo papel prata bem esticado; não conseguiu parar de tocá-lo.

Depois ganhou outro presente, e mais outro. De Maria. De Livvy, de Mira.

Lauren nunca tinha ganhado tantos presentes. Virou-se para Angie e

cochichou:

– Eu não sabia. Não comprei nada para...

– Não é uma competição, querida. Minha família se lembrou de você enquanto fazia compras. Só isso.

Conlan abriu caminho pela confusão de crianças no meio da sala e sentou ao lado de Lauren, que se aproximou mais de Angie para lhe dar espaço.

– Meio arrebatador, não é? – disse Conlan.

Lauren deu uma pequena gargalhada.

– Totalmente.

– São só esses, vovó! – berrou um dos garotos.

Foi o que bastou. Todo mundo começou a abrir os presentes. O som de papel sendo rasgado parecia uma motosserra. Adultos e crianças davam gritinhos de alegria e se punham de pé em um salto para beijar uns aos outros.

Lauren se abaixou e pegou um dos presentes de sua pilha. Era de Mira, Vince e as crianças.

Quase teve medo de abrir, porque isso significava que aquele momento chegaria ao fim. Abriu o pacote e dobrou o papel com cuidado para poder reaproveitá-lo. Deu uma rápida espiada para ver se alguém olhava para ela. Felizmente, todos estavam ocupados com os próprios presentes. Lauren ergueu a tampa da caixa branca. Uma linda bata bordada à mão. Serviria quando a barriga crescesse também.

Pensar naquilo apertou seu coração. Levantou a cabeça e olhou para o outro lado da sala, mas Mira e Vince abriam os próprios presentes. Em seguida abriu uma caixa com uma pulseira de corrente de prata, presente de Livvy e sua família. De Maria ela ganhou um livro de receitas. O último presente foi um lindo diário com capa de couro dado por Angie. A inscrição dizia:

Para minha querida Lauren, a mais nova integrante da nossa família.

Seja bem-vinda!

Com amor,

Angie

Estava lendo a dedicatória quando Angie teve um sobressalto ao seu lado.

– Ah!

Lauren olhou para a esquerda.

Angie tinha aberto o presente levado por Lauren. Era uma moldura toda de carvalho, de 50 por 40 centímetros, com fundo marfim e espaços de diferentes tamanhos para encaixar fotografias. Lauren escolhera fotos para a maioria dos vãos. Algumas eram as que tirara no Dia de Ação de Graças com a câmera descartável.

Angie percorreu com os dedos o vidro sobre uma foto dela com o pai. Nela, Angie usava uma calça boca de sino florida e um suéter justo com gola V e listras coloridas horizontais. Sentada no colo de Papa, contava-lhe uma história. A foto o registrara rindo.

– Onde encontrou essas fotos? – perguntou Angie.

– Mandei fazer cópias. As originais continuam na caixa.

Aos poucos, a sala ficou em silêncio. Uma conversa parava, depois outra e mais outra. Lauren sentiu que todos olhavam para ela.

Maria foi a primeira a se levantar e atravessar o cômodo. Ajoelhou em frente a Angie, pôs a foto no colo e ficou observando. Quando levantou a cabeça, havia lágrimas em seus olhos.

– Esta foi nossa viagem ao parque nacional de Yellowstone... e esta, nossa festa de aniversário de 25 anos de casamento. Onde arranjou isso?

– Numa caixa debaixo da minha cama. No chalé. Desculpe. Eu não deveria ter...

Maria puxou Lauren para um abraço apertado.

– Muito obrigada.

Quando se afastou, seu sorriso era radiante, apesar das lágrimas que escorriam pelo rosto.

– Isso traz meu Tony de volta para mim no Natal. É o melhor presente. Amanhã me traga essas fotografias, está bem?

– Claro.

O sorriso de Lauren tomou seu rosto inteiro. Não conseguia se conter. Continuou sorrindo quando Maria se afastou e Angie apertou a mão dela, dizendo:

– É lindo. Obrigada.



O jantar de Natal na casa das DeSarias foi um pouco mais silencioso que um estádio lotado para uma partida de beisebol, mas não muito. Foram postas três mesas. Duas na sala de estar, com quatro cadeiras em cada, e uma na sala de jantar, onde se amontoavam dezesseis pessoas. Uma mesa era para as crianças menores e outra para os adolescentes – que deveriam cuidar dos pequenos, mas não levavam a tarefa muito a sério. A cada duas ou três garfadas, um dos maiores entrava na sala de jantar reclamando de algum dos menores ou vice-versa. Claro que, depois da terceira garrafa de vinho, ninguém mais prestava muita atenção nas reclamações e as crianças perceberam que não adiantava ir até os adultos. Eles estavam se divertindo demais.

Não foi nada do que Angie imaginara para o primeiro Natal sem o pai. Todos esperavam que vozes em tom baixo e olhos tristes fossem predominar.

O presente de Lauren mudara tudo. Aquelas fotografias antigas, que não eram vistas havia décadas, tinham trazido Papa de volta. Em vez de evitarem antigas lembranças, as pessoas falavam sobre elas. Mama estava contando tudo sobre a viagem ao parque nacional de Yellowstone, inclusive que esqueceram Livvy em um restaurante.

– Três menininhas e um cachorro eram muita coisa para tomar conta – explicou Maria, rindo.

A única que não riu foi Livvy. Na verdade, passara o dia inteiro quieta. Angie franziu a testa, ponderando se o casamento da irmã estava com problemas. Sorriu para ela do outro lado da mesa. Livvy desviou o olhar.

Angie fez uma anotação mental para que conversasse com Livvy depois do jantar. Olhou para a direita e viu Lauren envolvida numa animada conversa com Mira. Quando virou para a esquerda, viu Conlan olhando para ela.

– Lauren é mesmo especial, não é? – disse ele.

– Ela também conquistou você, não foi?

– É perigoso, Angie. Quando ela for embora...

– Eu sei. – Aproximou-se mais dele. – Sabe de uma coisa, Con? Meu coração é grande o bastante para perder um pedaço de vez em quando.

Conlan abriu um sorriso.

– Fico contente de ouvir isso.

Ia dizer algo mais, porém foi interrompido pelo som de um garfo batendo numa taça.

Angie ergueu a cabeça.

Livvy e Sal se levantaram. Era Sal quem batia o garfo na taça. Quando a mesa ficou em silêncio, ele passou o braço ao redor do ombro de Livvy.

– Queremos anunciar que no próximo Natal haverá um bebê na família.

Ninguém disse uma palavra.

Os olhos de Livvy se encheram de lágrimas quando olhou para Angie.

Angie esperou a dor bater e enrijeceu. Conlan apertou a coxa dela. *Fique firme*, dizia aquele toque.

Mas Angie *estava* firme. Aquela constatação a fez sorrir. Levantou-se da cadeira, contornou a mesa e deu um abraço apertado na irmã.

– Estou muito feliz por você.

Livvy se afastou um pouco.

– De verdade? Eu estava com tanto medo de contar para você...

Angie sorriu. A dor estava ali, é claro, alojada em seu coração como um caco de vidro. E a inveja. Mas não machucava tanto como antes. Ou talvez finalmente ela tivesse aprendido a lidar com a dor. Só sabia que não sentia vontade nenhuma de correr para um quarto silencioso para chorar e que seu sorriso não era forçado.

– De verdade.

Com isso, as conversas ganharam vida de novo.

Angie voltou ao seu lugar no momento em que Mama começou a oração. Quando acabaram de citar todos os entes queridos que haviam perdido, inclusive Papa e Sophia, Conlan chegou mais perto de Angie.

– Você está bem mesmo?

– Surpreendente, não é?

Ficou encarando-a por um longo tempo, depois disse em voz baixa:

– Eu te amo, Angela Malone.



– Que horas são? – perguntou Lauren, tirando os olhos da revista.

– Dez minutos mais tarde do que a última vez que você perguntou – respondeu Angie. – Ele vai chegar. Não se preocupe.

Lauren largou a revista. Não tinha sentido fingir que lia. Foi até a janela da

sala e olhou para fora. A noite caía lentamente em direção à praia. A arrebenção quase já não era visível, apenas um fiapo prateado ao longo da costa acinzentada. Janeiro tinha chegado a West End com o vento do leste, e seu hálito gelado recurvava os galhos das árvores.

Angie chegou ao seu lado e pôs um braço ao redor da cintura de Lauren. A garota se recostou nela. Como sempre, Angie conseguia acalmá-la com tanta facilidade, com um simples toque...

... de mãe.

– Obrigada – disse Lauren, notando o tremor da própria voz.

Às vezes tinha aquela vontade repentina de que Angie fosse sua mãe. Esse anseio sempre fazia com que se sentisse levemente culpada, mas não podia ignorar a existência dele. Nos últimos tempos, quando pensava na mãe – em geral tarde da noite, no escuro, quando o som das ondas distantes a transportava para um sono pacífico que desconhecia antes –, Lauren se sentia acima de tudo decepcionada. De alguma forma a lâmina cortante da traição perdera o fio. O que mais sentia era pena da mãe – e de si mesma também. Tinha lampejos de como a vida poderia ter sido. Se tivesse sido criada por Angie, teria conhecido o amor desde os primeiros dias. Não precisaria ter saído à procura dele.

A campainha tocou.

– Ele chegou!

Lauren saiu correndo da janela e escancarou a porta. David estava lá, usando o casaco do colégio e uma velha calça jeans. Com um buquê de rosas vermelhas na mão.

Lauren o abraçou. Quando se afastou, rindo da própria ansiedade, suas mãos tremiam e as lágrimas surgiram em seus olhos.

– Eu estava com saudade de você.

– Eu também. – Pegou na mão dele e o fez entrar no chalé. – Ei, Angie. Você se lembra do David?

Angie se aproximou. Lauren inflou de orgulho pela aparência de Angie. Linda, toda de preto, com os cabelos escuros soltos e sorriso de estrela de cinema.

– É um prazer rever você, David. Como foi de Natal?

Ele passou o braço pela cintura de Lauren.

– Foi tudo bem. Aspen é um lugar ótimo se você usar roupas de pele e tomar

martínis. Senti falta da Lauren.

Angie sorriu.

– Deve ter sido por isso que ligou tantas vezes.

– Foram muitas? Será que eu...

– Só estou brincando – disse Angie. – Você sabe que Lauren tem de voltar para casa antes da meia-noite, certo?

Lauren deu uma risadinha. Hora de voltar para casa. Devia ser a única garota do mundo que gostava daquilo.

David olhou para Lauren, confuso.

– O que você quer fazer? Ir ao cinema?

Lauren queria ficar *com ele*, só isso.

– Talvez a gente possa jogar baralho aqui mesmo. Ou ouvir música.

David franziu a testa e olhou para Angie, que logo falou:

– Eu tenho trabalho a fazer lá em cima.

Lauren a adorou por isso.

– O que você acha, David?

– Claro.

– Tudo bem – disse Angie. – Tem comida na geladeira e refrigerantes na garagem. Lauren, você sabe onde fica a pipoqueira. – Olhou firme para David. – De vez em quando eu vou dar uma passada por aqui.

Lauren deveria se irritar com isso, mas na verdade adorou o jeito como se sentiu. Cuidada. Protegida.

– Certo.

Angie lhes deu boa-noite e subiu.

Quando os dois ficaram sozinhos, Lauren pegou as flores e as colocou num vaso. Assim que terminou, pegou um presente na cozinha e o entregou a David.

– Feliz Natal.

Sentaram no sofá cheio de almofadas, aninhando-se um no outro.

– Abra logo – disse ela.

David desembulhou a pequena caixa. Era uma medalha de ouro com a imagem de São Cristóvão.

– Para proteger você – disse Lauren, ouvindo a voz falsear. – Quando estivermos separados.

– Você ainda pode ser aceita em Stanford – replicou David, mas sem

convicção.

Lauren respirou fundo e exalou.

– Tudo bem – murmurou. – Eu sei que vamos ficar separados. Nosso amor vai resistir.

David a encarou por um tempo. Depois enfiou a mão no bolso devagar e tirou um lindo embrulho.

Não era uma caixa com um anel.

Lauren pegou o pacote, surpresa por se sentir insegura ao desembulhar o presente. Até então não percebera que esperava um pedido de casamento naquela noite. A caixa continha um par de brincos de diamante em forma de coração, presos a um fio tão delicado que parecia linha de pesca.

– Que lindo! – exclamou com a voz trêmula. – Nunca pensei que teria um brinco de diamantes.

– Eu queria comprar um anel.

– Os brincos são lindos. De verdade.

– Meus pais acham que não devemos nos casar.

Então eles iam ter que conversar a respeito.

– E o que você acha?

– Não sei. Lembra aquele advogado com quem meu pai queria conversar?

– Lembro.

Lauren teve que se esforçar muito para manter o sorriso.

– Ele diz que tem gente que amaria esse bebê. Gente que gostaria de ficar com ele.

– Com o nosso filho – disse ela em voz baixa.

– Eu não posso ser pai – replicou David, parecendo tão triste e abatido que a fez ter vontade de chorar. – Quero dizer, eu *sou* pai. Sei disso, mas...

Lauren tocou no rosto dele, imaginando quanto tempo duraria a dor daquele momento. Sentiu-se dez anos mais velha que David. De repente ficou claro que aquilo poderia arruinar os dois.

Teve vontade de dizer que tudo bem, que seguiria os planos dos pais dele e daria o bebê e que tudo continuaria como tinham planejado. Mas não sabia se conseguiria fazer isso. Chegou mais perto. Sob a luz da lareira, os olhos marejados de David nem pareciam azuis.

– Você deveria ir para Stanford e esquecer isso tudo.

– Primeiro vamos falar com os advogados, está bem? Talvez eles saibam de alguma coisa.

A voz dele falseou, e aquela minúscula nuance fez Lauren vacilar. David estava a ponto de chorar.

Lauren soltou um suspiro. Foi um som baixo e cortante, como o de um músculo se separando do osso.

– Tudo bem.

VINTE E SETE



Lauren fechou o livro e olhou para o relógio.

O tempo se arrastava.

14:45

14:46

Suspirou, nervosa. À sua volta, as garotas riam e conversavam enquanto juntavam as coisas e saíam da sala de aula. A escola estava em polvorosa naquela semana. Era de se esperar: as provas finais começariam na segunda-feira. Em tempos normais – diferentes –, Lauren estaria tão ansiosa por isso quanto os outros. Mas, naquela terceira semana de janeiro, tinha mais com que se preocupar. Dali a uma semana, enquanto as amigas estivessem procurando as novas salas de aula, ela teria concluído o ensino médio. Estaria formada.

Guardou o livro e o caderno na mochila pesada, pendurou-a nos ombros e seguiu para a sala. Misturou-se com a multidão no corredor e se esforçou para sorrir para as amigas, para conversar e se comportar como se fosse um dia normal.

Mas o tempo todo pensava: *Eu devia ter pedido que Angie viesse comigo.*

Por que não tinha feito isso?

Ainda não sabia.

Parou em frente ao armário e pegou o casaco. Estava prestes a fechar a porta quando David chegou por trás e lhe deu um leve puxão.

– Oi – murmurou no pescoço dela.

Lauren se recostou nele.

– Oi.

David a fez girar e ficar de frente para ele. Seu sorriso era irritantemente radiante. Desde que Lauren lhe contara sobre o bebê, era a primeira vez que o via tão feliz.

– Você parece muito contente.

Ouviu a amargura na própria voz e estremeceu. Falara como a mãe.

– Desculpe – disse David.

Mas não sabia por que se desculpava, nem se havia feito algo errado. Lauren imaginou se dali em diante David começaria a tratá-la como se fosse frágil. Forçou um sorriso.

– Não precisa se desculpar. Meu estado de espírito tem mudado mais que o clima. Então, aonde vamos?

O alívio dele foi tão óbvio quanto a confusão anterior. David sorriu, mas seus olhos agora mostravam uma nova expressão.

– Para a minha casa. Minha mãe achou que você se sentiria mais confortável. Passou o braço ao redor dela, puxando-a para mais perto.

Lauren fechou a porta do armário com um leve chute e deixou que David a conduzisse até o carro dele.

Durante os poucos quilômetros entre a Fircrest e Mountaineer, os dois jogaram conversa fora. Fofocas. A festa de formatura. Quem estava ficando com quem. Lauren tentou se concentrar nisso, nos acontecimentos normais da vida escolar, mas respirou fundo quando David parou na guarita.

O portão se abriu.

Juntou as mãos e ficou observando pela janela aquelas casas tão grandes e bonitas.

Ao longo dos últimos anos, sempre que visitava o condomínio, ela só enxergava a beleza. Sonhava em fazer parte de um lugar como aquele. Agora imaginava por que aquelas pessoas com tanto dinheiro não preferiam morar perto do mar ou por que não gostavam do bairro movimentado onde as DeSarias viviam. Lá as ruas pareciam cheias de vida. Ali, tudo era contido, aparado e perfeito demais. Como podia a vida real – e o verdadeiro amor – se desenvolver no confinamento?

Quando pararam na frente do casarão dos Haynes, Lauren se perguntava o que os três faziam com todos os espaços vazios da casa.

David estacionou o automóvel e virou-se para ela.

- Pronta?
- Não.
- Quer cancelar?
- De jeito nenhum.

Saiu do carro e começou a andar em direção à casa. No meio do caminho, David a acompanhou e pegou sua mão. Aquele apoio diminuiu parte do seu frio na barriga.

Os dois pararam na frente da porta. David a abriu e guiou Lauren para dentro.

A casa estava em silêncio, como de hábito. O oposto da casa das DeSarias.

- Mãe. Pai – chamou David, fechando a porta.

A Sra. Haynes apareceu trajando um vestido de lã branco. O cabelo castanho-avermelhado estava preso num coque. Parecia mais magra e mais velha desde a última vez que a vira.

Lauren podia entender por quê. Durante as últimas semanas, aprendera que a vida podia deixar marcas numa pessoa.

- Olá, Sra. Haynes – cumprimentou, aproximando-se.

A Sra. Haynes olhou para ela. Uma expressão de tristeza se formou devagar em seus lábios.

- Olá, Lauren. Como tem passado?

- Bem.

– Obrigada por ter concordado em vir aqui hoje. David contou como tem sido difícil para você.

David apertou a mão dela.

Lauren sabia que era hora de dizer alguma coisa, talvez dar sua opinião, mas, quando tentou, não encontrou palavras. Apenas concordou com um meneio de cabeça.

Naquele momento, o Sr. Haynes entrou na sala. Trajando um terno azul-marinho com duas fileiras de botões e uma camisa amarelo-clara, ele era a representação fiel do homem poderoso e controlador que sempre conseguia o que queria. Ao lado dele estava um homem corpulento de terno preto.

– Olá, Lauren – cumprimentou o Sr. Haynes, sem se dar ao trabalho de sorrir. Nem sequer olhou para o filho. – Gostaria de apresentar Stuart Phillips. É um respeitável advogado especializado em adoção.

Foi só o que bastou, aquela palavra dita em voz alta, para Lauren começar a chorar.

A Sra. Haynes logo se postou ao lado dela e lhe ofereceu um lenço, murmurando alguma coisa sobre estar tudo bem.

Mas não estava tudo bem.

Lauren enxugou os olhos, pediu desculpas e foi conduzida até a sala de estar. Todos se acomodaram no luxuoso mobiliário cor de creme. Lauren ficou preocupada com a possibilidade de as lágrimas mancharem o tecido.

Houve um momento de silêncio constrangedor antes que o advogado começasse a falar.

Lauren escutava – ou, ao menos, tentava. Seu coração batia tão alto que às vezes ela não era capaz de ouvir mais nada. Fragmentos do discurso fluíam em sua direção, penetrando seus pensamentos como destroços de um naufrágio.

melhor decisão para a criança...

... outra família, outra mãe...

... pais mais capacitados...

... extinção de direitos...

... faculdade é melhor agora...

... jovem demais...

Quando acabou de explicar tudo, o advogado se recostou na poltrona e sorriu abertamente, como se aquelas palavras fossem apenas sons e respiração, nada mais.

– Você tem alguma pergunta, Lauren?

Ela olhou ao redor.

A Sra. Haynes parecia prestes a irromper em lágrimas. David estava pálido e seus olhos azuis pareciam crispados de preocupação. O Sr. Haynes tamborilava no braço da poltrona.

– Parece que todos acham que devo fazer isso – disse Lauren devagar.

– Vocês são jovens demais para serem pais – ressaltou o Sr. Haynes. – David não consegue nem se lembrar de dar comida ao cachorro ou arrumar a própria cama, pelo amor de Deus!

A Sra. Haynes lançou um olhar de reprimenda ao marido, depois sorriu para Lauren. Era um sorriso triste e cheio de sabedoria.

– Não existe uma resposta fácil neste caso, Lauren. Nós sabemos disso. Mas

você e David são bons garotos. Merecem uma chance na vida. Ser mãe e pai é uma tarefa difícil. Vocês precisam pensar no bebê também. Acredito que gostariam que seu filho tivesse as melhores oportunidades. Tentei discutir isso com a sua mãe, mas ela não retornou minhas ligações.

– Acredite em mim, mocinha – disse o advogado –, existem dezenas de pessoas maravilhosas que amariam o seu filho.

– Essa é a questão – replicou Lauren, numa voz tão baixa que todos se debruçaram para ouvir. – O filho é meu. – Virou-se para David. – É nosso.

David não se moveu nem desviou o olhar. Para alguém que não o conhecesse, ele poderia parecer imperturbável. Mas para Lauren, que o amava havia tanto tempo, tudo tinha mudado nos olhos dele. Sua expressão foi transformada pelo desalento.

– Tudo bem – disse ele, como se ela tivesse feito uma pergunta.

Lauren compreendeu – e já sabia disso – que David ficaria ao seu lado, que apoiaria a escolha dela.

Mas ele não queria aquilo. Para David não se tratava de um filho, mas de um acidente. Um erro. Por ele, os dois assinariam alguns papéis, entregariam a criança e seguiriam em frente.

Se ela não fizesse o mesmo, estragaria a vida dele e a dela também. Talvez até a da criança.

Lauren respirou fundo e exalou devagar. Deveria terminar com David. Se realmente o amasse, deveria deixá-lo livre de tudo aquilo. Mas pensar em perdê-lo a deixava paralisada de medo.

Olhou ao redor da sala, viu a expectativa de todos. Foi derrotada.

– Vou pensar a respeito – prometeu.

A rapidez do sorriso de David partiu o coração dela.



– Ei – disse Angie, entrando na sala. – Por acaso você ouviu o alarme do forno?

– Está apitando – disse Lauren, encostando os joelhos no peito, sentada no chão em frente à lareira.

– Sim, está. E você sabe por quê?

– O jantar está pronto?

Angie revirou os olhos.

– Admito que não sou a melhor cozinheira do mundo, mas nem eu tiro um jantar do forno às onze da manhã.

– Ah. Certo.

Lauren olhou para as próprias mãos. Tinha roído as unhas até o sabugo.

Angie se ajoelhou ao lado dela.

– Você anda cabisbaixa pela casa há tempo demais. Semana passada, quando se formou, eu trouxe sua pizza favorita e você mal tocou nela. Ontem à noite foi dormir às sete. Eu tenho sido paciente, esperando você falar comigo, mas...

– Eu vou limpar o meu quarto.

Começou a se levantar.

Angie a deteve com um toque.

– Querida, seu quarto não poderia estar mais limpo. As únicas coisas que você tem feito nos últimos dias são trabalhar, limpar o quarto e dormir. O que está acontecendo?

– Não posso falar.

– Então tem a ver com o bebê.

Lauren ouviu o pequeno falseio em sua voz quando Angie disse *bebê*.

– Não quero falar disso agora.

Angie suspirou.

– Eu sei. E sei por quê. Mas não estou mais tão frágil.

– Suas irmãs discordam.

– Minhas irmãs falam demais.

Lauren a encarou. O olhar compreensivo de Angie a fez ceder.

– Como você lidou com isso? Com a perda de Sophia, quero dizer.

Angie sentou nos calcanhares.

– Uau. Ninguém nunca me perguntou isso de forma tão direta.

– Desculpe. Eu não devia...

– Não. Nós somos amigas. Podemos falar sobre as nossas vidas.

Sentou-se ao lado de Lauren e pôs um braço ao redor dela. Ficaram juntas observando o fogo que crepitava na lareira. Angie sentiu a chegada daquela antiga dor, que apertou seu peito ao ponto de tornar a respiração dolorida.

– Você está me perguntando como se vive com o coração partido – disse

afinal.

– É. Acho que sim.

Assim que as lembranças se estabeleceram, Angie não teve escolha a não ser assumi-las.

– Eu a peguei no colo. Já contei isso? Era tão miudinha... E estava tão azulada... – Deu um suspiro entrecortado. – Quando ela morreu, eu não conseguia parar de chorar. Sentia tanta falta dela, da ideia de tê-la comigo... Deixei aquela ausência tomar conta de mim... Depois Conlan foi embora, eu voltei para casa e foi aí que aconteceu uma coisa incrível.

– O quê?

– Uma menina linda e inteligente entrou na minha vida e me lembrou que existe alegria no mundo. Comecei a recordar as coisas boas. Percebi que meu pai tinha razão quando dizia: *Isso também vai passar*. A vida dá um jeito de seguir em frente, e a gente faz o melhor que pode para acompanhar o fluxo. O coração partido se cura. Como qualquer ferimento, fica uma cicatriz, uma lembrança, porém esmaecida. De repente você percebe que passou uma hora sem pensar a respeito, depois um dia. Não sei se isso responde à sua pergunta...

Lauren olhava para as labaredas.

– Então o que está me dizendo é a velha resposta de que “o tempo cura todas as feridas”, não é?

– Eu sei que isso é algo muito difícil para uma adolescente acreditar, mas é verdade.

– Pode ser. – Lauren deu um suspiro. – Todo mundo quer que eu considere a adoção.

Que Deus a perdoasse, mas o primeiro pensamento de Angie foi: *Pode dar o bebê para mim*. Odio-se por isso. Quis dizer alguma coisa, mas sua voz tinha sumido. De repente estava focada no antigo quarto de bebê e em todos os seus sonhos passados. Lutou contra esses sentimentos, colocou-os de lado tempo suficiente para perguntar em voz baixa:

– O que você quer fazer?

– Não sei. Não quero estragar a vida do David. Nem a minha. Nem a vida de todos nós, mas não consigo simplesmente entregar o meu filho. – Olhou para Angie. – O que eu faço?

– Ah, Lauren... – disse Angie, abraçando-a.

Não falou o óbvio: que Lauren já tinha se decidido. Em vez disso, disse:

– Olhe para mim.

Lauren se afastou. Seu rosto estava coberto de lágrimas.

– O-O quê?

– Eu estou do seu lado. – Pela primeira vez, Angie ousou tocar na barriga de Lauren. – E essa pessoinha precisa que você seja forte.

– Eu tenho medo de não conseguir fazer isso sozinha.

– É isso que estou tentando dizer. Seja qual for sua decisão, você não está sozinha.



Os curtos e cinzentos últimos dias de janeiro gotejaram um após o outro. O céu estava sempre tomado de nuvens e a chuva caía num ritmo regular.

Os moradores de West End se encontravam embaixo do toldo gigante da igreja ou nas marquises da Driftwood Way. As conversas eram sempre sobre o clima. Todos os dias eles tinham a expectativa de ver o sol.

Quando janeiro acabou, depositaram as esperanças em fevereiro.

No dia 14, Dia dos Namorados, o céu se abriu e, apesar de o sol não aparecer, a chuva se reduziu a uma névoa perolada.

O restaurante lotou. Por volta das sete horas, os dois salões estavam cheios e havia pessoas esperando, formando uma fila do lado de fora.

Todo mundo se mexia em alta velocidade. Lauren, que trabalhava em tempo integral desde a formatura, atendia o dobro de mesas que o normal. Mama e Mira faziam o triplo de pratos especiais, enquanto Angie servia vinho, levava pão e recolhia os pratos usados sempre que podia. Até Rosa entrou no espírito: no lugar de um, levava dois pratos de cada vez.

A porta da cozinha se abriu com um estrondo.

– Angela! – chamou Mama. – Coração de alcachofra e ricota.

– Certo, mamãe.

Correu ao estoque, pegou um pote grande de corações de alcachofra e uma embalagem de ricota fresca. Durante a hora seguinte, trabalhou sem parar. Precisavam de mais uma garçonete. Talvez duas.

Angie corria para verificar o livro de reservas quando trombou com Livvy.

Literalmente. Riram juntas.

– Não venha me dizer que você veio jantar *esta noite*.

– E passar o Dia dos Namorados no restaurante da família? Dificilmente. Sal vai trabalhar até tarde.

– Então por que está aqui?

– Ouvi dizer que vocês estão com falta de mão de obra.

– Não. Estamos bem. Ocupados, mas tudo bem. Verdade. Você não devia ficar muito de pé. Vá para casa e...

Alguém chegou por trás de Angie e a agarrou pelos ombros. Antes que ela conseguisse se virar, ele a pegou nos braços e a carregou para fora do restaurante.

A última coisa que Angie ouviu da irmã foi:

– Como eu disse, estão com falta de mão de obra.

O sorriso de Conlan era deslumbrante quando pôs Angie no banco do carona do carro.

– Feche os olhos.

Ela fez o que Conlan pediu.

– Gostei dessa nova Angie. Ela me obedece.

– Só até certo ponto, querido.

Deu uma risada. Foi tão bom... Fazia frio lá fora, era uma noite gelada de fevereiro, mas ainda assim Conlan tinha baixado a capota e o ar fustigava o rosto dela e agitava seu cabelo.

– Estamos na praia – disse, ao sentir o cheiro do mar e ouvir o rugido das ondas.

Conlan estacionou, contornou o carro e foi até o lado dela. Angie ouviu o porta-malas ser aberto, depois fechado.

Conlan a pegou no colo de novo e continuou a carregá-la. Pelo ritmo dos passos e a forma como ele começou a respirar, com um pouco mais de dificuldade, Angie percebeu que ele andava na areia.

– Alguém precisa frequentar mais a academia – provocou.

– Diz o peso pesado nos meus braços.

Conlan a pôs no chão. Angie ouviu uma manta estalando e Conlan praguejar enquanto a estendia. Depois ele acendeu uma fogueira. O cheiro pungente permeou a maresia, fazendo-a pensar em todas as festas de praia a que fora nos

tempos do ensino médio.

Respirou fundo e sentiu os aromas de sua juventude. A areia, o mar, a madeira trazida pela maré, nunca totalmente molhada nem totalmente seca.

– Pode abrir os olhos.

Quando ela abriu, Conlan estava de pé na frente dela.

– Feliz Dia dos Namorados, Angie.

Ela chegou mais perto. Conlan se ajoelhou para encontrá-la. Os dois se beijaram como adolescentes, cheios de desejo, depois se deitaram na manta.

Ficaram lá abraçados, com o céu cheio de estrelas acima e o estalido do fogo ao lado, se beijando e conversando, e se beijando um pouco mais. Pensaram em fazer amor, mas estava frio demais e, na verdade, estavam adorando os amassos.

Na parte mais escura da noite, quando as estrelas brilhavam tanto que doíam nos olhos e o luar pairava na espuma das ondas, Angie se aconchegou em Conlan e beijou seu queixo, as faces, o canto da boca.

– E agora? – perguntou ele em voz baixa.

Era a pergunta que sempre surgia entre os dois. Se Angie não estivesse prestando atenção, o ruído das ondas teria abafado a voz dele.

– Não precisamos decidir nada, Con. Por enquanto, isso é suficiente.

Nas semanas que se seguiram ao Natal, eles tinham se encontrado algumas vezes e também conversado horas pelo telefone. Ela gostava tanto de tudo aquilo que não queria correr o risco de precisar de mais.

– A velha Angie gostava de estabelecer metas e alcançá-las. Não era tão chegada a “vamos esperar para ver”.

– A velha Angie era jovem.

Ela o beijou, por muito tempo e intensamente, com todo o amor que tinha no coração. Quando se afastou, tremia. Nos olhos dele, Angie viu uma sombra do antigo medo, a incerteza de conseguirem na segunda vez, depois de terem fracassado na primeira.

– Estamos nos comportando como dois adolescentes.

– Fomos adultos por muito tempo – disse Angie. – Só me ame, Con. Por enquanto é o bastante.

As mãos dele deslizaram pelas costas dela e entraram embaixo da saia.

– Isso eu consigo fazer.

Angie pegou a manta e cobriu os dois com ela.

– Ótimo – foi só o que conseguiu dizer antes que ele a beijasse.



Fevereiro transcorreu numa sucessão de dias de garoa, o tempo passando num borrão cinzento. Só na última noite do mês mais curto Angie voltou a ter o sonho com o bebê. Acordou sobressaltada e se virou na cama, procurando em vão pela presença forte e confortante do marido. Sentou no colchão e acendeu o abajur. Continuou sentada, com os joelhos encolhidos, como se, ao segurá-los, seus braços parecessem menos vazios.

A boa notícia foi que não havia sinal de lágrimas em seu rosto. Tivera vontade de chorar, mas não o fizera. *É um progresso*, pensou. Melhorava um pouquinho de nada cada vez que o sol se punha.

Não ficou surpresa de ter tido o sonho de novo. Morar com Lauren às vezes revirava seu passado. Não havia como evitar, nem como contornar. Ainda mais naquele estágio: na semana anterior, Lauren por fim começara a engordar. A cintura aumentara de forma quase imperceptível. Um estranho não notaria, mas para uma mulher que passara a maior parte da idade adulta em busca daquilo, a mudança brilhava como uma placa de néon. E naquele dia a menina tinha uma consulta marcada com o médico. Não ia ser fácil para Angie.

Desistiu de pegar no sono e encarou a pilha de tarefas na mesa de cabeceira. Durante as horas seguintes, ocupou-se com folhas de pagamento e contas a receber. Quando o sol suave bateu na janela, sentia-se de novo em paz.

Simplesmente haveria dias como aquele – noites como a que acabara de ter.

De vez em quando, nos meses seguintes, seria perseguida por suas perdas e seus anseios. Tinha consciência disso ao oferecer a Lauren um lugar para morar. Alguns sonhos não se desfaziam com facilidade; a pessoa podia demorar a vida toda para deixá-los para trás. Angie sabia disso.

Afastou as cobertas e se dirigiu ao banheiro. Depois de uma demorada ducha quente, voltou a se sentir bem. Pronta para enfrentar o difícil dia à frente. E não havia dúvida de que seria difícil. Mas, pelo bem de Lauren, iria enfrentá-lo.

Estava arrumando a cama quando ouviu a garota chamar seu nome.

Angie abriu a porta do quarto.

– O que foi?

– O café da manhã está pronto.

Desceu a escada rápido e encontrou Lauren na cozinha, mexendo um mingau de aveia.

– Bom dia – disse Lauren, toda animada.

– Acordou cedo.

– Não é tão cedo. – A jovem ergueu a cabeça. – Teve outra noite ruim?

– Não. Não – respondeu Angie depressa, desejando nunca ter mencionado que às vezes não conseguia dormir.

Lauren sorriu aliviada.

– Que bom.

Pegou as duas tigelas de mingau e as colocou na mesa, sobre o jogo americano azul. Então sentou de frente para Angie.

– Sua mãe me disse que eu preciso comer mais fibras e me ensinou a fazer mingau de aveia.

Angie completou seu mingau à moda DeSaria – açúcar mascavo, xarope de bordo, uvas-passas e leite – e deu uma colherada.

– Fabuloso – afirmou.

– Mas Mira disse para eu comer muita proteína e Livvy me puxou de lado para dizer que carboidratos fazem o bebê ficar mais forte. Acho que preciso comer de tudo.

– Essa é a resposta da minha família para todas as questões da vida: comer mais.

Lauren riu.

– A consulta é às dez horas. O ônibus sai...

– O que a faz pensar que vou deixá-la pegar um ônibus para ir ao médico?

– Eu sei que isso é difícil para você.

Angie pensou em responder com algum gracejo, mas, quando viu a expressão sincera de Lauren, falou:

– A vida é repleta de escolhas difíceis, Lauren. Eu quero ir ao médico com você.

Depois disso a conversa voltou aos eixos conhecidos do dia a dia. Enquanto lavavam os pratos lado a lado, conversaram sobre o restaurante, o tempo, a programação do resto da semana. Lauren contou uma história engraçada sobre o último encontro com David e uma ainda mais engraçada sobre Mama.

Entretanto, quando chegaram ao consultório do médico, Angie se sentiu tensa de novo. Parou diante da porta da clínica, tentando não atrair o foco para si.

Lauren pegou no braço dela.

– Prefere esperar no carro? – sugeriu.

– De jeito nenhum.

Deu um sorriso, ainda que forçado, abriu a porta e entrou no recinto que cheirava a desinfetante.

As lembranças recaíram pesadas sobre ela. Já estivera em muitas salas como aquela, usara muitos aventais de papel, apoiara as pernas em muitos estribos frios de metal. Durante anos, parecia que só tinha feito isso...

Um passo depois do outro, cruzou a sala. No balcão da recepcionista, apoiou-se no tampo de fórmica.

– Lauren Ribido – falou.

A mulher folheou uma pilha de pastas e separou uma delas. Em seguida entregou uma prancheta a Angie.

– Preencha os dados e me devolva.

Angie começou a ler o formulário já conhecido. *Assinale a data da sua última menstruação... número de gestações anteriores... concluídas...*

Entregou o formulário a Lauren devagar.

– Ah – disse a recepcionista. – Desculpe. Achei que...

– Não se preocupe – Angie logo se apressou em responder.

Levou Lauren a uma fileira de cadeiras encostadas à parede. Sentaram-se lado a lado e a garota começou a preencher o formulário.

Angie ouvia o rabiscar da caneta no papel. De uma forma estranha, aquilo a acalmou.

Quando chamaram o nome de Lauren, Angie quase se levantou. Depois pensou: *Não*. Lauren ainda tinha muito que crescer. Aquilo era apenas o começo. Angie só deveria esperar por ela.

A consulta pareceu demorar uma eternidade. Deu tempo para Angie relaxar, recuperar-se. Quando Lauren saiu, os sentimentos de Angie já estavam sob controle. Ela já conseguiria conversar com Lauren sobre tudo aquilo – os sintomas, as dores e pontadas, os enjoos matinais, o curso para gestantes.

No caminho para casa, pararam numa farmácia para comprar mais vitaminas

e depois sentaram num banco em frente ao estabelecimento.

– Por que estamos aqui sentadas? – perguntou Lauren. – Parece que vai chover a qualquer minuto.

– É provável.

– Eu estou ficando com frio.

– Abotoe o casaco.

Uma minivan verde estacionou na frente delas.

– Já era hora – resmungou Angie, jogando o copo descartável de café na lixeira ao lado do banco.

As portas se abriram de uma só vez. Mira, Mama e Livvy saíram do veículo, todas falando ao mesmo tempo.

Mama e Livvy foram na direção de Lauren e, uma de cada lado, colocaram a menina de pé.

– Achei que o restaurante estivesse fechado hoje – comentou Lauren, franzindo o cenho.

Mama se deteve.

– Angela disse que você precisa de umas roupas.

O rosto de Lauren ficou vermelho. A cor ressaltou suas sardas.

– Ah. Eu não trouxe dinheiro.

Livvy riu.

– Nem eu, mamãe. Esqueci minha carteira. A senhora vai ter que usar o seu velho cartão de crédito. Eu também preciso de algumas roupas de gestante.

Mama deu um tapinha na cabeça de Livvy.

– Espertinha. Vamos lá. Vai começar a chover.

As três saíram andando de braços dados, barulhentas como um enxame de abelhas.

Mira ficou mais para trás.

– Então – disse em voz baixa a Angie. – Você vai encarar isso numa boa?

Angie adorava a irmã por se atrever a perguntar o óbvio.

– Faz muito tempo que não entro numa loja para gestantes.

– Eu sei.

Angie olhou ao redor. O letreiro da Mães e Filhos pendia inclinado acima da entrada da loja. A última vez em que Angie estivera ali fora com as irmãs. Estava grávida na época, e seu sorriso era fácil. Virou-se para Mira.

– Está tudo bem – falou e, ao dizer isso, percebeu que tinha sido sincera.

Podia machucar um pouco, podia lembrá-la de tempos mais difíceis, porém eram sentimentos que faziam parte de quem ela era, e afinal era mais doloroso fugir do que encarar o momento.

– Eu quero estar com Lauren. Ela precisa de mim.

O sorriso de Mira foi meigo e deixou transparecer só um pouquinho de preocupação.

– Que bom para você.

– É – concordou Angie. – Que bom para mim.

Mesmo assim, pegou no braço da irmã em busca de apoio.

VINTE E OITO



O colorido da primavera chegou mais cedo a West End. O inverno frio e chuvoso montara o palco para as cores exuberantes. Quando o sol afinal se atreveu a espiar pelas cinzentas camadas de nuvens, a paisagem mudou a olhos vistos. O açafrão roxo e brilhante chegou primeiro, rebentando a terra escura e desolada. Depois as encostas ficaram verdes, as árvores desfraldaram o esplendor das folhinhas nascentes. Os narcisos desabrocharam pelos acostamentos das estradas, criando poças coloridas em meio aos arbustos de frutas silvestres.

Lauren também desabrochou. Ganhou quase 7 quilos. Esperava que a qualquer momento o obstetra começasse a se preocupar com seu peso. Seus movimentos também ficaram mais lentos. Às vezes, no restaurante, precisava fazer pausas na porta da cozinha para recuperar o fôlego. Andar de mesa em mesa se tornara um evento de dimensões olímpicas.

E isso não era o pior. Os pés doíam. Ia mais ao banheiro do que um beerrão de cerveja, e os gases pareciam estar sempre pressionando o peito. Arrotava constantemente.

Em abril ela começou a encarar a pergunta: e agora?

Durante os últimos meses Lauren vinha empurrando a vida: não pensava além do próximo turno no restaurante ou o encontro seguinte com David. Mas naquele momento – de novo –, ele voltara a levantar a Grande Questão, e ela sabia que já não poderia evitá-la.

– E então? – perguntou David, dando-lhe uma cutucada.

Os dois se aninhavam no sofá, braços entrelaçados. O fogo crepitava na

lareira.

– Não sei – respondeu Lauren em voz baixa.

Aquelas duas palavras começavam a ser usadas com frequência.

– Minha mãe disse que conversou de novo com o advogado na semana passada. Ele já tem vários casais morrendo de vontade de criar o bebê.

– Não é “o bebê”, David. É o “nosso bebê”.

David soltou um grunhido.

– Eu sei, Lo. Acredite em mim, eu *sei*.

Lauren se virou para ele.

– Você conseguiria mesmo fazer isso? Quero dizer, virar as costas para o nosso filho?

David se desvencilhou dela e se levantou.

– Eu não sei o que você quer de mim, Lauren.

A voz dele falseou. De repente ela percebeu que David estava a ponto de chorar.

Aproximou-se por trás e passou os braços em volta dele. Não conseguia chegar muito perto; a barriga estava grande demais. O bebê deu um chute, uma agitação suave como uma pena.

– Que espécie de pais nós seríamos? – perguntou David, sem olhar para ela.

– O que vamos fazer se desistirmos da faculdade? Como vamos sustentar...

Lauren deu a volta para encará-lo. Essa era uma resposta que ela sabia.

– Você vai para Stanford. De qualquer jeito.

– E devo simplesmente ir embora? – perguntou David, seco.

Lauren fitou os olhos dele, lacrimosos. Queria dizer que tudo daria certo, que o amor dos dois sempre venceria, mas se sentia pequena demais para formular aquelas palavras e os leves chutes na sua barriga a lembravam de quanto aquele momento era diferente para cada um.

Ela iria perder David se ficasse com a criança.

Escolhas difíceis, dissera Angie certa vez. Como Lauren não tinha entendido aquilo até então?

Ia dizer alguma coisa – não sabia bem o quê – quando a campainha tocou.

Lauren deu um suspiro profundo e se desvencilhou do abraço de David.

– Já vai.

Abriu a porta e viu Ernie, o carteiro. Com vários pacotinhos e um monte de

cartas.

– Correspondência.

– Obrigada.

Deixou os pacotes na mesa perto da porta e folheou as cartas. Uma era para ela.

– É da Universidade do Sul da Califórnia – falou, sentindo o coração palpitar.

Com toda a loucura das últimas semanas, tinha se esquecido das requisições de matrícula.

David se aproximou. Parecia tão nervoso e ansioso quanto ela.

– Você sabe que entrou – comentou, e Lauren o amou por ter tanta confiança nela.

Lauren abriu a carta e leu as palavras com que tinha sonhado.

– Eu consegui – murmurou. – Não achei que...

Ele a puxou para um abraço.

– Lembra o nosso primeiro encontro? Depois do jogo contra Aberdeen. Nós ficamos na praia, perto da fogueira. Enquanto todo mundo zoava, dançava e bebia, a gente ficou conversando. Você me disse que um dia iria ganhar o prêmio Pulitzer, e eu acreditei. Só você não percebe como maravilhosa é.

O Pulitzer. Lauren não conseguiu deixar de tocar a barriga protuberante. “Dê a si mesma uma chance na vida”, a mãe dela tinha falado. “Você vai ficar igual a mim. É o que você quer?”

– O que devo fazer? – sussurrou, olhando firme para os olhos azuis de David.

– Aceitar a bolsa de estudos – respondeu ele, e, apesar de as palavras serem ásperas, havia meiguice em sua voz.

Era a coisa certa a fazer, Lauren sabia. Pelo menos a cabeça sabia. Mas o coração era diferente. Como poderia criar um bebê sem ter formação, sem perspectiva? Mais uma vez pensou na mãe, de pé o dia inteiro cortando cabelos e bebendo a noite toda, procurando o amor nos lugares errados. Deu um suspiro pesado. A verdade penetrou suas defesas, aguda como um prego. *Queria* cursar a faculdade. Era sua chance de ser diferente da mãe. Voltou a olhar para David, lentamente.

– O advogado encontrou boas pessoas para ficar com o bebê?

– Não poderiam ser melhores.

– Posso encontrar com eles? Nós podemos escolher?

O rosto de David se transformou de tanta alegria, voltou a ser o do garoto por quem Lauren se apaixonara. Abraçou-a tão apertado que ela mal conseguiu respirar, beijou-a até que ficasse tonta. Sorria quando se afastou.

– Eu te amo, Lauren.

Ela não conseguia sorrir. O entusiasmo dele de alguma forma a esfriara, deixara-a irritada.

– Você sempre consegue o que quer, não é?

O sorriso dele desabou.

– O que você quer dizer?

Nem ela sabia a resposta. Só sabia que desejava duas coisas e que não poderia ter ambas.

– Não sei.

– Que droga, Lauren. Qual é o seu problema? Como posso dizer a coisa certa se você muda de ideia a cada dez segundos?

– Como se alguma vez você tivesse dito a coisa *certa*. Você sempre quis que eu me livrasse do bebê.

– E eu deveria mentir? Você acha que eu *quero* arruinar meu futuro para ser pai?

– E eu quero? Seu babaca!

Lauren o afastou.

David pareceu murchar; foi quase como se emagrecesse diante dos olhos dela.

– Essa situação toda é terrível.

– Muito.

Os dois ficaram se encarando. Por fim, David se aproximou.

– Desculpe. De verdade.

– Isso está acabando com a gente – disse Lauren.

David a pegou pela mão e a levou até o sofá. Sentaram-se lado a lado. Mesmo assim, pareciam estar a quilômetros um do outro.

– Vamos parar de brigar e conversar sobre tudo isso – sussurrou David.



Angie saiu do carro e fechou a porta.

O compartimento do guarda-móveis estava à sua frente: C-22.

Havia outros dos dois lados. O prédio baixo e comprido era um entre dezenas. *Depósito A-1*, dizia a placa no portão. *Mantenha seu compartimento seguro. Mantenha-o trancado.*

Angie engoliu em seco. A chave pareceu fria e estranha em sua mão. Quase se virou e foi embora, quase decidiu que ainda não estava forte o bastante para fazer aquilo.

Mas foi o medo de não ter passado por coisa suficiente para enfrentar esse momento que a fez agir. Foi andando devagar, um passo após o outro, e de repente estava em frente ao cadeado. Enfiou a chave e ouviu a tranca se abrir com um estalido. A porta de recolher subiu fazendo barulho até se encaixar no teto.

Angie apertou o interruptor. Uma lâmpada solitária se acendeu no teto, iluminando uma pilha de caixas e móveis embalados em cobertores e lençóis.

As sobras de seu casamento estavam todas ali. A cama que ela e Conlan tinham comprado na Pioneer Square e na qual dormiram por muitos anos. A escrivaninha que ele usara durante a faculdade e que deixara para trás. O sofá escolhido porque a família inteira poderia se deitar nele para assistir à televisão.

Mas ela não tinha ido até ali por causa daquelas coisas, das lembranças de quem tinha sido.

Fora por Lauren.

Remexeu nas caixas, foi afastando uma depois da outra, abrindo caminho até o fundo do depósito. Afinal, em um canto, encontrou o que procurava: três caixas marcadas como *Quarto do bebê*.

Deveria simplesmente pegar as caixas e levá-las para o carro, mas não conseguiu. Ajoelhou-se no piso de cimento e abriu a primeira. O abajur de ursinho descansava numa pilha de lençóis de flanela cor-de-rosa.

Sabia o que sentiria ao olhar para aqueles itens, todos escolhidos com tanto carinho, nenhum deles usado. Eram como pedaços de seu coração, perdidos no caminho, porém jamais esquecidos.

Pegou a roupinha branca e a levou ao nariz. Não cheirava a nada a não ser papelão. Nem a talco nem a xampu de bebê.

Claro que não. Nenhum bebê a usara, nenhuma criança acordara à luz que

emanava do pote de mel do abajur de ursinho.

Fechou os olhos e se lembrou de cada detalhe do quarto do bebê. Recordou-se da noite em que embalara tudo.

Visualizou uma garotinha de cabelo escuro, com os olhos azuis e brilhantes do pai.

– Tome conta da nossa Sophia, Papa – sussurrou, levantando-se.

Já era hora de aquelas coisas saírem da escuridão do depósito. Deveriam ser utilizadas, seguradas, usadas como brinquedo. Deviam estar num quarto de bebê.

Uma a uma, levou as caixas para o carro. Quando voltou a trancar o depósito, começou a chover.



Angie quase não conseguia acreditar em quanto se sentia bem. Fazia anos que a sombra daquele dia bloqueava a luz de seu horizonte.

O quarto do bebê. As roupas e os brinquedos do bebê. Sabia que, enquanto guardasse aquelas coisas, estaria presa de alguma forma.

Agora, por fim estava livre.

Desejou que Conlan estivesse ali para presenciar aquele momento, depois de todas as vezes que a vira sentada no chão do quarto do bebê, chorando com um chocalho, um cobertor ou enfeite na mão. Não havia um item sequer naquelas caixas que não tivessem sido molhados por suas lágrimas.

Aliás...

Digitou a tecla de discagem rápida do celular.

– Redação.

– Oi, Kathy – disse Angie no viva-voz. – É Angie. Conlan está por aí?

– Um momento.

Conlan atendeu um minuto depois.

– Oi. Você está na cidade?

– Não. Estou voltando para West End.

– Então está indo na direção errada.

Angie riu.

– Adivinhe o que está no meu porta-malas.

– Essa é nova.

Angie se sentiu como uma alcoólatra que finalmente havia admitido ter um problema. Sua reunião do AA eram as caixas de papelão no porta-malas do automóvel.

– As coisas de bebê.

Houve uma pausa. Em seguida:

– Como assim?

– O berço. As roupas. Tudo. Fiz uma limpeza no depósito do guarda-móveis.

A pausa crepitou pelo pequeno alto-falante preto.

– Para Lauren?

– Ela vai precisar.

Angie sabia que Conlan ouvira o eco distante por trás daquelas palavras. *E nós não vamos.*

– Tudo bem com você? – perguntou ele.

– Isso é o mais incrível, Con. Eu me sinto muito bem. Lembra aquela vez que fomos de helicóptero esquiara em Whistler?

– Quando você ficou três noites sem dormir de tanta ansiedade?

– Exatamente. Estava morrendo de preocupação, mas, assim que saímos do helicóptero e eu desci a encosta, não vi a hora de fazer aquilo de novo. É como eu me sinto. Como se voasse montanha abaixo de novo.

– Uau.

– Pois é. Mal posso esperar para dar essas coisas a Lauren. Ela vai ficar tão contente!

– Estou orgulhoso de você, Angie.

E lá estava: a razão por ter ligado para ele, embora não tivesse percebido até então.

– Vamos comemorar amanhã à noite – convidou ela.

– Já está marcado.

Angie sorria na hora que desligou. O rádio tocava uma música antiga de Billy Joel, “It’s Still Rock & Roll to Me”. Aumentou o volume e cantou junto. Quando chegou a West End e pegou a estrada da praia, cantava o mais alto que podia e batia no volante ao ritmo da música.

Sentia-se como uma jovem que voltava para casa depois de ir assistir a um jogo de futebol americano e presenciar a vitória de seu time.

Estacionou perto da casa, pegou a bolsa e entrou correndo.

– Lauren!

A casa estava quieta. O fogo crepitava na lareira.

Houve um silêncio que pareceu durar uma eternidade, seguido de um farfalhar.

– Estamos aqui.

Lauren estava no sofá. Seu rosto empalidecido brilhava de lágrimas. Os olhos estavam inchados e vermelhos. David estava sentado ao seu lado, segurando sua mão. Parecia que também estivera chorando.

Angie sentiu uma punhalada de medo. Sabia o que era chorar no meio de uma gravidez.

– O que aconteceu?

– David e eu estávamos conversando.

– O bebê está bem?

– Ótimo. Perfeito.

Angie sentiu uma onda de alívio. Sua reação fora exagerada, como de hábito.

– Ah. Bem, então vou deixar vocês dois conversarem.

Começou a andar na direção da escada.

– Espere – pediu Lauren, levantando-se desajeitadamente.

Pegou um papel na mesa de centro e entregou a Angie.

David se aproximou de Lauren e passou os braços ao redor dela.

Angie olhou para a carta em suas mãos.

Prezada Srta. Ribido: Temos o prazer de comunicar que aceitamos sua admissão na Universidade do Sul da Califórnia (...) curso de graduação (...) bolsa de estudos integral para ensino e alojamento (...) responder até 1º de junho...

– Eu sabia que você ia conseguir – disse Angie.

Queria abraçar Lauren e girar com ela pela sala, rindo, mas esse seria o entusiasmo adequado para garotas comuns e em tempos normais. Não era o caso.

– Não achei que fosse conseguir.

Angie nunca ouvira tanta tristeza na voz de Lauren. Era de cortar o coração. De todas as provas que vinha enfrentando no último ano, aquela – a realização do seu sonho – talvez fosse a mais dolorosa. Chegara o momento de

tomar uma decisão, e todos sabiam disso.

– Estou orgulhosa de você.

– Isso muda as coisas – disse Lauren, tão baixinho que Angie precisou se aproximar para ouvir.

Angie morreu de vontade de abraçá-la, mas David estava ali, segurando a mão dela.

– Não é impossível fazer faculdade tendo um bebê.

– Um bebê de 2 meses?

A voz de Lauren pareceu velha e distante. Ecoava e se perdia, como se ela atirasse palavras ruins num poço.

Angie fechou os olhos. Qualquer resposta àquilo seria mentira. Já sabia o que Lauren por certo iria logo descobrir: eram raras as creches que aceitavam bebês de 2 meses. E todas eram muito caras. Esfregou o nariz e suspirou de leve. Era como estar em um navio que afundava e sentir a água subindo.

– Isso é um problema – disse afinal, pois não fazia sentido mentir. – Mas você é uma garota forte e inteligente...

– Uma garota inteligente teria feito as coisas de outra forma – replicou Lauren.

Seus olhos se encheram de lágrimas de novo, apesar de ela tentar sorrir. Olhou para David, que assentiu de forma encorajadora. Lauren olhou para Angie com uma expressão de expectativa.

Por um momento ninguém falou nada.

Angie sentiu um arrepio percorrer sua espinha. De repente sentiu medo.

Lauren largou a mão de David e deu um passo à frente.

– Fique com o nosso filho, Angie.

Angie perdeu o fôlego. Sentiu os pulmões vibrarem com a falta de ar.

– Não diga isso – murmurou, usando as mãos para se defender das palavras.

Lauren deu outro passo. Chegou mais perto. Parecia tão jovem. Tão desesperada. Lágrimas enchiam seus olhos.

– Por favor. Queremos que você adote o nosso bebê. Passamos o dia conversando sobre isso. É a única saída.

Angie fechou os olhos, mal escutando o som minúsculo que escapou de seus lábios. Não podia voltar a sonhar. Isso quase a matara da última vez. Não podia pensar de novo em preencher seus braços vazios com...

... um bebê.

Não podia. Não era forte o suficiente.

No entanto... como poderia recusar esse pedido?

Um bebê.

Abriu os olhos.

Lauren a encarava. As bochechas pálidas e arredondadas da garota estavam marcadas por lágrimas. Os olhos escuros pareciam vermelhos e inchados. A carta da Universidade do Sul da Califórnia permanecia bem ali, um pedaço de papel que podia mudar vidas...

– Por favor – murmurou Lauren e recomeçou a chorar.

Foi como se o coração de Angie se encolhesse e ela ficasse vazia. Perdida. Para ela não restava dúvida de que deveria dizer não. Só que não havia como fazer isso.

Não poderia negar isso. Não a Lauren, e não a si mesma. Mas lá no fundo tinha consciência de que era a coisa errada a fazer, mesmo no momento em que disse em voz baixa:

– Sim, tudo bem.



– Tem alguma coisa errada com você hoje – disse Mama, ajeitando os óculos no nariz.

Angie desviou o olhar.

– Que absurdo, eu estou ótima.

– Você não está ótima. Jerrie Carl teve que pedir uma mesa três vezes antes que você respondesse.

– E quando o Sr. Costanza pediu vinho tinto, você entregou a garrafa na mão dele – completou Mira, enxugando as mãos no avental.

Angie não deveria ter ido à cozinha. Mira e a mãe farejavam sua aflição e, quando alertadas pelos sentidos, tendiam a agir juntas: perseguiam e esperavam.

– Eu estou bem.

Virou-se e saiu da cozinha.

No salão movimentado, sentiu-se menos exposta. Fez o melhor possível para trabalhar direito. Movimentava-se devagar, mas, dado seu estado de espírito,

qualquer movimento era uma vitória. Abria um sorriso amarelo e tentava fingir que estava tudo bem.

Mas a verdade era que não conseguia sentir quase nada. Durante as últimas 24 horas, vinha mantendo as emoções numa caixa trancada, incapaz de olhar o que havia dentro.

Era melhor não ver. Não queria olhar muito de perto aquele acordo faustiano que fechara com Lauren. Aquilo levaria as duas a uma jornada terrível, na qual só se veriam corações partidos. Angie se sentia trancada num quarto escuro e pequeno.

Foi até a janela e olhou para a noite. Os sons do restaurante movimentado esmaeceram, até que ela não ouviu mais nada além da pulsação do próprio coração.

E agora?

Era a pergunta que a mantivera acordada na noite anterior; a primeira coisa em que pensara de manhã.

Suas emoções eram um emaranhado de esperança e aflição. Não conseguia encontrar um ponto onde começar a organizá-las. Uma parte dela continuava pensando só em ter um bebê, e isso preenchia seu coração com uma ternura quase insuportável, mas no rastro daquele pensamento vinha sempre outro, o mais sombrio: *Lauren não vai conseguir fazer isso.*

De uma forma ou de outra, haveria corações partidos. No final daquele caminho havia uma escolha terrível: Lauren ou o bebê. Na melhor das hipóteses, Angie poderia ter uma ou o outro. Na pior, perderia os dois.

– Angie?

Ela se sobressaltou e se virou de repente. Conlan estava bem atrás dela, segurando uma dúzia de rosas.

Ela se esquecera do encontro com ele. Tentou sorrir, mas foi um sorriso fraco e desesperado, e Angie viu uma ruga de preocupação passar pela testa de Conlan.

– Você chegou cedo – falou, rindo alto demais, rezando para ser verdade.

Em geral, era.

Conlan manteve a testa enrugada.

– Um ou dois minutos. Tudo bem com você?

– Claro. Vou só pegar o casaco e me despedir.

Passou por ele e entrou na cozinha. Quando chegou à porta de vaivém, percebeu que não tinha pegado as flores.

Droga.

– Conlan está aqui – disse para Mama e Mira. – Vocês podem fechar sem mim esta noite?

As duas trocaram um olhar revelador.

– Então era isso – falou Mama. – Você estava pensando nele.

– Eu levo Lauren para casa – ofereceu-se Mira. – Divirtam-se.

Divertir-se.

Angie se esqueceu de rir e de se despedir. Voltou para o salão.

– Então, aonde vamos?

Pegou as flores da mão dele, fingindo que podia sentir seu perfume.

– Você vai ver.

Conlan a levou até o carro e a ajudou a sentar no banco do carona. Em poucos minutos rumavam em direção ao sul.

Angie ficou olhando pela janela. Vendo a própria imagem no vidro embaçado. Seu rosto parecia fino e comprido, esticado.

– É por causa das coisas do bebê?

Ela piscou e se virou para ele.

– O quê?

– Ontem você limpou o depósito, certo? É por isso que está tão calada?

Lá estava mais uma vez a hesitação na voz de Conlan, o tratamento com luvas de pelica. Odiou quanto aquilo era familiar.

– Ontem eu estava bem.

Teria se passado só um dia desde que estivera lá, ajoelhada na frente das relíquias de sua antiga esperança, acreditando que conseguira superar aquilo?

– De verdade?

– Eu encaixotei tudo e levei para Lauren.

A voz dela engasgou no nome e tudo voltou à sua mente.

Fique com o nosso filho, Angie.

– Você parecia tão bem... – comentou Conlan, ressabiado.

– Eu estava feliz por ter cuidado do assunto.

Esperava que sua voz não soasse ansiosa. Tanta coisa acontecera depois...

– Chegamos.

Conlan entrou em um estacionamento com chão de cascalho.

Angie esticou o pescoço e olhou pelo para-brisa. Viu uma linda mansão de pedra flanqueada por abetos e margeada por rododendros. *Sejam bem-vindos a Sheldrake Inn*, dizia o cartaz.

Olhou para Conlan e abriu o primeiro sorriso autêntico da noite.

– Isso é mais que um encontro.

Conlan sorriu.

– Agora você mora com uma adolescente. Eu preciso planejar com antecedência.

Os dois saíram do carro e entraram na aconchegante pousada.

Uma mulher com trajes vitorianos os recebeu na porta e os levou até a recepção.

– Sr. e Sra. Malone – disse o homem no balcão de recepção. – Chegaram bem a tempo.

Conlan preencheu a ficha, entregou o cartão de crédito e conduziu Angie pela escada. O quarto era uma linda suíte de dois cômodos com uma cama enorme de quatro pilares, uma lareira de pedra, uma banheira para duas pessoas e uma vista mágica da costa enluarada.

– Angie?

Ela se virou devagar.

Como posso contar a ele?

– Venha aqui.

Foi incapaz de resistir ao som da voz dele. Aproximou-se. Conlan a tomou em seus braços, segurando tão firme que ela se sentiu zozza.

Ela precisava contar. Agora. Se os dois tivessem algum futuro, ela precisava contar.

– Conlan...

Então ele a beijou docemente. Quando se afastou, olhou para ela.

Angie sentiu que se afogava no azul daqueles olhos.

– Nem acredito que você deu as coisas de bebê. Estou tão orgulhoso de você, Angie... Agora consigo respirar de novo ao olhar para você. Acho que só ontem percebi por quanto tempo guardei isso dentro de mim.

– Ah, Con... Nós precisamos...

Bem devagar, ele se apoiou num joelho. Sorrindo, mostrou a aliança dela.

– Descobri o que fazer com isso. Case-se comigo de novo.

Angie se ajoelhou como se desabasse.

– Eu te amo. Não se esqueça disso. Como meu pai dizia, eu te amo mais do que todas as gotas de chuva que caem.

Conlan franziu o cenho.

– Eu esperava um simples sim. Seguido de uma corrida para a cama.

– Meu sim não poderia ser mais simples, mas antes preciso contar uma coisa. Talvez você mude de ideia.

– Sobre querer me casar com você?

– Sim.

Conlan ficou olhando para ela por um longo tempo. Uma pequena ruga riscava sua testa.

– Tudo bem. Manda bala.

Angie respirou fundo.

– Ontem eu estava muito animada na hora que liguei para falar sobre as coisas do bebê. Mal podia esperar até chegar em casa e contar para Lauren.

Levantou-se e se afastou. Foi até a janela e olhou para as ondas que quebravam na praia.

– Quando cheguei em casa, ela estava chorando. E David também estava lá.

Conlan se levantou. Angie ouviu o rangido do velho assoalho de madeira. Provavelmente queria abraçá-la por trás, mas não se moveu.

– Lauren conseguiu uma bolsa integral na Universidade do Sul da Califórnia. A faculdade dos sonhos dela.

– E...?

– Isso mudou tudo – disse Angie em voz baixa, repetindo as palavras de Lauren. – Talvez com um filho um pouco maior ela conseguisse, mas com um bebê de 2 meses? Não dá para cursar a Universidade do Sul da Califórnia, trabalhar e cuidar de um recém-nascido.

Passou-se um bom tempo antes que Conlan se manifestasse. Quando falou, a voz era um fiapo; nem parecia a dele:

– E...?

Angie estreitou os olhos.

– Ela quer dar o bebê para adoção. Acha que é a melhor coisa a fazer.

– Provavelmente é mesmo. Ela é tão nova...

Chegou mais perto de Angie, mas não tocou nela.

– Ela disse: “Fique com o nosso filho.” Do nada. – Angie suspirou, sentiu que Conlan enrijecia. – Foi como se eu me envolvesse em um acidente de trânsito. Aquilo me pegou de repente.

– E você disse sim.

Angie notou a rigidez da voz dele. Virou-se, agradecida por Conlan pelo menos não ter se afastado.

– Que opção eu tinha? Eu amo Lauren. Talvez nunca devesse ter deixado que ela entrasse no meu coração... Não. Não, eu não vou dizer isso. Fico contente de ter agido dessa maneira. Foi assim que me recuperei. E voltei para você.

Abraçou-o pelo pescoço, puxando-o para tão perto que ele foi obrigado a olhar para ela.

– E se Sophia tivesse pedido isso para nós?

– Ela não é a Sophia – replicou Conlan.

Angie percebeu quanto dizer aquilo doía nele.

– Ela é a Sophia de alguém. É uma menina assustada de 17 anos que precisa de alguém que a ame, que cuide dela. Como posso negar, Con? Dizer para Lauren entregar o bebê a um estranho se eu estou bem aqui? Ou melhor, se *nós* estamos bem aqui.

– Que droga, Angie!

Passou por ela e entrou no outro cômodo.

Angie sabia que não deveria segui-lo, que deveria dar um tempo, mas a ideia de perder Conlan de novo a deixava desesperada.

– Como podemos dizer não a uma coisa dessas? – Entrou no outro cômodo e chegou por trás dele. – Você pode ser o treinador do time mirim dele...

– Não.

A voz de Conlan saiu quase irreconhecível.

– Como podemos dizer não? – repetiu Angie, com mais suavidade dessa vez, forçando-o a encará-la.

Assim que fez essa pergunta, lembrou-se do dia em que fora ao escritório dele, quando Diane contara: “Entrei duas vezes na sala dele este ano e vi que estava chorando.”

Conlan passou a mão pelo cabelo e suspirou.

– Acho que não consigo passar por isso mais uma vez. Sinto muito.

Angie fechou os olhos. Aquelas duas palavras finais lhe doeram até os ossos.

– Eu sei – concordou, baixando a cabeça.

Ele tinha razão. Como os dois poderiam – como ela poderia – arriscar tudo de novo? Lágrimas surgiam em seus olhos. Não havia solução. Não poderia perder Conlan mais uma vez... mas como dizer não a Lauren?

– Eu te amo muito, Con – sussurrou.

– Eu também te amo.

Ele pronunciou as palavras como se fossem uma maldição.

– Pode ser a nossa chance – continuou ela.

– Já acreditamos nisso antes – lembrou com rispidez. – Você sabe o que era para mim recolher os seus cacos, enxugar suas lágrimas, ver você chorar? Sempre com medo de que, de alguma forma, a culpa fosse minha.

Angie tocou no rosto dele.

– Você também chorava.

– Sim.

O tom de voz dele foi rude.

– Eu nunca enxuguei suas lágrimas. Como poderia, se nunca o vi chorar, não é mesmo?

– A sua dor era grande demais...

– Dessa vez é diferente, Con. Nós estamos diferentes. Podemos ser uma equipe. Talvez ela consiga levar isso adiante e nós seremos os pais que sempre quisemos ser. Ou talvez ela recue, e continuaremos só nós dois. De um jeito ou de outro, vamos ficar bem. Eu juro. – Apoiou-se sobre um joelho. – Case-se comigo, Conlan – murmurou.

Conlan olhou para ela, os olhos brilhantes.

– Que droga! – exclamou, ajoelhando-se devagar. – Não consigo mais viver sem você.

– Então viva comigo. Por favor... – Angie o beijou. – Confie em mim, Conlan. Desta vez vai ser para sempre.



Lauren ouviu o carro de David chegar. Correu para abrir a porta, esperando por ele.

Pela primeira vez em meses, ele estava sorrindo.

– Você está pronta para isso? – perguntou, encaixando a mão dela entre as dele.

– Mais pronta do que nunca.

Os dois cruzaram o jardim e entraram no carro. Pelo caminho todo até Mountainaire ele falou sobre o Porsche. A relação entre as marchas, a velocidade na curva e as cores da pintura. Lauren notou quanto David estava nervoso e, estranhamente, a ansiedade dele a deixou mais calma. Quando chegaram à casa dele, David estacionou o carro, respirou fundo e olhou para ela.

– Tem certeza?

– Tenho.

– Certo.

Percorreram o caminho de pedra. David abriu a porta e a acolheu na elegância de seu lar.

– Mãe. Pai – chamou.

– Tem certeza que eles estão em casa? – cochichou Lauren, pegando na mão dele.

– Estão. Eu disse que nós precisávamos conversar.

O Sr. e a Sra. Haynes entraram na sala logo em seguida, como se os esperassem no cômodo ao lado.

A Sra. Haynes observou a barriga redonda de Lauren.

O Sr. Haynes evitou olhar para ela. Levou os dois até a sala do piso inferior, onde tudo era em tom pastel e nada ficava fora do lugar.

A não ser, é claro, que se levasse em conta a garota grávida.

– Então – disse o Sr. Haynes quando todos se sentaram.

– Como você está? – perguntou a Sra. Haynes, com uma voz tensa.

Ela não conseguia encarar Lauren.

– Acima do peso, mas feliz. Meu médico diz que está tudo perfeito.

– Lauren conseguiu uma bolsa integral na Universidade do Sul da Califórnia – contou David.

– Que maravilha! – exclamou a Sra. Haynes.

Olhou para o marido, que se inclinou para a frente no assento.

Lauren pegou na mão de David e segurou firme. Sentia-se surpreendentemente calma.

– Nós resolvemos dar o bebê para adoção.

– Graças a Deus – disse o Sr. Haynes, com um suspiro estridente.

Pela primeira vez, Lauren notou a tensão no maxilar dele, a preocupação no olhar. O alívio mudou seu rosto. Finalmente sorriu.

A Sra. Haynes foi sentar ao lado de Lauren.

– Não deve ter sido uma decisão fácil para você.

Lauren ficou grata por aquelas palavras.

– Não foi mesmo.

A Sra. Haynes fez menção de tocar nela, mas recuou a mão no último segundo. Lauren teve a estranha impressão de que a mãe de David tinha medo de encostar nela.

– Acho que é melhor assim. Vocês dois são tão novos... Vamos ligar para o advogado e...

– Nós já escolhemos os pais – disse Lauren. – Minha... empregadora. Angie Malone.

A Sra. Haynes aquiesceu. Embora estivesse aliviada, pareceu triste por alguma razão. Debruçou-se, pegou sua bolsa e a pôs no colo. Tirou um talão de cheques, preencheu uma folha, destacou e se levantou. Entregou o cheque a Lauren.

Era de 5 mil dólares.

Lauren levantou a cabeça.

– Não posso aceitar.

A Sra. Haynes olhou para ela. Pela primeira vez, Lauren percebeu suas rugas por baixo da maquiagem.

– É para ajudar na faculdade. Los Angeles é uma cidade cara. A bolsa de estudos não vai cobrir todas as despesas.

– Mas...

– Deixe-me fazer isso – disse com suavidade. – Você é uma boa garota, Lauren. A caminho de se tornar uma boa mulher.

Lauren engoliu com dificuldade, surpresa por quanto se comoveu com aquele simples elogio.

– Obrigada.

A Sra. Haynes começou a se afastar, mas parou e se virou.

– Talvez você possa me dar uma fotografia do meu... do bebê quando ele

nascer.

Era a primeira vez que Lauren pensava no bebê como neto deles.

– É claro – respondeu.

A Sra. Haynes continuou olhando para ela.

– Você acredita que vai conseguir fazer isso?

– Eu preciso. É a coisa certa a fazer.

Depois daquilo, não havia mais nada a dizer.

VINTE E NOVE



*E*ra quase meia-noite quando Lauren voltou para casa.

Fechou a porta e se encostou nela, soltando um suspiro entrecortado. Mal podia esperar para ir para a cama e fechar os olhos. O dia deixara suas marcas.

Tocou na barriga e sentiu um chutinho.

– Ei – murmurou para o bebê enquanto ia para a sala de estar.

Estava na sala de jantar quando notou o fogo na lareira e a música dos alto-falantes. Uma melodia suave, “Somewhere over the Rainbow” tocada numa guitarra havaiana.

Angie e Conlan estavam diante da lareira.

– Ah! – exclamou Lauren, surpresa. – Achei que vocês estivessem fora numa viagem romântica.

Angie se levantou e se aproximou de Lauren. Quando chegou mais perto, estendeu a mão esquerda, onde brilhava um grande diamante.

– Nós vamos nos casar de novo.

Lauren deu um gritinho e se jogou nos braços dela.

– Que *maravilha*! – exultou, dando um forte abraço em Angie.

Só então percebeu quanto se sentira sozinha o dia todo, quanto sentira falta dela. Não conseguia largar Angie.

– Agora meu filho também vai ter um pai – comemorou Lauren.

Sentiu-se uma tola; uma garota que deveria se comportar como mulher.

– Desculpe – falou, afastando-se.

Tinha dito “meu filho”.

– Na verdade, Lauren, foi para conversar sobre isso que nós voltamos para

casa – disse Conlan.

Lauren fechou os olhos por um momento, assolada por uma onda de exaustão. Não sabia se conseguiria falar mais sobre o bebê.

Porém não tinha escolha.

– Tudo bem.

Angie pegou na mão dela e a apertou. O contato ajudou. Juntas, de mãos dadas, foram até o sofá e se sentaram.

Conlan continuou na lareira. Inclinado para a frente, os braços apoiados nas coxas. Seus cabelos compridos cobriam parte do rosto. Sob o reflexo das chamas, os olhos pareciam de um azul inacreditável.

Lauren se sentiu transpassada por aqueles olhos. Ficou desconfortável e tentou se ajeitar no sofá.

– Você ainda é uma criança – disse Conlan, com a voz surpreendentemente calma. – Por isso, sinto muito sobre tudo o que está passando.

Lauren sorriu.

– Eu deixei de ser criança alguns meses atrás.

– Não. Você teve que enfrentar uma realidade de adultos. Não é o mesmo que ser adulta – ressaltou Conlan e então suspirou. – A questão é que... Angie e eu estamos com medo.

Lauren não esperava aquilo.

– Achei que vocês quisessem o bebê.

– Nós queremos, sim – garantiu Angie com a voz tensa. – Talvez até demais...

– Então deveriam estar felizes. – Lauren olhou de Conlan para Angie. – Eu estou dando o bebê a vocês... Ah! – De repente, se deu conta. – A outra garota. A que mudou de ideia.

– Sim – concordou Angie.

– Eu não faria isso com vocês. Prometo. Quero dizer... eu amo vocês. E amo meu filho. O filho *de* vocês. E quero fazer a coisa certa.

Angie tocou no rosto de Lauren.

– Nós sabemos disso, Lauren. Só queremos...

– Precisamos – interrompeu Conlan.

–... saber se você pensou bem a respeito. Se tem certeza. Não vai ser fácil fazer isso.

– Será mais difícil do que ser mãe aos 17 anos?

O sorriso de Angie era tão delicado quanto seu toque.

– Essa é a resposta da sua cabeça. Eu fiz uma pergunta ao seu coração.

– Nada disso está sendo fácil – disse Lauren, enxugando os olhos. – Mas eu pensei muito a respeito. E essa é a melhor solução. Podem confiar em mim.

Um silêncio se seguiu àquela afirmação. Rompido apenas pela lenha que caiu na lareira e levantou uma saraivada de faíscas sibilantes.

– Nós achamos que você deveria conversar com um conselheiro – disse Conlan afinal.

– Por quê?

Angie tentava sorrir, como se quisesse mostrar que aquilo não era nada, só mais uma conversa de fim de noite. Porém a tristeza de seu olhar a traía.

– Porque eu te amo, Lauren, e, por mais que deseje adotar o seu filho, sei o que teremos à frente. O que *você* tem pela frente. Uma coisa é decidir dar o bebê. Outra é fazer isso. Eu quero que você tenha *certeza*.

Lauren quase não ouviu mais nada depois de *Eu te amo*. Só David tinha dito aquelas palavras a ela. Deu um abraço forte em Angie.

– Eu nunca magoaria você – murmurou numa voz rouca. – Nunca.

Angie se afastou.

– Eu sei disso.

– Então você vai falar com um conselheiro? – perguntou Conlan, soando um pouco mais que temeroso.

– É claro. – Lauren conseguiu dar seu primeiro sorriso autêntico do dia. – Eu faria qualquer coisa por vocês.

Foi a vez de Angie abraçá-la. A distância, com uma voz muito baixa, Lauren ouviu Conlan dizer:

– Então não a magoe.



O escritório do advogado estava cheio de gente. Do lado esquerdo da sala, em cadeiras bem juntas, encontrava-se a família Haynes. À direita, Angie ocupava uma cadeira ao lado de Conlan. A cadeira de Lauren ficava no meio. Embora não houvesse muito espaço entre ela e os outros, Lauren parecia

vagamente sozinha, à parte.

Angie se levantou para se aproximar dela.

Nesse momento o advogado entrou na sala. Era um homem alto e imponente, usava um terno preto elegante. Chamou atenção ao dizer:

– Bom dia a todos.

Angie voltou a se sentar.

– Meu nome é Stu Phillips – disse, estendendo a mão para Conlan, que logo se levantou.

– Conlan Malone. Essa é minha... Angie Malone.

Angie apertou a mão do advogado e voltou a se sentar. Mantinha-se o mais imóvel possível e tentava não se lembrar da última vez que os dois estiveram numa reunião como aquela.

Estamos com um bebê, Sra. Malone. A mãe é uma adolescente.

– Então, jovem – disse Stu, olhando para Lauren com delicadeza. – Tomou uma decisão?

– Sim, senhor.

A voz dela saiu quase inaudível.

– Muito bem. Primeiro, vamos começar com a parte burocrática. Devo avisar a todos que às vezes é problemático que as duas partes tenham o mesmo advogado em uma adoção. É legal neste estado, mas nem sempre aconselhável. Se acontecer alguma coisa, como algum desacordo, eu não vou poder representar nenhuma das partes.

– Não vai acontecer nada – assegurou Lauren, dessa vez com a voz mais forte. – Já tomei minha decisão.

Stu olhou para Conlan.

– Vocês dois estão preparados para os riscos de terem um advogado em comum?

– No caso, esse é o nosso menor risco, Stu – respondeu Conlan.

Stu tirou alguns papéis de uma pasta e os empurrou pelo tampo da mesa.

– Basta assinarem esses documentos para seguirmos adiante. Dizem apenas que vocês aceitam os riscos de terem o mesmo representante.

Os documentos foram assinados e Stu os guardou. Durante a hora seguinte ele falou sobre o processo. Quem pagaria pelo quê, o que precisava ser assinado por quem, as leis do estado de Washington, a avaliação de domicílio que

precisava ser feita, a extinção dos direitos dos pais biológicos, os deveres atribuídos ao tutor legal e o tempo e as despesas envolvidos em todo o processo.

Angie já tinha ouvido tudo aquilo e sabia que, no fim, a parte técnica não valia nada. O que importavam eram as emoções. Os sentimentos. Podiam-se assinar todos os documentos do mundo e fazer um caminhão de promessas, mas não dava para saber como estariam os sentimentos quando chegasse o momento. Por isso a adoção só podia ser legalmente finalizada depois do nascimento. Lauren daria à luz e só depois abriria mão de seus direitos.

O coração de Angie doía só de pensar nisso. Olhou para a esquerda.

Lauren estava imóvel na cadeira, as mãos cruzadas no colo. Mesmo com a barriga arredondada, parecia jovem e inocente. Uma garota que tinha engolido uma melancia. Assentiu com convicção a algo que o advogado perguntou.

Angie queria se aproximar, ajoelhar ao seu lado e segurar sua mão, dizer *Você não está sozinha nisso*. Porém a triste verdade era que logo Lauren *estaria* sozinha. O que poderia ser mais solitário do que entregar o próprio filho?

E Angie não poderia fazer nada para proteger Lauren naquele momento.

Fechou os olhos. Como seria possível passarem por tudo isso com os corações intactos? Como...

Sentiu um puxão na manga. Piscou e olhou para o lado.

Conlan a encarava. Assim como o advogado, Lauren e todos na sala.

– Você me perguntou alguma coisa? – indagou, sentindo o rosto corar.

– Como ia dizendo – continuou Stu –, eu gosto de traçar um plano de adoção. Faz tudo funcionar melhor. Vamos começar?

– Sem dúvida – respondeu Angie.

Stu olhou de Angie para Lauren.

– Que tipo de comunicação vocês desejam ter depois da adoção?

Lauren franziu o cenho.

– Como assim?

– Depois que os Malones adotarem o seu filho, imagino que queira ter algum tipo de contato. Telefonemas no aniversário da criança, talvez no Natal. Cartas e fotografias ao menos uma vez por ano.

Lauren respirou fundo. Foi quase um arquejo. Obviamente ela não pensara nesse futuro distante, não percebera que a adoção mudaria a convivência de todos. Virou-se para Angie, que de repente se sentiu frágil como uma folha no

inverno.

– Nós vamos manter contato o tempo todo – disse Angie ao advogado, notando a inflexão da própria voz. – Nós somos... Lauren é como se fosse da família.

– Não sei bem se esse tipo de abertura é do melhor interesse da criança – explicou o advogado. – Limites mais bem-delineados costumam ser mais eficazes. Nós percebemos que...

– Ah – fez Lauren, mordendo o lábio inferior. Não estava ouvindo o advogado. Olhava para Conlan e Angie. – Eu não tinha pensado nisso.

– Um bebê só precisa de uma mãe – falou o advogado.

David se aproximou e pegou na mão de Lauren.

– Querida, nós não precisamos fazer uma adoção igual às outras – garantiu Angie.

Teria dito mais, porém sua voz falseou, embargou, e ela não conseguiu pensar em mais nada. Não conseguia pensar em deixar Lauren se afastar da vida deles... mas que outro fim poderia haver para tudo aquilo?

Lauren a encarou. A tristeza nos olhos escuros da garota era quase insuportável. Naquele momento pareceu velha, até uma anciã.

– Eu não imaginava... Deveria ter entendido – falou, depois tentou sorrir. – Você vai ser a melhor mãe do mundo, Angie. Meu filho tem sorte.

– Nosso filho – disse David em voz baixa.

Lauren lhe abriu um sorriso de cortar o coração.

Angie ficou em silêncio, sem saber o que dizer.

Finalmente, Lauren olhou para o advogado e disse:

– Diga como funciona melhor, por favor.

A reunião prosseguiu por um bom tempo; palavras foram trocadas e postas no papel, marcas pretas que delineavam como cada um se comportaria.

O tempo todo Angie queria se aproximar de Lauren, abraçar a garota e dizer que ia dar tudo certo.

Mas naquele momento, naquela sala cheia de leis e de regras, rodeada por corações que não sabiam bem o que sentir, ela se perguntava: *Será que vai dar tudo certo?*



Pela primeira vez em muito tempo, não choveu no domingo de Páscoa. O sol se ergueu num céu claro e azul. As calçadas se encheram de gente, a maioria usando o melhor traje de domingo enquanto se dirigia à igreja.

Angie caminhava entre Conlan e Lauren. À frente, os sinos começaram a tocar. Os amigos e familiares entravam na igreja.

Angie deu uma parada à porta. Conlan e Lauren não tiveram opção a não ser pararem também.

– Vamos contar tudo a eles mais tarde. Na caça aos ovos de Páscoa, está bem?

Os dois concordaram.

Angie tocou na aliança, girando-a para esconder o diamante. Esse truque não enganaria as DeSarias por muito tempo, mas Angie torceu para que elas estivessem atentas demais à missa para perceber. Deu um passo à frente.

Lauren a deteve com um toque.

– O que foi, querida?

Havia uma expressão nos olhos de Lauren que Angie não conseguiu interpretar. Uma espécie de reverência, talvez, como se ir à igreja com a família fosse uma dádiva rara. Ou poderia ser ansiedade. Todos estavam nervosos a respeito do que viria a seguir.

– Pegue na minha mão – ofereceu-se Angie.

– Obrigada – disse Lauren, desviando logo o olhar, mas não antes que Angie notasse as súbitas lágrimas da garota.

De mãos dadas, subiram os degraus de concreto e entraram na bela e antiga igreja.

A missa levou uma eternidade e pareceu não durar o suficiente. Angie se concentrou em ajudar Lauren a se ajoelhar e se levantar.

Quando teve sua oportunidade de rezar, ajoelhou-se no genuflexório acolchoado, baixou a cabeça e rezou: *Deus querido, por favor, nos mostre o caminho certo para tudo isso. Mantenha-nos a salvo. Proteja e cuide de Lauren. Esse é o meu pedido. Amém.*

Quando a missa acabou, todos desceram ao subsolo da igreja, onde dezenas de bolos e biscoitos eram servidos. Angie manteve a mão esquerda no bolso enquanto conversava com amigos e a família.

Por fim as crianças foram para o pátio, todas falando ao mesmo tempo e

levando caixinhas que elas mesmas haviam enfeitado para carregar os ovos que encontrassem.

A congregação começou a andar em direção às portas. Todos saíram para o frio da manhã luminosa, uma multidão de pessoas bem-vestidas e com algo em comum. Atravessaram a rua e entraram no parque.

Angie começou pelo gira-gira vazio. A luz do sol fazia com que brilhasse como uma moeda de prata.

Conlan chegou ao lado dela e a enlaçou pela cintura. Angie sabia que ele também pensava em Sophia. Quantas vezes não ficaram ali observando outras crianças brincarem e sonhando com um filho? Dizendo em silêncio um para o outro: *um dia*.

Algumas crianças subiram no gira-gira e deram impulso.

– Muito bem, crianças – disse o padre O’Houlihan com seu sotaque cantarolado irlandês –, tem ovos escondidos por aí em toda parte. Podem ir.

As crianças gritaram e saíram em busca dos ovos.

Lauren se aproximou da pequena Dani, ao lado de Mira.

– Vamos – chamou Lauren, tentando se ajoelhar, mas desistindo. – Eu ajudo você a procurar.

Pegou Dani pela mão e lá foram as duas.

Em instantes, todo o clã DeSaria estava aglomerado. Eram como gansos, pensou Angie. De alguma forma sempre voavam em formação. A conversa também soava meio cantada, com tantas vozes ecoando ao mesmo tempo.

Angie pigarreou.

Conlan apertou a mão dela e abriu um sorriso encorajador.

– Eu tenho duas coisas para contar – começou Angie.

Como ninguém prestou atenção, ela falou mais alto.

Mama deu um cascudo na cabeça do tio Francis.

– Fique quieto. Nossa Angela tem algo a dizer.

– Maria, um dia eu ainda vou revidar – reclamou tio Francis, esfregando a nuca.

Mira e Livvy se aproximaram.

Angie mostrou a aliança.

Os gritos que vieram em seguida poderiam ter estilhaçado vidraças por toda a cidade. A família avançou como uma onda, atropelando Angie e Conlan.

Todos falavam ao mesmo tempo, dando os parabéns, fazendo perguntas e dizendo que já sabiam daquilo havia muito tempo.

Quando a onda recuou e todos voltaram aos seus lugares, foi Mama quem se lembrou:

– Qual é a segunda coisa? – perguntou.

– O quê? – indagou Angie, aproximando-se de Conlan.

– Você disse que tinha duas coisas para nos contar. Qual é a outra? Você vai sair do restaurante?

– Não. Na verdade eu acho... nós achamos que vamos morar em West End desta vez. Conlan assinou um contrato para escrever um livro e vai ser responsável por uma coluna semanal no jornal. Vai poder trabalhar aqui mesmo.

– Essa é uma ótima notícia – disse Mama.

Livvy se aproximou mais um pouco.

– Então qual é a outra novidade, irmãzinha?

Angie procurou a mão de Conlan. Ficou segurando-a, fazendo dele um porto seguro.

– Nós vamos adotar o bebê de Lauren.

Dessa vez foi o silêncio que poderia ter quebrado vidros. Angie o sentiu nos ossos.

– Não é uma boa ideia – falou a mãe afinal.

Angie se agarrou à mão de Conlan.

– O que eu poderia fazer? Dizer não? Ficar olhando enquanto ela dá o bebê a estranhos?

A família se virou ao mesmo tempo em direção a Lauren. Ela estava perto do balanço, de quatro, remexendo na grama alta. A pequena Dani estava ao seu lado, rindo e apontando. Àquela distância, pareciam como qualquer jovem mãe e sua filha.

– Lauren tem um grande coração e um passado triste – opinou Mama. – É uma combinação perigosa, Angela.

Livvy deu um passo à frente.

– Você vai aguentar? – perguntou com delicadeza, fazendo a única pergunta que realmente importava. – Se ela mudar de ideia.

Angie olhou para Conlan, que sorriu e aquiesceu. *Juntos, nós podemos aguentar qualquer coisa*, dizia aquele olhar.

– Sim – respondeu Angie, arranjando um sorriso bem convincente. – Eu consigo aguentar. A parte mais difícil vai ser me despedir de Lauren.

– Mas você vai ficar com o bebê – disse Mira.

– Talvez – emendou Mama. – Daquela outra vez...

– Isso não está em votação – interrompeu Conlan, então todos se calaram.

Os olhares se voltaram de novo para Lauren. Em seguida, todos, um por um, começaram a conversar sobre outras coisas, mais banais.

Angie suspirou. A tempestade fora enfrentada e ela sobrevivera. Ah, haveria fofocas na família queimando as linhas telefônicas, com todos dissecando a notícia e formulando suas opiniões. Essas opiniões seriam lançadas de um lado a outro diariamente. Algumas chegariam a Angie. A maioria, não.

Não fazia diferença. Não havia nada que pudessem dizer que Angie já não tivesse pensado ou previsto.

Algumas coisas na vida, porém, não se podiam procurar. Só se podia esperar por elas. Como o clima. Às vezes você olha para o horizonte e vê um bando de nuvens de tempestade. Mas isso não garante que vá chover no dia seguinte. O dia pode também ser claro e ensolarado.

Não havia como saber.

A única coisa a fazer era seguir em frente e tocar a própria vida.



Ao longo da última hora, os carros não pararam de chegar. A cada minuto a porta se abria e novos convidados entravam na casa, trazendo pacotes de comida e presentes embrulhados em papéis enfeitados. Havia homens na sala de estar, tomando cerveja e assistindo a competições esportivas na velha televisão. Pelo menos umas doze crianças se reuniam na saleta, algumas em torno de jogos de tabuleiro, outras fazendo bonecos Ken dançarem com Barbies, outras ainda jogando Nintendo.

Mas o cerne da ação se passava na cozinha. Mira e Livvy preparavam bandejas de antepastos – provolone, pimentões assados, atum, azeitonas, bruschettas. Maria depositava porções de *manicotti* caseiro em travessas de porcelana, Angie tentava fazer creme de ricota para os *cannoli*. No canto, sobre uma mesinha de cozinha que de alguma forma chegara a acomodar toda a

família DeSaria em refeições casuais, um bolo de casamento com três andares se erguia acima de um mar de guardanapos e talheres.

– Lauren – chamou Maria. – Pode começar a preparar o bufê na sala de jantar.

Imediatamente, a garota foi até a mesinha e começou a pegar os utensílios. Iniciou pelos talheres e guardanapos.

Levou tudo para a sala de jantar e ficou olhando a enorme mesa, coberta por uma toalha de tecido adamascado verde-clara e com um vaso cheio de rosas brancas no centro.

Essa mesa seria muito fotografada. Ela precisava fazer tudo certo. Mas como?

– Os talheres ficam aqui, no começo – disse Angie, chegando ao seu lado. – Assim.

Lauren ficou olhando Angie organizar os talheres numa bela formação. Então lhe ocorreu um pensamento que a fez respirar fundo: *Em breve eu não vou estar mais aqui.*

– Tudo bem com você, querida? De repente ficou com cara de quem perdeu a melhor amiga.

Lauren forçou um sorriso.

– Acho que você não deveria pôr a mesa do próprio casamento – replicou depressa.

– Essa é a melhor coisa em se casar com a mesma pessoa. O que conta é o casamento, não a cerimônia. Só estamos fazendo isso por Mama – disse e chegou mais perto. – Eu falei que não precisava de nada disso, mas você conhece a minha mãe.

Voltou a organizar os talheres.

Angie se afastou um pouco para a esquerda e de repente pareceu a Lauren que havia um vasto espaço entre as duas.

– Você quer menino ou menina?

A mão de Angie estacou no ar, com duas facas suspensas acima da mesa. O momento pareceu se escoar. O barulho que vinha de outro cômodo as cercava, mas ali, na sala de jantar, só se ouvia o som de duas mulheres respirando lentamente.

– Não sei – respondeu Angie afinal, voltando a organizar os talheres. – O que

importa é que tenha saúde.

– A conselheira que você me recomendou... falou que eu deveria me sentir livre para fazer perguntas. Disse que é melhor deixar tudo às claras.

– Pode falar sobre qualquer coisa comigo. Você sabe disso.

– Aquele plano de adoção que fizemos...

Lauren começou a fazer a pergunta que a mantivera acordada na noite anterior, mas perdeu a coragem no meio da frase.

– Sim?

Engoliu com dificuldade.

– Você vai cumprir? Escrever cartas e mandar fotografias?

– Ah, querida... É claro que vou.

Algo na maneira como ela disse *querida*, com tanta delicadeza, cortou o coração de Lauren. Não conseguiu conter a emoção.

– Você vai me esquecer.

A expressão de Angie se desfez. Lágrimas brilhavam em seus olhos quando tomou Lauren nos braços e disse com toda a convicção:

– Nunca.

Foi Lauren quem se desvencilhou primeiro. Em vez de consolá-la, o abraço só a deixara mais solitária. Levou uma das mãos à barriga e sentiu os movimentos suaves do bebê. Ia pedir que Angie tocasse na barriga, mas nessa hora David chegou. Lauren correu até ele e deixou que a abraçasse.

A solidão que a acometera pouco antes se dissipou. Ela não ficaria sozinha depois do bebê. Teria David ao seu lado.

– Você está ótima – disse David.

Aquilo a fez sorrir, mesmo sendo mentira.

– Eu estou grande como esta casa.

David riu.

– Eu gosto bastante de casas. Aliás, estou pensando em seguir carreira de arquiteto.

– Espertinho.

Passou o braço ao redor dela e se dirigiu à comida. No trajeto, contou todas as fofocas da escola. Lauren ria quando a música começou a tocar e Maria levou todo mundo para o quintal, onde uma pérgula alugada fora entremeada por centenas de rosas de seda.

Conlan estava debaixo da pérgula, de calça Levi's preta e suéter preto de gola redonda. O padre O'Houlihan se postava atrás, todo paramentado.

Ao som dos acordes de "Unforgettable", de Nat King Cole, Angie saiu pelo caminho de pedra. Usava um suéter branco de caxemira tricotado e uma saia branca de gaze. Estava descalça e com os longos cabelos escuros ao vento. O buquê era uma única rosa.

Lauren ficou observando maravilhada.

Quando Angie passou, ela sorriu. Seus olhares se encontraram, sustentaram-se por um breve momento, e Lauren pensou: *Eu também te amo.*

Era loucura...

Angie deu a rosa para ela e continuou andando.

Lauren ficou olhando com perplexidade para a rosa. Mesmo ali, naquele momento que era tão dela, Angie tinha pensado em Lauren.

– Veja como você tem sorte – cochichou para o bebê, levando a mão à barriga redonda. – Essa vai ser a sua mãe.

Não entendeu bem por que aquilo a fez ter vontade de chorar.

TRINTA



*E*m uma segunda-feira chuvosa do final de abril, Maria decidiu que Angie precisava aprender a cozinhar. Apareceu cedo, com uma grande caixa de papelão cheia de mantimentos. Não houve argumentos que a fizessem mudar de ideia.

Lauren olhava da porta e tentava não rir dos protestos de Angie.

– Do que você está rindo? – falou Maria, fincando as mãos no quadril. – Você também vai aprender. Podem se vestir, as duas, e estejam de volta a esta cozinha em dez minutos.

Lauren subiu a escada correndo, trocou a camisola de flanela por uma legging preta e uma velha camiseta do time da Fircrest. Quando voltou à cozinha, Maria a avaliou.

Lauren ficou parada, com um sorriso hesitante.

– O que eu devo fazer?

Maria se aproximou. Meneou a cabeça e estalou a língua.

– Você é jovem demais para ter olhos tão tristes – disse em voz baixa.

Lauren não soube o que responder.

Maria tirou um avental da caixa e o entregou a Lauren.

– Pegue. Vista isso.

Lauren fez o que ela mandou.

– Agora venha aqui.

Maria foi até a bancada e começou a tirar ingredientes da caixa.

Quando Angie voltou à cozinha, de jeans e camiseta, viu uma montanha de farinha na tábua de picar e uma tigela de metal cheia de ovos ao lado.

– Massa – deduziu, franzindo a testa.

Durante a hora seguinte elas trabalharam lado a lado. Maria ensinou as duas a fazer um buraco no centro da farinha e enchê-lo com a quantidade certa de ovos, depois amassar a mistura com cuidado para não ficar dura. Enquanto Lauren aprendia a esticar a massa, Angie foi até a sala e ligou o som, entusiasmada.

– Assim fica melhor – falou, voltando para a cozinha dançando.

Maria entregou a Lauren um cortador de metal.

– Agora corte a massa em quadrados de mais ou menos 5 centímetros.

Lauren franziu o cenho.

– Eu posso estragar tudo. Talvez Angie devesse tentar.

Angie deu uma risada.

– É. Com certeza eu sou uma escolha melhor.

Maria acariciou o rosto de Lauren.

– Sabe o que acontece quando a gente erra?

– O quê?

– A gente enrola de novo e tenta outra vez. Pode recortar.

Lauren pegou o cortador e começou a fatiar a massa em quadrados. Nem um químico de laboratório agiria com mais cuidado.

– Está vendo isso, Angie? – perguntou Maria. – Sua menina tem talento.

Sua menina.

Aquelas duas palavras ficaram na cabeça de Lauren a manhã toda, aquecendo-a. Enquanto recheavam o *tortellini* e terminavam a massa, ela se pegou sorrindo. Às vezes até ria, sem nenhuma razão.

E detestou quando a aula de culinária acabou.

– Bem – disse Maria afinal –, agora preciso ir. Meu jardim me chama. Tenho umas mudas para plantar.

Angie riu.

– Graças a Deus – brincou, dando uma piscadela para Lauren. – Acho que vou continuar trazendo sobras do restaurante.

– Um dia você ainda vai se arrepender por renegar sua herança, Angela.

Angie passou um braço pela mãe, puxando-a para si.

– Eu só estou brincando, mamãe. Adorei a aula. Amanhã vou comprar um livro de receitas e tentar fazer alguma coisa por conta própria. Que tal?

– Muito bem.

Maria abraçou as duas, despediu-se e saiu. Lauren foi até a pia e começou a lavar os pratos. Angie se pôs ao seu lado. As duas lavaram e enxugaram a louça no ritmo fácil que tinham criado nos últimos meses.

Depois que os pratos foram guardados, Angie falou:

– Preciso ir até a sede do Projeto Ajudando o Vizinho. Tenho um encontro com o diretor. A campanha do agasalho teve uma adesão tão grande que estamos tentando planejar outra mobilização.

– Ah.

Lauren ficou ali mesmo, enxugando as mãos, enquanto Angie saía de casa apressada. A porta se fechou. Lá fora, um carro deu a partida.

Foi até a janela e olhou para fora enquanto Angie se afastava. Na sala, o CD mudou. Bruce Springsteen começou a cantar com sua voz rouca: *Baby, we were born to run...*

Lauren correu até o aparelho de som e tirou a música depressa. O silêncio se abateu sobre a casa. Tão profundo que ela pensou ouvir os dedos de Conlan no laptop no andar de cima, mas isso era impossível.

Tentou não pensar na mãe, mas no momento isso também era impossível.

– Achei que garotas da sua idade adorassem o Bruce – disse Conlan atrás dela.

Lauren se virou devagar.

– Oi – falou.

Nas semanas seguintes ao casamento, Lauren tinha tentado manter certa distância de Conlan. Moravam na mesma casa, claro, por isso não era tão fácil. Mas sentia certa hesitação da parte dele, uma falta de vontade de conhecê-la.

Ficou de costas para a janela e olhou para ele, torcendo as mãos com nervosismo.

– Angie foi até a cidade. Deve voltar logo.

– Eu sei.

Claro que ela avisara o marido. Sentiu-se idiota por ter dito aquilo.

Conlan atravessou o cômodo e se aproximou.

– Você fica nervosa quando estou por perto.

– Você também fica nervoso perto de mim.

Conlan sorriu.

– *Touché*. Eu ando meio preocupado, só isso. Às vezes Angie... é meio frágil.

Pensa com o coração.

– E você acha que vou magoá-la?

– Não de propósito.

Lauren não tinha resposta para aquilo, por isso mudou de assunto.

– Você tem vontade de ser pai?

Alguma coisa se passou pelos olhos dele naquele momento, certa tristeza, talvez. Ela se arrependeu de ter perguntado.

– Tenho.

Os dois ficaram se olhando. Lauren percebeu que ele tentava sorrir e isso a magoou e também fez com que se sentisse mais próxima de Conlan. Sabia o que era uma decepção.

– Eu não sou como aquela outra garota, sabe?

– Sei.

Conlan se afastou, como se quisesse abrir distância entre os dois, e sentou no sofá. Lauren se sentou na mesa de centro.

– Que tipo de pai você seria?

A questão pareceu abalar Conlan. Hesitou e olhou para as próprias mãos. Levou um bom tempo para responder e, quando enfim falou, foi com uma voz suave:

– Um pai presente, eu imagino. Não perderia nenhum compromisso. Nenhum jogo, nenhuma competição na escola ou consulta a um dentista – falou primeiro, depois levantou a cabeça para prosseguir: – Eu levaria minha filha... ou filho ao parque, e à praia, e ao cinema.

Lauren prendeu a respiração. O anseio comprimiu seu peito. Até a resposta tranquila de Conlan não tinha percebido que sua verdadeira pergunta era: O que um pai faz?

Conlan continuou a encará-la, e Lauren voltou a ver aquela tristeza nos olhos dele, além de um novo entendimento. De repente se sentiu transparente, vulnerável. Levantou-se.

– Acho que vou ler um pouco. Acabei de começar o novo livro do Stephen King.

– Nós poderíamos ir ao cinema – sugeriu Conlan com gentileza. – Está passando *Uma aventura na Martinica* no cinema da cidade.

Lauren quase não conseguiu encontrar sua voz para responder:

– Nunca ouvi falar.

Conlan se levantou.

– Humphrey Bogart e Lauren Bacall? A maior dupla do cinema de todos os tempos? Isso é um crime. Vamos lá.



Maio rugiu pelo oeste de Washington. Os dias se seguiram quentes e luminosos. Por toda a cidade as rosas e suas fragrâncias desabrochavam. De um dia para o outro, ao que parecia, os cestos pendurados ao longo da Driftwood Way passaram de ressecados, cinzentos e invisíveis a exuberantes cascatas de cores. Lavandas, lobélias roxas, gardêneas vermelhas e amores-perfeitos amarelos. O ar tinha perfume de flores desabrochando, maresia e algas sob o sol quente.

As pessoas saíam de suas casas devagar, piscando devido à luminosidade. A garotada abria os armários e revirava as gavetas em busca das bermudas do ano anterior e de camisas sem mangas. Mais tarde, as mães entrariam naqueles mesmos quartos com as mãos na cintura, observando as pilhas de roupas de inverno espalhadas, enquanto lá fora rodas de bicicleta derrapavam e crianças que tinham passado meses escondidas por causa da chuva riam em liberdade.

Logo mais – depois do último feriado de maio –, a cidade começaria a se encher de turistas. Eles chegariam em hordas, de carro, de ônibus e em trailers, trazendo equipamentos de pesca e acompanhando a previsão das marés. A faixa de areia da praia se tornaria um atrativo irrecusável para todos, guiando-os para o mar com palavras tão antigas e fundamentais que os visitantes nem percebiam o que os levava até lá. Mas eles continuariam a chegar.

Para os que sempre moraram em West End – ou para os que já tinham sobrevivido a alguns invernos úmidos – os turistas eram boas e más notícias. Ninguém duvidava de que o dinheiro deles sustentava a cidade, consertava as estradas, mantinha as escolas e pagava os professores. Mas eles também perturbavam o trânsito, criavam multidões e formavam longas filas nos caixas dos supermercados.

No primeiro sábado de maio, Lauren acordou cedo, incapaz de encontrar uma posição confortável para dormir. Vestiu-se – uma legging com cintura

tamanho elefante e uma blusa leve de mangas largas – e olhou pela janela do quarto.

O céu estava com uma linda tonalidade lavanda-rosada que servia de fundo às árvores escuras. Resolveu sair. Sentia-se fechada ali, confinada demais. Passou pela porta do quarto de Angie e Conlan na ponta dos pés.

Desceu em silêncio, pegou uma manta de lã macia do sofá e saiu. O barulho suave e envolvente das ondas foi um bálsamo imediato para sua tensão. Sentiu que relaxava, que conseguia respirar com calma de novo.

Ficou perto da balaustrada da varanda por uns dez minutos, até os pés começarem a doer.

A gestação começava a incomodar. Os pés doíam, o coração apertava, sentia dores de cabeça constantes e o bebê se mexia como um ginasta em sua barriga. O pior de tudo era o curso para gestantes que frequentava com Angie toda semana. As imagens eram aterrorizantes. O pobre David a acompanhara em uma aula e implorara para sair. Na verdade, Lauren gostara disso. Preferia ter Angie ao seu lado quando chegasse a hora. Lauren tinha quase certeza de que respirar fundo como se gargalhasse não ajudaria muito nas dores. Ela precisava de Angie.

Na noite anterior tivera aquele sonho de novo, o sonho em que era uma garotinha de vestido verde dando a mão à mãe. Sentia-se tão protegida com aquela mão forte segurando seus dedinhos. “Vamos lá”, disse a mãe do sonho. “Não podemos nos atrasar.”

Para onde iam e por que não podiam se atrasar, Lauren não sabia. Às vezes era a igreja, às vezes era a escola, às vezes um jantar com o pai. Só sabia que teria seguido a mãe a qualquer lugar...

Na noite anterior, no sonho, a mulher que a segurava pela mão era Angie.

Lauren se sentou na grande cadeira de balanço de carvalho da varanda. O assento recurvado parecia ter sido feito para ela. Ficou tão confortável que chegou a suspirar. Precisava dizer a Angie que ali era um ótimo lugar para fazer o bebê dormir. Assim, ela (Lauren sempre pensava no bebê como uma menina) cresceria ouvindo o mar. Acreditava que isso teria feito diferença na vida dela, ser ninada ouvindo ondas do mar em vez de brigas entre vizinhos e o som de cigarros sendo acesos.

– Você iria gostar, não? – perguntou ao bebê, que respondeu com um chute.

Recostou-se na cadeira e fechou os olhos. O movimento suave do balanço era tão tranquilizador. Bem que ela precisava daquilo.

Teria um dia difícil pela frente. Um dia em que pensaria no passado o tempo todo. Nesse mesmo dia, um ano antes, Lauren tinha ido à praia com alguns amigos. Os meninos jogavam futebol americano, enquanto as meninas tomavam sol, de óculos escuros e biquínis minúsculos. Ao anoitecer, fizeram uma fogueira, assaram salsichas e marshmallows e ouviram música. Ela se sentira tão segura nos braços de David naquela noite, tão certa de seu lugar ao lado dele... Só recentemente começara a se preocupar com que os dois fossem para faculdades diferentes. Em um ano, tinha deixado de ser criança para se tornar mulher. Tinha esperanças de que houvesse um caminho de volta. Quando desse o bebê para Angie e Conlan, ela...

Não conseguiu concluir aquele pensamento. O ataque de pânico que sentia acontecia com uma frequência cada vez maior ultimamente. Não era pela adoção. Lauren tinha certeza de que fizera a escolha certa e nenhuma dúvida de que a cumpriria. O problema vinha depois.

Ela era uma garota inteligente. Interrogara a conselheira de adoção e o tutor legal designados para seu caso. Fizera todas as perguntas em que conseguira pensar. Fora à biblioteca e lera sobre adoções abertas. Eram melhores do que as antigas adoções fechadas – pelo menos da perspectiva dela –, pois Lauren poderia acompanhar o crescimento da criança. Fotos. Trabalhinhos. Cartas. Até mesmo uma visita ocasional estava dentro da norma nessas novas adoções.

Contudo, no fim das contas, a única coisa que todas as adoções tinham em comum era: a mãe biológica seguia a própria vida. Sozinha.

Esse era o futuro que a atormentava. Tinha encontrado um lar ali, com Angie e Conlan, uma família com as DeSarias. Perder isso, voltar a ser sozinha no mundo, era mais do que podia suportar. Porém cedo ou tarde estaria só de novo. David iria para a faculdade, a mãe fora embora e Angie e Conlan dificilmente iriam querer Lauren por perto depois de adotarem o bebê. Algumas coisas na vida seguiam uma ordem natural que era óbvia para qualquer um. *Adeus, mãe biológica* era uma delas.

Respirou fundo e acariciou a barriga redonda. O que interessava era a felicidade do bebê e de Angie. Era disso que precisava se lembrar.

Atrás dela, a porta de tela abriu e fechou com um rangido.

– Você acordou cedo – disse Angie, pousando a mão quente no ombro de Lauren.

– Já tentou dormir em cima de uma melancia? É mais ou menos assim.

Angie sentou no balanço de ripas da varanda. As correntes de metal rangeram e tilintaram sob seu peso.

Tarde demais, Lauren lembrou que Angie sabia como era.

O silêncio recaiu entre as duas, rompido apenas pelo som das ondas. Teria sido fácil – familiar – fechar os olhos, se recostar e fingir que estava tudo bem. Era o que vinha fazendo nos últimos meses. Todos estavam concentrados no presente, pois o futuro era atemorizante. Mas a validade do fingimento estava prestes a vencer.

– Faltam poucas semanas para a data prevista – lembrou Lauren, como se Angie não soubesse. – Os livros dizem que é hora de preparar o ninho. Talvez a gente devesse fazer um chá de bebê.

Angie suspirou.

– Eu já preparei muito ninho na vida, Lauren. E tenho um monte de coisas de bebê.

– Você está com medo, não é? Acha que alguma coisa vai dar errado com o bebê, como aconteceu com Sophia?

– Ah, não – respondeu Angie depressa. – Sophia nasceu prematura, só isso. Tenho certeza de que seu bebê vai ser forte e saudável.

– Você quer dizer o *seu* bebê – observou Lauren. – A gente devia transformar o meu quarto num quarto de bebê. Eu vi um monte de caixas na lavanderia. Por que você ainda não desembulhou tudo?

– Ainda tem tempo.

– Eu poderia começar...

– Não.

Angie logo percebeu quanto fora enfática. Praticamente gritara. Abriu um sorriso amarelo e se explicou:

– Ainda não consigo pensar numa decoração. É cedo demais.

Lauren viu o temor nos olhos de Angie e de repente tudo se encaixou.

– A outra garota. Ela fez a decoração do quarto com você.

– Sarah – disse Angie.

Sua voz quase se perdeu nos sons do início do verão – nas ondas, na brisa da

praia, no canto dos passarinhos. O mensageiro dos ventos tocou como um sino de igreja.

Doía ver Angie com tanto medo. Lauren se aproximou e sentou no balanço ao lado dela.

– Eu não sou a Sarah. Nunca magoaria você desse jeito.

– Eu sei, Lauren.

– Então não tenha medo.

Angie riu.

– Tudo bem. Depois vou sair por aí curando o câncer e andando sobre a água – brincou primeiro, depois ficou séria. – Não é medo de você, Lauren. Alguns medos são mais profundos, só isso. Não é nada com que deva se preocupar. Por enquanto o quarto é seu. Eu gosto de ter você lá.

– Um ocupante de cada vez, é isso?

– Algo assim. Bem, você não tem nada para me contar?

– O quê?

– Que hoje você faz 18 anos. Eu tive que descobrir pelo David.

– Ah. Isso.

Não tinha pensado em contar. Seus aniversários sempre passaram sem nenhuma comemoração.

– Vamos fazer uma festa na casa da minha mãe.

Lauren sentiu um misto de emoções. Parecia que tinha tomado uma grande quantidade de champanhe.

– Para mim?

Angie riu.

– Claro que é para você. Embora seja melhor eu preveni-la: provavelmente vai ter jogos.

Lauren não conseguiu conter um sorriso. Ninguém nunca fizera uma festa para ela.

– Eu adoro jogos.

Angie pegou um pequeno embrulho de presente e o entregou a Lauren.

– Para você. Queria entregar quando as coisas estivessem tranquilas. Sozinha com você.

Os dedos de Lauren tremiam de entusiasmo quando abriu uma caixa branca onde se lia *Joalheria Seaside*. Era uma linda correntinha com um camafeu em

forma de coração. Quando o abriu, viu uma minúscula fotografia dela com Angie. O lado esquerdo estava vazio.

Para a foto do bebê.

Lauren não entendeu bem por que aquilo lhe deu vontade de chorar. Só saberia dizer que, quando abraçou Angie e murmurou “Ah, muito obrigada”, sentiu o gosto salgado das próprias lágrimas. Depois se afastou, enxugando os olhos. Era constrangedor chorar com tanta facilidade – e por causa de um cordão.

Foi até o gradil e olhou para o mar. Para sua surpresa, teve dificuldade para engolir o nó da garganta.

– Eu adoro este lugar – disse em voz baixa, debruçando-se na direção da brisa. – O bebê vai adorar crescer aqui. Eu queria...

– O que você queria?

Lauren se virou devagar.

– Se eu tivesse crescido num lugar assim, com uma mãe como você... sei lá. Talvez não estivesse comprando roupas que poderiam servir de paraquedas.

– Todo mundo comete erros, querida. Crescer sendo amada não protege ninguém disso.

– Você não sabe como é não ser amada – argumentou Lauren. – Querer tanto de outra pessoa.

Angie se levantou e foi até Lauren.

– Tenho certeza de que sua mãe te ama, Lauren. Ela só deve estar confusa.

– O mais estranho é que às vezes eu sinto falta dela. Acordo chorando e percebo que sonhei com ela. Você acha que esses sonhos vão passar?

Angie tocou o rosto de Lauren de leve.

– Acho que a gente sempre precisa da mãe. Mas talvez pare de doer tanto. E talvez um dia ela volte.

– Precisar de alguma coisa da minha mãe é a mesma coisa que esperar ganhar na loteria. A gente pode comprar um bilhete toda semana, mas as chances não são boas.

– Eu estou aqui com você – disse Angie. – E eu te amo.

Lauren sentiu o ardor das lágrimas.

– Também te amo.

Abraçou Angie e continuou com ela nos braços. Queria poder nunca soltá-la.



A cada dia que passava, Angie se sentia mais tensa. Tinha dores em diversos pontos da coluna, até que no início de junho começou a ter também uma dor de cabeça constante que mal a deixava sair da cama. Conlan não parava de dizer que ela precisava consultar um especialista. Angie anuí e dizia “Você tem razão” e chegou até a marcar a consulta algumas vezes.

Entretanto, sabia que a fonte de seu problema não estava no corpo. Era uma coisa do coração. Cada novo dia a levava mais perto do bebê que sempre quisera... e mais perto do dia em que Lauren iria embora.

Na verdade, era isso que corroía Angie por dentro: esses dois desejos não podiam coexistir.

Conlan sabia disso, claro. Recomendara o especialista por mera formalidade, uma necessidade masculina de encontrar soluções. Quando se deitavam à noite, encaixados como peças de um quebra-cabeça, ele fazia as perguntas mais relevantes. Angie respondia a todas, por mais que doessem.

– Ela vai partir em breve – disse Conlan naquela noite, puxando Angie para mais perto e acariciando o braço dela com o polegar. – Quer ir para Los Angeles mais cedo para arranjar um emprego. A conselheira acha que pode conseguir uma vaga para que ela cuide de algum alojamento de estudantes durante o verão.

– É.

– É como tem que ser.

Angie fechou os olhos, mas não adiantou. As imagens estavam gravadas em sua mente: Lauren fazendo as malas, dando um beijo de despedida, se mudando.

– Eu sei. Mas detesto pensar que ela vai ficar sozinha.

A voz dele soou delicada quando falou:

– Acho que ela vai precisar se afastar.

– Ela não sabe quanto vai ser difícil. Eu tentei dizer a ela.

– Lauren tem 18 anos. Temos sorte que ela nos ouça em algumas coisas. – Ele a abraçou mais forte. – Não há como preparar Lauren para isso.

– Existe uma possibilidade... – começou Angie e precisou tomar coragem para concluir: – Que ela não consiga ir até o fim.

– E você está preparada para isso? Da última vez...

– Desta vez é diferente. Com Sarah eu só pensava na criança o tempo todo.

Ficava no quarto do bebê imaginando como seria. Eu a chamava de Bu; ela me chamava de mamãe. Sonhava todas as noites em pegá-la no colo e embalá-la para dormir.

– E agora?

Angie olhou para ele.

– Agora eu sonho com Lauren. Vejo a gente com ela na formatura da faculdade... no casamento dela... depois nos vejo dando-lhe adeus e ela chora.

– Mas é você quem acorda com as bochechas molhadas.

– Não sei se vou conseguir tirar esse filho dela – disse Angie, finalmente tendo coragem de confessar seu medo mais profundo. – E não sei como poderia me recusar. Só sei que, de qualquer maneira, vamos sofrer.

– Agora você está mais forte. Nós estamos.

Conlan debruçou-se para beijá-la.

– Estou mesmo? – indagou Angie assim que ele se afastou. – Então por que tenho tanto medo de tirar da caixa o berço que meu pai fez?

Conlan suspirou, e por um momento ela viu o medo em seus olhos azuis também. Não soube se era um temor dele ou um reflexo do dela.

– O berço Campo dos Sonhos... – disse em voz baixa, como se só então tivesse se lembrado dele.

O pai dela o fizera à mão. Polira cada pedaço de madeira até conseguir um acabamento sedoso. Disse que se inspirara num filme com Kevin Costner. O pai tinha lágrimas nos olhos ao entregar o presente a sua Angelina. “Fui eu que construí”, dissera. “Agora ela vem.”

– Apoie-se em mim – disse Conlan afinal. – Eu vou nos manter firmes, não importa o que aconteça.

– Eu sei – respondeu Angie. – Mas quem vai apoiar a Lauren?



Choveu no segundo sábado de junho. Todas as preces por sol foram ignoradas.

Lauren não estava nem aí para o clima. Era sua imagem no espelho que a deixava deprimida.

Olhou para seu reflexo. A boa notícia era o cabelo. A gravidez tinha

conferido um novo brilho a seus fios ruivos, que sempre foram o que tinha de melhor.

A má notícia era todo o restante. Na última semana o rosto começara a inchar e suas bochechas já redondas tinham adquirido o tamanho de um prato. Quanto à barriga, preferia nem pensar.

Atrás dela, uma pilha de roupas se espalhava pela cama cuidadosamente arrumada. Fazia uma hora que tentava todas as combinações possíveis de roupas de gestante. Não importava o que vestisse, parecia sempre uma boneca inflável.

Ouviu alguém bater à porta.

– Vamos, Lauren. Está na hora – falou Angie.

– Já vou.

Suspirou. Então era isso. Foi até o espelho e verificou a maquiagem pela quarta vez, lutando contra o impulso de acrescentar mais cor ao rosto. Pegou a bolsa, jogou-a no ombro e saiu do quarto.

Lá embaixo, Angie e Conlan a esperavam. Os dois estavam lindos. Conlan com um terno preto e uma camisa azul-acinzentada; parecia o novo James Bond. Angie, com um vestido de lã rosa, combinava perfeitamente com o marido.

– Você tem certeza? – perguntou Angie.

– Eu estou bem – respondeu Lauren. – Vamos lá.

O trajeto até a Fircrest pareceu durar a metade do tempo habitual. Antes que Lauren estivesse pronta, já estavam estacionando o carro.

Os três cruzaram a escola em um silêncio constrangedor. Por toda parte, pessoas riam, conversavam e tiravam fotografias.

O auditório era uma colmeia de atividades.

Lauren parou à porta. Não conseguiria entrar lá, não conseguiria subir naquelas arquibancadas e se sentar ao lado de pais e avôs.

– Você consegue – disse Conlan, pegando-a pelo braço.

O toque dele a tranquilizou. Olhou para a multidão, depois para a decoração pendurada nas paredes.

Turma de 2004.

Um Futuro Arrojado.

No que parecia ser outra vida, ela teria sido a encarregada daquela decoração.

O ginásio estava repleto de alunos de beca de cetim vermelha, rostos

límpidos e radiantes, os olhos brilhando de promessas. Lauren queria estar com as amigas, voltar a ser uma garota charmosa e risonha. A vontade foi tão forte que quase cambaleou. A festa de formatura seria aquela noite; tinha esperado anos por aquele momento.

Angie a pegou pelo braço, levando-a até as arquibancadas para um lugar no centro. Os três se sentaram juntos, espremidos no meio de todos os amigos e familiares da turma de formandos.

Lauren localizou David. Ele se destacou da multidão, então se misturou com todos de novo. Nem olhou para a arquibancada. Vivia o momento, adorando tudo.

Lauren ficou incomodada de vê-lo lá embaixo, um garoto com a vida inteira pela frente, enquanto ela estava ali, presa na plateia, uma jovem grávida que perdera tanta coisa.

A raiva esmaeceu com a mesma velocidade que despontou, deixando-a com a tristeza que sentira o dia todo.

O barulho foi aumentando até se tornar um rugido alto e pulsante. Lauren retorceu as mãos. Era difícil se controlar.

Não conseguiu deixar de procurar a mãe, mesmo sabendo que ela não estaria ali. Imagine, ela não viria nem se Lauren estivesse se formando. Ainda assim... sentia uma esperança pequena e dolorida de que a mãe pudesse voltar, que um dia levantaria a cabeça e a veria.

Angie enlaçou Lauren com um braço, puxando-a para mais perto.

A música começou.

Lauren se inclinou para a frente. Lá embaixo, os jovens correram para seus lugares.

Um a um, balançando os cordões do capelo, os formandos da Fircrest passaram pelo palco e receberam seus diplomas do diretor.

– David Ryerson Haynes – chamou o diretor.

Os aplausos foram trovejantes. Os garotos vibraram por ele, gritaram seu nome. A voz de Lauren se perdeu na multidão.

David atravessou o palco como se ele lhe pertencesse.

Quando retornou para seu lugar, Lauren relaxou. Só voltou a ficar tensa quando a chamada chegou aos sobrenomes começados com R.

– Dan Ransberg... Michael Elliot Relker... Sarah Jane Rhenquist...

Lauren se inclinou para a frente.

– Thomas Adams Robards.

Voltou a se recostar, tentando não se sentir decepcionada. Sabia que não chamariam o nome dela. Afinal de contas, ela se formara no semestre anterior, mas ainda assim... tivera esperança. Lauren se esforçara tanto anos a fio... Não parecia certo que agora ficasse sentada ali em cima enquanto os amigos comemoravam lá embaixo.

– É só uma cerimônia – cochichou Angie, chegando mais perto. – Você também se formou.

Lauren não conseguia deixar de sentir pena de si mesma.

– Eu queria tanto isso... O capelo e a beca... os aplausos. Cheguei a sonhar em ser a oradora da turma – falou e deu uma risada amarga. – E acabei virando a piada da turma.

Angie percebeu o peso da tristeza nos olhos da garota.

– Eu queria poder consertar tudo isso – falou Angie. – Mas alguns sonhos simplesmente acabam. É a vida.

– Eu sei. Eu só...

– Sim, você queria muito.

Lauren concordou. Encostou-se em Angie e ficou segurando a mão dela enquanto os nomes eram chamados.

A cerimônia durou mais 45 minutos. Depois os três se misturaram à multidão risonha e falante e passaram para o campo de futebol, onde grandes tendas tinham sido erguidas como proteção contra a chuva. Tantas câmeras espocavam flashes que parecia que paparazzi haviam chegado.

Dezenas de amigos acenavam para Lauren, falavam com ela, acolhendo-a. Contudo, ela percebeu que ninguém olhava para sua barriga e que os olhares deles diziam: *Coitada da Lauren*. Ela se sentiu estúpida mais uma vez.

– Lá está ele – disse Angie afinal.

Lauren ficou na ponta dos pés.

Lá estava David, ao lado dos pais. Lauren largou da mão de Angie e atravessou a multidão.

Quando David a avistou, seu sorriso esmaeceu por uma fração de segundo. Só isso, depois ele voltou a sorrir, mas Lauren já tinha compreendido. Naquela noite ele queria ficar com os amigos, fazer o que os formandos de Fircrest

faziam nas formaturas: ir à praia, reunir-se ao redor de uma fogueira, beber cerveja e dar risada dos anos que passaram juntos.

David não queria ficar com a baleia da namorada, ouvir sobre as dores e pontadas que ela vinha sentindo.

Lauren chegou quase cambaleando até ele.

– Oi – disse David, abaixando-se para beijá-la.

Lauren o beijou por tempo demais, agarrando-se a ele, até enfim se obrigar a se afastar.

A Sra. Haynes a observava com um ar compreensivo.

– Olá, Lauren. Angie. Conlan.

Continuaram ali mais alguns minutos, falando sobre banalidades. Quando a conversa recaiu num silêncio constrangedor, David perguntou a Lauren:

– Quer ir até a praia depois?

– Não.

Foi difícil dizer aquilo. O alívio dele foi nítido.

– Tem certeza? – perguntou David, ainda assim.

Lauren não podia culpá-lo. Ela mesma aguardara pela noite de formatura durante anos. Era o grande assunto da Fircrest. Só que... doeu.

– Tenho.

A conversa se estendeu por mais alguns minutos, depois todos foram para o carro. Só mais tarde, quando saíam do estacionamento, Lauren percebeu que ninguém tinha tirado uma foto dela com David.

Tantos anos juntos, e não haveria uma foto do dia da formatura.

Já de volta em casa, saiu do automóvel e subiu para o quarto. Achou que tinha ouvido Angie e Conlan falarem com ela, mas havia um ruído em sua cabeça, então não teve certeza. Talvez estivessem conversando entre si.

Sentou na cama e ficou olhando para as colunas por um longo tempo. Recordando. Quando não conseguiu mais aguentar, desceu e foi para a varanda.

A chuva tinha parado, deixando um céu limpo, azul-esverdeado.

Ficou em pé em frente ao gradil.

Viu uma fogueira lá embaixo, na praia. Fumaça subindo pelo ar.

Provavelmente não era a festa dos formandos.

Com certeza não era.

Porém...

Considerou se conseguiria descer os degraus até a praia e andar todo aquele caminho pela areia...

– Ei, você.

Angie chegou por trás, jogando um pesado cobertor de lã sobre os ombros dela.

– Você está gelada.

– Estou mesmo?

– Sim.

Virou-se e viu a expressão preocupada de Angie.

– Ah. – Lauren suspirou, tremendo.

Então caiu no choro. Angie ficou lá o tempo todo, afagando o cabelo dela.

Quando por fim se afastou, trêmula, percebeu que Angie também tinha lágrimas nos olhos.

– É contagioso? – perguntou, tentando sorrir.

– É que... você às vezes ainda é uma garotinha. Percebi que David vai à festa de formatura sozinho.

– Sozinho, não. Mas não comigo.

– Você poderia ter ido.

– Eu não faço mais parte dessa turma.

Afastou-se e foi sentar no banco de balanço. Queria dizer a Angie que nos últimos tempos achava que não fazia parte de nada. Adorava aquela casa, aquela família, mas quando o bebê nascesse ela não faria mais parte de nada daquilo.

O que o advogado tinha dito para ela? “Um bebê só precisa de uma mãe.”

Angie sentou ao lado dela. Ficaram olhando para a praia lá embaixo através da vegetação.

– O que acontece depois? – perguntou Lauren, inclinando-se para a frente e tendo o cuidado de não olhar para Angie. – Para onde eu vou?

Sua voz falseou; não havia como falar com firmeza.

– Você vai voltar para cá. Para casa. Depois, quando estiver pronta, vai partir. Con e eu lhe compramos uma passagem de avião até a faculdade. E outra para voltar no Natal.

Casa.

A palavra foi um dardo que penetrou fundo seu coração. Assim que o bebê nascesse, aquela não seria mais a casa dela.

Durante toda a vida, Lauren se sentira sozinha. Agora entendia. A mãe estava por perto, mas, quando fora embora, Angie chegara. Durante os últimos meses ela sentira que finalmente fazia parte de alguma coisa.

Mas logo saberia o que era ficar sozinha de verdade.

– Nós não precisamos seguir as regras dos outros, Lauren – lembrou Angie. Havia uma entonação ligeiramente desesperada na voz dela. – Podemos construir a família que quisermos.

– Minha conselheira acha que não devo voltar aqui depois que o bebê nascer. Acha que seria muito difícil para todos.

– Não seria tão difícil para mim – replicou Angie devagar, afastando-se um pouco. – Mas você precisa fazer o que for melhor para você.

– É – concordou Lauren. – Acho que vou ter que tomar conta de mim mesma daqui para a frente.

– Nós estaremos sempre aqui para ajudar.

Lauren pensou no plano de adoção que tinham elaborado – as cartas e fotografias, as autorizações. Tudo era planejado para mantê-la perto do casal.

– É – disse Lauren, sabendo que não podia ser verdade.

TRINTA E UM



Conlan, Angie e Lauren jogavam baralho na mesa de jantar marcada por anos de uso. Músicas da juventude de Angie faziam tremer os alto-falantes, forçando-os a gritar uns com os outros. Naquele momento, Madonna tentava se lembrar como era sua virgindade.

– Agora vocês se encrencaram – disse Lauren, recolhendo a mesa com um oito de ouros. – Podem começar a chorar – provocou-os, jogando na mesa um dez de copas.

Conlan olhou para a esposa.

– Dá para você segurar essa garota?

Angie teve que sorrir.

– Não.

– Que merda! – exclamou Conlan.

A risada de Lauren encobriu a música. Soou jovem e inocente, tocando o coração de Angie.

Lauren comemorou, levantou-se e fez uma dancinha da vitória. Foi lenta e pesada, por conta da barriga, mas provocou risadas em todos.

– Bem, acho que agora eu deveria ir dormir – disse com toda a inocência.

Conlan riu.

– De jeito nenhum, garota. Você não pode fazer tantos pontos e simplesmente sair da mesa.

Lauren estava no meio da sala quando a campainha tocou.

Antes de imaginarem quem poderia ser, a porta se abriu.

Mama, Mira e Livvy entraram, cada uma carregando uma caixa de papelão.

Invadiram o chalé já batendo papo e foram direto para a cozinha, onde acomodaram as caixas.

Angie nem precisava ir até lá para saber o que as caixas continham: comida congelada em potes plásticos, pronta para ser aquecida e servida. Sem dúvida todas haviam passado a semana preparando refeições em dobro.

Mães com bebezinhos não tinham tempo para cozinhar.

Angie sentiu um aperto no peito. Não queria ir até lá e ver as evidências do que estava prestes a acontecer.

– Venham para cá – disse à mãe e às irmãs. – Estamos jogando baralho.

Mama entrou na sala e desligou o aparelho de som.

– Isso não é música.

Angie sorriu. Algumas coisas nunca mudavam. A mãe já interrompia suas músicas no fim dos anos 1970.

– Que tal um pôquer, mamãe?

– Não quero tirar vantagem de vocês.

Mira e Livvy riram.

– Ela trapaceia – contou Livvy a Lauren.

Mama estufou o peito magro.

– Não trapaceio, não.

Lauren gargalhou.

– Tenho certeza de que a senhora *já* faria isso.

– Eu tenho muita sorte, só isso – comentou Mama, puxando uma cadeira para sentar.

Antes que Mira chegasse à mesa, Lauren falou:

– Já volto. Tenho que ir ao banheiro pela quinquagésima vez hoje.

– Sei como é – comentou Livvy, passando a mão na barriga.

– Como ela está? – perguntou Mira assim que Lauren saiu.

– O dia está perto, acho – foi a resposta de Angie.

Todos se olharam em silêncio na mesa, ponderando sobre a mesma coisa: será que Lauren conseguiria entregar o bebê?

– Trouxemos comida – disse Mira.

– Obrigada.

De repente a porta do banheiro se abriu. Lauren chegou correndo e parou no meio da sala. Ficou ali estática, pálida e apavorada. Escorria água pelas suas

pernas, empoçando o assoalho de madeira.

– Está na hora.



– Respire – disse Angie, mostrando como fazer.

Lauren sentou na cama.

– Tire isso de mim! – gritou e agarrou Angie pela manga. – Eu não quero mais estar grávida. Faça isso parar. Meu Deus, *aaah...*

Voltou a cair no travesseiro, arquejando.

Angie refrescou a testa da garota com um pano úmido.

– Você está indo bem, querida. Muito bem.

Percebeu quando as contrações pararam. Lauren olhou para ela com uma expressão cansada. Parecia tão jovem que chegava a ser comovente. Angie deu alguns cubos de gelo a ela.

– Eu não vou conseguir – murmurou Lauren com a voz entrecortada. – Eu não... *aaah*.

Enrijeceu e arqueou de dor.

– Respire, querida. Olhe para mim. Estou bem aqui. Vamos respirar juntas.

Segurou a mão dela. Lauren voltou a desabar sobre os travesseiros.

– Está doendo – disse e começou a chorar. – Preciso de um analgésico.

– Eu vou procurar.

Angie deu um beijo na testa dela e saiu do quarto.

– Onde está esse médico?

Percorreu o corredor branco de uma ponta à outra até encontrar o Dr. Mullen. Era o médico de plantão naquela noite; o obstetra que vinha acompanhando Lauren estava de férias.

– Ah, o senhor está aqui. Lauren está com dores. Precisa de um analgésico. Acho que...

– Tudo bem, Sra. Malone. Vou ver como ela está.

Ele fez um sinal para a enfermeira e tomou a direção do quarto de Lauren.

Angie foi para a sala de espera, que transbordava de gente. A família de Mira, a família de Livvy, tio Francis, tia Giulia, Conlan e Mama, todos ocupavam espaço demais na pequena saleta.

David estava do outro lado, sozinho numa cadeira de plástico cor de mostarda. Parecia atônito.

Santo Deus, ele era tão jovem...

Assim que Angie entrou, todo mundo se virou para ela e começou a falar ao mesmo tempo. Ela aguardou. Quando eles finalmente ficaram em silêncio, falou:

– Acho que está chegando a hora.

Angie atravessou a sala de espera e David se levantou. Estava tão pálido que parecia quase translúcido contra a parede branca. Seus olhos azuis estavam baços de lágrimas contidas. Andou na direção de Angie com passos trôpegos e incertos.

– Como ela está?

Angie pegou no braço dele. Estava gelado. Ao observar seus olhos, entendeu por que Lauren amava tanto aquele garoto. David tinha um coração enorme. Algum dia seria um bom homem.

– Está tudo bem. Quer ver como ela está?

– Já acabou?

– Não.

– Não consigo – respondeu num sussurro.

Angie ponderou sobre quanto tempo aquela decisão o atormentaria. Sabia que ela deixaria uma marca, assim como a maior parte daquele dia. Em todos eles.

– Diga que estou aqui, por favor. Minha mãe também está a caminho.

– Vou dizer.

Ficaram ali parados, olhando um para o outro sem dizer nada. Angie desejou que houvesse palavras adequadas a uma ocasião como aquela. Sentiu Conlan se aproximar. Ele pousou a mão no ombro dela e o apertou. Angie chegou mais perto e olhou para ele.

– Você está pronto?

– Estou.

Os dois passaram pela família e voltaram à sala de parto. Conlan parou na enfermaria e vestiu um jaleco.

No minuto em que entraram na sala, Lauren gritou o nome de Angie.

– Estou aqui, querida. Estou aqui. – Aproximou-se do leito e pegou na mão de Lauren. – Respire, querida.

– Está doendo.

A dor na voz de Lauren dilacerou Angie.

– David está aqui? – perguntou, começando a chorar outra vez.

– Está na sala de espera. Quer que eu mande chamar?

– Não. *Aaah!*

Ela arqueou o corpo de dor.

– Isso mesmo. Força – disse o Dr. Mullen. – Vamos, Lauren. Mais força.

Lauren sentou. Angie e Conlan a mantiveram ereta enquanto ela grunhia, gemia e gritava.

– É um menino – falou o Dr. Mullen alguns minutos depois.

Lauren desabou na cama.

– Você é o pai, certo? Quer cortar o cordão?

Conlan não se moveu.

– Pode cortar – disse Lauren com a voz cansada. – Tudo bem.

Conlan deu uns passos hesitantes, pegou a tesoura e cortou o cordão. A enfermeira pegou o bebê logo em seguida.

Angie abriu um sorriso para Lauren, com os olhos lacrimejantes.

– Você conseguiu.

Ela enxugou o suor do rosto pálido da menina.

– Tudo bem com ele?

– Ele é perfeito – respondeu o médico.

– Você foi maravilhosa – disse Angie. – Estou muito orgulhosa de você.

Lauren olhou para Angie com olhos tristes e cansados.

– Você vai falar de mim para ele, não vai? Que cometi um erro, mas fui uma boa garota. E que o amava tanto que abri mão dele.

Aquela pergunta foi tão dolorosa que por um segundo Angie não conseguiu responder. Quando falou, foi com a voz tensa:

– Ele vai conhecer você, Lauren. Nós não vamos nos separar.

A expressão compreensiva nos olhos de Lauren fez com que Angie sentisse que era ela, não Lauren, a jovem ali.

– É. Certo. Bom, agora é melhor eu dormir um pouco. Estou exausta.

Ela virou o rosto no travesseiro.

– Quer ver seu bebê? – perguntou Angie de forma delicada.

– Não – respondeu Lauren, e não houve nenhuma delicadeza em sua voz. –

Eu não quero ver o bebê.



Quando Lauren acordou, o quarto estava cheio de flores. Se não se sentisse tão péssima, aquilo a teria feito sorrir. Observando da cama, tentou identificar qual arranjo teria vindo de quem. As violetas, de Livvy e Sal. O vaso de azaleias seria de Maria. Os cravos cor-de-rosa provavelmente tinham sido de Mira, e os lírios e miosótis, de Angie e Conlan. As duas dúzias de rosas vermelhas sem dúvida eram de David. Ficou imaginando o que diziam os cartões. O que se pode dizer a uma garota que deu à luz um bebê que não vai poder criar?

A batida à porta a salvou do rumo que seus pensamentos tomavam.

– Pode entrar.

A porta se abriu. David e a mãe entraram. Os dois pareciam pálidos e inseguros.

Ao olhar para o rapaz que amava, Lauren só conseguiu pensar em como sua barriga agora estava plana, vazia.

– Você o viu? – perguntou ela.

David engoliu com dificuldade e aquiesceu.

– Ele é tão pequeno...

Atravessou o quarto e se postou ao lado da cama.

Lauren ficou esperando um beijo. Quando aconteceu, acabou depressa demais. Ficaram se olhando em meio a um silêncio pesado.

– Ele tem o seu cabelo – observou a Sra. Haynes, aproximando-se.

Ficou ao lado do filho, segurando seu braço para acalmá-lo.

– Por favor... não me conte nada – disse Lauren numa voz gutural.

Fez-se aquele silêncio de novo. Lauren olhou para David, e naquele momento ele pareceu estar a quilômetros de distância.

Nós não vamos conseguir.

Ao se dar conta disso, sentiu como se um peso se abatesse sobre ela. A noção sempre estivera lá, como uma sombra na noite, esperando a luz do sol para se materializar e ganhar forma.

Os dois eram jovens, e, agora que a gravidez era coisa do passado, tomariam caminhos distintos. Ah, tentariam continuar juntos em faculdades diferentes, mas

acabaria não dando certo. Teriam vivido o que os poetas chamavam de primeiro amor.

David já não sabia bem o que dizer, como tocar nela. Lauren se sentia diferente, transformada inteiramente, e percebia isso.

– As flores são lindas – comentou ela.

Pegou a mão de David e notou como a pele estava fria.

David aquiesceu.

A Sra. Haynes se abaixou. Com toda a delicadeza, tirou o cabelo dos olhos de Lauren.

– Você é uma garota muito corajosa. Agora sei por que David te ama tanto.

Um ano antes, aquela observação valeria o mundo para ela. Ficou olhando para a Sra. Haynes, incapaz de pensar em algo para dizer.

– Bem, vou deixar vocês dois sozinhos – falou a mãe dele afinal.

Saiu do quarto. Os saltos altos soaram como disparos de uma arma de fogo no linóleo. A porta se fechou com um estalido.

David se abaixou e beijou Lauren. Esse segundo beijo foi de verdade.

– Já assinei os papéis – disse quando se afastou.

Lauren meneou a cabeça. David prosseguiu:

– Foi esquisito... abrir mão dele com uma assinatura. Mas nós não temos escolha, temos?

– O que mais poderíamos fazer?

David soltou um suspiro de alívio e sorriu.

– É.

Era tão doloroso olhar para ele que Lauren fechou os olhos.

– Acho que vou dormir um pouco.

– Ah. Tudo bem. Eu e minha mãe vamos fazer umas compras para a faculdade. Você precisa de alguma coisa?

Faculdade. Ela tinha se esquecido completamente.

– Não.

David deu um beijo no rosto dela e tocou sua bochecha.

– Eu volto depois do jantar.

Finalmente ela conseguiu olhar para ele.

– Tudo bem.

– Eu te amo – disse David.

E foi isso, afinal de contas, que a fez chorar.



No quarto 507, Angie esperava numa pesada cadeira de balanço de madeira. Conlan estava numa cadeira ao seu lado. Olhava para o relógio a cada minuto, mas sem dizer nada.

– Ela mudou de ideia – murmurou Angie afinal.

Alguém precisava dizer aquilo.

– Não temos como saber – falou Conlan, mas, pelo tom dele, Angie percebeu que não discordara dela.

O relógio continuava tiquetaqueando.

De repente a porta se abriu. Uma enfermeira entrou no quarto. Levava no colo uma trouxinha de cobertor azul.

– Sr. e Sra. Malone?

– Somos nós – disse Conlan, tenso, pondo-se de pé.

A enfermeira foi até Angie, acomodou a trouxinha com cuidado nos braços dela e deixou os dois sozinhos.

O bebê era lindo: pequeno e rosado, com o rosto amarrotado que lembrava um joelho. Alguns fios de cabelo ruivo se espalhavam pela cabeça pontuda. Os pequenos lábios procuravam algo para chupar.

Angie se sentiu atordoada, como se fosse cair a qualquer momento. Todo o amor que vinha tentando represar fluiu de repente. Beijou a bochecha dele, macia como veludo, sentiu o aroma doce da pele.

– Ah, Con... – murmurou, os olhos ardendo. – Ele é tão parecido com Lauren...

– Não sei o que sentir – disse Conlan depois de um minuto.

Angie percebeu a confusão na voz dele, a incipiente dor de uma perda que temia que acontecesse. Dessa vez Angie foi a mais forte. Olhou para ele.

– Sinta que estou com você – falou, tocando na mão dele. – Eu estou firme. Estou aqui. Aconteça o que acontecer, nós vamos ficar bem.

TRINTA E DOIS



*L*auren conseguiu passar 24 horas sem ver o filho. Não se arriscou. Sempre que alguma enfermeira entrava no quarto, antes que lhe dissesse qualquer coisa, Lauren disparava: “Eu sou a mãe biológica; se quiser falar sobre o bebê, é com os Malones.”

No final do dia seguinte, já se sentia suficientemente bem para detestar estar ali. A comida era terrível, a vista era péssima, a televisão quase não pegava nenhum canal e, o pior de tudo, ela ouvia o berçário. Cada vez que um bebê chorava, precisava conter as lágrimas. Tentou reler o catálogo da universidade diversas vezes, mas não adiantava.

Continuava a ouvir o choro agudo e entrecortado dos recém-nascidos. Em algum momento, começou a pensar no filho como Johnny. Fechava os olhos, cerrava os punhos e dizia: “Alguém cuide de Johnny...”

Não era fácil passar por aquilo, claro, mas Lauren ficaria bem se não fosse a visita de Angie na noite anterior.

Lauren estava dormindo, mas com um sono leve. Ouvia o barulho da rodovia lá fora e tentava fingir que era o mar, embalando-a para dormir.

– Lauren.

Imaginara que fosse a enfermeira da noite indo vê-la pela última vez antes de apagar as luzes. Mas era Angie.

Parecia péssima, quase devastada. Com os olhos vermelhos e inchados, suas tentativas de sorrir eram um fracasso total. Ficara conversando com Lauren por muito tempo, escovara o cabelo dela e lhe servira água, até por fim dizer o que a levava ali:

– Você precisa ver o bebê.

Lauren fitara os olhos de Angie e pensara: *Aí está*. O amor que Lauren vinha procurando a vida toda.

– Estou com medo.

Angie tocara nela com toda a delicadeza.

– Eu sei, querida. É por isso que você precisa vê-lo.

Muito depois de Angie sair, Lauren ainda pensava a respeito. Seu coração dizia que Angie tinha razão. Precisava abraçar o filho, beijar suas bochechinhas e dizer que o amava. Precisava se despedir.

Mas tinha medo. Era tão doloroso *pensar* em se afastar dele... Como seria quando estivesse com o filho nos braços?

Já estava quase amanhecendo quando tomou uma decisão. Virou-se e acionou a campainha que chamava a enfermeira. Quando ela apareceu, Lauren falou:

– Por favor, traga o meu filho.

Os dez minutos seguintes pareceram durar uma eternidade.

Por fim a enfermeira voltou e Lauren viu a carinha rosada do filho pela primeira vez. Tinha os olhos de David e o queixo pontudo da mãe dela. E o cabelo ruivo de Lauren. Toda a sua vida estava naquela carinha.

– Você sabe como segurar? – perguntou a enfermeira.

Lauren fez que não com a cabeça. A garganta estava apertada demais para emitir palavras. A enfermeira acomodou o bebê nos braços dela.

Mal percebeu quando a enfermeira saiu. Ficou olhando para o filho, aquele milagre em seus braços que, apesar de tão pequeno, parecia ser o mundo inteiro. O coração se dilatou tanto que chegou a doer.

Ele era a família dela.

Família.

Durante toda sua vida tinha procurado algum parente, e ali estava ele, aconchegado em seus braços. Nunca conhecera um avô ou uma avó, um primo ou tio, nem um irmão, mas tinha um filho.

– Johnny – murmurou, pegando a mãozinha dele.

Ele segurou seu dedo.

Lauren arquejou. Como poderia abandoná-lo? Pensar nisso a fez chorar. Ela havia prometido... mas não sabia, não tinha entendido. Como poderia saber o

que era amar o próprio filho?

“Eu não sou a Sarah”, dissera a Angie fazia poucas semanas. “Nunca magoaria você desse jeito.”

Lauren fechou bem os olhos. Como poderia trair Angie?

Angie. A mulher que estava pronta, esperando para ser a melhor mãe que Johnny poderia ter. A mulher que mostrara a Lauren o que era o amor, como uma família podia ser.

Abriu os olhos devagar e olhou para o filho através de uma névoa de lágrimas.

– Mas eu sou sua mamãe – sussurrou.

Algumas escolhas não podiam ser feitas, por mais corretas e inteligentes que fossem.



David estava à sua cabeceira naquela tarde. Parecia amarrotado, cansado, o sorriso caído nos cantos da boca.

– Minha mãe acha que ele parece o pai dela – falou depois de mais um silêncio longo e constrangedor.

Lauren olhou para ele.

– Você tem certeza disso tudo, não tem?

– Tenho. É cedo demais para nós.

Ele tinha razão. Era cedo demais para eles. E de repente Lauren pensou em todos os anos que ficaram juntos, todos os anos em que o amou. Pensou nas experiências que viveram; no jeito de David discorrer sobre características de automóveis, de falar sem parar no meio dos filmes, como cantava desafinado e nunca sabia a letra das músicas; acima de tudo, pensou na maneira como sempre parecia saber quando ela se sentia com medo ou perdida e como então segurava sua mão, bem forte, como se pudesse fazê-la se firmar. Sempre o amaria.

– Eu te amo, David – murmurou, ouvindo a rouquidão da própria voz.

– Eu também te amo.

Abaixou-se para abraçá-la. Lauren foi a primeira a se afastar. David pegou na mão dela e a apertou.

– Mas chegou a hora de terminarmos – acrescentou Lauren em voz baixa.

Cada palavra doeu ao ser enunciada. Queria que ele sorrisse, que a abraçasse e dissesse: *De jeito nenhum*. Mas ele começou a chorar.

Lauren sentiu os olhos arderem. Teve vontade de retirar as palavras, falar que não era o que queria dizer, mas estava mais madura e compreendia: alguns sonhos simplesmente escorrem entre nossos dedos. A pior parte era que os dois poderiam ter conseguido, poderiam ter se amado para sempre, se ela não tivesse engravidado.

Imaginou quanto tempo aquele amor ainda doeria. Esperava que fosse uma ferida que um dia sarasse, deixando apenas uma marca pálida.

– Quero que você vá para Stanford e esqueça tudo isso.

– Desculpe – disse David.

Ele chorava tanto que Lauren percebeu que ele aceitaria aquela saída. Embora aquilo machucasse, também a salvou, quase a fez sorrir. O amor exigia alguns sacrifícios.

David levou a mão ao bolso e tirou um papel cor-de-rosa.

– Pegue – falou, entregando-o a ela.

Lauren franziu o cenho. O papel pareceu minúsculo entre seus dedos.

– São os documentos do seu carro.

– Quero que fique com ele.

Lauren mal conseguia enxergá-lo através das lágrimas.

– Ah, David, não...

– É tudo o que eu tenho.

Lauren se lembraria desse momento por toda a vida. Acontecesse o que acontecesse, sempre saberia que ele a amara. Devolveu o documento.

– Me beije, Speed Racer – sussurrou, sabendo que seria a última vez.



No minuto em que passou pelo posto das enfermeiras, Angie compreendeu.

– Sra. Malone – chamou uma das enfermeiras. – A Srta. Connelly gostaria de falar com a senhora.

Angie soltou a mão de Conlan e saiu correndo. As sandálias estalavam no piso de linóleo, soando obscenamente alto. Abriu a porta com tanta força que ela bateu na parede.

A cama de Lauren estava vazia.

Desolada, apoiou-se no batente. Parte dela sabia o que estava por vir, já esperava, mas isso não ajudava muito.

– Lauren foi embora – disse quando Conlan a alcançou.

Os dois ficaram na soleira de mãos dadas, olhando para a cama arrumada. O perfume das flores ainda pairava no quarto. Era a única prova de que houvera uma garota ali na noite anterior.

– Sra. Malone.

Virou-se devagar, esperando ver o rosto gorducho do capelão do hospital. Tinha sido a primeira pessoa a aparecer no quarto de Angie quando Sophia morrera.

Mas era a Srta. Connelly, a mulher designada como tutora legal de Lauren.

– Ela saiu faz uma hora – informou a mulher e olhou para o chão. – Com o filho.

Angie já esperava isso também. Assim mesmo, a dor bateu rápido e forte.

– Entendi.

– Ela deixou uma carta para a senhora. E outra para David.

– Obrigada – falou, pegando os envelopes.

– Sinto muito – lamentou-se a mulher e se afastou.

Angie olhou para o envelope branco. O nome – Angie Malone – estava escrito na frente. Suas mãos tremiam quando o abriu.

Querida Angie,

Eu nunca deveria ter pegado meu filho no colo (Aqui ela havia riscado alguma coisa.) A vida inteira estive em busca de uma família e agora tenho uma; não posso me separar dele. Desculpe.

Queria ser forte o bastante para dizer isso pessoalmente. Mas não consigo. Só posso rezar para que um dia você e Conlan me perdoem.

Mas saiba que, em algum lugar, uma jovem mãe vai dormir à noite pensando em vocês. Fingindo – desejando – ser sua filha.

Com amor,

Lauren

Angie dobrou a carta e a guardou no envelope. Virou-se para Conlan.

– Ela está por aí sozinha.
– Não está sozinha – replicou Conlan com suavidade.
Quando o encarou, soube que o marido sempre esperara por isso.
– Mais sozinha ainda, então.
Conlan puxou Angie para seus braços e deixou-a chorar.



Encontraram David na sala de espera ao lado da mãe. Ele ergueu a cabeça assim que chegaram.

– Olá, Sr. e Sra. Malone.

Anita, a mãe dele, sorriu.

– Olá mais uma vez.

Seguiu-se uma pausa constrangedora. Todos ficaram se olhando.

– Ele é lindo – disse Anita, a voz falseando um pouco.

Angie refletiu sobre qual seria o sentimento de alguém ao se despedir do próprio neto.

– Lauren saiu do hospital – avisou Angie da forma mais delicada que conseguiu. – E levou o bebê com ela. Nós não...

A garganta se fechou. Ela não conseguiu concluir.

– Não sabemos para onde ela foi – completou Conlan.

Anita desabou numa cadeira.

– Meu Deus! – exclamou, cobrindo a boca com a mão.

David franziu a testa.

– Do que vocês estão falando?

– Lauren foi embora com o filho – repetiu Angie.

– Foi embora? Mas... – A voz de David desapareceu.

Angie lhe entregou o envelope.

– Ela deixou isto para você.

As mãos dele tremiam quando abriu a carta.

Todos ficaram em silêncio, observando.

Por fim ele levantou a cabeça. Ali em pé, chorando, ele parecia muito jovem.

– Ela não vai voltar.

Angie precisou reunir todas as forças para não chorar junto com David.

– Acho que ela não pode.

Era a primeira vez que ousava dizer aquilo, até para si mesma. Conlan apertou a mão dela.

– Lauren acha que todos nós vamos ficar melhor se não soubermos onde ela está.

David pegou na mão da mãe.

– O que nós vamos fazer, mãe? Lauren está sozinha. A culpa é minha. Eu deveria ter ficado com ela.

Ficaram ali parados, encarando um ao outro. Ninguém sabia o que dizer.

– Podem nos ligar se ela voltar? – pediu Anita por fim.

– É claro – respondeu Conlan.

Angie ficou observando enquanto eles saíam, mãe e filho, de mãos dadas. Imaginou o que diriam um para o outro. Que palavras poderiam ser ditas num dia como aquele?

Por fim, virou-se para Conlan.

Viu a vida inteira dos dois nos olhos do marido, os bons tempos, os maus momentos e os intervalos entre um e outro. Por um período, parecera que o amor havia seguido em frente, deixando-os para trás. Tinham se perdido no caminho, acreditado que o amor entre eles não era o bastante. Agora compreendiam: às vezes o coração se parte, mas é preciso continuar firme. Era só o que restava.

– Vamos para casa – disse Angie, quase conseguindo sorrir.

– Sim – concordou ele. – Vamos.



Lauren desceu do ônibus e entrou no seu velho mundo. Abraçou com mais força o filho, que dormia tranquilo no canguru; esfregou as costas dele. Não queria que acordasse naquela parte da cidade.

– Esse aqui não é o seu lugar, John-John. Lembre-se disso.

Começava a anoitecer. Em meio às sombras, o prédio parecia menos decrépito e mais sinistro.

De repente percebeu que estava nervosa, quase com medo. Aquele não era mais o seu bairro. Deu uma parada e olhou para o ponto de ônibus com certa saudade. Se ao menos pudesse voltar, andar até a esquina e tomar o ônibus até a

Miracle Mile Road...

Mas não havia volta. Sabia disso ao sair do hospital. Tinha traído a confiança de Angie e de Conlan; fizera exatamente o que jurara não fazer. Qualquer amor que tivessem por ela teria se acabado. Abandono era algo que ela conhecia bem.

Não fazia mais parte daquele chalé de frente para o mar nem do restaurante que cheirava a tomilho, alho e tomates cozidos. Suas escolhas na vida a levaram de volta até ali, aonde ela pertencia.

Por fim chegou a seu antigo prédio. Olhando para cima, sentiu um súbito tremor pelo que havia perdido.

Ela se esforçara tanto para sair dali... Porém o que mais poderia pagar? Tinha um filho recém-nascido que só poderia ir para uma creche dali a alguns meses. O cheque de 5 mil dólares na sua carteira não seria suficiente. Não poderia ficar muito tempo, não na cidade que sempre a fazia pensar em Angie. Só até se sentir melhor. Depois sairia em busca de outro lugar.

Deixou a pequena mala no chão e alongou as costas doloridas. Tudo doía. O efeito do analgésico que tomara mais cedo começava a passar e ela sentia dores no abdômen. Sentia também uma pontada aguda entre as pernas que a fazia andar como um marinheiro bêbado. Com um suspiro, pegou de novo a mala e seguiu pelo caminho invadido pelo mato, cheio de sacos de lixo e caixas de papelão molhadas.

A porta se abriu com facilidade. Continuava quebrada.

Levou um segundo para seus olhos se acostumarem à penumbra. Tinha se esquecido de como era escuro ali, como cheirava a desespero e fumaça de cigarro estagnada. Foi até o apartamento 1A e bateu à porta.

Ouviu pés se arrastando e um abafado “Só um segundo” antes de a porta se abrir.

A Sra. Mauk apareceu na soleira, usando seu vestido floral e pantufas cor-de-rosa. O cabelo grisalho estava escondido debaixo de um lenço vermelho, que ela usava de um jeito antiquado.

– Lauren – falou, franzindo o cenho.

– Minha mãe... veio me procurar?

Ouviu a carência na própria voz e se sentiu envergonhada.

– Não. Mas você não achava que ela ia voltar, achava?

– Não – respondeu, a voz quase um sussurro.

– Achei que você tivesse ido embora.

Lauren tentou não reagir à palavra – *embora* –, mas não foi fácil.

– Talvez não haja saída para pessoas como nós, Sra. Mauk.

As rugas marcantes do rosto da Sra. Mauk pareceram se aprofundar.

– Quem é esse?

– Meu filho – contou, com um sorriso triste. – Johnny.

A Sra. Mauk estendeu o braço para tocar na cabeça dele. Depois suspirou e se encostou no batente.

Lauren reconheceu aquele suspiro. De derrota. A mãe dela sempre suspirava assim.

– Queria saber se ainda tem algum apartamento para alugar. Eu tenho um dinheiro.

– Não temos vagas.

– Ah.

Lauren se recusou a ceder ao desespero. Precisava pensar em Johnny. Dali em diante, precisaria conter as próprias lágrimas. Começou a se virar para ir embora.

– Talvez seja melhor você entrar. Vai chover. Você e Johnny podem dormir no outro quarto esta noite.

As pernas de Lauren quase cederam, tal foi seu alívio.

– Muito obrigada.

A Sra. Mauk a recebeu no cômodo que servia de copa e sala. Por uma fração de segundo, Lauren sentiu seu presente e seu passado colidirem. Ali era tão parecido com sua antiga casa... A mesma mesa de fórmica, o mesmo carpete surrado. Um sofá cor-de-rosa estampado ladeado por duas poltronas azuis reclináveis. Uma pequena televisão em preto e branco exibia um antigo episódio de *Jeannie é um gênio*.

A Sra. Mauk entrou na cozinha.

Lauren sentou no sofá e tirou Johnny do canguru. Imediatamente ele começou a chorar. Ela trocou a fralda e voltou a agasalhá-lo, mas o choro não cessou. Seus guinchos entrecortados tomaram conta do apartamento.

– Por favor – murmurou Lauren, esfregando as costas dele e embalando-o. – Eu sei que você não está com fome.

Só quando a Sra. Mauk voltou trazendo duas xícaras de chá e perguntando se

estava tudo bem, Lauren percebeu que ela também chorava. Enxugou os olhos e tentou sorrir.

– Estou cansada, só isso.

A Sra. Mauk pôs a xícara na mesinha de centro e sentou numa das poltronas reclináveis.

– Ele é mesmo pequenininho.

– Só tem 2 dias de nascido.

– E você está aqui, procurando sua mãe e um lugar para ficar. Ah, Lauren...

A Sra. Mauk lançou um daqueles olhares de *pobre garota* que Lauren conhecia tão bem.

Ficaram se olhando. Atrás delas, risadas vinham da televisão.

– O que você vai fazer?

Lauren pousou os olhos em Johnny.

– Não sei. Eu estava pronta para abrir mão dele para adoção, mas... não consegui.

– Dá para ver quanto você o ama – disse a Sra. Mauk, com a voz mais meiga.

– E o pai?

– Eu também amo o pai dele. É por isso que estou aqui.

– Sozinha.

Lauren levantou a cabeça. Sentiu os lábios tremerem e os olhos se encherem de lágrimas. De novo.

– Desculpe. São os hormônios. Eu choro o tempo todo.

– Por onde você andou, Lauren?

– Como assim?

– Ainda me lembro da mulher que veio buscar você naquele dia. Fiquei na janela da cozinha vendo você entrar no carro dela e se afastar e pensei: *Que bom para você, Lauren Ribido.*

– Angie Malone.

Doeu pronunciar o nome dela.

– Sei que sou apenas uma velha que fica em casa o dia inteiro falando com os gatos e assistindo a reprises na TV, mas tive a impressão de que ela gostava de você.

– Eu estraguei tudo.

– Como?

– Prometi que daria o bebê a ela e fugi no meio da noite. Agora ela deve me odiar.

– Então você nem falou com ela? Simplesmente fugiu?

– Não tive coragem.

A Sra. Mauk se recostou, observando Lauren com os olhos estreitados.

– Feche os olhos – falou ela por fim.

– Mas...

– Feche.

Lauren fez o que ela mandou.

– Agora visualize a sua mãe.

Lauren formou uma imagem na cabeça. A mãe de cabelo platinado, o rosto que já fora bonito começando a emagrecer e encovar. Estendida no sofá quebrado, usando uma minissaia jeans desfiada e uma camiseta cortada. Com um cigarro na mão. Fumaça espiralando da ponta.

– Tudo bem.

– Isso é o que fugir faz com uma mulher.

Lauren abriu os olhos devagar e olhou para a Sra. Mauk.

– Eu vi você dar duro para ter uma chance na vida, Lauren. Chegava em casa carregando um monte de livros, trabalhava em dois lugares e conseguiu uma bolsa de estudos na Fircrest. Chegava com o dinheiro do aluguel quando sua mãe gastava tudo no bar. Eu tinha *esperança* em você, Lauren. Sabe quanto isso é raro por aqui?

Esperança.

Lauren fechou os olhos de novo, dessa vez imaginando Angie. De pé na varanda da casa, olhando para o mar, com o cabelo castanho esvoaçando na brisa. Angie se virou, viu Lauren e sorriu. “Aí está você. Dormiu bem?”

Era uma lembrancinha de nada, só uma imagem de um dia comum.

– Você tem um lugar para onde deve ir, não tem?

– Eu tenho medo.

– Isso não é jeito de viver, Lauren. Confie em mim. Eu sei onde essa estrada termina quando se começa com medo. Você também sabe. Num apartamento neste prédio, com um monte de contas atrasadas.

– E se ela não me perdoar?

– Vamos lá, Lauren. Você é inteligente – disse a Sra. Mauk. – E se ela

perdoar?



– Você é repórter, droga. Tem que encontrar Lauren.

– Angie, nós já tivemos essa conversa dezenas de vezes. Eu nem sei por onde começar. David já falou com todas as amigas dela. Ninguém sabe de nada. O cara da rodoviária não se lembra de ter vendido uma passagem para ela. O apartamento onde morava já foi alugado; a dona praticamente desligou na minha cara quando perguntei sobre Lauren. O diretor de admissão da universidade disse que ela cancelou a bolsa de estudos. Não faço ideia de aonde pode ter ido.

Angie ligou o liquidificador. O ruído dominou a cozinha. Ficou olhando a mistura e tentando pensar em algo a dizer.

Não havia nada. Nas últimas 24 horas ela e Conlan já tinham falado tudo o que poderia ser dito sobre o assunto. Lauren simplesmente desaparecera. Não era difícil, em um mundo tão agitado e superpopuloso.

Angie desatarraxou o copo e despejou a cobertura. As irmãs juravam que cozinhar era terapêutico. Aquele era seu terceiro bolo de mirtilo. Mais um pouco dessa terapia e ela provavelmente sairia gritando.

Conlan chegou por trás, enlaçou-a e beijou seu pescoço. Angie suspirou e se apoiou nele.

– Não aguento pensar que ela está sozinha. E não me diga que ela não está sozinha. É uma menina. Precisa de alguém que cuide dela.

– Agora ela já é mãe – lembrou Conlan com delicadeza. – A juventude vai ficar para trás.

Angie se virou e pôs as mãos no peito dele. Sentiu o pulsar do coração, firme, estável, regular. Nas últimas horas, sempre que se sentia zozza, perdida ou desequilibrada, se aproximava de Conlan, tocava nele e deixava que fosse sua âncora.

Conlan a beijou. Ainda com os lábios nos dela, murmurou:

– Lauren sabe que você a ama. Ela vai voltar.

Angie percebeu quanto ele queria acreditar naquilo.

– Não – retrucou. – Ela não vai voltar. Sabe por quê?

– Por quê?

– Porque ela pensa que eu nunca a perdoaria. A mãe dela não lhe ensinou as coisas mais importantes. Ela nem percebe que já perdoou a mãe... ou que a perdoaria no momento em que aparecesse. Não sabe quanto o amor pode ser duradouro, só a facilidade com que ele pode se desfazer.

– Sabe o que é mais incrível? Você nunca menciona o bebê.

– Uma parte de mim sempre soube que ela não conseguiria abrir mão dele – falou Angie e deu um suspiro. – Queria ter dito isso a Lauren. Talvez ela não tivesse fugido no meio da noite.

– Você disse o que era mais importante. E ela ouviu. Garanto.

– Acho que não, Con.

– Tenho certeza que sim. Quando ela teve o bebê, você disse que a amava e tinha orgulho dela. Algum dia, quando ela deixar de se odiar pelo que teve que fazer, vai se lembrar disso. E vai voltar. Talvez a mãe não tenha lhe ensinado sobre o amor, mas você ensinou. Mais cedo ou mais tarde, ela vai entender.

Conlan sempre fazia isso: dizia exatamente as coisas que ela precisava ouvir.

– Eu já disse quanto amo você, Conlan Malone?

– Já me disse. – Ele olhou para o forno. – Quanto tempo essa coisa demora para assar?

Angie quis sorrir.

– Cinquenta minutos.

– Sem dúvida é tempo suficiente para provar que me ama. Talvez até duas vezes.



Angie beijou o marido adormecido e saiu da cama, tomando cuidado para não perturbá-lo. Vestiu um casaco cinza e deixou o quarto.

Estava silencioso lá embaixo. Tinha se esquecido daquilo. Do silêncio.

Uma adolescente fazia tanto barulho...

– Onde você está? – murmurou, abraçando-se.

O mundo lá fora era tão grande, e Lauren era tão jovem... Pensou em uma dezena de finais infelizes, que passaram pela sua cabeça como um filme de terror.

Foi até a cozinha tomar uma xícara de café. No meio do caminho, avistou a

caixa. No corredor, perto da parede. Talvez Conlan a tivesse trazido da lavanderia na manhã anterior, antes de saírem para o hospital.

A manhã anterior: quando tudo era diferente.

Podia dar as costas para a caixa, fingir que não a vira. Mas isso era o que fazia seu antigo eu, que não ganhava nada em se recusar a ver as coisas.

Foi até a caixa, ajoelhou-se ao lado dela e abriu a tampa.

O abajur de ursinho estava em cima, aninhado num cobertor de algodão cor-de-rosa.

Angie tirou o abajur da caixa. O mais estranho foi que não chorou, não sofreu pelo bebê perdido para quem ele fora comprado. Levou-o para a cozinha e o pôs em cima da mesa.

– Pronto, ele está esperando você, Lauren. Venha para casa buscar seu abajur.

A única resposta foi o silêncio. De vez em quando a velha casa rangia, o mar rugia e murmurava a distância, mas naquele momento, naquela casa que havia deixado de ter três habitantes para ter apenas dois, tudo era silêncio.

Andou até a varanda e olhou para o mar. Ficou tão absorta pela água que demorou um momento para perceber a garota perto das árvores.

Angie desceu a escada correndo e atravessou a grama úmida, quase caindo duas vezes.

Lauren estava lá, séria, os olhos vermelhos e inchados. Tentou sorrir. Fracassou.

Angie quis abraçá-la, mas algo a deteve. O olhar da garota era aflitivo. Os lábios tremiam.

– Estávamos tão preocupados com você... – disse Angie, dando um passo à frente.

Lauren olhou para o bebê em seus braços.

– Eu sei que o prometi a você. Mas é que...

Levantou a cabeça. Seus olhos se encheram de lágrimas.

– Ah, Lauren...

Angie eliminou a distância entre elas. Tocou o rosto molhado de Lauren com uma carícia que já fora tão fácil no passado.

– Eu deveria ter conversado mais sobre isso com você. Mas... era tão difícil pensar no dia em que tive Sophia... Nos poucos minutos em que ela ficou nos meus braços... Quando você olhasse nos olhos do seu filho, eu sabia que se

perderia tanto quanto eu. Foi por isso que nunca mobiliei o quarto do bebê. Eu já sabia, querida.

– Sabia que eu ficaria com ele?

– Tinha quase certeza.

A expressão de Lauren se desmanchou um pouco, os lábios tremeram e se curvaram para baixo.

– Mas você ficou comigo. Eu achei que...

– Por causa de você, Lauren. Ainda não percebeu? Você é parte da nossa família. Nós amamos você.

Lauren abriu mais os olhos.

– Mesmo depois do que eu fiz com você?

– O amor se abala um pouco, Lauren. Mas não acaba assim.

Lauren a encarou.

– Quando era pequena, eu tinha um sonho. O mesmo sonho, todas as noites. Usava um vestido verde e uma mulher estendia o braço para pegar na minha mão. Ela dizia: “Vamos, Lauren, não podemos nos atrasar.” Quando acordava, estava sempre chorando.

– Por que você chorava?

– Porque ela era a mãe que eu não conseguia ter.

Angie respirou fundo e soltou um suspiro entrecortado. Alguma coisa dentro dela cedeu; não tinha percebido quanto estivera tensa até a pressão aliviar. Tinha sido por isso que as duas se aproximaram, ela e Lauren: aquele momento perfeito. Pegou Lauren pela mão.

– Você tem a mim, Lauren – disse em voz baixa.

Lágrimas rolaram pelo rosto da jovem.

– Ah, Angie... Me desculpe.

Angie a aninhou nos braços.

– Não há nada que desculpar.

– Muito obrigada, Angie – falou Lauren em voz baixa, afastando-se.

O rosto de Angie se suavizou num sorriso.

– Não. Obrigada a você.

– Por só ter criado problemas e não deixar você dormir?

– Por me mostrar a sensação de ser mãe. E, agora, avó. Todos esses anos vazios eu sonhei com minha filhinha num parquinho. Eu não sabia...

– Não sabia o quê?

– Que minha filha já não tinha mais idade para ir ao parquinho.

Lauren voltou a olhar para ela. Sua expressão dizia tudo, os anos passados num desespero silencioso, espiando pela janela, sonhando com uma mãe que a amasse, ou deitada na cama, sentindo falta de uma história para dormir e um beijo de boa-noite.

– Eu também estava esperando você.

Angie sentiu que seu sorriso vacilava. Reforçou-o e enxugou os olhos rapidamente.

– E quem é esse percevejo no seu colo?

– John Henry.

Lauren tirou o bebê do canguru e o ofereceu a Angie. Ela o pegou e segurou-o nos braços.

– Ele é perfeito – sussurrou, sentindo uma inebriante combinação de amor e encantamento.

Nada preenchia os braços de uma mulher como um bebê. Beijou a pele macia da testa e aspirou o cheirinho adocicado.

– O que eu faço agora? – perguntou Lauren em voz baixa.

– Você é que sabe. O que quer fazer?

– Quero ir para a faculdade. Acho que agora vou ter que cursar uma faculdade menor. Se eu trabalhar alguns meses e economizar bastante, talvez possa começar as aulas na primavera. Não era com isso que eu sonhava, mas... as coisas mudam.

– Mesmo isso vai ser difícil – ressaltou Angie com delicadeza.

Seria mais difícil ainda ver todos os amigos, inclusive David, irem para a faculdade no outono. Iria perder todos os colegas. Um por um, eles seguiriam as próprias vidas. Não teriam nada em comum com uma garota da mesma idade que já era mãe. Iria ser muito triste para Lauren.

– Eu estou acostumada com a dureza. Se puder ter meu emprego de volta...

– Ajudaria se você tivesse um lugar para morar?

Lauren teve um sobressalto e emitiu um som agudo e frágil, como se tivesse sido jogada na praia.

– De verdade?

– Claro, de verdade.

– Eu não precisaria... Nós não precisaríamos ficar muito tempo. Só até eu ganhar dinheiro para alugar um apartamento e pagar uma creche.

– Você ainda não entendeu, Lauren? Você não precisa de uma creche. Agora você faz parte de uma família barulhenta, amorosa e que adora dar opiniões. Johnny não vai ser a primeira criança a crescer no restaurante nem será a última.

– Angie abriu um sorriso. – E, como você deve imaginar, posso arranjar tempo para ficar de babá. Não todos os dias, claro. Eu sei que ele é seu filho, mas eu poderia ajudar.

– Você faria isso?

– É claro.

Olhou para Lauren com tristeza. A garota pareceu tão jovem naquele momento, com os olhos cheios de uma esperança tão recente... Angie a puxou para um forte abraço. Por um instante, não conseguia largar a garota. Afinal respirou fundo e se afastou.

– Você chegou bem na hora. Hoje é aniversário da tia Giulia. Eu já fiz três bolos de mirtilo... que ninguém vai comer a não ser Conlan e você – disse, depois estendeu a mão e completou em voz baixa: – Vamos, Lauren, não podemos nos atrasar.

Lauren engoliu em seco. Seus lábios formaram um sorriso enquanto ela começava a chorar outra vez.

– Eu te amo, Angie.

– Eu sei, querida. Às vezes dói demais, não é?

Juntas, de mãos dadas, as duas atravessaram o gramado molhado e entraram na casa.

Imediatamente Lauren foi até o aparelho de som e ligou o rádio. Continuava sintonizado em sua estação favorita. Uma antiga música do Aerosmith soou pelos alto-falantes, estremecendo a casa. Abaixou o volume depressa, mas não o suficiente.

Conlan desceu a escada correndo e entrou na sala.

– Que bagunça é essa?

Lauren ficou imóvel, olhando para ele. Seu sorriso se desvaneceu.

– Oi, Conlan, eu...

Conlan atravessou a sala e a abraçou. Girou com ela até os dois começarem a rir.

– Já era hora – comentou.

– Ela voltou – disse Angie, acariciando o bebê e rindo de toda aquela confusão.

Olhou para o abajur de ursinho na bancada. Finalmente iria iluminar o quarto de um bebê.

– Nossa menina voltou para casa!

SOBRE A AUTORA



KRISTIN HANNAH é autora de mais de 20 livros, que foram traduzidos para 39 idiomas e venderam 15 milhões de exemplares no mundo. Ela largou a advocacia para se dedicar à sua grande paixão: escrever. No Brasil, pela Novo Conceito, já publicou *Jardim de inverno*, *Por toda a eternidade* e *O lago místico* e, pela Editora Arqueiro, *O Rouxinol*, *As cores da vida*, *O caminho para casa*, *Amigas para sempre* e *Quando você voltar* – os dois últimos chegaram a liderar ao mesmo tempo cinco listas de mais vendidos do *The New York Times*.

As coisas que fazemos por amor está sendo adaptado para o cinema, com Abigail Breslin (de *Pequena Miss Sunshine*) cotada para o papel de Lauren Ribido. Outras duas obras também estão a caminho das telonas: *O Rouxinol* (dirigida por Michelle MacLaren, de *Game of Thrones*) e *Quando você voltar* (com direção de Chris Columbus, de *Harry Potter e a Pedra Filosofal* e *O homem bicentenário*).

Kristin tem um filho e mora com o marido no noroeste dos Estados Unidos e no Havaí.

www.kristinhannah.com

ENTREVISTA COM KRISTIN HANNAH



O que a inspirou a escrever esta história?

Assim como muitos dos meus romances, ela surgiu de minhas experiências. Quando completei 45 anos, percebi que algumas amigas estavam tendo dificuldade para gerar filhos. Muitas mulheres na casa dos 40 têm problemas de fertilidade; muitas de nós se casaram mais tarde que a geração anterior e esperaram atingir certa estabilidade na carreira antes de tentar ser mãe. Por sorte, tive meu filho cedo, mas eu sofria ao testemunhar o caminho que tantas grandes amigas de repente eram forçadas a trilhar: caros procedimentos in vitro, adoções que não davam certo, abortos espontâneos... Muitos casamentos, até então sólidos, desmoronaram com a pressão desses sonhos perdidos. E, como qualquer escritor, absorvi esse sofrimento, o analisei e pensei: “E se...”. E esse foi o estopim de *As coisas que fazemos por amor*.

Você teve que fazer pesquisas sobre adoção para o livro? E sobre o ramo de restaurantes?

Sim, foram dois dos assuntos que exigiram pesquisas. Para este livro, houve também outras questões levantadas: infertilidade, divórcio, gravidez na adolescência e luto. O ramo de restaurantes foi muito mais divertido de investigar, pois me deu um monte de desculpas para arrastar meu marido para jantar fora, sobretudo em lugares afastados. A costa selvagem de Washington, onde este livro se passa, é um dos meus locais preferidos no noroeste dos Estados Unidos, e raramente perco a oportunidade de fazer uma visita. Ainda mais em nome da pesquisa.

Lauren está sempre fazendo planos e nutrindo grandes sonhos. Você sonhava em se tornar escritora quando era adolescente?

Na verdade, não, nunca sonhei em ser escritora. Agora, olhando para trás, isso parece bem estranho. Mas a verdade é que, apesar de adorar ler e de gostar de todas as formas de literatura, nunca tinha pensado em escrever ficção. Acredito que o fato de ter crescido numa cidade pequena contribuiu para essa situação, pois era um lugar onde as pessoas realmente não pensavam numa coisa dessas. Escrever um livro e ser publicada era como sonhar em se tornar uma estrela de cinema, algo que só acontecia com os outros, com vidas mais glamorosas. Foi minha mãe quem me deu um empurrãozinho, e acho que nós duas ficamos surpresas. Gosto de pensar que agora ela está zelando por mim lá de cima e sorrindo, dizendo para os amigos no céu: “Eu falei que ela ia conseguir.”

Você já analisou a relação entremães e filhas em muitos romances. Em *As coisas que fazemos por amor*, você explora diferentes situações: uma mulher querendo desesperadamente ter um filho, uma mãe que rejeita a filha, uma mãe que não está preparada para ter um filho, uma mãe que quer proteger o filho. Você acha difícil escrever sobre essas relações?

Tem razão, estou sempre voltando ao tema da maternidade. Talvez por ter perdido minha mãe tão cedo ou porque ser mãe está no meu cerne. Só sei que o vínculo entre mãe e filho é uma das relações mais fortes, mais resistentes e mais complexas da natureza, e fico fascinada por suas várias permutações. Neste livro, a questão mais difícil para mim foi a maternidade na adolescência. Eu não queria analisar a situação de Lauren do ponto de vista da minha vida ou da minha idade; tentei ser uma adolescente outra vez e examinar como ela se sentiria em meio a circunstâncias tão assustadoras. É tão fácil julgar as pessoas por suas decisões... Um dos grandes desafios de escrever ficção é *não* julgar os personagens, mas deixar que desabrochem e sigam seus papéis. Sinceramente, a escolha mais determinante de Lauren neste romance não é a que eu esperava que fosse; precisei mais ou menos seguir seu fluxo.

Qual personagem foi mais difícil de escrever?

Angie. Tão abatida por seus sonhos perdidos, tão infeliz... Sempre querendo melhorar de vida. Deve ser a mãe dentro de mim.

Apesar de morto, “Papa” DeSaria sempre pareceu estar presente com todos os outros. Você planejou dessa forma ou o personagem evoluiu ao longo da escrita?

Talvez seja mais uma extensão da minha vida. Sempre senti o espírito da minha mãe perto de mim. Eu falo com ela, peço conselhos, peço que me dê força. De fato acredito que, se uma pessoa é amada na vida, ela nunca se vai. Você não precisa se esquecer dela. Esse foi o tipo de existência que vislumbrei para Papa. Ele tinha sido tão importante na vida da família que não mudaria por ter falecido.

Comida e cozinha têm um papel relevante neste livro. O que você acha de cozinhar? É tão relaxante para você como é para as DeSarias? Você sabe preparar os deliciosos pratos italianos que descreve de forma tão magnífica?

Eu adoro cozinhar. Mas nem sempre foi assim. Fui me envolvendo aos poucos com a cozinha, e o canal Food Network teve um papel crucial nessa obsessão. Eu poderia passar horas vendo especialistas prepararem pratos fabulosos, de dar água na boca, e não há nada melhor do que mergulhar numa nova receita depois de um longo dia escrevendo. E, sim, muitas das minhas receitas favoritas são de pratos italianos.

As grandes reuniões dos DeSarias são muito engraçadas, especialmente a adorável ceia de Natal. Suas festas também são assim, com uma grande família, muitas risadas e conversas?

Obrigada. Fico contente por você ter tocado no assunto. As festas de fim de ano com a minha família são mesmo eventos barulhentos, com muitas conversas, risadas e fotos. Todos da minha família – e os amigos que se tornaram parte dela ao longo dos anos – são muito divertidos.

O fim do livro é surpreendente e imprevisível. Em algum momento você pensou em deixar Angie e Conlan ficarem com o bebê?

Sim, a princípio achei que o final deveria refletir suas expectativas. Realmente queria que Angie e Conlan conseguissem ter um filho. Mas, à medida que a história se desenvolvia, percebi que esse não era o final adequado. Este livro foi uma verdadeira exploração da dor que acompanha a maternidade – em diversos

níveis e de várias maneiras. No fim, tornou-se uma história sobre escolhas e resiliência, sobre como as expectativas às vezes destroem uma pessoa ou um relacionamento, e como o amor pode surgir em formas inesperadas. Angie precisou admitir que jamais teria o bebê com que sempre sonhou. Às vezes a vida é dura, magoa, e *As coisas que fazemos por amor* mostra que as pessoas podem lidar com a decepção de diferentes modos. Acho que é um final realista eagridoce, que mantém a temática que sustenta o romance.

Você já pensou em escrever uma sequência com Lauren adulta?

“Nunca” é uma palavra muito forte, mas ainda não pensei nisso. No momento, tenho certeza de que Lauren, Angie, Conlan e o bebê estão muito bem. Se essa situação mudar, talvez...

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA AUTORA



O caminho para casa

Durante 18 anos, Jude pôs as necessidades dos filhos em primeiro lugar, e o resultado disso é que seus gêmeos, Mia e Zach, são adolescentes felizes. Quando Lexi começa a estudar no mesmo colégio que eles, ninguém em Pine Island é mais receptivo que Jude.

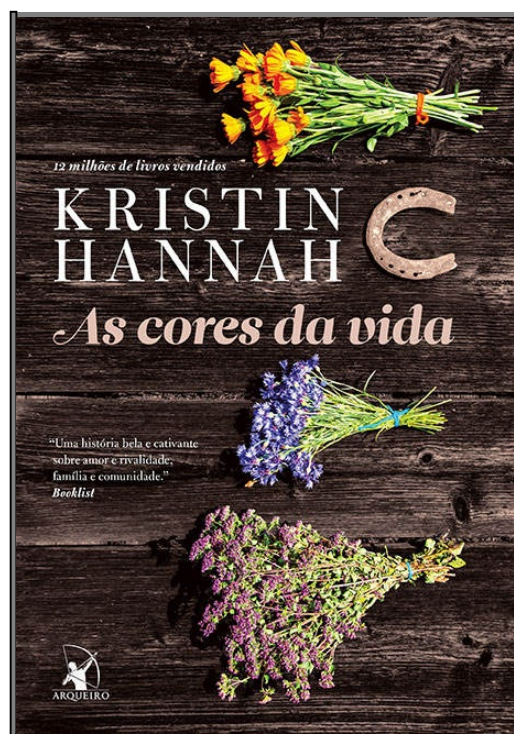
Lexi, uma menina com um passado de sofrimento, criada em lares adotivos temporários, rapidamente se torna a melhor amiga de Mia. E, quando Zach se apaixona por ela, os três se tornam companheiros inseparáveis.

Jude sempre fez o possível para que os filhos não se metessem em encrenca, mas o último ano do ensino médio, com suas festas e descobertas, é uma verdadeira provação. Toda vez que Mia e Zach saem de casa, ela não consegue deixar de se preocupar.

Em uma noite de verão, seus piores pesadelos se concretizam. Uma decisão muda seus destinos, e cada um deles terá que enfrentar as consequências – e

encontrar um jeito de esquecer ou coragem para perdoar.

O caminho para casa aborda questões profundas sobre maternidade, identidade, amor e perdão. Comovente, transmite com perfeição e delicadeza tanto a dor da perda quanto o poder da esperança. Uma história inesquecível sobre a capacidade de cura do coração, a importância da família e a coragem necessária para perdoar as pessoas que amamos.



As cores da vida

As irmãs Winona, Aurora e Vivi Ann perderam a mãe cedo e foram criadas por um pai frio e distante. Por isso, o amor que elas conhecem vem do laço que criaram entre si. Embora tenham personalidades bastante diferentes, na verdade são inseparáveis.

Winona, a mais velha e porto seguro das irmãs, nunca se sentiu em casa no rancho da família e sabe que não tem as qualidades que o pai valoriza.

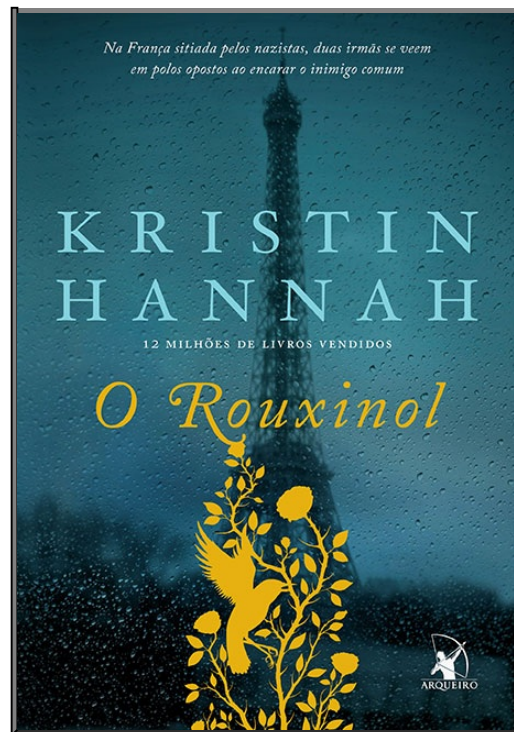
Mas, sendo a melhor advogada da cidade, ela está determinada a lhe provar seu valor.

Aurora, a irmã do meio, é a pacificadora. Ela acalma as tensões familiares e se desdobra pela felicidade de todos – ainda que esconda os próprios problemas.

E Vivi Ann é a estrela entre as três. Linda e sonhadora, tem o coração grande e indomável e é adorada por todos. Parece que em sua vida tudo dá certo. Até que um forasteiro chega à cidade...

Então tudo muda. De uma hora para a outra, a lealdade que as irmãs sempre

deram por certa é posta à prova. E quando segredos dolorosos são revelados e um crime abala a cidade, elas se veem em lados opostos da mesma verdade.



O Rouxinol

França, 1939: No pequeno vilarejo de Carriveau, Vianne Mauriac se despede do marido, que rumo para o front. Ela não acredita que os nazistas invadirão o país, mas logo chegam hordas de soldados em marcha, caravanas de caminhões e tanques, aviões que escurecem os céus e despejam bombas sobre inocentes.

Quando o país é tomado, um oficial das tropas de Hitler requisita a casa de Vianne, e ela e a filha são forçadas a conviver com o inimigo ou perder tudo. De repente, todos os seus movimentos passam a ser vigiados e Vianne é obrigada a fazer escolhas impossíveis, uma após a outra, e colaborar com os invasores para manter sua família viva.

Isabelle, irmã de Vianne, é uma garota contestadora que leva a vida com o furor e a paixão típicos da juventude. Enquanto milhares de parisienses fogem dos terrores da guerra, ela se apaixona por um guerrilheiro e decide se juntar à Resistência, arriscando a vida para salvar os outros e libertar seu país.

Seguindo a trajetória dessas duas grandes mulheres e revelando um lado

esquecido da História, *O Rouxinol* é uma narrativa sensível que celebra o espírito humano e a força das mulheres que travaram batalhas diárias longe do front.

Separadas pelas circunstâncias, divergentes em seus ideais e distanciadas por suas experiências, as duas irmãs têm um tortuoso destino em comum: proteger aqueles que amam em meio à devastação da guerra – e talvez pagar um preço inimaginável por seus atos de heroísmo.

Para saber mais sobre os títulos e autores
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br



Sumário

[Créditos](#)

[Um](#)

[Dois](#)

[Três](#)

[Quatro](#)

[Cinco](#)

[Seis](#)

[Sete](#)

[Oito](#)

[Nove](#)

[Dez](#)

[Onze](#)

[Doze](#)

[Treze](#)

[Catorze](#)

[Quinze](#)

[Dezesseis](#)

[Dezessete](#)

[Dezoito](#)

[Dezenove](#)

[Vinte](#)

[Vinte e um](#)

[Vinte e dois](#)

[Vinte e três](#)

[Vinte e quatro](#)

[Vinte e cinco](#)

[Vinte e seis](#)

[Vinte e sete](#)

[Vinte e oito](#)

[Vinte e nove](#)

[Trinta](#)

[Trinta e um](#)

[Trinta e dois](#)

[Sobre a autora](#)

[Entrevista com Kristin Hannah](#)

[Conheça outros títulos da autora](#)
[Informações sobre a Arqueiro](#)